

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Das ruas para as telas da TV:
a representação da cidadania na narrativa dos telejornais de Copa a Copa

Mônica dos Santos Galvão Maia

**Brasília – DF
2015**

Mônica dos Santos Galvão Maia

Das ruas para as telas da TV:

a representação da cidadania na narrativa dos telejornais de Copa a Copa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre

Orientadora: Prof.^a Dra. Célia Maria Ladeira Mota

**Brasília – DF
2015**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SM217d Santos Galvão Maia, Mônica dos
r Das ruas para as telas da TV: a representação da
cidadania na narrativa dos telejornais de Copa a
Copa / Mônica dos Santos Galvão Maia; orientador
Célia Maria Ladeira Mota. -- Brasília, 2015.
206 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Comunicação) --
Universidade de Brasília, 2015.

1. Telejornalismo. 2. Acontecimento Social. 3.
Manifestações Brasil 2013/2014. 4. Cidadania. 5.
Análise da Narrativa. I. Ladeira Mota, Célia Maria ,
orient. II. Título.

Das ruas para as telas da TV:
a representação da cidadania na narrativa dos telejornais de Copa a Copa

Mônica dos Santos Galvão Maia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Defendida e aprovada em 27 de fevereiro de 2015.

Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a Dra. Célia Maria Ladeira Mota Presidente
Universidade de Brasília (UnB) – Presidente

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Motta
Universidade de Brasília (UnB) – Membro efetivo interno

Prof.^a Dra. Luiza Mônica Assis da Silva
Universidade Católica de Brasília (UCB) – Membro efetivo externo

Prof.^a Dra. Liziane Soares Guazina
Universidade de Brasília (UnB) – Membro suplente interno

*Dedico aos amigos, colegas de trabalho
e familiares que me incentivaram
nessa trajetória e me fortaleceram na luta diária.*

*Dedico mais fortemente aos que me
empurraram nesta direção,
como meus professores de graduação
Lundi Braghini, Luiza Mônica Assis,
Rosana Pavarino e meu orientador
à época, Luiz Carlos Assis lasbeck.*

*E, decisivamente, dedico
a minha orientadora Célia Maria Ladeira Mota,
que me orientou com serenidade,
compreensão e humildade.*

*E dedico ainda aos que são minha base neste mundo,
meu marido Ronaldo Maia e
minha mãe, Célia Maria Dias,
que me amparam nos momentos
de cansaço, dúvida e indecisão.*

RESUMO

A dissertação trata das manifestações de rua entre 2013 e 2014, que ficaram conhecidas como Jornadas de Junho, acontecidas no Brasil, tendo como referência de análise que o fenômeno não é isolado no mundo. Os protestos seguem uma linha de ação: ocupação dos espaços públicos, organização pelas redes sociais, proposição de políticas públicas e recusa da participação dos partidos políticos e das instituições tradicionais. Os dados permitem considerar a hipótese de que os meios de comunicação transformaram as manifestações em um acontecimento social. Ao cumprir as regras do método jornalístico, baseadas em valores-notícia, a imprensa representa simbolicamente a realidade. Por isso a pesquisa estuda como a narrativa do telejornal cria significados sobre os protestos e se estes sentidos contribuem para o fortalecimento de uma nova cidadania no país, por meio da busca por direitos civis, políticos e sociais. O trabalho aponta conquistas a partir das reivindicações das manifestações. Como objeto de pesquisa, este trabalho utiliza a narrativa das matérias do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão e do Jornal Repórter Brasil Noite, da TV Brasil. A análise dos eventos é examinada por meio de quatro categorias: narração e 'ao vivo'; personagens e especialistas; texto e imagem; violência de manifestantes e violência policial. A pesquisa segue os pressupostos teóricos da Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013).

Palavras-chave: Telejornalismo. Análise da Narrativa. Acontecimento social. Manifestações de rua. Cidadania.

ABSTRACT

The dissertation deals with street demonstrations between 2013 and 2014, which became known as June Days, which taken place in Brazil as a phenomenon that was not isolated in the world. The protests follow a course of action: use of public spaces, organization through social networks, proposing public policies and refusal of participation of political parties and traditional institutions. The data allow us to consider the hypothesis that the media turned the demonstrations in a social event. To comply with the rules of journalistic method, based on news values, the press symbolically represents reality. So, this research studies how television news narrative creates meanings about the protests and how these senses contribute to the strengthening of a new citizenship in the country, through the pursuit of civil, political and social rights. The study highlights achievements from the claims of the demonstrations. As a research object, this paper uses the narrative of news exhibited by National Journal from Globo Television Network and by Reporter Brazil Night, from TV Brazil. The analysis of events was examined through four categories: narration and 'live'; characters and experts; text and image; protester violence and police violence. The research follows the theoretical assumptions of Critical Analysis of Narrative (MOTTA, 2013).

Keywords: Telejournalism. Narrative Analysis. Social Events. Street Demonstrations. Citizenship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Circuito da cultura	54
Figura 2 - Diagrama dos níveis de poder na narração jornalística	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI	Ato Institucional
BH	Belo Horizonte
BSB	Brasília
CF	Constituição Federal
CN	Congresso Nacional
Cofins	Contribuição para Financiamento da Seguridade Social
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
EBC	Empresa Brasileira de Comunicação
EC	Estudos Culturais
FaC	Faculdade de Comunicação
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
JN	Jornal Nacional
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MPB	Música Popular Brasileira
PC	Paulo César
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Brasileiro
PFL	Partido da Frente Liberal
PIS	Programa de Integração Social
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT	Partido dos Trabalhadores
RBN	Repórter Brasil Noite
RJ	Rio de Janeiro
SP	São Paulo
UnB	Universidade de Brasília
VT	Videotape

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	15
1 MANIFESTAÇÕES DE RUA E CIDADANIA.....	19
1.1 O povo nas ruas: breve histórico da construção da cidadania	20
1.1.1 No mundo	21
1.1.1.1 Manifestações por Direitos Civis: Estados Unidos (1963 a 1965) ...	21
1.1.1.2 Panelaço: Argentina (20 de Dezembro de 2001)	23
1.1.2 No Brasil	24
1.1.2.1 Diretas Já (1984).....	25
1.1.2.2 Impeachment de Collor (1992).....	29
1.2 O povo nas ruas: por mais direitos.....	33
1.2.1 No mundo	33
1.2.2 Jornadas de Copa a Copa.....	36
1.2.2.1 Características, Movimentos, Reivindicações	39
1.3 Cidadania: conquista de direitos	42
2 PARTE TEÓRICA.....	46
2.1 Estado da arte	46
2.1.1 Atores Sociais.....	46
2.1.2 Identidade	48
2.1.3 Identidade Nacional	55
2.1.4 A memória do Brasil.....	60
2.2 Teorias.....	67
2.2.1 Jornalismo e Acontecimento social.....	69
2.2.1.1 Notícia e critérios	70
2.2.1.2 Critérios de noticiabilidade - newsmaking	73
2.2.1.3 Tempo e Ritmo	77
2.2.1.4 Acontecimento: mega-acontecimento e acontecimento social.....	78
2.2.2 Jornalismo como narrativa.....	82
2.2.2.1 O narrador.....	84
2.2.2.2 Enunciação e enunciado	86
2.3 Telejornalismo - Realismo na TV.....	87
3 TELEJORNAIS.....	94

3.1	Rotina e estrutura de um telejornal	94
3.1.1	Reuniões e produção.....	94
3.1.2	Apuração e edição.....	95
3.1.3	Organizando o telejornal – laudas e espelhos no iNews	97
3.1.4	Estrutura funcional.....	100
3.1.5	Espaços necessários a uma redação	101
3.2	Emissoras em foco.....	102
3.2.1	Rede Globo	102
3.2.2	TV Brasil	106
3.2.3	Comunicação pública	109
4	PARTE EMPÍRICA	113
4.1	A metodologia da análise da narrativa: os planos de análise.....	113
4.2	Corpus: as duas coberturas	116
4.3	Plano da expressão: Categorias de análise	117
4.3.1	Tempo real (ao vivo) e narração; o fio narrativo	117
4.3.2	Fontes oficiais e personagens	122
4.3.3	Texto e imagem	123
4.4	Plano da estória: Categorias de análise.....	131
4.4.1	Os conflitos: Manifestantes e black blocs; black blocs e policiais.....	131
4.4.2	Os significados construídos pela imagem	134
4.4.3	Os narradores e significados que construíram	136
4.5	O plano da metanarrativa: a busca de direitos e de novas expressões de cidadania	137
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	147
	ANEXO A – MATÉRIAS JORNAL NACIONAL.....	153
	ANEXO B - MATÉRIAS JORNAL REPÓRTER BRASIL NOITE	155
	ANEXO C – PLANOS NARRATIVOS.....	156
	ANEXO D - INEWS	162
	ANEXO E – Manifestantes invadem o espelho d’água e sobem teto do Congresso Nacional em Brasília – JB – 17 DE JUNHO DE 2013	165
	ANEXO F – Cerca de 65 mil pessoas protestam contra aumento da tarifa do transporte público em SP – JN – 17 DE JUNHO de 2013.....	168
	ANEXO G – Médicos anunciam morte cerebral do cinegrafista Santiago Andrade – JN – 10 DE FEVEREIRO DE 2014	170
	ANEXO H – Polícia pede prisão temporária do suspeito de acender rojão que matou cinegrafista – JN – 10 DE FEVEREIRO DE 2014	172
	ANEXO I – Entidades representantes dos jornalistas cobram apuração mais rigorosa sobre caso Santiago – JN – 10 DE FEVEREIRO DE 2014.....	174

ANEXO J - Cinegrafista é homenageado por colegas em Brasília e no Rio – JN – 10 DE FEVEREIRO DE 2014.....	175
ANEXO K – Manifestantes protestam contra aumento das passagens de ônibus no Rio – JN – 10 DE FEVEREIRO DE 2014	176
ANEXO L – Editorial da Rede Globo sobre a morte de cinegrafista – JN – 10 DE FEVEREIRO DE 2014.....	178
ANEXO M – LAPADA: Manifestantes protestam contra gastos da Copa em várias cidades do Brasil – JN – 12 DE JUNHO DE 2014.....	180
ANEXO N – São Paulo tem manifestação pacífica nesta segunda-feira – JN – 17 DE JUNHO DE 2013	183
ANEXO O – Manifestantes ocupam gramado e cobertura do Congresso – RBN – 17 DE JUNHO DE 2013	185
ANEXO P – Ato reúne pelo menos 65 mil pessoas em SP – RBN – 17 DE JUNHO DE 2013	188
ANEXO Q – Repórter Brasil debate motivo dos protestos em todo o país – RBN – 10 DE FEVEREIRO 2014.....	192
ANEXO R – Repórter cinematográfico atingido por rojão tem morte cerebral – RBN – 10 DE FEVEREIRO 2014.....	194
ANEXO S – Vinte mil pessoas participam de protestos em BH – RBN – 17 DE JUNHO DE 2013	197
ANEXO T – Dilma Rousseff se manifesta sobre a morte de cinegrafista – RBN – 10 DE FEVEREIRO 2014.....	199
ANEXO U – Protesto contra aumento de passagens de ônibus para parte do Rio – RBN – 10 DE FEVEREIRO 2014	201
ANEXO V – Órgãos de cinegrafista Santiago Andrade serão doados – RBN – 10 DE FEVEREIRO 2014.....	202
ANEXO W – Manifestantes protestam contra gastos do Mundial em várias cidades-sede - LAPADABRASIL – RBN – 12 DE JUNHO DE 2014	204
ANEXO X – Rede Bandeirantes divulga nota de pesar sobre a morte de Santiago Andrade – RBN – 10 DE FEVEREIRO 2014.....	206

APRESENTAÇÃO

Ao apresentar o projeto de pesquisa esperava discutir se uma empresa criada em 2008 e de comunicação pública, a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e uma que faz cinquenta anos em 2015 e comercial, a Rede Globo de Televisão, tratavam e transmitiam questões de cidadania com os mesmos relevos. Para tal observei alguns programas, destaquei o objeto, desenvolvi algumas premissas, recortei no tempo e analisei que metodologia seria mais aplicável ao objeto. Soube logo que o alvo da pesquisa seria o telejornalismo das duas emissoras, em seus principais jornais, o Jornal Nacional e o Repórter Brasil Noite. Com uma pitada de comparação entre a comunicação comercial e a comunicação pública.

Apesar de inegável a contribuição do rádio e outros veículos na propagação da notícia, inclusive pela rapidez e amplitude do território nacional que cobrem, sempre achei, antes de trabalhar em televisão, a união da imagem com o texto do repórter uma tradução mais fiel ao fato. O factoide de uma ‘imagem vale mais que mil palavras’ me preenchia. De forma que decidi por estudos de telejornalismo.

À época da seleção do Mestrado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FaC) as manifestações aconteciam aqui e acolá, mas ainda não se dimensionava a importância e o desfecho que teriam. Optei por analisá-las, pelas características predominantes dos protestos. E me submeti ao processo de seleção com este projeto.

Mas a partir daí muita coisa mudou para mim. Recém-formada eu entrei como aluna regular no Mestrado da FaC e fui convocada em março de 2013 para o cargo de jornalista na EBC, o que limitou meu tempo de estudo. Aliás, as duas convocações foram para o mesmo dia, em 1º de abril de 2013 começaria na UnB e na EBC. Por isso solicitei à empresa antecipação de posse para que pudesse comparecer à aula inaugural. Comecei na empresa e no Mestrado na mesma semana. Assumi na função de repórter da rádio Nacional de Brasília na cobertura do factual local, mas em março de 2014 fui transferida para edição do jornal de televisão nacional, justo o meu objeto de estudo. De início foi incômodo analisar o trabalho de companheiros tão próximos.

Entretanto, havia outro embate. Eu receava que, aos olhos de alguns, meu vínculo empregatício comprometesse minha isenção. Caso minha interpretação

fosse favorável ao jornalismo da EBC, isso tornaria meu estudo 'chapa branca', como uma validação das rotinas produtivas deste veículo em detrimento do padrão Globo de jornalismo, que ainda é o mais assistido do Brasil.

Depois, investigar o Jornal Nacional não é uma tarefa fácil. Se por um lado há uma tendência a críticas e contestações de relações de poder e fontes, por outro há a qualidade, a amplitude e a frequência da informação, tornando a empresa uma referência nacional de telejornalismo e entretenimento. Situar o objeto sem se deixar influenciar por outras informações do veículo, que podem comprometer todo o processo, não é simples.

Contudo, prevaleceu à vontade de manter o tema e de investigar se a participação dos repórteres naquela manifestação contribuiu para reforçar valores de cidadania.

A Comunicação Social tem outras vertentes que se acercam do contributo dos valores de cidadania. A Publicidade, por exemplo, agregou em seu cabedal de persuasão a pirâmide de Maslow, que esquematiza os níveis das necessidades humanas. As básicas; fisiológicas; como comer, respirar, beber; as de segurança, como se abrigar do tempo e as de pertencimento, realização, reconhecimento e respeito. A Publicidade estuda causa e consequência dos processos, intenção e resultado, objeto e reflexo, até porque o reflexo é o resultado das vendas. Mas no Jornalismo este reflexo é mais difuso. As matérias transmitidas levam a quê? Leves brisas de tomadas de consciência ou estagnação, o ato de informar se basta ou abastecer as conversas de bar?

A função de fixar práticas na memória, lançar moda, questionar padrões e dar visibilidade a personagens é própria da televisão e bem usada no entretenimento e na propaganda. E no jornalismo? E é do local de fala, de uma jornalista, que pretendo responder a essa pergunta. Repórter que participou da cobertura das manifestações, pela Rádio Nacional AM e FM de Brasília, entrando inclusive, ao vivo no pull formado com a Rádio Nacional do Rio, Rádio MEC do Rio e de São Paulo, no dia 17 de Junho de 2013, direto do gramado do Congresso Nacional. Talvez, por isso, tenho decidido estudar se o acontecimento das manifestações na TV, transmitido com destaque pelas emissoras firmou na memória coletiva dos brasileiros novos valores de cidadania.

INTRODUÇÃO

Parece que os acontecimentos são mais vastos do que o momento em que ocorrem e não podem caber neles por inteiro. Decerto transbordam para o futuro pela memória que deles guardamos, mas pedem também um lugar ao tempo que os precede. Pode-se dizer que não os vemos então como serão, precisamente, mas nas lembranças não são eles também modificados? Marcel Proust

Milhares de pessoas caminhavam pela Avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro, em direção à Cinelândia; outros tantos marchavam pela Esplanada dos Ministérios até o Congresso Nacional, em Brasília; em São Paulo cerca de 65 mil pessoas andava para o Largo da Batata, e em Belo Horizonte 20 mil se dirigiam ao estádio do Mineirão. E foi assim nas principais capitais brasileiras. Multidões foram para os pontos de concentração das manifestações. Essas pessoas não se conheciam, mas marcaram o encontro por meio das redes sociais e pelo ‘boca a boca’. Elas saíram do trabalho, do cursinho, da academia, da escola ou de casa e foram às ruas.

E fizeram um entardecer diferente nas principais cidades do país. No dia 17 de junho de 2013, uma segunda-feira, o cair da tarde foi envolvido por gritos de frases de ordem, bandeiras, cartazes, pessoas pintadas de verde-e-amarelo. Não era a primeira vez, já havia uma semana que aconteciam as manifestações. Mas essa data foi ímpar. No terceiro dia da Copa das Confederações, no Brasil, um milhão de pessoas foi às ruas. Motivadas, de início, pela truculência com que os policiais tratavam os manifestantes que lutavam contra o aumento de vinte centavos, no preço da passagem dos ônibus em São Paulo. Depois, vieram outras pautas. A primeira era ir para as ruas.

No dia 17 de junho e em muitos outros dias, grupos heterogêneos foram para as vias públicas protestar. Pessoas de diferentes ideologias e propósitos utilizaram o espaço público para explicitar suas indignações.

Após este dia muitos outros viriam, muitos outros virão. No mês de junho praticamente todos os dias foram de ocupação das vias públicas. Depois esfriou, durante um tempo, mas no decorrer desse ano e no que viria ocorreram muito atos de protestos.

Outro dia que ficou como marco, das Jornadas de Junho, foi o da morte do cinegrafista da Rede Bandeirante, Santiago Andrade. Ele foi atingido por um rojão, enquanto filmava um protesto, no Rio de Janeiro. Ao falar deste dia lembraremos da

violência de alguns integrantes das manifestações e das interações destes com a polícia, além da rejeição aos representantes da imprensa.

Uma das reivindicações dos manifestantes era contra os gastos com a reforma dos estádios para a Copa do Mundo, aqui no Brasil, que ocorreria um ano depois, em 2014. Contudo, no período do mundial os protestos já não tinham a mesma força. Mas na abertura do campeonato a presidente Dilma Rousseff foi vaiada em São Paulo. E este momento repercutiu.

Agora que já separamos os três momentos analisados por esta dissertação, vale informar que partimos da premissa primeira, de que as matérias apresentadas são episódios de uma narrativa maior; da segunda, de que as manifestações recuperaram um espaço público que já havia sido tomado anteriormente, por outras mobilizações e da terceira, de que a imprensa tem o poder de fixar no tempo e na memória coletiva acontecimentos, como estes e outros.

Para que as respostas às premissas não sejam embasadas somente na história brasileira argumentamos com dois exemplos de manifestações que trouxeram à população direitos, sociais, políticos e civis. A Marcha pelos Direitos Civis, ocorrida nos Estados Unidos, na década de 60 e o Panelaço, na Argentina, no começo do século XXI.

Lembremos também duas manifestações populares que marcaram a História do Brasil: a Campanha pelas Diretas Já (1984) e o Impeachment do Presidente Fernando Collor de Mello (1992). Eventos alçados pela imprensa à categoria de mega-acontecimentos pelo somatório de valores-notícias embutido, inclusive o valor histórico e de conquistas de direitos.

Então, assim como os citados, a pergunta que surge das premissas é se teriam sido as últimas manifestações introduzidas na memória coletiva dos brasileiros, como um fenômeno que surge da interação social, das representações coletivas do mundo, pelo entendimento de Maurice Halbwachs (2006), pelos noticiários da televisão reforçando os valores de cidadania?

A partir das matérias de dois telejornais, de alcance nacional: o Jornal Nacional, JN, da Rede Globo de Televisão e o Jornal Repórter Brasil Noite, JRBN, da TV Brasil, buscamos responder a pergunta de pesquisa: o Jornal Nacional reforçou os valores de cidadania, a partir das matérias das manifestações: sim ou não? E o Repórter Brasil Noite reforçou os valores de cidadania, a partir das matérias das manifestações: sim ou não?

A escolha dos telejornais não foi aleatória. O Jornal Nacional, da TV Globo, é líder de audiência no horário, e ainda é o jornal diário de maior alcance territorial. Mas como o JN é transmitido através de um canal privado, com recorte comercial e econômico, buscamos um contraponto, e por isso analisaremos, também, o JRBN, da TV Brasil, uma TV pública. Observando as características institucionais e linhas editoriais de cada emissora e esclarecendo a missão da comunicação pública como complementar à comunicação estatal e comercial, um pressuposto exigido na Constituição Federal de 1988.

A pesquisa está inserida no campo de investigação do Telejornalismo, dos estudos de cidadania e de narrativa, porque estudar a narrativa dos noticiários, de acordo com professor Luiz Gonzaga Motta (2013):

possibilita percebermos que o “valorativo penetra no descritivo, a ética se infiltra na estética: a vida se transforma em arte (narrativa dramática) e a arte se converte em um veículo por meio do qual a realidade se torna manifesta e compreensível. (MOTTA, 2013, p. 116)

E desta realidade manifesta buscaremos compreender sua narrativa. Ou suas narrativas, porque serão dois telejornais e vinte matérias, em três dias espaçados. Portanto, narrativas diferentes podem emergir nas matérias do dia, entre os diferentes dias e entre os noticiários. Apesar da organização das manifestações ter surgido na internet, a pesquisa será ancorada nos telejornais. Porque a televisão ainda é o veículo de maior alcance nacional. Segundo dados da Unesco (2011), 97% das casas possuem aparelho de TV. E o fato de que ainda há no país aproximadamente 14,6 milhões de analfabetos (IBGE) é uma das razões, apontadas pela pesquisa, para que este seja o principal veículo de informação da população. Já outra pesquisa apontou que “quase 65% dos entrevistados identificaram os telejornais como programas de maior relevância na TV”¹ (GUAZINA in Moura, 2011, p. 150). O que justifica a escolha pelo estudo do telejornalismo, mais precisamente, noticiários de TV.

A análise crítica da narrativa que, no Brasil, é desenvolvida pelo professor e jornalista Luiz Gonzaga Motta (2013), facilitou o estudo, já que a partir de uma sequência de matérias, os jornais costumam uma narrativa. E por meio do fio

¹ Fonte: Pesquisa realizada em março de 2010 pela Meta Pesquisa de Opinião. Brasileiros de 12 mil domicílios em 539 cidades foram entrevistados. (GUAZINA in Moura, p. 150)

narrativo realçado nas investigações das categorias de análise, pode-se propor possibilidades de leituras dos telejornais, traçando paralelos com os fundamentos de cidadania elencados por José Murilo de Carvalho (2013).

Narração e 'ao vivo', fontes oficiais e personagens, texto e imagem, são as duplas das três categorias de análise averiguadas. Um aspecto destacado nestas manifestações é o protagonismo na captação da imagem pelo cinegrafista, nas participações ao vivo, feitas em tempo real, sem edição.

Todos os eventos citados de Copa a Copa, entre eles o dia em que um milhão de pessoas foi às ruas, a morte do cinegrafista Santiago e a abertura da Copa do Mundo, compõem o corpus da dissertação. Totalizando vinte matérias analisadas, dez de cada telejornal.

A dissertação '*Das ruas para as telas da TV: a representação da cidadania na narrativa dos telejornais de Copa a Copa*' está organizada em cinco capítulos.

O primeiro capítulo abrange as manifestações, as quatro citadas acima, no mundo e no Brasil, com suas conquistas de direitos e cidadania.

No seguinte fazemos um 'estado da arte' de conceitos trabalhados como a identidade e a cidadania ligada às conquistas de direitos e a memória nacional. Um debate de ideias entre autores de diferentes épocas que cunharam tais significados aceitos e contemplados até os dias de hoje. Além de abarcar a parte teórica, ao falarmos de acontecimento e telejornalismo.

No terceiro, começamos as investigações sobre o objeto, é hora de sabermos um pouco mais sobre os dois telejornais analisados. Aqui é o espaço das limitações e delimitações da comunicação comercial e pública.

No quarto capítulo temos a parte empírica com os três planos narrativos, da expressão, da estória e da meta-narrativa. Com os personagens, conflitos, viradas de história e possíveis significados aludidos pela leitura da meta-narrativa.

No quinto e último capítulo tecemos as considerações finais com a volta da pergunta de pesquisa, a indicação de resposta, projetos de leis que foram apresentados e votados em função das manifestações, como o cancelamento no aumento de passagens dos coletivos em diversas cidades no Brasil. Falaremos ainda de comunicação e suas pautas, para finalizarmos a dissertação com uma assertiva e não indagação. Será?

1 MANIFESTAÇÕES DE RUA E CIDADANIA

Há muito tempo muitas sociedades utilizam o instrumento das manifestações como um ultimato aos seus respectivos governos. Estas manifestações são um momento chave na vida de muitos grupos sociais, que aprendem como reclamar da falta de direitos básicos e de soluções para vários problemas da coletividade. Elas são, portanto, um acontecimento social e histórico na vida destas populações, assim como ocorreu no Brasil nas chamadas Jornadas de Junho. No Brasil, o televisionamento direto e ao vivo das manifestações se constituiu num acontecimento jornalístico que foi marcante também na história da televisão brasileira. A cobertura televisiva criou uma narrativa sobre o acontecimento que jogou luz sobre um histórico de construção de cidadania no país.

Manifestar publicamente é a expressão coletiva de uma opinião ou sentimento, que tanto pode ser positiva ou negativa, de agrado ou contestação. As manifestações positivas parecem habitar outras esferas que não a via pública. Quando muitas pessoas fecham ruas, montam acampamentos e carregam equipamentos de luta como apitos, cartazes, faixas, megafones, carros de som, quando elas se pintam e trazem consigo o espírito de protesto é porque há uma insatisfação e algo urgente a ser resolvido.

Protestos assim são garantidos, hoje, pela atual Constituição Brasileira e devem ser respeitados, porém nem sempre o são pelos governantes e policiais. No Brasil e em outros países, houve momentos em que os protestos ocorreram de forma mais violenta - estou falando unicamente de países que seguem o regime democrático - porque o que se defendia era a aquisição ou retomada de um direito: como o poder de ser representado pelo voto direto, de buscar a liberdade de expressão e a igualdade de direitos entre negros e brancos.

E o instrumento espontâneo usado pela população foi a ida às ruas. Um ato público que se justifica por ser capaz de mobilizar centenas, milhões de pessoas que se submetem ao frio e chuva, ao calor e sol, por algumas horas, alguns dias ou semanas e meses. Protestar, reivindicar e ocupar os espaços públicos são ações possíveis e que refletem o nível de consciência da cidadania.

1.1 O povo nas ruas: breve histórico da construção da cidadania

A cidadania é um fenômeno complexo definido ao longo dos processos históricos que, como a História, estão sempre em construção. A professora Carlúcia Silva (2012) associa a ideia da cidadania ao exercício e gozo de direitos e de deveres.

De modo que a cidadania está relacionada à relação das pessoas com o Estado e com a Nação, na medida em que sentem parte, em que lealdade se vincula à participação política e identidade nacional, construída a partir de diversos fatores, tais como religião, língua, usos e costumes; coisas que reafirmam o pertencimento. No entanto, lealdade, pertencimento e identidade nacional nem sempre caminham juntos. (SILVA, 2012, p. 70)

E quando algum direito conquistado ou a conquistar é negado ou barrado, ou sequer ouvido, a relação descrita acima se rompe e as pessoas saem às ruas para reivindicá-lo. Isso porque entre o sentimento de pertencimento e o de exclusão estão os direitos, se eles são negados, isso quer dizer que as pessoas estão sendo excluídas, elas deixam de fazer parte do 'eu', da norma' para ser 'eles' os 'outros', os de fora, conforme explicou Woodward (2012).

Então só a marcha, o grito de ordem e o estabelecimento do caos podem provocar uma tomada de decisão dos governantes. Visualização, demonstração de indignação, força e poder são instrumentos próprios das formas de pressão e negociação.

Às vezes o povo fica muitos anos sem utilizar os espaços públicos para grandes protestos, só ocorrem reivindicações isoladas por direitos de segmentos e categorias específicas. Contudo, às vezes por muito pouco, ou numa hora inesperada o grito se rompe e é deflagrado um descontentamento tão grande que não há como calar a voz da multidão.

De cinquenta anos para cá muitas greves, paralisações, passeatas, mobilizações aconteceram, no mundo e no Brasil, mas algumas engrossaram e mais gente aderiu até que viraram expressivas manifestações por busca de legitimidade, igualdade e afirmação de direitos.

Como o foco desta dissertação não é a manifestação em si e sim a narrativa construída pelos telejornais em torno delas, para ilustrar os argumentos deste estudo, abordaremos dois exemplos de manifestações no mundo de cinquenta anos

para cá: a Marcha por Direitos Civis nos Estados Unidos e o Panelaço na Argentina. E no Brasil as Diretas Já e o *Impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Mello. Para depois falarmos das Manifestações mais recentes que deram impulso às Jornadas de Junho.

1.1.1 No mundo

Poderíamos destacar outros momentos da História, mas falaremos da Marcha por Direitos Civis nos Estados Unidos e do Panelaço na Argentina porque esses eventos tiveram consequências reais nos seus países. Constantes manifestações culminaram em um grande 'ato', com violência policial que inflamou ainda mais os ânimos da população. São protestos com algumas características com as manifestações daqui, seja pela dimensão dos protestos ou porque foram protestos por mais direitos de cidadania.

1.1.1.1 *Manifestações por Direitos Civis: Estados Unidos (1963 a 1965)*

A Marcha para Washington realizada em 28 de agosto de 1963, programada pelas lideranças negras dos EUA e liderada pelo pastor Martin Luther King, aconteceu no Lincoln Memorial e teve a participação de mais de duzentas mil pessoas. Foi a maior e mais importante manifestação dos Estados Unidos e, segundo alguns historiadores, ela coroou uma série de protestos que eclodiam desde maio daquele ano, por todos os estados do país. E se transformou no símbolo da luta pelos direitos civis naquele país.

Difícil não se lembrar do imaginativo filme *Forrest Gump* – o contador de Histórias (EUA, 1994), quando o personagem, vivido por Tom Hanks, após uma sucessão de trapalhadas chega à marcha sobre Washington e ouve o discurso do reverendo Martin Luther King e alguns jovens artistas como Bob Dylan. Esta Marcha marcou o cinema, a memória e a História do país.

Durante o dia, pessoas de toda parte dos Estados Unidos, oito entre dez deles negros, chegaram a Washington, muitos deles após caminharem durante horas pelas estradas. A população reivindicava uma legislação que garantisse a igualdade de direito entre brancos e negros, pondo fim a uma prática segregacionista mantida na sociedade norte-americana.

O sentimento de indignação ganhou força total após a divulgação de imagens de manifestações realizadas na cidade de Birmingham, no Estado do Alabama. Essas imagens mostravam cachorros sendo usados pela polícia local para atacar os manifestantes, chegando a ferir alguns. E mostravam também a utilização de jatos de água potentes, lançados inclusive, contra crianças. Essas imagens causaram perplexidade não só entre a comunidade negra, mas também na classe média branca americana.

A segregação racial extrapolava para a oficialização da violência contra negros. E entre o mês de maio e o fim de agosto de 1963, houve 1.340 manifestações em mais de 200 cidades americanas, a política da diferença chegava ao seu limite de tolerância.

As pessoas de cor da pele negras não podiam frequentar os mesmos ambientes das pessoas de cor da pele branca, como restaurantes, clubes, banheiros e bebedouros públicos. Placas informavam quem poderia entrar naquele ambiente ou usar o equipamento, de acordo com a cor da pele. Essas regras se estendiam ao transporte público, onde haviam os lugares discriminados para negros e para brancos.

A desigualdade racial foi herdada do século anterior, quando em 1868, o Congresso Americano aprovou a décima terceira emenda da Constituição daquele país, que abolia a escravidão e a décima quarta, que estabelecia a igualdade entre as pessoas nascidas nos Estados Unidos ou naturalizadas, o que se supunha, incluiria os negros recém-libertos. Mas, o mesmo Congresso, aprovou a criação de escolas específicas para negros. O que levou os estados a legislarem acerca de medidas de segregação racial, limitando ou impedindo o acesso de pessoas negras onde se pretendia ser espaços para os brancos. Essas leis ficaram conhecidas como “*Jim Crow Laws*”.²

Em 1896, a Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu que a segregação seria compatível com os princípios constitucionais, inclusive o da igualdade, por entender que as pessoas negras têm direito aos lugares a elas reservados, bem como as pessoas brancas, fazendo surgir o princípio dos “iguais, mas separados” (*equal but separate*).

² Personagem de um comediante que se pintava de negro, para ridicularizá-los e que fazia grande sucesso na época.

Foi com essa sustentação legal que os Estados Unidos entraram no século XX, e que motivou as lutas das comunidades negras na segunda metade daquele século.

Programada com antecedência, a manifestação foi cercada de grande aparato de segurança. Até representantes do governo participaram, antes tentaram cancelá-la, esvaziá-la, como não surtiu efeito, aderiram. O então Presidente John Kennedy teve efetiva participação. O esquema de segurança chegou a ser considerado o maior fora de períodos de guerra.

Por causa dos protestos ocorridos anteriormente, o governo já havia encaminhado um projeto de lei ao Congresso, que ampliava o acesso aos direitos civis, favorecendo principalmente os cidadãos negros. Essa lei foi sancionada pelo presidente Lindo Johnson no ano seguinte.

No embalo da recente conquista obtida, em 1964, foram retomados os protestos por mais conquistas, dessa vez, pelo direito ao voto.

Após várias manifestações, notadamente em Selma, cidade do Estado do Alabama onde centenas de ativistas foram presos, inclusive o próprio Luther King, novamente o país era tomado pelo, que esse líder chamava de, “ponto de explosão”. Diante das circunstâncias o Governo conseguiu uma rápida tramitação para o projeto que garantia aos negros o direito pleno ao voto.

1.1.1.2 *Panelaço: Argentina (20 de Dezembro de 2001)*

A Argentina chegou ao ápice de sua crise financeira entre o final da última década do século passado e primeira deste. Ao fim da ditadura militar, após o governo de Raúl Alfonsín - primeiro presidente civil do período da redemocratização que não conseguiu reverter os baixos índices - foi eleito presidente um candidato que prometia, na campanha, melhorar o nível das condições socioeconômicas dos nossos vizinhos, Carlos Saúl Menem.

Entretanto, o governo seguia cegamente as orientações econômicas do Fundo Monetário Internacional (FMI), eliminando gastos e evitando investimentos. O projeto econômico atendia prioritariamente a “*minoría liberal conservadora*”. No governo Menem o desemprego aumentou e a insatisfação popular também.

É nesse contexto que toma posse o Presidente Fernando de La Rúa, em 10 de dezembro de 1999, eleito para suceder Carlos Menem. De La Rúa herdou uma

situação econômica e social delicada: o desemprego acima de 15%, insegurança nas ruas, desconfiança de parte do mercado financeiro internacional e uma gigantesca dívida externa com o FMI.

Ele também seguia as orientações do Fundo. O governo De La Rúa insistiu do modelo recessivo da economia, reduzindo salários e aumentando impostos, o que gerou o aumento das manifestações populares por mudanças de rumo na política econômica do governo.

As manifestações são combatidas de forma repressiva pela polícia, chegando a registrar cerca de trinta mortos, nas várias manifestações e saques ocorridos em novembro e dezembro de 2001.

Com isso, os protestos populares ganham força. A sociedade demonstrava não ter disposição para esperar resultados demorados e por descrer nas medidas propostas, passou a cobrar a renúncia do Ministro da Economia Domingo Cavallo e do presidente De La Rúa.

Por causa da crescente mobilização popular de setores importantes, como professores e servidores públicos, agravadas com os saques que ocorriam em diversos lugares do país, o presidente decreta em 19 de dezembro, um inútil estado de sítio³. A população desobedece e resolve engrossar as fileiras das passeatas, agora fazendo barulho com as panelas na mão, razão pela qual, no Brasil o movimento ganhou o nome de 'panelaço'. O gesto simbolizava 'panelas vazias', devido à recessão. O protesto perdurou pelo dia seguinte.

Quando então De La Rúa foi à televisão convocar uma "unidade nacional" e oferecer ao partido de oposição, Partido Justicialista, uma espécie de co-governo, para o bem do país. Como o partido negou, De la Rúa renunciou antes de sofrer um impeachment⁴. Só assim as manifestações cessaram. De La Rúa renunciou a presidência, em 20 de dezembro de 2001, com dois anos e dez dias de mandato.

1.1.2 No Brasil

³ Estado de sítio é um estado de exceção, instaurado como uma medida provisória de proteção do Estado, quando este está sob uma determinada ameaça, como uma guerra ou uma calamidade pública. Implica a suspensão do exercício dos direitos, liberdades e garantias.

⁴ Outra semelhança entre as gestões do presidente Collor (Brasil, 1992) e De La Rúa (Arentina, 2001) foi o corralito um imposto criado em dezembro de 2001, por De La Rúa, para evitar a retirada de depósitos em contas correntes e poupanças. Os depósitos foram congelados e estabeleceram-se limites semanais para a retirada de fundos. No Brasil, Collor confiscou a poupança de quem tivesse mais de 50 mil cruzeiros.

No Brasil a construção da cidadania pela afirmação da identidade nacional ocorreu por meio das manifestações, e sempre por mais direitos. Os dois marcos escolhidos contestam a representação política. O primeiro pela ausência dela. A luta pelo voto direto (Diretas Já, em 1984), demorou cinco anos para ser conquistado. E o segundo por repeli-la. A luta pela retirada do primeiro presidente eleito por voto direto (*Impeachment Collor*, 1992).

E nos dois momentos o povo não se omitiu de ir às ruas.

A promulgação da Constituição Federal de 1988, portanto no meio dos dois acontecimentos, trouxe novos entendimentos e garantias aos fundamentos da cidadania. Na compreensão de que a cidadania é um assunto nacional a Constituição assegura que somente o governo Federal pode legislar sobre ela, conforme o primeiro artigo da carta magna, que no parágrafo único emoldura o direito de protestar dos manifestantes.

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: I - a soberania; II - a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana [...] Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição. (CF, 1988)

Mas muito antes disso o Brasil enfrentou um longo período de Ditadura, com torturas, fechamento do Congresso Nacional, Ato Institucional número 5 (AI 5) de 1968, que se sobrepunha à Constituição vigente na época, que datava de 24 de janeiro de 1967 e cassava vários direitos constitucionais. Começava a luta pelas Diretas Já.

1.1.2.1 Diretas Já (1984)

Após quase vinte anos de regime totalitário, teve início em 1983, a campanha pelas eleições diretas para Presidente da República. Esse direito, essencial ao regime democrático, foi cassado no dia 31 de março de 1964, no Golpe Militar. E a partir daí, promover manifestações populares tão grandes e representativas, ficou mais difícil.

Contudo, em 1983 as pessoas começaram a perder o medo e a campanha das *Diretas já!* ganhou contornos de grande protesto popular. Os anos de

confinamento, torturas e cassação de direitos levaram as pessoas a se manifestar, a tomarem posições de denúncia às arbitrariedades que eram cometidas pelo regime.

Ninguém aguentava mais, durou demais a ditadura no Brasil. Um dos primeiros episódios que caracterizam essa fase pré-*Diretas já!* foi o assassinato do jornalista e diretor da TV Cultura de São Paulo, Wladimir Herzog, encontrado morto em uma instalação do 2º Exército na cidade de São Paulo, no dia 25 de outubro de 1975.

A esse fato, seguiu-se uma reação inédita na sociedade desde a implantação da ditadura em 1964. A família de Herzog, que contou com a ajuda da recém-eleita diretoria do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, buscou amparo em setores que exerciam algum tipo de ação política, e conseguiu realizar um ato ecumênico na Catedral da Sé em São Paulo, no dia 31 de outubro, ou seja, na mesma semana do assassinato.

Líderes religiosos estiveram presentes. O Cardeal D. Paulo Evaristo Arns, o Reverendo James Wright da Igreja Presbiteriana e o Rabino Henry Sobel que representava a religião Judaica, sob a qual foi criado Wladimir Herzog, compareceram na Sé. O ato significou uma demonstração de força da população contra o Regime, com o apoio de representantes religiosos, em um ato religioso, mas de cunho eminentemente político.

Esse ato na Igreja da Sé contou com a participação de cerca de oito mil pessoas. Cidadãos que romperam o medo e enfrentaram o forte esquema de segurança, esnobaram o monitoramento dos serviços de informação do Governo e das forças armadas e ignoraram a presença em São Paulo, naquele dia, do Presidente Ernesto Geisel, como tentativa de intimidar os envolvidos na manifestação.

A cerimônia foi pacífica, mas a partir dali as coisas começaram a ganhar outro rumo. No dia seguinte ao ato, a imprensa incomodada com a situação, mas ainda acanhada, publica matérias expondo aspectos negativos da condução do país, como aumento do custo de vida.

Entretanto menos de três meses depois, outra morte aconteceu também nas dependências do 2º Exército em São Paulo, do operário Manoel Fiel Filho, em 17 de janeiro de 1976. E a exemplo do ocorrido à Herzog, o Exército alegava que o morto havia cometido suicídio.

Desta vez a imprensa não se cala. O jornalista Ricardo Kotscho assina uma matéria e o Jornal “O Estado de São Paulo”⁵ publica narrando o episódio desde a chegada do operário na fábrica onde trabalhava até a chegada dos agentes da repressão que o levaram. Foram até a casa de Fiel, com ele, para realizar uma busca e depois o encaminharam para a repartição militar, de onde, segundo Kotscho, ele viria a morrer. A matéria informava ainda, que a família recebeu a informação através de um saco de lixo, com os pertences da vítima e uma carta que alegava o seu suicídio. Nas palavras de Kotscho (1976)

No dia seguinte, sábado, um táxi parou em frente à casa 155 da rua Coronel Rodrigues. Um homem desceu, jogou no quintal um saco de lixo e um envelope, e berrou:

— O “Seu” Manoel tentou o suicídio.

Teresinha ainda tentou perguntar alguma coisa, mas rapidamente o homem entrou no carro e desapareceu. A viúva só teve tempo de gritar:

— Eu sabia que iam matar ele. Eu sabia que vocês iam matar ele. (KOTSCHO, 1976)

Essa reportagem teve repercussão e relevância política. Tanto é que dois dias após o assassinato de Fiel, em 19 de janeiro de 1976, o General Ednardo D`Ávila Mello pediu demissão do comando do 2º Exército em São Paulo.

Os fatos se sucedem, desde então, com acontecimentos preponderantemente relacionados ao fim do Regime Militar. Mas ainda faltava muito para acabar. Ocorreram invasões de universidades e repressão a manifestações por parte das forças armadas, a explosão de bombas na Associação Brasileira de Imprensa, na Ordem dos Advogados do Brasil e o atentado no Riocentro.

Por outro lado, em 1978, os empregados da fábrica da Scania fazem a primeira greve após o Ato Institucional nº 5⁶. Em 1979 é sancionada a Lei da Anistia, com o retorno ao país de importantes lideranças políticas, de oposição ao regime, como Leonel Brizola, Miguel Arraes e Luís Carlos Prestes, dentre outros, além de artistas e intelectuais. Em 1980 o Congresso Nacional aprova a eleição direta para

⁶ O Ato Institucional nº 5 foi baixado no dia 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva e vigorou até dezembro de 1978. O ato produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime.

Governador de Estado e a extinção do cargo de Senador Biônico⁷. As greves nas fábricas do ABC Paulista passam a ser frequentes, além de outros fatos relevantes.

É nesse cenário, que o deputado do *Partido do Movimento Democrático Brasileiro* (PMDB) de Goiás, Dante de Oliveira, eleito em 1982, apresenta em 25 de abril de 1983 uma proposta de emenda à Constituição Federal estabelecendo a eleição direta para Presidente da República.

Contando com defesas importantes, como a do ex-senador alagoano Teotônio Vilela, forma-se uma atmosfera favorável ao encaminhamento do projeto. A estratégia para aprovação passa a ser a conquista do apoio popular como instrumento para enfrentar a bancada majoritariamente governista que se instalava no Congresso.

Em outubro de 1983 encontraram-se para programar comícios em favor da emenda, que havia recebido o nome do seu autor, Dante de Oliveira, líderes políticos de oposição – do *Partido Democrático Trabalhista* (PDT), do No dia 25 de janeiro, cerca de 200 mil pessoas se reuniram na Praça da Sé, em São Paulo. Partido dos Trabalhadores (PT) e do PMDB - além de Lula, do governador do Rio Leonel Brizola, e do governador de São Paulo Franco Montoro.

A partir de 1984, entre janeiro e abril, os comícios se espalharam pelo país nas grandes e pequenas cidades. Os da Candelária, no Rio de Janeiro e os da Praça da Sé e do Vale do Anhangabaú, em São Paulo, tiveram grande participação popular em todos os atos realizados.

Estava clara a preferência da opinião pública pelas eleições diretas, no entanto, o governo iria utilizar todos os meios para evitar a sua aprovação.

E enquanto o Comitê Nacional Pró-Diretas marcava uma manifestação gigantesca para ocorrer em Brasília na votação da emenda, multidões lotaram novamente as ruas do Rio de Janeiro. O governo militar anunciou que conteria a manifestação com “medidas de segurança” e que censuraria a imprensa durante a votação da emenda.

E, de fato, no dia 25 de abril de 1984, dia da votação da emenda na Câmara dos Deputados, a cidade de Brasília amanheceu sob o efeito de um decreto que

⁷ Senador biônico - como ficaram conhecidos popularmente os parlamentares eleitos indiretamente por um Colégio Eleitoral, em consonância com a Emenda Constitucional nº 8, de 14 de abril de 1977.

estabelecia Medida de Segurança no Distrito Federal e municípios próximos no Estado de Goiás.

Uma medida similar ao estado de sítio, que restringia manifestações, filmagens e transmissões radiofônicas, além de aumentar o aparato de segurança do Governo que não hesitou em utilizá-lo contra a população. A imagem do General Newton Cruz, montado a cavalo na Esplanada dos Ministérios, tentando intimidar as pessoas com chicotadas nos carros que buzinavam em apoio à emenda a ser votada, está marcada na mente de muitos brasileiros que presenciaram a ação ou viram as imagens.

Este dia foi marcado por atos em todo o Brasil. Os atos pelas Diretas Já! reuniram multidões. Após uma longa sessão, que durou o dia todo, o país viveu a frustração de ver o projeto rejeitado por 22 votos a menos. Placar: 298 votos favoráveis a emenda, 65 contrários, 3 abstenções. E 113 deputados ausentes.

No entanto, mesmo sem ter sido aprovada a eleição direta para Presidente da República, a campanha "Diretas já!" conseguiu estabelecer um divisor de águas entre o seu início e o dia da votação frustrada.

A ditadura militar havia definitivamente perdido espaço e a população havia perdido o receio de ir às ruas se manifestar.

O saldo final foi que a mobilização pela aprovação da emenda Dante de Oliveira foi transferida para a candidatura de oposição ao regime, na eleição indireta do colégio eleitoral, que teve o Governador de Minas Gerais Tancredo Neves indicado pelo PMDB à Presidente e o Senador José Sarney indicado pelo *Partido da Frente Liberal (PFL)* à Vice-Presidente. Tancredo derrotou o deputado Paulo Maluf do *Partido Democrático Social (PDS)*, partido que dava sustentação ao regime militar.

Entretanto faleceu antes de tomar posse, provocando forte comoção popular, e quem assumiu a Presidência da República foi o vice, José Sarney.

1.1.2.2 Impeachment de Collor (1992)

Com a não aprovação da emenda Dante de Oliveira, a opinião pública desaguou o seu apoio ao candidato da oposição aos militares na eleição indireta do colégio eleitoral.

Com a vitória de Tancredo Neves o Brasil voltou a ser governado por um presidente civil, José Sarney, depois de vinte anos de governos militares.

O Governo Sarney convocou a Assembleia Constituinte e em 03 de outubro de 1988 promulgou uma nova Constituição Federal. Ela transformava em garantias constitucionais os preceitos democráticos para o funcionamento das nossas instituições. Entre os diversos avanços, estava a garantia de eleições diretas para presidente, que foram marcadas para 1989, um ano depois.

Em 1989, dentre 22 candidatos concorreram ao cargo de presidente do país. Entre as principais agremiações partidárias estava Ulisses Guimarães do PMDB, uma grande máquina partidária que já naquela época sustentava politicamente o Governo no Parlamento. Surgiram outros candidatos: Aureliano Chaves, que havia sido Vice-Presidente do último governo militar; Leonel Brizola, liderança política bastante conhecida, pois já havia governado dois grandes estados, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro; Paulo Maluf, que havia sido o candidato dos militares no colégio eleitoral cinco anos antes; Lula, do ainda incipiente PT; Fernando Collor, ex-governador de Alagoas, que despontava desde muito cedo à frente nas pesquisas.

Haviam ainda os chamados nanicos que não apresentavam densidade eleitoral e apoios políticos que lhes abrissem perspectivas de vitória naquele pleito.

Em 15 de novembro de 1989, um dia que contou com uma atmosfera bastante festiva, os brasileiros foram votar para escolher o presidente com muito otimismo em relação ao futuro do país. Collor e Lula foram para o segundo turno, o que levou o debate a uma polarização política forte

Após o segundo turno, realizado em 17 de dezembro de 1989, a apuração dos votos mostraram a vitória do candidato Fernando Collor de Melo.

Em 15 de março, Fernando Collor toma posse como o Presidente mais jovem da História do Brasil, com 40 anos de idade. Collor encontrou a situação econômica bastante atribulada. O Ex-presidente José Sarney havia perdido o controle da inflação, entregou o governo em 1990 com uma inflação de 1764,86% ao ano.

O Governo Collor tomou medidas drásticas para tentar debelar o avanço da estratosférica inflação, mas não obteve sucesso nem com os números e nem com a opinião pública.

No primeiro dia do governo de Fernando Collor de Melo a moeda foi mudada mais uma vez, de cruzado novo para cruzeiro e as poupanças superiores a 50 mil cruzados novos, bem como outras aplicações, foram confiscadas para tentar resolver o problema da inflação. Em 1990 os preços começaram a avançar e foi anunciado o plano Collor 2, que reeditou o congelamento de preços e salários. (PASSARELLI, 2011).

O Governo Collor passou por um processo de desgaste muito rápido frente à população, com a ineficácia das medidas econômicas adotadas, e o confisco da poupança, em um valor arbitrário de 50 mil cruzados novos. O confisco foi um ponto contra o início do seu governo, pois muitas pessoas foram gravemente prejudicadas, algumas tinham o dinheiro depositado para gastos imediatos, como compra de imóvel, reposição de estoques ou equipamentos em pequenas e médias empresas. Denúncias acerca de supostos saques realizados pelo próprio Presidente e pessoas próximas, às vésperas da adoção da medida, irritou a população.

O ataque mais significativo veio do irmão do presidente, o empresário Pedro Collor de Mello. Ele apresentou diversas denúncias contra Paulo César Farias, conhecido como PC Farias, tesoureiro da campanha presidencial. Pedro afirmava que o Presidente da República era conivente com as irregularidades cometidas por Paulo César Farias. O PC valia-se da proximidade com o Collor para, por meio de tráfico de influência, chantagear empresários a pagarem propinas para participarem de obras públicas ou fornecerem produtos e serviços ao Governo.

As denúncias atingiram diretamente o Presidente, quando foram reveladas, entre outras, a quitação de despesas pessoais de Fernando Collor por PC Farias, como a reforma do imóvel chamado de 'Casa da Dinda', além da aquisição de um automóvel 'Fiat Elba' para o próprio Collor. O pagamento da reforma e do carro foi feito através de contas fantasmas, administradas por Paulo César e que beneficiariam, com aquele esquema de corrupção, o Chefe do Executivo Federal.

Em 01 de junho de 1992 foi instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar as denúncias de Pedro Color. Conhecida como CPI do PC foi concluída em 26 de agosto, com um texto que incriminava o Presidente. A CPI foi aprovada por ampla maioria dos votos da Comissão (16 a 5), tendo durante o seu desenrolar, a divulgação de inúmeras irregularidades.

O presidente já havia perdido a disputa pela opinião pública, que estava convencida do seu envolvimento no esquema de corrupção.

Entre os meses de agosto e setembro de 1992, os estudantes universitários e secundaristas foram às ruas. A população brasileira voltava a comparecer em grande quantidade às manifestações composta majoritariamente por jovens. E nessas, pedia o afastamento do presidente eleito.

Um fato ganhou relevância em meio a fase de apuração do caso.

Em 14 de agosto de 1992, Collor foi à televisão para rebater as denúncias de corrupção pelas quais estava sendo investigado e conclamar a população a sair às ruas vestindo verde e amarelo. Seria uma forma de manifestar apoio ao seu governo, que estava com as estruturas abaladas. (GAZETA, 2012)

Entretanto, a população acorreu às ruas em grandes manifestações não de verde e amarelo, mas de preto, em sinal de reprovação ao governo.

A partir de então as manifestações começaram a se tornar mais frequentes e foram ganhando mais adeptos. E pintar o rosto com as cores da bandeira, de verde e amarelo, inspirou o nome do movimento como dos “*caras pintadas*” e virou moda entre jovens.

Entidades estudantis convocavam para as manifestações e protagonizaram esta festa da democracia. A União Nacional dos Estudantes e União Brasileira dos Estudantes Secundarista, junto com outros setores da sociedade organizada, como a ABI - Associação Brasileira de Imprensa, a OAB - Ordem dos Advogados do Brasil e a CNBB - Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, dentre outras, manifestaram-se favoráveis ao Impeachment, o que levou uma maior corrente de ânimo as manifestações.

As manifestações ocorreram em diversas cidades do país e chegaram a reunir centenas de milhares de participantes em algumas delas.

As ruas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Salvador estavam sempre cheias de manifestantes, principalmente nos dias que antecederam a votação do Congresso, pelo afastamento do Presidente. No dia da votação milhões de pessoas fizeram vigília para acompanhar a sessão. E no final comemoraram e festejaram o afastamento.

Em 29 de dezembro de 1992, o presidente afastado Fernando Collor, apresentava a sua carta de renúncia perante o Supremo Tribunal Federal, que

julgaria o seu afastamento definitivo e a suspensão dos seus direitos políticos por 08 anos.

Como a condenação já era prevista e a perda definitiva do mandato presidencial, a atitude de Collor foi somente para preservar os direitos políticos. Por isso, a renúncia foi apresentada durante o julgamento, avaliando que com a renúncia os ministros não teriam mais um objeto a ser julgado.

Ocorre que os ministros entenderam que a perda do objeto incidia apenas em relação ao mandato, porque Collor já havia renunciado. E, resolveram prosseguir com a sessão e cassaram os direitos políticos do já então, ex-presidente.

1.2 O povo nas ruas: por mais direitos

Afirmada a maturidade política e firmado o poder de luta, conferido às manifestações, o povo volta a ocupar as ruas, mas agora o entrave é por mais direitos, porque a democracia está instalada e sem aparentes riscos. Agora as pautas não são mais específicas, são por mais direitos, mais democracia, menos desigualdade social.

As recentes mudanças socioeconômicas e políticas têm estimulado o debate sobre os problemas da cidadania e seus dilemas. (SILVA, 2012, p. 70)

A preocupação com as questões de ordem econômica, política, representativa reviveu os protestos em diversas partes do mundo, nesses últimos cinco anos.

1.2.1 No mundo

Na nova era tudo começou em dezembro de 2010 na Tunísia, com a derrubada do ditador *Zine El Abidini Ben Ali*, em 14 de Janeiro de 2011 após 24 anos no poder. O estopim que marcou o início dessa revolução foi o episódio envolvendo o jovem *Mohamed Bouazizi*, que vendia frutas e que teve os seus produtos confiscados pela polícia por se recusar a pagar propina. Extremamente revoltado com essa situação, Bouazizi ateou fogo em seu próprio corpo, marcando um evento que abalou a população de todo o país e que fomentou a concretização da revolta popular.

Para o historiador Henrique Soares Carneiro (2013) esse processo foi “como um despertar coletivo” (2013, p. 9) que

começou no norte da África, derrubando ditaduras na Tunísia, no Egito, na Líbia e no Iêmen; estendeu-se à Europa, com ocupações e greves na Espanha e Grécia e revolta nos subúrbios de Londres; eclodiu no Chile e ocupou Wall Street, nos EUA, alcançando no final do ano até mesmo a Rússia (CARNEIRO, 2013, p. 7)

De fato, depois da Tunísia a onda de protestos se ampliou para outros países. No total, entre os países do Oriente Médio que passaram e que ainda estão passando por fortes crises, além da Tunísia, somam-se: Líbia, Egito, Argélia, Iêmen, Marrocos, Bahrein, Síria, Jordânia e Omã.

Na Espanha o movimento, espontâneo contra o desemprego, a falta de oportunidade para jovens, a corrupção e os excessos do liberalismo, começou em 15 de maio, chamado 15-M de 2011. Dois anos depois, o desemprego continuou aumentando na Espanha, até um índice recorde de 27,16%, afetando cerca de 6,2 milhões de pessoas neste país de 45 milhões de habitantes. Apesar do mal-estar social, os indignados se negam a formar um partido político. Centenas de milhares de jovens se comunicam pelas redes sociais – as principais convocatórias partiam do portal *Tomalaplaza* (“Tome a praça”) - e foram pacificamente às ruas e permaneceram acampados em praças manifestando-se por faixas e cartazes em mais de 50 cidades do país, a começar pela capital, Madri, e seu coração – a *Puerta del Sol* –, num movimento batizado de Democracia Real Já. Eles são contra o governo, os bancos, os partidos políticos, os políticos desonestos, os políticos tradicionais, as medidas de austeridade exigidas pela União Europeia e pelas instituições internacionais de crédito, o FMI, a roubalheira, o desemprego, o alto custo das hipotecas. Alguns cartazes, filmados, fotografados e divulgados pela mídia, dizem assim: “contra a idiotização da juventude”, “Não, não, vocês [políticos de todos os partidos] não nos representam”; “Os bancos, vocês salvam, os pobres, vocês roubam”; “Não vote neles”; “Democracia, luta diária”; “Tudo está corrompido e vendido”; “Pela escola pública, casa para todos”; “Abaixo a guerra”; “Abaixo a corrupção”; “Chega de altos salários para os políticos”; “Tudo está podre”; “Casas minúsculas, hipotecas gigantes”; “Digam-nos a verdade”.

Estudantes, jovens desempregados, aposentados, velhos militantes comunistas e socialistas até então desiludidos, pessoas que perderam suas casas

por não conseguirem pagar as hipotecas devido à crise financeira iniciada em 2008 – há de tudo nas massas que protestam.

É um fenômeno novo, surgido como se fosse do nada, sem líderes, que tampouco é aparentado com o movimento em países árabes por democracia, porque não reivindicam uma democracia que já existe, mas pretendem, de forma atabalhoada e desorganizada, em meio a reivindicações que nem sempre apontam na mesma direção, aprimorá-la e torná-la mais próxima e mais efetiva para os cidadãos.

Ao falar do ‘Movimento dos Indignados’, ocorrido na Espanha em 2012, Castells sugere que exista um objetivo unificador do movimento que seria a transformação do processo representativo, político e democrático do país.

Imaginaram-se muitas versões diferentes de democracia, assim como as formas de atingi-las. Um dos temas mais populares foi a reforma da lei eleitoral, a fim de torná-la proporcional e viabilizar uma representação adequada das minorias políticas. (CASTELLS, 2013, p. 109)

Já no ‘*Occupy Wall Street*’, nos Estados Unidos, o motor das reivindicações recaiu sobre o sistema financeiro. O *Occupy* nasceu em 17 de setembro de 2011 quando a população instalou acampamento por mais de dois meses em frente a sede da Bolsa de Valores. Um muro humano rodeava a *New York Stock Exchange* e tentava suspender suas operações para protestar contra o setor financeiro. O movimento chegou a reunir 15 mil pessoas.

Para o cientista político Emir Sader (2012) “o cenário geral que englobou 2011 foi o novo ciclo da crise geral do capitalismo, iniciado em 2008” quando os bancos “se recuperaram, mas as economias e os países ficaram abandonados”. (SADER, 2012, p. 83)

Carneiro (2013) concorda que esses protestos são uma consequência da crise social, econômica e financeira pela qual esses países passam desde 2008. E que deixou como consequência a falta de alimentos, o aumento de desemprego e a ausência de políticas públicas organizadas.

Manuel Castells (2013) analisou esses movimentos e concluiu que o pano de fundo foi principalmente a crise de legitimidade política.

1.2.2 Jornadas de Copa a Copa

Os protestos começaram no Brasil um ano depois que as primeiras manifestações surgiram no mundo, protagonizados, especialmente, pela nova geração. As manifestações daqui foram relacionadas com rescaldos da Primavera Árabe, dos Indignados europeus e do Occupy Wall Street, na compreensão geral de que esses fenômenos não foram isolados e o processo de globalização despertou e amparou esses movimentos.

Mas no dia 06 de junho de 2013, em São Paulo, ninguém sabia que os protestos tomariam essa proporção. Tudo começou com o aumento do preço da passagem dos ônibus na capital paulista. O aumento era de 20 centavos, o que sempre levou os jovens para as ruas, e dessa vez eles também foram, mas houve reação violenta da polícia, o que gerou comoção nacional.

Após a violenta repressão contra os manifestantes na capital paulista, no dia 13, registrada pelos meios de comunicação, a jornada de protestos cresceu e se espalhou pelo país. Em solidariedade aos manifestantes de São Paulo, pessoas saíram às ruas para protestar. Primeiro foi pelo preço da passagem, depois pela ação violenta da polícia, depois por uma infinidade de pautas subjetivas (abaixo a corrupção, estamos mudando o país) e outras mais objetivas (pela PEC 37, passe livre).

De acordo com o Coletivo Intervezes⁸ os protestos aqui tiveram cinco fases mais representativas: (1) fase preparatória, (2) fase de eclosão, (3) fase de nacionalização, (4) fase de difusão e (5) fase de desmobilização. (INTERVOZES, 2014, p. 47)

Contudo esta pesquisa abrange somente a fase da eclosão e difusão: dia 7 de junho (fase de eclosão dos protestos); dias 12 e 13 de junho (fase de expansão) e entre os dias 17 e 19 (fase de difusão). (INTERVOZES, 2014, p. 25)

O fato é que as manifestações foram crescendo em número de pessoas nas ruas, em aumento da força e violência da polícia e em pautas.

Em junho de 2013 os milhões de brasileiros que foram às ruas acrescentaram à narrativa da nação um novo significado, mais afirmativo, que se impõe a outros

⁸ Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social é uma organização que trabalha pela efetivação do Direito Humano à comunicação no Brasil, entendem que o direito à comunicação é indissociável do pleno exercício da cidadania e da democracia. O coletivo atua em 15 estados e no Distrito Federal.

momentos históricos que forneceram estórias, imagens, cenários, eventos, signos e rituais que simbolizaram as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres da vida do país. “Esta narrativa dá significado e importância à nossa existência, conectando nossas vidas com um destino nacional que preexiste a nós e continuará existindo após nossa morte”, afirma Hall (2009)

E esse novo significado foi explicitado no dia 17 de junho, dia do ápice dos protestos. Ele ficou marcado pelo retorno das manifestações de rua do país, como não se via desde as Diretas Já e do Impeachment do Collor. Neste dia um milhão de pessoas tomaram as ruas das principais capitais brasileiras. Era uma segunda-feira e o povo que se organizou, por meio das redes sociais, saiu às ruas em passeatas. Pessoas enroladas na bandeira nacional, com o rosto pintado de verde e amarelo, entoando o Hino do Brasil, entremeado por frases de ordem. Um verdadeiro espetáculo de cidadania.

Em Brasília, foi possível ver a parte superior do Congresso Nacional, símbolo maior da política no país, ocupado por manifestantes.

Com o aumento de pessoas nas ruas, outras reivindicações se somaram à tarifa zero defendida pelo Movimento do Passe Livre, contra os gastos da Copa do Mundo que impulsionaram o grito "não vai ter Copa", pedidos de investimentos em saúde e educação, fim da corrupção, entre outras bandeiras.

Os agentes mobilizadores do Movimento apostaram que durante a Copa do Mundo, em junho de 2014, as mobilizações voltariam com força total. Não foi como os movimentos previram, mas na abertura da Copa do Mundo em 2014, o país foi novamente palco de protestos. Durante a cerimônia de abertura do evento os torcedores presentes no estádio paulista do Itaquero vão a presidente do Brasil, Dilma Rousseff. Naquele momento os manifestantes se organizavam em diversas cidades se opondo à realização da Copa. Eles questionavam o valor gasto na reforma e construção dos estádios e a serventia que esses teriam após os jogos do mundial.

Ainda que houvessem encontros agendados (geralmente para o horário dos jogos, para frisar que as manifestações não eram a favor da Copa no país e que o povo rejeitava a ideia de “pão e circo⁹”), as manifestações da Copa do Mundo não tiveram a mesma participação popular que as Jornadas de Junho.

⁹ A política do Pão e Circo (panem et circenses, no original em Latim), era o modo com o qual os líderes romanos lidavam com a população em geral, para mantê-la fiel à ordem estabelecida e

O número de manifestantes foi reduzido, mas a violência policial, em São Paulo, não. Tanto que voltou a preocupar organizações em defesa dos direitos humanos. A ONG Anistia internacional criticou a atuação da Polícia Militar paulista por uso desproporcional da força. E lançou uma campanha “Brasil, chega de bola fora” pelo direito à manifestação pacífica durante a Copa uma semana antes da abertura e alertou para a falta de ações contra os abusos policiais cometidos no ano anterior.

Estamos cientes do uso da força policial excessiva para dispersar um protesto pacífico em São Paulo na manhã do dia 12 de junho de 2014. Liberdade de expressão e de manifestação pacífica são direitos humanos. Todos os abusos eventualmente cometidos pela polícia devem ser cuidadosamente investigados. (ANISTIA INTERNACIONAL, 2014)

Ocupar os espaços públicos é comum e de acordo com o cientista político e pensador espanhol Manuel Castells (2013), “os espaços ocupados têm desempenhado papel importante na história social da humanidade” (CASTELLS, 2013, p. 15) e existem três motivos básicos para isso, segundo ele. Primeiro, determinar um espaço na rua, como uma barricada, orienta, separa quem está dentro e de quem está fora. Nós e os outros. Ao ocupar um espaço estabelece-se uma comunidade, que serve para aproximar e a proximidade é um mecanismo psicológico que afasta o medo. Quem está dentro, não precisa aderir a nenhuma ideologia ou organização, pode estar por suas próprias razões, de acordo com Castells (2013). Segundo, os espaços ocupados carregam um poder simbólico. Ao invadir uma área pública, um prédio icônico, um espaço do governo ou de instituições financeiras entende-se que “foram fechadas outras vias de representação para o cidadão”. (CASTELLS, 2013, p. 16). Os manifestantes reforçam o comunicado de que o espaço público é do povo. O cidadão reivindica sua própria cidade. No não-dito está a rejeição à especulação imobiliária, à burocracia e ao “controle da vida das pessoas”. O terceiro motivo, para ocupação das áreas públicas, mencionado por Castells (2013) é a recuperação dos direitos de representação.

conquistar o seu apoio. E no seu contexto original, critica a falta de informação do povo romano, que não tinha qualquer interesse em assuntos políticos, e só se preocupava com o alimento e o divertimento. (nota do autor)

Construindo uma comunidade livre num espaço simbólico, os movimentos sociais criam um espaço público, um espaço de deliberação que, em última instância, se torna um espaço político, para que assembleias soberanas se realizem e recuperem seus direitos de representação, apropriados por instituições políticas ajustadas às conveniências dos interesses e valores dominantes. (CASTELLS, 2013, p. 16)

No Brasil não houve uma ocupação de fato, com barracas montadas por tempo indeterminado, assim como ocorreu em *Wall Street*. Mas por vários dias o espaço público foi tomado durante as manifestações.

De acordo com o historiador Henrique Carneiro (2012), uma das especificidades da nova onda é que nos protestos de junho passado, assim como nas demais manifestações ocorridas no mundo, havia uma plataforma mínima para um novo movimento de organização de classe que juntou o proletariado e o precariado (excluídos). E que isso foi um alerta contra o sistema. “A identificação da desigualdade social, da riqueza e do poder de 1% da população mundial contra os 99%, como feito em Nova York, já está clara.” (CARNEIRO, 2012, p. 11)

1.2.2.1 Características, Movimentos, Reivindicações

Nas manifestações no Brasil não havia uma pauta única, as pessoas recusavam a participação dos partidos políticos e das instituições tradicionais, inclusive da imprensa. A imprensa foi notoriamente tratada como eco e reflexo dos poderes institucionalizados. Empresas de comunicação tiveram links quebrados, jornalistas ameaçados, carros amassados. Portanto, o recado enviado foi de que a grande mídia atual não serve mais, também, aos novos entendimentos de cidadania que essas pessoas desejam.

A professora da Universidade de Minas Gerais, Vera França, (2012) destaca que “a mídia é o espaço privilegiado no qual a sociedade fala consigo mesma, a propósito de si mesma”. Ela adota o conceito de ‘neotevê’, onde não é o impacto do acontecimento que importa, mas a construção midiática em torno dele. O que ocorre, então, se a mídia construir um sentido diferente do acontecimento do percebido pela sociedade? Embora a transmissão ao vivo permita que os significados sejam construídos mais livremente pelo público, no caso das manifestações, não foram poucas as pessoas que se sentiram manipuladas. Talvez esse raciocínio justifique a

rejeição das pessoas à presença dos jornalistas na cobertura nas manifestações. Elas teriam percebido que

Os meios de comunicação deixaram de ser vistos como uma instância neutra a serviço da sociedade e passaram a ser tomados na sua natureza ideológica e de classe, instrumento de poder político e econômico, esfera de dominação. (FRANÇA, 2002, p. 485)

Vistos como esfera de dominação, os meios de comunicação não servem aos interesses dos atores do contra-poder. Ocorre que a imprensa também não era aceita pelos poderes de polícia, pois para eles a mídia também é associada ao poder de denúncia, de fiscalização da ação. São profissionais que chegam perto do fato, sempre buscam o melhor ângulo para registrar uma situação, uma briga, um quebra-quebra, uma violência. No caso dos cinegrafistas há uma desenvoltura, um destemor necessário que, por vezes, os coloca em situação real de perigo.

Foi o que ocorreu com o cinegrafista, da TV Bandeirantes, Santiago Ilídio Andrade, de 49 anos, morreu no dia 10 de fevereiro de 2014, quatro dias após ser atingido na cabeça por um rojão, quando registrava imagens de uma manifestação no Rio de Janeiro.

Após esse ocorrido tanto a rede Globo quanto a Empresa Brasil de Comunicação passaram a disponibilizar kits de segurança, semelhantes aos usados nas coberturas de guerras. Máscara de ar, capacete fechados, para proteção do rosto inteiro e a cabeça, óculos e máscara compõe o kit. Porque não é raro que jornalistas saiam feridos de manifestações.

Apesar da profissão, muitas vezes ser de risco, a presença da imprensa dos grandes veículos, na cobertura de ações promovidas pelos movimentos sociais, é frequentemente mais confrontada por manifestantes do que por telespectadores. Por isso, repórteres da Rede Globo cobriram, em Brasília, a manifestação no terraço do Ministério da Saúde e de helicóptero. Jornalistas da EBC guardaram suas credenciais para que não fossem identificados na multidão.

Houve rejeição, também, aos partidos políticos. Militantes não podiam abrir as bandeiras nos eventos. Quando tentavam eram vaiados até que as guardassem. A intenção era não permitir que nenhuma afiliação partidária se apropriasse dos atos. Mas o propósito das manifestações, em si, era pacífico. E as Jornadas de Copa a Copa trouxeram outras novidades no cenário dos protestos.

O debate era coletivo, assim como as tomadas de decisão, feito por meio da internet ou em reuniões realizadas nos locais da manifestação. Com extensa pauta de reivindicações e grupos heterogêneos, sem liderança.

Sem liderança individualizada, alguns grupos organizados, não tradicionais e institucionalizados, acionavam a mobilização utilizando as redes sociais. Grupos como: Copa pra quem, Marcha do Vinagre, Movimento Grito dos Excluídos, Comitê Popular da Copa, Movimento Passe Livre, Movimento contra a corrupção etc. Juntaram-se a esses, algumas organizações representativas das minorias, como os da causa LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais), mulheres, índios, Movimento dos Sem Teto, dos Sem-terra. Grupos de Direitos Humanos e classes profissionais. E ainda grupos que se manifestavam contra os projetos de leis em apreciação no Congresso Nacional como o Projeto de Emenda Constitucional 37 (limitava o poder de investigação do Ministério Público) e como os projetos homofóbicos (sendo alvo do movimento os parlamentares da bancada evangélica, que eram autores de leis como a Cura Gay, outras contra a regulamentação do casamento homoafetivo e contra alguns direitos provenientes dessas formas de relação. Tendo como representantes dessas causas, os parlamentares e pastores Marco Feliciano, Silas Malafaia, Magno Malta).

Esses grupos buscavam exercer o contra-poder. É o que entende o pesquisador Castells (2013), para quem o poder é exercido pelas instituições, por 'quem' detém o monopólio da violência, e pode construir significados na mente das pessoas, mediante mecanismos de manipulação simbólica.

Uma vez que as sociedades são contraditórias e conflitivas, onde há poder há também contra-poder – que considero a capacidade de os atores sociais desafiarem o poder embutido nas instituições da sociedade com o objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses. (CASTELLS, 2013, p. 10)

Para Soares Carneiro (2013) este fenômeno foi propagado não só pela mídia tradicional da TV e rádio, mas por uma difusão nova, nas redes sociais da internet. No Brasil a reforma política também fez parte da pauta dos manifestantes.

Mas o que explica, então, que as manifestações tenham surgido com tamanha força no Brasil, que vive uma época de baixo desemprego (no mês de maio de 2013 havia sido de 5,8% da população em idade ativa, de acordo com dados

oficiais divulgados na época)¹⁰ e de maneira geral a situação econômica estava boa?

Para João Brant, integrante do Coletivo Intervezes as questões econômicas, nesse contexto, vêm associadas às questões políticas. Ele cita como causas das manifestações: a crise de representatividade, as queixas sobre as decisões do espaço público, falta de moradia, preços altos de passagens nos transportes coletivos, corrupção, excesso nos gastos com a Copa do Mundo. E até por motivos regionalizados, as pessoas foram às ruas para protestar no Brasil.

Sem muita consciência desse poder, só sabendo que era contra, a população se dirigiu para os locais de concentração e mais por questões pontuais do que por reformas profundas e estruturais. Pelo menos foi o que se viu num primeiro momento. A primeira pauta era ir para as ruas, muitos cartazes convocavam quem ainda não estava lá. “Todos os brasileiros são iguais, mas alguns são mais iguais do que outros”; “Por uma vida sem catracas”; Contra PEC 37; Por melhor Saúde e Educação; “Verás que um filho teu não foge a luta”; “Abaixo a corrupção”; “Os jovens de 68 apoiam os jovens de 2013”; “O povo acordou, mudança Já”; “Não são só os 20 centavos”; “Desculpem os transtornos, estamos mudando o Brasil” etc. Vimos estes cartazes pela televisão e estão arquivados na memória dos brasileiros e na internet.

1.3 Cidadania: conquista de direitos

Abaixo-assinados, protestos, lutas no judiciário, organização dos movimentos sociais, populares, de bairros, manifestações, greves, paralisações, bloqueios das vias públicas e até de tumultos e quebra-quebra são utilizados como forma de pressão popular nas reivindicações por direitos. Isso porque ocorre um desequilíbrio de forças, onde o governo tem o poder de decisão, então, o cidadão age com o poder de pressão, que é o que tem.

A luta por mais direitos depende do que se quer e compete à instância de poder viabilizar, segundo a Constituição Federal, no seu artigo 22:

¹⁰ IBGE. Dado disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/pt/noticias?view=noticia&id=1&idnoticia=2406&busca=1&t=maio-desocupacao-foi-5-8>>

Art. 22. Compete privativamente à União legislar sobre: IV - telecomunicações e radiodifusão; [...] IX - diretrizes da política nacional de transportes; [...] XI - trânsito e transporte; [...] XIII - nacionalidade, cidadania e naturalização; [...] XIV - populações indígenas. (CF, 1988)

Nas manifestações quase todas essas temáticas foram contestadas, de certa forma. Aumento no valor das passagens dos transportes municipais é atribuição das prefeituras. Mas à União compete a proposição de políticas públicas que acabem com o monopólio das empresas de coletivos, que estimulem outros meios de transporte coletivo, que reestruturem o setor, que propiciem a mobilização urbana de forma adequada às necessidades da população. E isso é uma questão mencionada pelo Movimento do Passe Livre, MPL, o direito a cidade. O direito de ir e vir e de se apropriar dos espaços públicos não pode passar pela restrição do valor da passagem, de acordo com MPL. Pelo menos esse é o entendimento do Movimento que levou milhares de jovens às ruas e por isso pede gratuidade para todos nos ônibus.

E como a luta por direitos deriva, também, de manifestações, as populações indígenas também estiveram por lá, pleiteando a demarcação de terras.

José Carvalho (2014) desdobra a cidadania em direitos. Direitos civis, políticos e sociais. Os direitos civis são entendidos como os direitos fundamentais à vida, à liberdade, à igualdade perante a Lei e ao acesso à Justiça; garantia de ir e vir, manifestação do pensamento. São direitos nos quais subjazem a liberdade de imprensa, a liberdade de pensamento e a liberdade de crença; além do direito de firmar contratos, os direitos de propriedade e à justiça (inclusive direito de defesa e de afirmação de todos os direitos).

No que diz respeito aos direitos políticos, Carvalho (2014) reforça que estes fazem referência à participação do cidadão no exercício do poder político, seja como eleitor seja investido de autoridade política. A participação no governo e na sociedade, de criar partidos políticos, de votar e ser votado. E embora sua referência básica seja o voto, sua instituição são os partidos políticos, o parlamento livre e representativo, possibilitando assim, a participação, a legitimidade organizativa, o autogoverno e a soberania.

Já os direitos sociais marcam a participação na riqueza coletiva, por meio do direito à educação, trabalho, salário justo, saúde, aposentadoria, à segurança, ao

bem-estar econômico e a participação social. Aqui se enquadram os benefícios dos programas sociais do Governo Federal: Bolsa família, Minha casa minha vida etc.

Esse direito também se vincula ao sistema educacional e aos serviços sociais, os quais podem ser realizados em consonância com os demais, isto é, interagindo com os direitos civis e direitos políticos, sem sombra de dúvidas permitem a redução das desigualdades e garantem o bem-estar e a justiça social.

Os Direitos elencados no art. 5º da Constituição Federal 1988 se baseiam na existência de uma justiça independente, eficiente e acessível a todos, garantindo, assim, inter-relações civilizadas. (CARVALHO, 2014, p. 9-10)

Os direitos são interligados, a garantia de um depende da manutenção do outro e todos eles conferem à pessoa humana a identidade cidadã.

A natureza da cidadania social afeta a qualidade da cidadania civil e cidadania política, pois uma cidadania civil frágil prejudica o desenvolvimento da cidadania política, ainda que exista democracia formal (ROBERTS, 1997 p.11).

Talvez por isso nenhuma forma de exercício do poder tenha sido poupada nas manifestações de Junho de 2013. Vimos cartazes e ouvimos frases de ordem que contestavam o que os agentes de poder vêm fazendo com o poder a eles conferido. E com isso questionando toda a legitimidade da política representativa. Se a representação política não funciona para resolver os grandes problemas da maior parte da população, Carvalho (2014) sugere que a sociedade se organize de forma autônoma e que, “o foco da mudança está localizado em dois pontos: a redução do tamanho do Estado como fonte de direitos e o deslocamento da nação como principal fonte de identidade coletiva” (CARVALHO, p. 225). Nesses dois pontos cruciais se estabelecem as diferenças, nem sempre percebidas, das plataformas partidárias vigentes em nosso país.

O fato é que as manifestações fizeram aflorar, nas ruas, uma nova arena propícia à visibilidade e participação de todos. E a internet surgiu como um espaço a mais de repercussão e convocação dos atos. E desses espaços emergiram novos atores sociais.

As demandas sociais tem exigido uma ação mais efetiva das pessoas ou instituições que as representam. Esse fato vem

mobilizando os atores sociais, consolidando a democracia, através da participação e efetivação da reivindicação dos direitos sociais, políticos, educacionais, dentre outros. (DIAS, 2012, p. 29)

Portanto, as manifestações surgem como forma legítima de luta por mais direitos, em todas as suas facetas, afirmação da identidade e aquisição de cidadania.

2 PARTE TEÓRICA

Neste espaço começaremos a análise dos conceitos e pressupostos teóricos que orientam este estudo. Leituras e autores que possibilitem a melhor forma de observar o objeto de pesquisa e embasar os aportes teóricos. Para que seja possível traçar caminhos e perspectivas de cada autor e tema, que mostre a afinidade de pensamentos e incite o confronto de reflexões sobre os conceitos subjucados, para que com as lentes da metodologia possamos, enfim, dissecar e ler as entrelinhas da narrativa nas matérias alvos da pesquisa.

2.1 Estado da arte

O estado da arte é um estado de graça, onde o pesquisador se permite buscar os fios dos conceitos, descobrir que autores em quais publicações e ano falaram sobre o tema. Partir do primeiro e puxar o fio até a atualidade, traçar um mapa da existência do 'termo', do conceito.

É o que pretendemos fazer com: atores sociais, identidade, identidade nacional e a memória do Brasil.

2.1.1 Atores Sociais

O trecho do poema 'Morte e Vida Severina' destaca as diversas identidades que assumimos ou nos imputam ao longo da vida, além da identidade transitória evidenciada em contextos de migração, conforme Severina se declara.

O meu nome é Severino, não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é Santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria. Como há muitos Severinos, com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria, do finado Zacharias. Mas isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel que se chamou Zacharias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem fala, ora a vossas Senhorias? [...] Mas, para que me conheçam melhor Vossas Senhorias, e melhor possam seguir a história de minha vida, passo a ser Severino, que em vossa presença emigra. Cabral de Melo Neto

A identidade já teve muitos entendimentos, pesquisadores trocaram argumentos a fim de conseguir a definição. Mas a identidade é plural, apesar de conservar uma unicidade no cerne da diversidade. O dentro e o fora. Da relação sanguínea ao sentimento de pertença nacional, da cultura partilhada de um povo a globalização, de identidades naturais a voláteis, fixas a líquidas.

Quanto mais atores sociais nos tornamos mais identidades assumimos. De mãe, mulher, jovem, idosa, trabalhadora, militante, estudante, consumidora, cliente, eleitora, cidadã e por aí vai. A identidade não é algo palpável como os documentos que a representam. Ela simplesmente é, e sendo, nos identifica na interação com o outro. Um exemplo são os nossos documentos. Eles dizem aos outros quem somos. O passaporte nos vincula a uma pátria, é a identidade que informa de onde somos, a nação em que nascemos. É associado ao solo e a hereditariedade. A identidade nele é fixa, mas pode ser alterada por laços sanguíneos. O registro de identificação é como o passaporte, só que nos vincula a uma região, afinal ele já é um documento relativo à nação, a um órgão regional de identificação. A carteira de trabalho é nossa 'cara' profissional, nos liga a empresas, a estágios, em suma, nos representa no mundo comercial. É uma identidade mais volátil, visto que podemos mudar de profissão, emprego etc.

É verdade que todos os documentos informam quem somos: nome, idade, filiação, visto que são características mais perenes. Mas cada documento tem uma finalidade específica: informar qual papel social desempenhamos no momento em que o apresentamos. É assim o título de eleitor, a carteira nacional de habilitação, as carteirinhas de entidades profissionais etc. Todos eles servem para nos identificar perante alguém e mostrar quem somos e representamos ali, diante de tal situação.

Esses documentos comprovam o que pesquisadores conceituam como identidade. Dos primórdios do meado do século passado até hoje em dia persiste a ideia da identidade ligada ao nascimento, a origem, a existência biológica e única. Juntou-se a essa definição a noção de que a identidade, por ocorrer na individualidade da existência, se manifesta na exclusão do outro. Caso seja eu, não será ele. Se for brasileiro não é francês. Mas se sou brasileiro, outros brasileiros são iguais a mim, porque pertencemos ao mesmo país de origem. E assim virou plural de novo. E a identidade pode se pluralizar ainda mais, pode se deslocar do indivíduo e atingir uma coletividade. A identidade coletiva que se constitui no tempo e dá o sentido de continuidade aos indivíduos, que nas práticas de ação se transformam

em atores sociais “principalmente como legitimação das políticas de garantia dos direitos humanos, sociais e políticos”. (DIAS, 2012, p. 29)

E em cenários diferentes os atores sociais assumem funções diferentes também, inclusive, em relação ao noticiário diário, que é um

produto disputado pelos interesses dos atores sociais envolvidos no conflito relatado (veículo, jornalistas, personagens). Cada um deles tem interesses diferentes na divulgação da estória. Esses atores sociais agem estrategicamente, às vezes colaborando uns com os outros, às vezes se colocando em posição antagônica. O relato jornalístico é o produto possível entre pontos de vista alternativos na correlação das forças que se confrontam permanentemente nas páginas e telas: elas disputam o poder de voz. (MOTTA, 2013, p. 110)

E assim caminha a Humanidade nas definições acerca do que são as noções identitárias do indivíduo e da coletividade, com suas imbricações de interesses e disputas de poder.

2.1.2 Identidade

De acordo com a professora e pesquisadora Kathryn Woodward (2012), a identidade vem da ‘verdade’, confirmada pela história, pela cultura e pela tradição. E também da ‘realidade’, do natural, do nascimento, fixa. Porque a verdade “está enraizada na biologia”. (WOODWARD, 2012, p. 37). A contribuição de Woodward nos remete à lógica identitária concebida por Freud, (no início do séc. XIX). De acordo com a Psicologia freudiana “o início da formação da identidade ocorre quando o infante se dá conta de que é separado da mãe”. (Woodward, 2012, p. 63) No momento da vivência deste ‘trauma’ o indivíduo se percebe livre e único. Do medo e do trauma da separação nasce a identidade.

Um dos pioneiros no campo dos Estudos Culturais¹¹, Stuart Hall (2012) defendia um mosaico dessa trajetória descrita acima. A identidade como algo que se constrói pelo reconhecimento de uma mesma origem, ou afinidades, ou ainda a partir de um mesmo ideal (HALL, 2012). Abrangendo a noção de identidade ligada a

¹¹ ‘Estudos Culturais’ (EC) é uma área de estudo interdisciplinar, que busca respostas para aspectos culturais da sociedade. Eles não se relacionam apenas com o estudo da cultura, porque essa não poderia ser identificada e analisada de forma independente das práticas sociais concretas.

algo que seja comum, uma língua, uma nação, mas também a um ideal, aceitando que grupos unidos pelo pensamento tem proximidade identitária. Ele discorda do pressuposto de que identidade é algo com que se nasce, natural como a respiração. Para Hall a identificação é uma construção, um processo nunca completado, que envolve um trabalho discursivo que se fecha, que se deseja ou não e que delimita fronteiras simbólicas.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2012, p. 109).

Contudo, “como todas as práticas de significação, ela [a identidade] está sujeita ao jogo da *différance*”. (HALL, 2012, p. 106) A *différance* produz os ‘efeitos de fronteiras’. A *différance* requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui. A identidade de algo se faz também com o que fica de fora do círculo, engloba o que demarca (a fronteira), o dentro e o fora, porque não estão todos na mesma composição de referência? A *différance* se estabelece na natureza intrinsecamente hibridizada de toda identidade. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão. Na formação da identidade o ‘eu’ e o ‘outro’, o ‘dentro’ e o ‘fora’ participam.

Entretanto, para a escritora francesa Hélène Cixous o dentro e o fora não participam da mesma forma, já que “um é a norma e o outro é o ‘outro’” (CIXOUS apud Woodward, 2012, p. 51). O conceito de identidade, para ela, é o reconhecimento desta por exclusão de outra. Já para o filósofo Patrick Charaudeau (2011) os dois conceitos estão associados, interligados: de ‘norma’ e do ‘outro’ com o de ‘dentro’ e o de ‘fora’. Para ele há necessidades e dificuldades

dos seres vivos partilharem uma identidade, pois “é difícil conceber seu EU sem sua socialização [em suma sem o outro]; seres individuais que procuram diferenciarem-se para construir uma unidade própria, pois é difícil conceber seu EU sem se distinguir dos outros” (CHARAUDEAU, 2011, p. 51) [grifo do autor]

Até aqui a identidade tem um começo, é vinculada a história e se dá por exclusão e pertencimento. Ampara-se na questão embrionária, histórica e

antropológica. Contudo a identidade tem diversos outros sentidos, vejamos mais três: a representativa, a comunicacional e a simbólica.

Para o antropólogo argentino Néstor Garcia Canclini, “a identidade é uma construção que se narra” (CANCLINI, 2010, p. 129). Para ele “os livros escolares e os museus, assim como os rituais cívicos e os discursos políticos, foram durante muito tempo os dispositivos com que se formulou a identidade de cada nação” (CANCLINI, 2010, p. 129). Hoje não podemos deixar de considerar, e introduzir neste leque levantado por Canclini (2010), a relevância dos meios de comunicação, das narrativas mediáticas, como dos programas de televisão, inclusive dos telejornais na construção da identidade e no reforço da memória nacional.

Junto com os museus, livros e a televisão, mais especificamente o telejornal, o antropólogo Roberto DaMatta (1997) destaca os mitos e narrativas relevantes para a manutenção das tradições nas representações simbólicas ou no sistema cultural, mas informa que existem outras formas de representação que pressionam o sistema cultural.

cada sociedade ordena aquele conjunto de vivências que é socialmente provado e deve ser sempre lembrado como parte e parcela do seu patrimônio – como os mitos e narrativas – daquelas experiências que não devem ser acionadas pela memória, mas que evidentemente coexistem com as outras de modo implícito, oculto, inconsciente, exercendo também uma forma complexa de pressão sobre todo o sistema cultural. (DAMATTA, 1997, p. 34)

A construção do sistema cultural ocorre junto com a cartilha simbólica de representações, que é a lente pela qual percebemos e decodificamos as mensagens do mundo. E nesse sistema a memória reforça os laços simbólicos e tradições, como afirma a pesquisadora Célia Ladeira Mota (2012). A memória nacional ‘elege’ o que será lembrado e o que ficará no esquecimento. A reconstrução dos passos acontece pelos indícios, apagando os indícios da lembrança, apaga-se o fato. A história fica nos arquivos e não na memória.

Enquanto as identidades culturais são formadas por diversos universos simbólicos, que vão constituir fundos de lembrança, a memória nacional é da ordem da ideologia, é o produto de uma história social, que transcende os indivíduos. (LADEIRA MOTA, 2012, p. 158)

E o telejornalismo é um grande arquivo nacional da memória do país. Narra histórias de heróis, bandidos, com início, meio, fim, conflitos, personagens, em suma, o telejornalismo marca a identidade de uma época, de vários povos, de um mundo globalizado.

Mas a identidade é “marcada por meio de símbolos” (WOODWARD, 2012, p. 9). E o simbólico abre os sentidos pelas diversas interpretações.

Pelos escritos do pai da Semiótica, Charles Sanders Peirce, (1978) signo é tudo aquilo que está no lugar de outra coisa e representa outra coisa. Ele classificou os símbolos como uma categoria de signos, uma categoria que “nos remete a uma relação mais cultural, com significados atribuídos de acordo com elementos históricos, religiosos, míticos”. (LADEIRA MOTA, 2012, p. 203) Se os símbolos estão no lugar de outra coisa, eles têm que ser ‘decodificados’, interpretados, para que lhes sejam atribuídos sentidos.

Se houver um mapa mental que oriente essa decodificação ela ocorrerá naturalmente. Grosso modo Stuart Hall (2009) explica que integrantes de uma ‘comunidade’ compartilham dos mesmos mapas mentais e esses mapas ‘traduzem’ os símbolos.

Conforme Hall (2009) existem dois sistemas de representação: o sistema mental e o sistema da linguagem. Nesses sistemas a representação é contribui na produção do sentido. Contudo Hall (2009) alerta que esse não é um processo simples.

E um dos motivos pelo qual este processo não é simples, é que nele embarcam agentes de mediação, quer dizer, os signos. Sejam eles linguagem, imagem, ou texto semiótico (ou multimodal).

Para Ladeira Mota (2009) a imagem é percebida como uma representação e falar de “representação é o mesmo que falar de linguagem” (2009, p. 201) E falar da linguagem da imagem é falar de televisão, que desempenha uma função catalisadora nessa maturação da identidade, já que atua no campo das representações.

Assim, trazer a discussão sobre a mídia para o campo do debate da identidade, é o foco desta dissertação, mas para amarrar a tríade identitária da proposta acima (comunicacional, simbólica e representativa), temos a identidade como algo que nos representa, fala por nós e nos confere existência.

Pensar a mídia como um sistema de representação é um raciocínio desenvolvido também por Stuart Hall, para quem tanto a televisão como o cinema são sistemas de representação e construção de identidades, responsáveis por fornecer a base pela qual os grupos e classes sociais constroem uma imagem de si mesmos e incorporam práticas e valores de outros grupos e classes. Esta noção corrobora o pensamento de Canclini (2010), exposto acima, do que significam os livros escolares e museus, só que incorpora a mídia. Os entendimentos sobre identidade vão, voltam e andam mais um pouquinho, mas não se opõem, eles se complementam.

O historiador polonês Zygmunt Bauman (2005) entende que a identidade, na pós-modernidade, é líquida. Nas palavras do autor

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.
(BAUMAN, 2005, p. 19)

Bauman (2005) confere à pós-modernidade elementos de fluidez, nos seus livros ‘Amor Líquido’ (2004), ‘Tempos Líquidos’ (2007) e ‘Vida Líquida’ (2007) Ele defende a ideia de passagem, onde o transitório se sobrepõe ao perene e que a consistência e continuidade da nossa identidade mudam com o passar do tempo. “As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta.” (BAUMAN, 2005, p.19)

De fixas, naturais, embrionárias, históricas, antropológicas, representativas, comunicacionais, simbólicas, as identidades são entendidas como temporárias e influenciáveis também.

Entretanto, a história segue e elas acompanham os avanços comerciais e as interações nas ‘nuvens da rede internet’ propiciadas pela globalização¹². As identidades adquirem caráter temporário de hibridez e fluidez.

A globalização enquanto vista como alargamento da oferta e demanda não causava espanto, mas esse alargamento produziu “identidades novas e

¹² Considere-se como globalização um processo de aproximação e integração (cultural, político e econômico) entre indivíduos e países, facilitado pelos avanços tecnológicos e pelos meios de comunicação.

globalizadas”. (WOODWARD, 2012, p. 20) E precipitou ‘crises de identidade’ na proporção em que torna homogêneo o mundo a sua volta, repele as marcas da diferença e fortalece a sociedade do consumo, à medida que aumenta a velocidade em que o objeto se torna obsoleto. E forma um grupo de ‘consumidores globais’ que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo e que mal se distinguem entre si, com os mesmo gostos culinários, senso estético e comportamento. As relações de consumo e produção causam inter-relações conforme esquema abaixo.

O esquema do circuito da cultura - realizado por Paul du Gay, Stuart Hall, Linda Janes, Hugh Mackay e Keith Negus, em 1977 - ajuda a compreender como a globalização afeta as relações de gosto (consumo) e gosto (produção), porque a construção de identidades sociais está associada ao conceito de cultura, bem como aos processos que as envolvem. Por isso

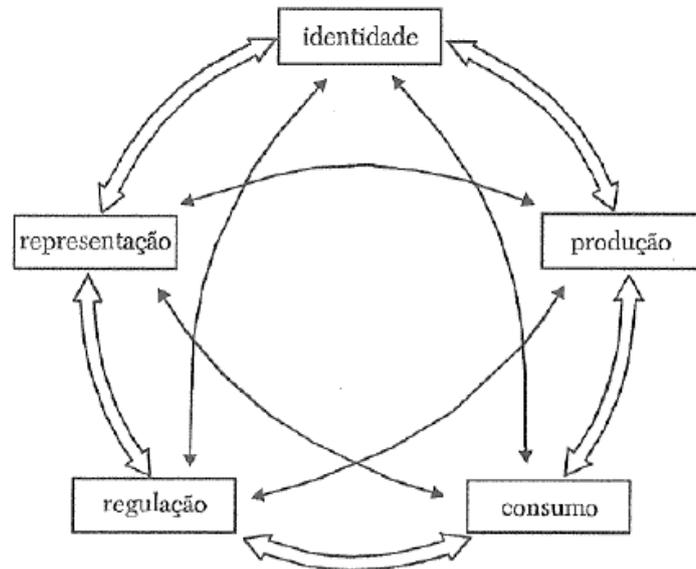
precisamos examinar a forma como a identidade se insere no ‘circuito da cultura’ bem como a forma como a identidade e a diferença se relacionam com a discussão sobre a representação. (WOODWARD, 2012, p. 16).

A intenção não é mergulhar em cada relação profundamente porque a dissertação só deseja levantar o ‘estado da arte’ da identidade para associá-la à cidadania.

No esquema pode-se começar de qualquer ponto, porque o processo não é linear e os pontos estão ligados uns aos outros. Para percorrer o circuito, vamos pensar num shampoo. O conceito de representação refere-se ao sistema simbólico (textos, imagens), como uma publicidade de shampoo, por exemplo, apresenta o produto. Esse sistema simbólico dirá que tipo de pessoa utiliza esse shampoo, isto é, produz identidades que lhe estão associadas. Gosta de shampoo mais caro, com preço mais popular, tem cabelo liso, crespo etc...

Essas identidades e o produto com o qual elas estão associadas são produzidas, tanto técnica quanto culturalmente, para atingir os consumidores que comprarão o artefato com o qual eles - é isso, ao menos, que o produto espera - se identificarão. O produto assim tem um efeito sobre a regulação da vida social – por meio das formas pelas quais ele é representado, sobre as identidades com ele associadas e sobre a articulação de sua produção e consumo. (WOODWARD, 2012, p. 16).

Figura 1 - Circuito da cultura



Fonte: Paul Du Gay et al. 1997

Os padrões de produção e consumo alinham pessoas com interesses comuns, independentemente de suas vinculações familiares, regionais ou nacionais. As 'fronteiras' se tornam invisíveis (mas continuam lá) e as marcas culturais mais porosas, isso propicia novas oportunidades de mercados e negócios, para as empresas, novos acordos políticos, para os governos e novas interações sociais, de trabalho e de entretenimento, para as populações.

A expansão da globalização trouxe novos elementos aos pensamentos de Canclini (2010), que já alertava para o impacto dela na hibridização das identidades:

quando a circulação cada vez mais livre e frequente das pessoas, capitais e mensagens nos relaciona cotidianamente com muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional (CANCLINI, 2010, p. 131).

Não esqueçamos que a identidade era entendida como fixa, ligada ao espaço e ao tempo, e a globalização desalinhou as noções de tempo e espaço, além de aproximar diferentes culturas, que se apropriam e alimentam dos próprios referenciais mentais.

Então, como realinhar esses ‘mapas mentais’ para que sejam reforçados os laços sociais, políticos ou culturais das nações? Esses mapas se entrelaçam com os de outras nações e criam sentidos em rede, que, e de alguma forma, se comunicam.

A pós-modernidade marca, assim, a passagem das identidades modernas, territoriais e quase sempre monolíticas, para identidades transnacionais e multilinguísticas.

A identidade sempre foi marcada pela relação com o ‘outro’, com o de ‘fora’, mas a correspondência era entre indivíduos e grupos com algo em comum. Só que essa aproximação dos povos alterou a convivência e o consumo, conforme já vimos, e mesmo quem nada tinha em comum, agora tem, porque com aproximação de consumo e produção as marcas culturais se avizinham, então, como marcar a identidade nacional?

2.1.3 Identidade Nacional

Essa marcação da diferença é importante porque ela pode ocorrer tanto por meio dos sistemas simbólicos de representação quanto por meio da exclusão social. Quem não partilha do mesmo sistema, está fora, é o outro. E o outro não consome o que eu produzo, então, não interessa a manter grupos ‘eternamente de fora’.

As representações fazem parte de uma memória coletiva dos que partilham de uma determinada comunidade, de uma determinada cartilha simbólica. Para o psicólogo social romeno naturalizado francês, Serge Moscovici (2009), os modelos de representação que formam a mentalidade de um povo são incomensuráveis para outro, porque as representações precisam de um sistema simbólico comum, entre as partes do processo comunicativo, para que ocorra a boa comunicação.

Émile Durkheim é citado no livro ‘Identidade e diferença’ por Woodward (2012) para quem sem os símbolos de representação, os sentimentos sociais teriam uma existência apenas precária, porque

é por meio da organização e ordenação das coisas de acordo com sistemas classificatórios que o significado é produzido. Os sistemas de classificação dão ordem à vida social, sendo afirmados nas falas e nos rituais (DURKHEIM, apud WOODWARD, 2012, p. 41)

O significado produzido, classificado e incorporado dará sentido a vida social, já que os modelos de representação são compreendidos naquela sociedade e não

em outra. O professor e diretor do Centro de Psicologia Aplicada da Universidade de Vitória, na Nova Zelândia, James Liu (2013), afirmou que uma parte central da representação nacional é composta pelo conjunto de suas origens e de sua missão histórica, e que ela tem que ser renegociada para refletir circunstâncias novas.

Assim, a memória coletiva funciona como um mito fundacional de uma dada sociedade, definindo regras, direitos e obrigações para um grupo e legitimando seus arranjos sociais e políticos. São representações sociais que compreendem elementos compartilhados pelo grupo. Mas eles são mais do que apenas memórias coletivas ou percepções compartilhadas porque definem papéis de um grupo, legitimam ações, se justificam como a coisa certa a fazer. A identidade antes ligada ao conceito de nação se globalizou, mas deteve no núcleo um ator social que o relaciona aos demais: o cidadão. A cidadania, que vem da consciência da identidade com seus direitos e deveres, faz frente a sociedade em que se insere, seja na rede da internet, no país ou na rua.

A nação em si é um princípio espiritual para Ernest Renan (1990), uma alma dotada de uma posse comum de um rico legado de memória e de um desejo de perpetuar essa herança. Com seus anjos, santos e deuses que reinam no imaginário coletivo.

Além dos elos que vivem nas tradições, mitos e crenças nacionais a nação compartilha marcos culturais, sociais e políticos, que criam nos sujeitos correntes de identidade, de pertencimento, de grupo, que desejam uma comunidade, conforme entendimento de Benedict Anderson (2011), imaginam uma comunidade.

São diversos esses elos de pertencimento, de comunhão de uma memória nacional, mas, nesta dissertação iremos nos ater somente ao marco político, tendo em vista que o objeto de estudo foi recortado na temática das manifestações transmitidas no Brasil, entre a Copa das Confederações, em 2013 e a Copa do Mundo, em 2014. Contudo, a cultura participa ativamente do processo da comunidade desejada, da imaginação partilhada, então, falaremos um pouco dela também.

Anderson (2011) examina como o nacionalismo capta e expressa anseios, esperanças e preconceitos nascidos no calor da vida social e os efeitos desse afã na comunidade desejada. Ele procura o elemento disparador da ascensão do sentimento nacional.

proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada - e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana (...) Ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. (...) A essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas. (...) Imagina-se a nação *limitada* porque mesmo a maior delas, que agregue, digamos, um bilhão de habitantes, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações. Nenhuma delas imagina ter a mesma extensão da humanidade. (...) ela é imaginada como uma *comunidade* porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal. (ANDERSON, 2011, p. 32)

A identidade nacional é inteiramente dependente da ideia que fazemos dela, mas ela nasce de uma ideia partilhada por todos. “A diferença entre as diversas identidades nacionais reside, portanto, nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas” (WOODWARD, 2012, p. 24).

Benedict Anderson (2011) sugere que o nacionalismo não deva ser visto como uma ideologia tal como o socialismo ou liberalismo, mas por uma relação de parentesco de membros de uma mesma família, de pessoas com um histórico e representações simbólicas semelhantes. Para esse argumento Ladeira Mota (2010) funda a ideia de “nação como uma meta-narrativa que se sobrepõe sobre o cotidiano do país” (LADEIRA MOTA, 2010, p. 160)

A contestação no presente busca justificação para a criação de novas – e futuras – identidades nacionais, evocando origens, mitologias e fronteiras do passado. Os atuais conflitos estão, com frequência, concentrados nessas fronteiras, nas quais a identidade nacional é questionada e contestada. (WOODWARD, 2012, p. 24)

O conflito da identidade nacional ocorre quando ela é contestada em massa. Quando ela é partilhada sem conflitos, quando a nação é estabelecida de forma harmônica e oficial, as ‘crises’ são mais no âmbito comercial do que de segregação de direitos (só os advindos do capital).

Contudo as identidades diaspóricas, sejam negras, ciganas, judias, ou outras, agravam o jogo da *différance*, mas o paradoxo se desfaz “quando se entende que a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada.” (HALL, 2009, p. 15)

Mesmo em constante estado de apropriação as identidades diaspóricas se confrontam com oposições de resistências. Na verdade nota-se uma crescente força de exacerbação nacionalista, em oposição as correntes de migração. Seja a identidade de uma comunidade europeia, defendida por políticos de extrema-direita, para confrontar e controlar a migração de africanos para o continente europeu. Seja a postura de fundamentalistas islâmicos que reagem ao que consideram ataques aos símbolos da sua identidade religiosa. Os grupos muçulmanos revidam com violência a representação dos símbolos religiosos, já que para eles isso significa uma afronta à própria religião. Não há desenhos, imagens do profeta Maomé ou qualquer outro marco religioso. Eles migraram do Oriente Médio para o Ocidente, mas sem aceitar os *modus vivendis* de onde se estabeleceram. Este tolera a diversidade desde que possa interpretá-la de acordo com suas próprias tradições e cultura. O que gera confrontos de ordem identitária, que misturam religião, apego ao estado-nação e reforço de fidelidade aos seus comuns e hostilidade aos provenientes dos que não fazem parte da comunidade religiosa que imaginam integrar. Essa existência de identidades tão diversas e não integradas, cada qual muito apropriada de si, gera conflitos que rompem qualquer pacto de convivência, como os recentes assassinatos a queima roupa de cinco cartunistas do jornal francês Charlie Hebdo¹³.

Outra identidade diaspórica é a judia. Os judeus se espalharam pelo mundo, mas mantiveram a crença de que têm um DNA próprio dos judeus, mais do que biológica uma referência da própria existência os liga, já que, para eles, todos os judeus descenderiam daqueles que saíram do Egito sob a liderança de Moisés e se

¹³ A sede, em Paris, do Charlie Hebdo foi atacada no dia 7 de janeiro de 2015 pelos irmãos Chérif e Said Kouachi, de 34 e 32 anos, jihadistas franceses, que mataram 12 pessoas, incluindo cinco caricaturistas, entre eles o diretor do jornal Stéphane Charbonnier. Os irmãos Kouachi foram mortos, em fuga, pela polícia dois dias depois nos arredores da capital francesa. Os membros da Al Qaeda do Iêmen disseram ter “vingado o profeta” Maomé, caricaturado em diversas ocasiões no jornal satírico. A principal autoridade islâmica sunita no Egito, Al Azhar, antecipou que a publicação de novos desenhos representando o profeta Maomé no jornal satírico francês vai “incitar o ódio, não serve à coexistência pacífica entre os povos e impede a integração dos muçulmanos nas sociedades europeias e ocidentais” disse Al Azhar em nota. Em contrapartida o jornal que tinha uma tiragem habitual de 60 mil disponibilizou 7 milhões de exemplares, em 20 países, da primeira edição após o atentado, preparada pelos sobreviventes. A capa trazia novamente o profeta Maomé com uma lágrima caindo no rosto e segurando um cartaz que dizia: estão todos perdoados. A frase “je suis Charlie” foi utilizada por milhões de pessoas, em diversos países, em defesa na liberdade de expressão. Informações retiradas das matérias publicadas pela Agência Brasil, nos dias do ataque da publicação.

estabeleceram na terra prometida ou Canaã. Ideia criticada pelo professor da universidade de Tel Aviv em Israel, Shlomo Sand (2012), no livro 'A invenção do povo judeu'. Ele contesta a visão hegemônica da historiografia sionista que celebra a unidade na origem dos judeus espalhados pelo mundo e, claro, daqueles reunidos sob o atual Estado de Israel, combatendo a concepção predominante, consolidada principalmente em Israel, para onde o autor, que nasceu na Áustria, foi levado pelos pais em 1948.

Sand (2012) considera esta concepção uma idiossincrasia. Diz ele que o 'reino do judeu' estabelecido na Palestina teria vivido períodos de grande desenvolvimento e conquistas gloriosas, apesar das recentes conclusões científicas apresentadas no livro, dando conta das modestas edificações creditadas aquele povoamento ou mesmo contestando a sua existência. O autor, ainda, combate a justificativa para a dispersa presença judaica mundo afora, que decorreria de exílios forçados a que foram submetidos em diferentes momentos de sua história, contestando com dados históricos a presença voluntária das populações hebraicas em diversos locais. Sand (2012) se opõe ao meta-relato dominante da identidade judaica. E contesta aqueles a quem ele chama de "agentes da memória", que deram, principalmente, a partir da segunda metade do século XIX, "um encadeamento genealógico contínuo para o povo judeu", conferindo o elemento étnico e estabelecendo a ligação desse "grupo" com o território localizado na atual Palestina como o ponto geográfico (território), de ligação entre eles que, de resto, já contam com o elemento religioso (cerimônias, liturgias e crenças) para junto com a etnia e o território, lhes conferir os elementos identitários que lhes caracterize como nação.

Se toda escrita da história é portadora de mitos, aqueles da historiografia nacional são particularmente flagrantes. A proeza dos povos e das nações foi escrita de modo semelhante ao das estátuas instaladas em praças das grandes metrópoles que se obrigavam a ser enormes, expressando o poder, portadoras de uma magnificência heroica. (SAND, 2012, p. 37).

Para isso servem os marcos e totens da história preservados nos livros e na memória coletiva, como uma defesa nacional, que preservam os laços que unem o povo de determinada região para que não deixem de desejar a fundação da tal comunidade imaginada, mesmo que essa seja uma mera quimera.

2.1.4 A memória do Brasil

O que os brasileiros guardaram na memória coletiva? O que deixou saudades e o que nunca deveria ter acontecido, na História do Brasil? A memória coletiva é seletiva, deixa de lado vários lados. “Nossa memória é como um cofre, cheio de escaninhos” (HALBWACHS, 1990). Nossa lembrança é atualizada pelos fatos que vêm à tona. E os fatos que vêm à tona são os que marcaram de alguma forma nossa história. Por lembranças e esquecimentos, já que segundo o antropólogo Roberto DaMatta (1997) “a sociologia da saudade é uma sociologia da memória e da recordação”. (DAMATTA, 1997, p. 34)

A identidade da nação está na memória que ela guarda da história. E a história brasileira deixou marcas que queremos esquecer, como o período da escravidão e da ditadura; mas deixou também marcas que devemos lembrar.

Poderíamos elencar diversos marcos de origem, oficialização e maturação na construção da identidade nacional. Esses marcos ancoraram a identidade nacional, pois emergiram com força em diferentes épocas e segmentos. Como a identidade é porosa e influenciável, conforme já vimos, existem muitos vieses dessas ‘origens’ da identidade nacional brasileira.

Ela incorpora o sentimento de pertencimento e gratidão pela obra “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre (1933) que mostra o povo dos três cadinhos, ou seja, brasileiro, índio e negro, as três raças que deram origem ao povo brasileiro. Uma miscigenação que nos fazia diferentes, mas não menores. Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma quando não na alma e no corpo, a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena e ou do negro, afirmava Freyre (1933), fazendo da mestiçagem uma questão de ordem geral. As três raças nos deram uma riqueza multicultural. O livro se transformou num marco de reafirmação e valorização da etnia diversificada existente no Brasil. Como forma de valorizar a riqueza dos traços e características genéticas de cada povo. Mas não foi só isso, ele mexeu em arcabouços culturais expostos em preconceitos, além de retratar as mazelas e discrepâncias dos direitos entre os estratos sociais. Portanto trouxe olhares novos para a etnia, sociedade, cultura e política.

A identidade absorve, também, traços de uma cultura nacional própria (música, teatro, exposição, literatura, cinema), vindos com a Semana de 22 e com a explosão efervescente na década de 60.

A Semana de 22 (que ocorreu de 13 a 18 de Fevereiro no Teatro Municipal de São Paulo/SP) foi o ponto alto da insatisfação com a cultura vigente, submetida a modelos importados, e a reafirmação de busca de uma arte verdadeiramente brasileira. Usou-se pela primeira vez a expressão 'povo brasileiro'. A Semana marcou o início de uma identidade brasileira.

O Modernismo e a Semana de Arte Moderna de 1922 foram idealizados por um grupo de artistas paulistas que pretendia colocar a cultura brasileira a par das correntes de vanguarda do pensamento europeu, ao mesmo tempo em que pregava a tomada de consciência da realidade brasileira. Essa semana influenciou as artes como um todo: teatro, literatura, pintura etc. A Semana de Arte Moderna deve ser vista não só como um movimento cultural, mas também político e social. Mas que sofreu críticas da imprensa e de artistas. 'Chuvas' de legumes eram jogadas nos modernistas durante às apresentações no Teatro Municipal. A crítica ao movimento foi publicada por jornais e revistas impressos da época visto que o rádio só surgiu no final de 1922 e a televisão só surgiria 30 anos depois.

A manifestação cultural já tinha começado em 1917, com a exposição de Anita Malfatti, que foi fortemente recriminada por espectadores e pelo crítico Monteiro Lobato. O trabalho da artista só se consolidou efetivamente após 1929, quando os grupos Pós-Semana começaram a se formar e fizeram proliferar o pensamento modernista. O movimento de 22 foi um marco importante no século XX, pois originou a modernização das artes, da imprensa e da cultura, sendo referência estética e cultural até os dias de hoje. Mas sofreu críticas porque os artistas apregoavam novas técnicas sem os estudos dos conservatórios,

como se as artes, para chegar ao seu apogeu, não precisassem de alguns que lhes esclarecessem os conhecimentos de sua estrutura! Os revolucionários de hoje dizem: clássico é o que atinge a perfeição de um momento humano e o universaliza. Acadêmico, não. É cópia, é imitação, é falta de personalidade e de força própria..., escreveu em 'Os Futuristas e a Personalidade, de 15 de fevereiro de 1922. (3º ANDRADE – pseudônimo de um desconhecido).¹⁴

Todo esse movimento serviu para afirmar os objetivos que eram transformar o Brasil em um país independente na sua criação e produção artística, além de livrá-lo da influência social e da herança cultural europeias, criando assim a Renascença

¹⁴ O Artigo foi publicado em jornais como Folha da Noite e A Gazeta, de acordo com o site da Universidade de São Paulo <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos6_b.htm>

Paulista. Um dos argumentos contrários ao movimento é justamente ser um acontecimento paulista, um movimento regionalizado que pretendia 'dar uma cara' ao país. Alegam que não foi um movimento na afirmação da nacionalidade, mas na direção de uma predominância da arte paulista no Brasil.

A Semana aconteceu em 1922 propositalmente, a ideia era aproveitar a oportunidade para comemorar o primeiro centenário de Independência política do País, e em alusão ao acontecimento criar também uma data para a Independência Artística.

No campo dos avanços legislativos a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) deu uma forte contribuição. A união de leis trabalhistas trouxe segurança ao emprego. Os trabalhadores sabedores de garantias e de direitos avançam rumo à cidadania, que nasce com a promulgação da Consolidação das leis do Trabalho (CLT) que surgiu pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, sancionada pelo então presidente Getúlio Vargas. Unificava toda legislação trabalhista existente no Brasil. Seu principal objetivo foi a regulamentação das relações individuais e coletivas do trabalho, nela previstas. A CLT é o resultado de 13 anos de trabalho - desde o início do Estado Novo até 1943. O Decreto de Vargas é o primeiro a garantir os direitos trabalhistas, assegurando garantias como Carteira de Trabalho, 13º salário, Fundo de Gratificação por Tempo de Serviço, férias remuneradas etc. Direitos que contribuem para formação da consciência cidadã.

Foi a partir da industrialização e da urbanização brasileira, depois da revolução de 30, que a identidade ganhou um elemento novo: o advento do povo no Brasil. No final dos anos de 1950, Guerreiro Ramos escrevia:

Hoje, porém, o povo começa a ser um ente político, maduro, porque portador de vontade e discernimento próprios. O povo está substituindo, desta maneira, aqueles grupos e classes no papel de principal ator do processo político. (RAMOS, apud Ortiz, 1985, p. 63).

Já a década de 60 trouxe uma série de transformações culturais e políticas que repercutiram na efervescente produção cultural brasileira do período. Os anos rebeldes foram de afirmação e construção da identidade nacional. E de alicerce na formação da consciência cidadã.

O clima de mudança e progresso contagiou diversos segmentos da sociedade: na música, política, cultura e arte, ciência e tecnologia, comunicações,

esporte etc. Como os marcos, que influenciaram de certa monta a identidade nacional, são muitos, estabelecerei apenas os de maior impacto na política, na imprensa e na cultura, emergidos na década de 60.

Como a transferência da capital do Brasil, do Rio de Janeiro para Brasília, em 21 de Abril de 1960. O presidente da época, Juscelino Kubitschek, tinha um projeto de dar maior visibilidade ao norte e centro-oeste do país.

A construção de Brasília foi um velho sonho e vitória do nacionalismo brasileiro. Desde o romantismo, a visão profética de um futuro radioso acompanha as cenas de fundação nas tentativas de 'autodelimitação e esforço de uma identidade nacional coesa – diretamente proporcional, é claro ao desenraizamento, ao dilaceramento, que, no entanto a definem'. (SILVA, 1997, p. 60)

Os planos da transferência da capital brasileira para o interior do país já vinham sendo um tema politicamente tratado. Os anos que antecederam Juscelino Kubitschek foram perturbados por causa de alguns transtornos, como o suicídio de Getúlio Vargas e os reflexos da Segunda Guerra Mundial, que atingiram a economia da nação. Tudo isso servia de incentivo para a mudança. O Rio de Janeiro, cidade que se tornou capital da Colônia em 1763 e que recebeu a Corte portuguesa em 1808, era muito vulnerável às invasões estrangeiras. E tinha um clima tropical que favorecia as epidemias. Além que na República, a cidade foi palco de inúmeras revoltas e era considerada o espaço da desordem. Tudo isso favorecia o sonho de uma capital no interior. Mas havia também o desejo de fazer com que o país crescesse para dentro, uma intenção de povoar e desenvolver o interior do país como um projeto integralista, nacionalista. Brasília é a terceira capital do país, após Salvador e Rio de Janeiro. Servidores foram os primeiros moradores - já os principais órgãos administrativos foram transferidos para Brasília - junto com os trabalhadores que vieram construir a cidade, eles formam o grupo dos pioneiros. Forte referência da identidade brasiliense.

Em 3 de outubro de 1960, Jânio Quadros é eleito presidente do Brasil, com mais de 6 milhões de votos. Com o lema "*varre, varre, vassourinha, varre varre a bandalheira*", Jânio empolgou a população, prometendo acabar com a corrupção, equilibrar as finanças públicas e diminuir a inflação, mas, na área ele congelou salários, restringiu créditos e desvalorizou a moeda nacional, o Cruzeiro, em 100%. E nada disso acabou com a inflação alta. Seu governo foi muito contraditório, o que

gerou um descontentamento da população. Além das perdas dos apoios políticos, inclusive da União Democrática Nacional (UDN) e de seu maior representante, o jornalista Carlos Lacerda, que no dia 24 de agosto de 1961, foi à televisão denunciar um possível golpe que estaria sendo articulado pelo Presidente Jânio Quadros. No outro dia, dia 25, o Brasil se surpreendeu com o pedido de renúncia do presidente. Ele afirmava em carta ao Congresso Nacional que “forças terríveis” o haviam levado a tomar aquele gesto. Jânio acredita que um “espetáculo de renúncia”, mobilizaria a população em seu favor e ele voltaria ao poder muito mais fortalecido. Mas isto não aconteceu. O Congresso de pronto aceitou a saída de Jânio do cargo.

O ano de 1963 foi de suma importância para a televisão brasileira, criada em 1950. Primeiro, em 1º de maio de 1963, a TV Tupi faz a primeira transmissão em cores da televisão brasileira, mas com poucos programas: de segunda a sexta-feira somente desenhos e documentários e aos sábados o seriado Bonanza (western exibido na emissora de televisão americana NBC). Em 31 de outubro é promulgado decreto que regulamenta os serviços de radiodifusão, fixando os objetivos do rádio e da televisão. Neste ano a TV Excelsior começa a utilizar uma programação horizontal (exemplo novela todos os dias às 20h) e vertical (na programação do dia terá: novela, seguida de seriado, depois jornal etc.) e inaugura a primeira telenovela diária ‘2-5499 Ocupado’. A televisão se moderniza e ganha telespectadores mais fiéis, já que agora tem programação com hora certa e com melhor qualidade de imagem, ainda que as mudanças não estejam todas no mesmo canal.

Em 31 de março de 1964, um golpe militar no Brasil tira do poder o presidente João Goulart e inicia o período da ditadura militar no Brasil. Grande momento de luto dos direitos sociais, com recrudescimento da violência em manifestações políticas, inclusive com o fechamento do Congresso Nacional e a promulgação do AI-5 em dezembro de 1968, o ato que suspendeu as liberdades democráticas no Brasil e liberou as perseguições, prisões, censura, tortura e mortes.

Entretanto foi um período de forte mobilização cultural. Apesar da censura a música e o teatro se tornam polos de contestação e criatividade. Compositores e cantores como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil elevaram o cenário da música nacional a níveis de criatividade raramente experimentados. Boa parte dessa produção foi motivada pela combativa resistência à repressão militar, que então cerceava, através dos meios mais perversos, as liberdades artísticas. Em relação ao cinema, boa parte das produções

era realizada pelos artistas do Cinema Novo. O movimento, que sempre teve nas reflexões sobre a identidade nacional brasileira uma preocupação basilar, possuía agora no engajamento político e na luta pela democracia suas mais importantes inquietações.

A década de 60 foi a dos festivais de música, que serviam como uma válvula de escape para jovens da época. Eles compareciam e torciam muito pela música que mais gostavam, nascia aí um jeito de defender e consumir a música popular e nacional brasileira, MPB, que trazia nas letras o universo do Brasil, do momento de repressão e censura, mas de beleza e leveza.

O Festival Nacional de Música Popular Brasileira, promovido pela TV Excelsior de São Paulo¹⁵, teve sua primeira edição em 1965 e sua segunda edição em 1966, e apresentou como respectivas vencedoras as canções "Arrastão" (Edu Lobo e Vinicius de Moraes), interpretada por Elis Regina, e "Porta-estandarte" (Geraldo Vandré e Fernando Lona), interpretada por Aírto Moreira e Tuca.

Já o Festival da Música Popular Brasileira, promovido pela TV Record de São Paulo, teve quatro edições, em 1966, 1967, 1968 e 1969, com as seguintes vencedoras:

1966: "A banda" (Chico Buarque) empatada com "Disparada" (Téo de Barros e Geraldo Vandré), a primeira interpretada por Nara Leão e a segunda por Jair Rodrigues;

1967: "Ponteio" (Edu Lobo e Capinam), interpretada por Edu Lobo e Marília Medalha. Vale ainda ressaltar que, nessa edição, a segunda, terceira e quarta colocações foram respectivamente para as canções "Domingo no parque" (Gilberto Gil), interpretada por Gil e Os Mutantes, "Roda viva" (Chico Buarque), interpretada pelo autor e pelo MPB-4, e "Alegria, alegria" (Caetano Veloso), interpretada pelo compositor e pelo grupo argentino Beat Boys;

1968: "São São Paulo meu amor" (Tom Zé), interpretada por Tom Zé, Canto 4 e Os Brasões, na votação do júri especial, e "Benvinda" (Chico Buarque), interpretada por Chico Buarque e MPB 4, na votação do júri popular;

1969: "Sinal fechado" (Paulinho da Viola), interpretada pelo autor.

¹⁵ Informações retiradas do endereço eletrônico <<http://www.dicionariompb.com.br/festivais-de-musica-popular/dados-artisticos>>

Contudo, talvez, a maior contribuição do Festival da Record tenha sido a influência no nascimento do Tropicalismo, também conhecido como Tropicália, que aconteceu no Brasil em 1967 e 1968.

Músicos como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Os Mutantes, Torquato Neto, Tom Zé, Jorge Bem, Gal Costa, Maria Bethânia que são marcos da musicalidade nacional, nesta época eram engajados no duplo propósito de se posicionar criticamente à Ditadura e de pensar a formação de uma identidade nacional. Eles se sobressaíram na defesa da necessidade dos intercâmbios da nossa cultura com as demais culturas do mundo. Deste modo, se por um lado eles se posicionavam criticamente ao “imperialismo econômico norte-americano”, por outro se utilizavam da “estrangeira” guitarra elétrica e de outras influências do *rock’n’roll*. Muitos músicos, tradicionais e nacionalistas, acreditavam que esta era uma forte influência da cultura pop-rock americana e que prejudicava a música brasileira, denotando uma influência estrangeira não positiva.

De todo modo a Tropicália atingiu outras esferas culturais (artes plásticas cinema, poesia). E teve uma grande influência da cultura pop brasileira e internacional e de correntes de vanguarda como, por exemplo, o concretismo.

Um passo a mais e fundamental no resgate da história e como forma de guardar na memória nacional a importância dos índios no nosso processo de formação identitária é a criação em dezembro de 1967 da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), que institui no art. 1º

¹⁶Art. 1º Fica o Governo Federal autorizado a instituir uma fundação, com patrimônio próprio e personalidade jurídica de direito privado, nos termos da lei civil, denominada "Fundação Nacional do Índio", com as seguintes finalidades:

I - estabelecer as diretrizes e garantir o cumprimento da política indigenista, baseada nos princípios a seguir enumerados:

- a) respeito à pessoa do índio e as instituições e comunidades tribais;
- b) garantia à posse permanente das terras que habitam e ao usufruto exclusivo dos recursos naturais e de tôdas as utilidades nela existentes;
- c) preservação do equilíbrio biológico e cultural do índio, no seu contacto com a sociedade nacional;
- d) resguardo à aculturação espontânea do índio, de forma a que sua evolução sócio-econômica se processe a salvo de mudanças bruscas (LEI nº 5.371)

¹⁶ Preservei o texto do documento disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5371.htm>

Um reconhecimento da necessidade de formulação de políticas públicas direcionadas à população indígena, formadora e integradora da população brasileira.

Todos esses acontecimentos marcaram os primeiros acordes dos berros pela tardia cidadania brasileira. Porque eles costuraram, de certa forma, na torcida por uma música, na incerteza se a nova capital seria boa ou ruim para o país, o descontentamento e a felicidade dos que vieram transferidos para cá, o medo da repressão, na indignação da censura, na desilusão com o governo Jango, na revolta pelo que veio depois, na vibração com o governo de JK e na dúvida sobre sua morte, em suma, fomos tendo e fazendo Música e História, e assim nos consagrando como nação, não tão fácil, não tão rápido.

Já existíamos antes da chegada dos portugueses, em 1500, e vivemos três séculos e 88 anos como colônia de Portugal. Com povo, riqueza, costumes e tradições subjugados. Mas a partir do sec. XIX os brasileiros caminharam em direção à valorização do país, das pessoas e de tudo que aqui é produzido. No séc. XX lutaram pela construção da cidadania. Agora buscam nas ruas a consolidação dela, por mais direitos e melhores condições de vida, de locomoção, de trabalho e moradia. E não refutam em sair às ruas quando é necessário juntar a voz de um com a voz de muitos. Isso no Brasil e em diversos países do mundo.

2.2 Teorias

As teorias são como uma lente pela qual se interpreta o mundo. Elas costumam nos trazer um mesmo grupo de autores, ideias e escolas de pensamentos, que fundam e consolidam as áreas de conhecimento. Porque partilham um “conjunto de conceitos criados a partir da observação e estudo sistemático de um tema e que, aplicado, pode explicar alguns aspectos da realidade”. (Martino, 2014, p. 15) Mas, no campo da Teoria da Comunicação Social, já que a Comunicação é uma área recente do saber, Luís Martino alerta que parece não haver consenso: “pesquisas recentes sugerem que é uma área de fronteiras indefinidas, na intersecção de vários conceitos, métodos e práticas vindos de outras áreas do conhecimento da Psicanálise aos estudos de Política, sem uma maior articulação entre eles.” (Martino, 2014, p. 13)

Contudo, esse impasse, da pluralidade da comunicação que se abastece em outras disciplinas, não beneficia o campo de estudo da Comunicação, enquanto uma

área do saber. Porque a variedade de teorias pressupõe uma interdisciplinaridade costurando o saber comunicacional, o que tornaria a Comunicação indefinível e indecifrável.

Entretanto, o citado autor destaca que o ponto comum entre as diversas áreas pode ser a preocupação de vários autores em pensar a realidade a partir das relações de comunicação, mantendo o diálogo com outras disciplinas, mas estabelecendo limites visíveis e fronteiras, com suas “vertentes práticas – Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV, Cinema, Editoração e outras habilitações” (Martino, 2014, p. 17)

Ainda de acordo com o autor (2007) o estabelecimento de cursos universitários, a proliferação de instituições, a formação de sindicatos profissionais e associações científicas, o aparecimento de revistas especializadas, a constituição de uma produção intelectual dedicada a matéria certamente ajudaram a criar e povoar um determinado nicho do conhecimento humano. E isso aconteceu aos poucos. Antes do final da década de 60, não haviam livros disponíveis sobre teorias da comunicação. Martino (2007) observa que com as publicações, nesse período, é que as teorias são agrupadas e formam um campo de estudo e é pela sistematização das teorias que há consolidação e visibilidade da gama teórica da comunicação. Seguindo a linha do tempo, os cursos de pós-graduação no Brasil só apareceram na década de 70. Dando maior solidez ao campo, visto que estes cursos visam aprofundar os estudos, buscando referenciais teóricos e produzindo questionamentos sobre a área de concentração do conhecimento.

Essas questões acabam ficando num plano menor, pois muitos autores evitam a discussão epistemológica, se valendo dessa lacuna conceitual para direcionar e flexionar as questões para suas áreas de pesquisa ou de saber disciplinar.

Intrinsecamente ligada à questão da delimitação do que seja teoria da comunicação está o recorte do que seja objeto da comunicação.

O campo abrange uma pluralidade tão vasta de objetos, que naturalizam o objeto de estudo, ou seja, projetamos no mundo uma série de fenômenos muito diferentes, os quais reunimos sob uma etiqueta bastante frouxa como a da comunicação. (MARTINO, 2007, p. 27)

Isso reflete a confusão do Campo. Não deveria ser assim, pois para que uma teoria seja do campo comunicacional ela tem que ser centrada, centralizada em

algum fenômeno comunicacional, e isso não abarca a variedade dos tipos relacionais, Martino (2007) frisa que “o comunicólogo deve explicar a realidade humana a partir dos fenômenos comunicacionais”. Quer dizer, a comunicação é fator central para a compreensão dos fenômenos.

O verdadeiro problema que se coloca é a da crença sobre a existência de um *corpus* teórico de um saber propriamente comunicacional. E o risco que incorre é o questionamento da autonomia da área e de sua capacidade de gerar conhecimento. Eis o problema e a situação da Comunicação: aceita institucionalmente, com um campo bem desenvolvido, mas sem teorias que a respaldem. Para Luís Martino (2007) essa situação é incômoda, pois “uma disciplina primeiro se constitui enquanto conhecimento, libera seu objeto, mostra a pertinência de seu estudo teórico, constitui um *corpus* de conhecimentos, enfim, lança suas bases teórico-epistemológicas, para somente depois conhecer um desenvolvimento institucional”. A Comunicação fez ao contrário. Mais do que crença, teoria requer fundamentação, para que o campo comunicacional, finalmente, se consolide e angarie legitimidade entre os pares científicos.

2.2.1 Jornalismo e Acontecimento social

O jornalismo é uma prática de interação comunicacional, que versa sobre diferentes formatos, veículos e produtos, e que lida frequentemente com aspectos da realidade, e a abastece e se alimenta dela. As rotinas produtivas, práticas jornalísticas, convertem o fato para traduzi-lo, explicá-lo, contextualizá-lo e com isso transformam os objetos, os fatos em coisas com significado. E, portanto, mexem com a realidade do fato em si. Para Vera França (2012) a notícia acaba, mas o acontecimento reverbera no tempo, produzindo significados que transformam a vida social de uma comunidade ou país. E quem dá asas ao acontecimento é o jornalismo, fazendo dos seus profissionais historiadores do presente, conforme entendimento do professor Gonzaga Motta (2005).

Ao reportar os dramas e tragédias humanas, os jornalistas estão continuamente testando os limites de nossa cultura, de suas normas, valores, regras e jurisprudência. As notícias transformam as tragédias humanas em relatos dramáticos para serem confrontados com o mundo ordinário da vida. Nas notícias, nossa cultura torna-se problemática em si mesma. Em princípio, as notícias desorientam a audiência com o relato dos fatos dramáticos (a desordem), mas o

jornalismo é ambivalente. Simultaneamente apresenta a ordem, deixa no ar alternativas hipotéticas. Nem sempre de uma forma didática, mas frequentemente de uma forma pedagógica. A atividade mimética do jornalismo, assim como da arte, ensina. (MOTTA, 2005, p. 16)

O jornalismo na sua característica ambivalente de buscar na desordem uma lógica para apresentá-la ao público de forma ordenada, ele, o jornalismo, está interpretando o acontecimento social, a partir de um contexto de significações já estabelecidas culturalmente. Até porque os dois, jornalismo e acontecimento social, se fundam e estabelecem em bases culturais.

2.2.1.1 Notícia e critérios

Fala-se muito do fato como a ‘origem de tudo que é notícia’, que um fato é a matéria-prima do acontecimento, que é o que aconteceu no real, conforme escreveu Sodré (2009): são “os dados reais da experiência (...), as coisas que realmente existem” (SODRÉ, 2009, p. 30).

Contudo, um único fato pode alimentar vários acontecimentos. Porque o fato em si é somente a matriz das notícias, da informação. Vera França (2002) diz que o que demarca um fato jornalístico é a existência de um “fato principal (que se mantém constante)” (FRANÇA, 2002, p. 495). Esse é o fato que ocorre no campo do real.

Para contar este fato o jornalista dá voz a testemunhos que vão acrescentando pequenos fatos, depoimentos, desenvolvimentos. Assim, o fato vai se transformando numa outra coisa, numa colagem simbólica de diversos ângulos. O fato montado é alçado ao status de fato jornalístico, porque ele é baseado em relatos e apreensões do fato principal.

E ‘esses acréscimos’ renovam o fato. De acordo com França (2002) o fato jornalístico

é construído pelo processo de repetição e de renovação (onde a repetição se sobressai claramente). Às vezes, um acontecimento jornalístico ganha densidade com o passar do tempo, por meio de sua crescente repercussão (quando – em sua atualidade – ele junta passado, presente e futuro) (FRANÇA, 2002, p. 495).

Trata-se da possibilidade de historicidade, de fazer inferências e referências ao que já foi e prospectá-las no futuro que virá. O fato jornalístico pode, mas o real não. Esse não sai da realidade. E o fato jornalístico se transforma em notícia.

A notícia pode ser entendida como a narração dos acontecimentos, uma descrição, um relato “de algo que foi ou que será inscrito na trama das relações cotidianas de um real-histórico determinado.” (SODRÉ, 2009, p. 24) Mas seu entorno é maior do que isso, a notícia é um dado significativo da existência, fragmentário, mas auto-explicativo.

Algo como um grito para vender o jornal, a notícia é uma estratégia de comunicação. Ou seja, uma notícia representa um fato “por meio do acontecimento jornalístico” (SODRÉ, 2009, p. 27).

Mas isso não significa que as notícias saltem naturalmente do mundo real; elas ocorrem na interação dos acontecimentos e dos textos. Com signos em todo esse processo.

Contudo, a notícia não está voltada somente para o passado, ela também pode projetar e prospectar o desenrolar de uma história. Seu relato usa e abusa do universo simbólico, articulando o enredo da narrativa e construindo assim a meta-notícia a partir de uma livre interpretação do narrador. O que passa a existir é o enunciado do fato tal como narrado, não o fato real (MOTTA, 2002, p. 315). Nas palavras do autor, “enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento”. E ambos criam sentidos próprios.

As notícias podem ser entendidas conforme seu conteúdo. As *hard news* são ainda mais duras, porque são mais próximas do *ethos* do jornalismo. Com linguagem descritiva, direta, objetiva, escrita em terceira pessoa, informativa, ligada ao referente empírico, usa artigos definidos e demonstrativos, advérbios de tempo e local. Redigidas em pirâmide invertida (do mais para o menos importante), emprega o *lead*: o quê, onde, quem, quando, como, por quê. Tudo para que o leitor tome a notícia como verdade. Geralmente são notícias de economia e política internacional.

Já as notícias conhecidas como *soft news* são mais próximas da narrativa. Procuram contar histórias, têm maior dramaticidade, são notícias de interesse humano (*fait divers*), de cultura, esporte, entretenimento. A narrativa da notícia é aberta, está sempre sendo neonarrada e seu sentido não está no texto, está na recepção, é no leitor que o sentido da narrativa se completa, de acordo com Paul Ricoeur (1995).

Alguns autores usam o termo meta-acontecimento, porque a notícia existe apenas no discurso jornalístico. Os acontecimentos tornam-se apenas registros-pretextos, formas e referenciais que definem os meta-acontecimentos. Eles

acontecem de novo pelo fato de serem enunciados. Realizam aquilo que anunciam pelo fato de o enunciarem.

Muniz Sodré (2009) alarga o entendimento acerca da notícia ao citar o jornalista e sociólogo norte-americano Robert Ezra Park, que “divisava dois tipos de conhecimento da notícia”: *acquaintance with* (“familiaridade com”) e *knowledge about* (“saber sobre”).

Notícias curtas e esparsas, geralmente, são de “familiaridade com”. Elas vêm de um conhecimento não-sistemático, fragmentário e comunitariamente partilhado em maior extensão.

Já o “saber sobre” é “mais sistemático ou analítico”. São notícias que contextualizam, que trazem uma realidade histórica constante por trás de toda essa fragmentação informativa. Elas funcionam como um “pano de fundo conjuntural” (SODRÉ, 2009, p. 51). São informações densas, entendidas “como uma adequação do conteúdo informativo às expectativas de alguma formação cultural” (SODRÉ, 2009, p. 50). O “saber sobre” incorpora os diversos episódios sobre um determinado acontecimento e cria uma contextualização que vai construindo significados sobre o fato cultural.

Esse detalhamento é muito importante para avaliarmos se, ao assistir um telejornal, ele nos dará mais informação contextualizada, de compromisso com a qualidade e abrangência das matérias e uma formação cultural ou nos apresentará uma colcha de retalhos de notícias factuais. Porque esses são pressupostos da comunicação pública, que, em termos, não deve ter compromisso com o tempo destinado a cada notícia.

A notícia, mesmo transpassada por “fatores espaciais, temporais, institucionais e políticos”, sendo contextualizada ou fragmentada, traz sempre o germe de “uma narrativa (aquilo que, noutra contexto semiótico, poderia ser um conto, um romance ou um filme)” (SODRÉ 2009, p. 26). Mouillaud (2002) associa a notícia com uma prática cultural antiquíssima, a narrativa e o contar estórias, que é universal.

Contar histórias é a real prática jornalística, uma narrativa que se desenvolve tal como nosso pensamento, segundo Motta (2002). Então, pode-se dizer que o jornalista para contar bem uma história tem que saber como as pessoas pensam, como elas reagem às notícias. E isso é fundamental até para saber o que vira notícia. Um fato vira notícia. Mas não qualquer fato. Ele tem que ser raro,

inesperado, se for atual melhor, e deve passar pelas peneiras dos critérios de noticiabilidade, balanceadas pela intenção do gatekeeper¹⁷.

O conceito de notícia está sujeito a novos entendimentos. A Unesco¹⁸ recomenda aos “países em desenvolvimento que considerem necessário ampliar o conceito de notícia, objetivando englobar não só os ‘acontecimentos’, mas também os processos inteiros” (Sodré, 2009, p. 54). Nas palavras do documento citado por Muniz Sodré (2009):

Uma concepção não estritamente comercial do produto informativo, capaz de eliminar desigualdades nos fluxos internacionais da informação, de suprimir os efeitos negativos dos monopólios e concentrações excessivas, entre outros efeitos, daria margem à produção de uma ‘imagem mais completa e mais equitativa do mundo’ política e culturalmente benéfica aos países em desenvolvimento (SODRÉ, 2009, p. 54)

Motivações à parte as notícias seguem determinados critérios para que cheguem aos ouvintes, leitores, telespectadores, no Brasil ou no mundo.

2.2.1.2 Critérios de noticiabilidade - newsmaking¹⁹

Aconteceu virou Manchete²⁰. Ou não. Para que um evento figure entre os interesses do dia há uma gama de valores criteriosos, muitos de ordem subjetiva, que são observados. Do que ocorreu na rua ao publicado por veículos de comunicação existem variantes que são chamadas de critérios de noticiabilidade ou *news values*, valores-notícia.

À pergunta “o que é notícia?” podemos responder que a resposta dos membros da tribo jornalística não é científica, aparece como instintiva, e permanece quase como uma lógica não explicitada. [...] Não há regras que indiquem que critérios têm prioridade sobre os

¹⁷ O conceito de *gatekeeper* (selecionador, porteiro) foi elaborado por Kurt Lewin em 1947. Ele definiu que as zonas-filtro são controladas ou por sistemas objetivos de regras ou por *gatekeepers*: nesse caso um indivíduo ou um grupo ‘tem o poder de decidir se deixa passar ou interrompe a informação.’ (WOLF, 2009, p. 184)

¹⁸ Uma nova Ordem Informativa Mundial. Relatório MacBride – Unesco. Rio de Janeiro: FGV, 1983, p. 261

¹⁹ O *newsmaking* se refere à produção da informação. Segundo Wolf, é o “estudo sobre os emissores e sobre os processos de produção nas comunicações de massa” (Wolf, 2008: 181). Seu foco é toda a cadeia industrial informativa. Desde os dados, enquanto matéria-prima, até a notícia, enquanto matéria-trabalhada. A cadeia absorve, matura e vende a informação, ou seja, apresenta a reportagem num espaço próprio enunciativo, a partir de um estúdio que identifica a emissora.

²⁰ Durante muitos anos este foi o *slogan* de propaganda da extinta revista Manchete publicada semanalmente de 1952 a 2000 pela Bloch Editores.

outros; mas os critérios de noticiabilidade existem, e são duradouros ao longo dos séculos. (TRAQUINA, 2005, p. 96).

Esses critérios, que guiam os processos rotineiros de produção da notícia, são necessários para o trabalho do jornalista. Sem eles ficaria uma rotina abstrata, sem uma estrutura de ação. Motta (2002) explica: “são regras práticas que guiam os procedimentos profissionais nas redações, fácil e rapidamente aplicáveis, orientados para a eficiência produtiva” (MOTTA, 2002, p. 308).

A noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 2008, p. 196)

A partir de determinado juízo pré-estabelecido, o fato bruto será ou não ignorado, será ou não destacado como notícia. Esses critérios são incorporados ao ‘fazer jornalístico’ e são muitos.

De acordo com definições tradicionais do jornalismo, o acontecimento aparece referido às formas de classificação da notícia quanto ao tempo e modo de ocorrência: “(a) previstas — aquelas que nos permitem um conhecimento antecipado, anunciado com antecedência; (b) imprevistas — as de caráter inesperado, como crimes, incidentes, incêndios, as Jornadas de Junho etc; (c) mistas — as que reúnem, numa só informação, o previsto e o imprevisto”, WOLF (2008); SODRÉ (2009); como, por exemplo, as enchentes que ocorrem todos os anos na cidade do Rio de Janeiro.

Os valores-notícia costumam ter cinco pressupostos implícitos (Wolf, 2008, p. 208). As características substantivas englobam a importância ou interesse da notícia (grau e nível hierárquico dos envolvidos, impacto sobre a nação) e os interesses nacionais, quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento, relevância e significação dos acontecimentos em relação ao futuro. As características relativas ao produto consideram a disponibilidade do material, se este estará acessível ao jornalista, se o assunto é tratável e se já está estruturado para a cobertura. As relativas ao meio levam em conta se as notícias são possíveis de serem veiculadas naquele veículo, por exemplo, um vídeo demanda mais tempo do noticiário, além de ser melhor aproveitado por um veículo que transmita imagem; o formato do produto também é avaliado pela necessidade de espaço e tempo. Existe ainda a relação

com o público alvo, a visão que os jornalistas têm acerca do público e dos limites dessa referência. Afinal o que importa é a notícia ser apreendida por esse público. E as características relativas à concorrência, afinal as empresas estão inseridas num mercado da informação. (WOLF, 2008, p. 208-228)

São pressupostos dos valores-notícias na medida em que há algum consenso sobre eles. Portanto, eles definem critérios de localização e descrição de fatos, em hierarquia de relevância, em função das exigências funcionais da cidade e da sociedade. E essas exigências dizem respeito tanto ao real-histórico quanto ao imaginário social, o mesmo que dinamiza as narrativas, conforme sistematiza Muniz Sodré (SODRÉ, 2009, p. 76).

Os cinco pressupostos se aplicam nos doze critérios de noticiabilidade:²¹

1. Atualidade (marca de novidade) – atualidade, frescor, originalidade, descoberta;
2. Imprevisibilidade (marca de singularidade) – algo inesperado, algo que surpreende, inesperado, que foge da expectativa das pessoas;
3. Proximidade geográfica (marca de proximidade com o leitor) – Valor-notícia para orientar uma comunidade, a vida em sociedade, que desperta interesse pela proximidade do fato. O fato impacta mais as pessoas do seu ciclo social do que outra pessoa que esteja mais longe;
4. Peso social (marca de atenção coletiva) – Coletivo, rituais, aceitação de todos, convencionado, serviços;
5. Hierarquia social (marca de importância dos personagens) – Convencionado, hereditariedade de pessoas influentes no coletivo, hierarquia (chefia), política;
6. Quantitativo de pessoas e lugares envolvidos (marca de grandiosidade, magnitude do fato) – O que envolve muitas pessoas ou muitos locais envolve uma ou várias sociedades, coletividade;
7. Interesse público (marca de relevância) – Mexe com interesses, valores, coletividade;
8. Perspectivas de evolução do acontecimento, significância (marca de historicidade - futuro) – marca tendências, tempo, mudança;

²¹ Valores notícias retirados do livro 'A narração de um fato' (SODRÉ, 2009, p. 76) e do livro 'O jornal' (MOUILLAUD, 2002, p. 309) e mesclados aqui.

9. Disponibilidade (marca de possibilidade) – Fato que apresenta condições de ser acompanhado, o jornalista ele terá mais elementos para representá-lo;
10. Visualização (marca em forma de imagens) – Contato visual. Signos em forma de imagem;
11. Equilíbrio (marca de homogeneização dos assuntos apresentados no noticiário) – Atua no campo da percepção. E podem ser notórios nas paginações²² dos telejornais;
12. Reciprocidade (marca o acompanhamento do fato nos próximos dias) – Continuidade.

Já Traquina (1999) apresenta outros valores-notícia, alguns com as mesmas intenções dos citados acima, como sendo uma lente especial de acordo com a qual, os jornalistas veem o mundo. Traquina cita doze valores-notícias ‘criados’ por Galtung e Ruge (1965/1993)

1) a frequência, ou seja, duração do acontecimento; 2) a amplitude do evento; 3) a clareza ou falta de ambiguidade; 4) a significância; 5) a consonância, isto é, a facilidade de inserir o “novo” numa “velha” ideia que corresponda ao que se espera que aconteça; 6) o inesperado; 7) a continuidade, isto é, a continuação como notícia do que já ganhou noticiabilidade; 8) a composição, isto é, a necessidade de manter um equilíbrio nas notícias com uma diversidade de assuntos abordados; 9) a referência a nações de elite; 10) a referência a pessoas de elite, isto é, o valor-notícia da proeminência do ator do acontecimento; 11) a personalização, isto é, a referência às pessoas envolvidas; e 12) a negatividade, ou seja, segundo a máxima “*bad news is good news*”. (TRAQUINA, 1999, p.70)

Outras marcas influenciam subjetivamente essa ‘escolha’ jornalística: a marcação e a pontuação do ritmo.

No livro ‘A narração do fato’ (2009) Muniz Sodré explica os termos cunhados pelo linguista Roman Jakobson, a “distinção mais primitiva e mais importante na linguagem ocorre entre o não-marcado e o marcado” (SODRÉ, 2009, p.75). Por exemplo, quando “homem” pode significar ou “Homo Sapiens” ou “Homo Sapiens macho” e mulher só se refere a “Homo Sapiens fêmea”, portanto, ‘mulher’ é o termo marcado. O termo marcado faz uma oposição com o geral, ele, de alguma forma, está contido no não-marcado, de alguma forma ‘a mulher’ é o outro, não o ‘nós’. Não

²² Ordenação das matérias em cada bloco de um telejornal de acordo com determinada lógica.

é o termo que define o todo, o geral, por isso ele é o marcado, o singular. Digamos que o termo marcado é a singularidade extraída da generalidade, ou seja, do não-marcado. E é o preferido dos jornalistas.

Afinal, o trabalho jornalístico é justamente retirar o diferente do normal, do corriqueiro. Para Sodré (2009) o acontecimento jornalístico é “um fato marcado, portanto, mais determinado para o sistema da informação pública do que outros existentes, tidos como não-marcados” (SODRÉ, 2009, p. 75), por isso quanto mais singularidade os fatos apresentarem, mais marcados e aptos a alcançarem a alcunha de notícia ou acontecimento eles serão.

Existe outro argumento que justifica esse ‘atração’ do campo jornalístico com os fatos marcados. É a possibilidade da instauração de uma narrativa. Geralmente o singular “pode propiciar uma boa história” (SODRÉ, 2009, p. 77). E o jornalista, como contador de histórias, mesmo na narrativa jornalística, mescla elementos de ficção, de antecipação, ou seja, como diz Sodré (2009) elementos do imaginário com os das realidades sociais.

E esses elementos dão sinais, índices, pistas de sua relevância, lidas a partir dos critérios, já previamente estabelecidos pelas rotinas da produção, da notícia. Já os fatos não-marcados não são necessariamente sem importância, eles apenas não são relevantes para a “cultura jornalística”.

Outro marco que influencia na decisão de tornar-se um fato noticiável ou não é a pontuação rítmica do acontecimento, também preponderante na seleção dele para integrar a agenda-setting. A pontuação rítmica é uma apreensão da cotidianidade, por via da “construção progressiva da história do mundo” (SODRÉ, 2009, p.81). Portanto, a pontuação rítmica envolve noções de variação de tempo, ritmo e acontecimento.

2.2.1.3 Tempo e Ritmo

O conceito de tempo mudou ao longo dos séculos. Para Aristóteles, o tempo era “o número do movimento segundo o antes e o depois”. Portanto, uma simples passagem entre o passado e o futuro. Já para Santo Agostinho, tempo não é movimento, como defendia Aristóteles, o movimento está no tempo, acontece nele. Para Santo Agostinho: “só há tempo quando algo nele acontece”. Muniz Sodré (2009) chama tempo de duração; a “ocasião” é “a coincidência entre tempo e ação”.

O pensamento se desenvolveu até chegar a três instâncias temporais: “a memória (do passado), a espera (do futuro) e a atenção (fixação necessária ao presente).” (SODRÉ, 2009, p.83). Ele correlaciona a noção de tempo ao movimento e a passagem, onde o tempo é um movimento dos acontecimentos e é a passagem de um ‘antes’ para um ‘depois’.

A questão do tempo é importante para o conceito de pontuação rítmica, porque o ritmo é uma marcação de tempo, que regula os acontecimentos às rotinas cotidianas. Uma sequência de tempos, ou periodização, orienta a distribuição de jornais, transações comerciais, gestacionais e até musicais.

A palavra *rhythmos* é de origem grega, “que significa fluir, escorrer” (SODRÉ, 2009, p. 86). O ritmo é proveniente da relação do tempo metrificado com o tempo dos ciclos. É determinante nos modos de produção e organização vigentes. Ele se encontra presente em qualquer narrativa ou acontecimento, e envolve relações de tempo e dinheiro, tempo e ciclos fenomenológicos; tempo e ciclos produtivos; tempo e ciclos sociais. Juntando todas as pontas, para Sodré (2009) pode-se inferir que o ritmo também se faz presente, inclusive no interior da narrativa, marcando o tempo em intervalos regulares, ou fora dela, espacejando os ritos.

O pesquisador conclui que o acontecimento jornalístico   uma “marca o semiótica do fato por meio de uma pontua o rítmica” (SODRÉ, 2009, p.89). Ou seja, o fato   estendido, encurtado, escalado ou debelado por causa de uma estrutura rítmica pertencente a um código de produ o da informa o e não por outra razão qualquer. Contudo, cada acontecimento tem seu tempo de exposi o, que varia de acordo com o valor jornalístico atribu o a ele pelos valores de noticiabilidades.

Na prática, os valores que sustentam a noticiabilidade de um fato, ou seja, a condi o de possibilidade para que este venha a transformar-se em notícia – podem variar segundo o lugar do fato, do nível de reconhecimento social das pessoas envolvidas, das circunstâncias da ocorrência, da sua importância pública e da categoria editorial do meio de comunica o. (WOLF, 2008, p. 21)

2.2.1.4 Acontecimento: mega-acontecimento e acontecimento social

O valor jornalístico, observado nos critérios já citados, sofre pressão ainda do interesse público, popular, privado, transitório e volátil, de acordo com José Cleves (CLEVES, 2009, p. 172)

O interesse público influencia a qualidade de vida do cidadão. São temas de cunho econômico, político que exercem influência nas necessidades básicas. O popular vem de assuntos bizarros, curiosos ou relativos à crença. Já os privados são motivados pelas questões imateriais a cerca de um determinado fato privado, que não interessa a coletividade (vida íntima de celebridades, etc.). O transitório, como o nome diz, são acontecimentos que interessam naquela época, naquele momento especificamente, são eventos sazonais, relativos, por exemplo, as estações do ano. E o volátil desperta emoção, mexe com os sentimentos como as competições, jogos esportivos etc.

Essa sistematização sobre os aspectos que influenciam a tomada de decisão na rotina produtiva com relação ao que ‘interessa’ ou não ao público é quase que naturalizada nas redações. Quanto mais critérios como estes são observados mais o fato tem chance de ser noticiado. No meio jornalístico impera uma *agenda setting*, ou seja, aqueles assuntos que irão ocupar espaço em todos os veículos de notícia naquele dia. Em todos. Muito pela importância do acontecimento, mas muito também pela seleção feita pelos jornalistas:

Na agenda a mídia apresenta ao público uma lista de fatos a respeito dos quais se pode ter uma opinião e discutir [...]. A asserção fundamental da agenda-setting é que a compreensão das pessoas em relação a grande parte da realidade social é modificada pelos meios de comunicação em massa. (SHAW, 1979, apud WOLF, 2008, p.143)

Wolf (2008) conclui que a notícia é produzida de forma rotineira, burocrática e organizada. E dessa forma os acontecimentos serão dispostos nos espelhos dos telejornais criando segundos acontecimentos, reordenando os fatos do dia, configurando o que ficará daquele dia para a história e o que ficará daquele dia somente nas estórias dos que as viveram.

Os critérios de noticiabilidade servem para os dias comuns. Porque existem acontecimentos que são macro em tudo. São acontecimentos que ultrapassam as nuances dos valores-notícias, eles vão além, são únicos, notórios, próximos (culturalmente, mesmo que geograficamente distantes), visuais, garantem a continuidade da informação (o assunto não se esgota no dia), disponíveis, em suma, abrangem um largo espectro noticiável. São isolados em termos de importância, relevância, interesse, todos os *news values* os credenciam, disparadamente. Os

macro-acontecimentos se tornam a pauta do dia. Seja porque envolvem multidões, patrocínios, aparatos governamentais e mídia. Alguns podem ser programados, planejados exaustivamente, seja pela regularidade com que acontecem ou porque fazem parte dos planos de governo, como por exemplo, as Copas do Mundo, Olimpíadas, Jornadas da Juventude.

Inserem-se na pauta com tamanha força e presença que dominam o tempo dos noticiários, motivam entradas ao vivo de repórteres e programação extra na grade das emissoras.

Contudo, existem acontecimentos que abalam as estruturas das pautas da mídia e em alguns casos surpreendem a comunidade jornalística e rompem com a *agenda setting*. Simplesmente eles acontecem bombasticamente e, assim, são cobertos. São fatos imprevistos, mas que interferem no curso natural, do país ou do mundo. Como mortes de papas; catástrofes, como o Tsunami em 26 de dezembro de 2004 no Sudeste Asiático que matou mais de 220 mil pessoas; os atentados às torres do World Trade Center em Nova York em 11 de setembro de 2001; as enchentes etc. São acontecimentos que têm muitos valores-notícias embutidos e somados. Alguns exemplos brasileiros: o assassinato de crianças numa escola em Realengo, no Rio de Janeiro; as enchentes que destruíram cidades na região serrana do Rio; a morte do piloto Ayrton Senna; a queda do avião que iria para Paris, na qual morreram todos os passageiros e tripulação; entre outros.

Sodré (2009), por exemplo, se refere à morte do presidente norte-americano John Kennedy como macro-acontecimento. Fatos como esses mudam totalmente a rotina do dia. Como por exemplo, as recentes manifestações que se espalharam no mundo. Em alguns países tiveram mais em outros lugares menos divulgação, por meio da mídia tradicional, de acordo com natureza democrática do país.

Já o assassinato de um cidadão comum por terroristas ou um terremoto de pequenas proporções são “microacontecimentos”. (SODRÉ, 2009, p. 34) É com a unidade do acontecimento que o jornalismo trabalha. Segundo Mouillaud (2002), os micro-fatos também têm valor de notícia ao contrário dos grandes eventos que concentram a atenção dos historiadores. Porque conforme disse Motta (2005), o jornalista é um historiador do presente.

O acontecimento social e o acontecimento jornalístico, apesar de ocorrerem simultaneamente, não são fenômenos equivalentes, produzem significados diferentes, embora exista entre eles uma relação íntima. De acordo com Adriano

Rodrigues, o acontecimento social é “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais” (RODRIGUES, 1999, p.27). Já o acontecimento jornalístico tenta interpretar o acontecimento social a partir de um quadro contextual de significações já estabelecidas culturalmente. Para Quéré (2012) a comunicação cataloga e contextualiza o acontecimento, porque ela anuncia, nomeia, classifica e readapta para satisfazer as “exigências de conversação, assim os acontecimentos são transformados em objetos, em coisas com significados”. (QUÉRÉ, 2012, p. 30)

Deste modo, “os acontecimentos jornalísticos podem ser considerados como a parte emergente de um processo de informação que começou bem antes no espaço e no tempo” (MOUILLAUD, 2002, p.65). É importante constatar que a notícia acaba, mas o acontecimento reverbera no tempo, produzindo significados que transformam a vida social de uma comunidade ou de um país, no dizer de Vera França (2012).

Ele cria um passado porque surge a questão de saber o que o provocou e condicionou e cria um futuro porque há interesse por suas potencialidades e suas consequências, ou seja, por seu significado, e porque se pretende, em maior ou menor grau, controlar sua reaparição (QUÉRÉ, 2012, p. 27)

Mesmo que vistos e compreendidos só no presente atual, os acontecimentos sociais, de qualquer forma, se prologam no tempo, não na duração do ocorrido, mas na duração da lembrança e das consequências sociais. “Desde que alguém seja novamente afetado por ele – em pensamentos, palavras ou obras -, o acontecimento pode voltar a 'ocorrer', associado a um passado ou a um futuro”. (QUÉRÉ, 2012, p. 27)

E por isso significam mudanças existenciais apreendidas pela e na sua ocorrência e experimentadas simultaneamente sob o prisma de suas qualidades imediatas e de seu condicionamento.

Os acontecimentos-objetos são substitutos ideacionais e discursivos de acontecimentos existenciais; eles não podem restituir a qualidade e o impacto existenciais desses últimos, tais como essas duas características poderiam ter ‘sido experimentadas’ QUÉRÉ, 2012, p. 38)

Os acontecimentos-objetos não representam os existenciais, de acordo com Quéré (2012), mas servem de modelo para análises e novas conjecturas.

2.2.2 *Jornalismo como narrativa*

É a partir da narrativa que compreendemos a maioria das coisas do mundo, de acordo com MOTTA (2005). Mas a narração “não constitui, porém, uma simples repetição de um acontecimento; ao contrário, a sua construção cria uma nova realidade” (MOUILLAUD, 2002, p. 489), uma releitura da realidade ou ainda uma reinvenção criativa do real. (LADEIRA MOTA, 2012, p.11).

Não há estudo da narrativa sem a definição dos personagens de uma história. O livro *Morfologia dos Contos Maravilhosos* (2010) de Vladimir Propp, autor russo, definiu a função do personagem como significativa para o desenvolvimento do conto na sua totalidade. Propp, que foi o precursor dos estudos narrativos, prendia-se à irreduzibilidade da ordem cronológica: o tempo, a seus olhos, é o real e é necessário enraizar o conto no tempo.

Compreender o personagem como um herói nos leva às narrativas míticas de Joseph Campbell que, no livro *O Herói de Mil Faces* (2007), que desde 1949, quando da publicação do referido livro, nos mostra que cabe ao personagem principal de um relato sintetizar os vários momentos de uma transformação pela qual deve passar para realizar uma missão. Cabe ao herói partir, aceitar o destino, buscar seu caminho, enfrentar numa segunda etapa as lutas e obstáculos decorrentes de sua decisão, e retornar, vitorioso ou derrotado, trazendo consigo histórias e a memória dos enfrentamentos e com elas, as lições aprendidas.

Para o pesquisador Muniz Sodré (2009), a narrativa pode ser vista também como um ato comunicativo, caracterizado pelo compartilhamento de experiências e vivências dos grupos sociais. Assim, a Narratologia, como uma teoria interpretativa da sociedade pelo estudo da construção de sentidos nas relações humanas, ultrapassa a aparente barreira entre o que é fático e o que é fictício, uma divisão que até hoje ainda separa Jornalismo e Literatura. Relatos factuais ou imaginários, ambos são narrativas. Para os historiadores e os jornalistas, a narrativa se prende ao acontecimento, ao mundo dos fatos visíveis. Já os narradores de contos populares e da literatura não se atêm aos fatos, mas constroem narrativas impregnadas de valores estéticos e morais.

Vale destacar que os relatos jornalísticos estão impregnados de subjetividades, mesmo quando têm uma aparência objetiva. Da mesma forma, as narrativas ficcionais, como novelas e filmes, são algumas vezes mais realistas que o próprio jornalismo, ao buscar ângulos de percepção do real que guardam uma grande verossimilhança com o cotidiano das pessoas. “Importante é observar a intencionalidade dos narradores, e verificar se exploram o fático para causar o efeito de real ou se usam a ficção para provocar efeitos emocionais. E observar que a forma narrativa está mais presente do que nunca nos objetos midiáticos” (LADEIRA MOTA, 2012, p. 212).

É o jornalismo que dá notícia de sua própria realidade, ao construir cotidianamente um tipo de narração: a narrativa jornalística, que se nutre dos fatos e das pessoas, e constrói, mesmo que em mosaico, uma leitura sobre a existência humana. Luiz Motta (2005) lembra ainda que “os acontecimentos relatados dia após dia pelo jornalismo estão imersos em grandes narrativas maiores que recobrem de novos sentidos o fragmentado” (MOTTA, 2005, p. 32) Como uma colcha de retalhos, que costurando retalho em retalho, se compõe uma peça única, mas com marcações de diferentes cores, tamanhos e texturas. Assim é o jornalismo, que alinhava os retalhos do dia e cria sentidos mais complexos.

Reunindo informações dispersas sobre um mesmo tema ou assunto (que podem estar separados por intervalos, de dias, semanas ou meses no noticiário), o analista junta as pontas, encontra os conectivos e encadeamentos narrativos, os antecedentes e consequentes, recompõe a serialidade, a sequência e a continuidade da intriga, como o leitor faz corriqueiramente (MOTTA, 2013 p. 97)

O jornalismo nos remete ao mundo real, enquanto a narrativa nos remete ao mundo da subjetividade.

O desafio do analista para identificar o narrativo nesse texto duro, fragmentado e inconcluso é muito maior porque o texto é seco, não têm a pretensão de encadear sequências integrais nem de compor uma intriga no sentido integral do termo. Da mesma forma, a maneira de analisá-lo como narrativa. Jornalistas não contam histórias, reproduzem fielmente a realidade como espelho, diz o jargão jornalístico. (MOTTA, 2013, p. 96)

2.2.2.1 O narrador

Quem é o dono da voz que narra? Segundo Motta (2013) para Paul Ricoeur (1995) é aquela que se dirige ao leitor (ouvinte ou espectador) apresentando-lhe o mundo.

O narrador é o agente que enuncia a narrativa, seu ato de enunciação e as instruções de uso que repassa ao seu interlocutor (...) é ele que dispõe do poder de voz para organizar, encadear, posicionar, hierarquizar, dar ao seu interlocutor pistas e instruções de uso por meio das quais indica como pretende que seu discurso seja interpretado. (MOTTA, 2013, p. 211)

Para incorporar a questão das vozes à composição narrativa, prossegue o autor, é necessário vinculá-la às categorias do narrador e da personagem: o mundo contado é o mundo da personagem contado pelo narrador. A partir daí, diz o autor, é possível deslocar a noção de mimese da ação ou da intriga para a personagem e o seu discurso. Com isso, a enunciação torna-se o discurso do narrador, enquanto o enunciado torna-se o discurso da personagem.

O narrador, ou o locutor da voz narrativa, é uma projeção fictícia do autor real. A partir do conceito de polifonia, desaparece a consciência autoral única porque o narrador passa a dialogar com seus personagens tornando-se ele próprio uma pluralidade de centros de consciência irreduzíveis a um denominador comum.

O conceito de contraponto torna todas as vozes narrativas simultâneas: a organização polifônica é dialógica e a intriga parece constituir-se mais em uma matriz de intriga que em uma intriga uniforme. A voz pertence menos à intriga que ao problema da comunicação na medida em que ela se dirige a um leitor.

Sempre ouvimos que a vida imita a arte, para dizer que a realidade é também o espaço do lúdico e imaginativo. Pois como tal o jornalismo, enquanto atividade que tem a façanha de contar histórias da vida, também a representa, numa atividade de representação e reinvenção. Segundo Motta (2005), o jornalismo é uma atividade mimética: representa a vida, as ações dos homens, relata os dramas, as tragédias, as sagas e as epopeias contemporâneas. Os jornalistas nos apresentam nossos heróis, falam de nossos desafios e conquistas. Por meio do jornalismo acompanhamos a história do país e do mundo.

O texto em si é o principal meio da narrativa uma vez que o foco da narração acontece no interior do que está produzido. Ladeira Mota (2012) ressalta

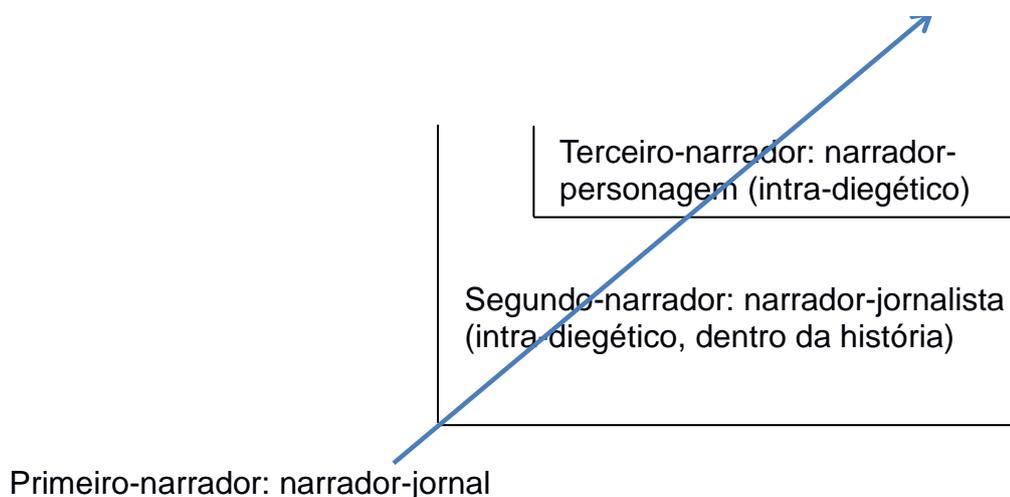
que é na articulação discursiva dos acontecimentos que os significados surgem, a partir do contexto das palavras, personagens, contos, conflitos, clímax e pontos de virada, de como começa, como desenvolve e termina.

No âmbito da narrativa, existem três narradores principais (MOTTA, 2013, p. 13). Em posição estratégica enquanto enunciador de estórias, cada qual assume uma hierarquia de voz. De acordo com posição de poder decorrente da relação que cada um deles mantém com a estória. O primeiro deles é o narrador-empresa. O dono da bola, porque é dono do jornal, está fora da história (sua narração ocorre no plano extra-diegético). O segundo narrador é o jornalista enquanto categoria, não um indivíduo, mas como ator profissional. O terceiro é o narrador personagem que é a fonte das matérias. Jornalista e fonte estão no plano intra-diegéticos da narrativa.

A instituição é o primeiro narrador, porque “enuncia uma estória na qual não tomou parte, não testemunhou nem apurou diretamente” (MOTTA, 2013, p.14). O jornalista é o segundo narrador, ele conta a história: apura, seleciona, dispõe e hierarquiza ações, conflitos, personagens, cenas e enredo. Já o terceiro narrador detém menor poder de voz que os demais.

Motta (2013) previu três níveis, destacando, portanto, uma hierarquia de poder, que se direciona de fora para dentro. Ele propôs um esquema para ilustrar esses planos.

Figura 2 - Diagrama dos níveis de poder na narração jornalística



Fonte: Gonzaga Motta (2013)

O poder opera predominantemente de fora para dentro. Flui no sentido longitudinal, do primeiro-narrador para o segundo, e deste para o terceiro. Mas, esse poder não se exerce de forma linear, de fora para dentro somente. Ao contrário, conforme argumentei, o poder simbólico é continuamente negociado, podendo refluir de dentro para fora dependendo do capital político de cada ator e a correlação de forças em cada situação de comunicação. O segundo e o terceiro narradores possuem cada um sua força política própria, e manobram astutamente artimanhas que põem consciente ou inconscientemente em prática um contra-poder em cada momento. Eles podem ceder ou conquistar o direito de voz e a visibilidade, o direito de tornar pública a sua própria versão. Cada um deles tem seus interesses específicos, sua competência e capital político, tem relativa consciência dessa posição de força, cede ou avança conforme seja mais forte ou mais fraco cada dia, em cada disputa específica (MOTTA, 2013, p.14).

Enquanto primeiro narrador, o veículo tem a finalidade de atrair a audiência, de vender, se relaciona com o mercado da informação. Então seus atributos devem ser de sedução, convencimento, persuasão. Opera no âmbito dos interesses comerciais, políticos e institucionais. Já o jornalista, segundo narrador, é subordinado ao primeiro. Sua performance enunciativa vem da própria história contada por ele, e da capacidade para selecionar e posicionar os atores sociais e transformá-los em personagens (protagonista, antagonista, adjuvantes, heróis, vilões, etc.). Ele negocia permanentemente com o jornal e com as fontes. As fontes das matérias ou personagens ocupam a terceira voz narrativa. Estão submetidas ao poder da empresa e ao do jornalista, que podem publicar ou não suas informações, mas eles também buscam os jornalistas por interesses próprios. E as três vozes, conforme disse Luiz Motta (2013)

No decorrer do processo de enunciação de cada assunto reportado, esses três narradores levam a cabo uma *negociação* simbólica e política com os outros narradores pelo poder da voz. (MOTTA, 2013, 109)

2.2.2.2 Enunciação e enunciado

Enunciação e enunciado são alvos de outros destaques também. Muniz Sodré (2009) informa que na Grécia antiga, havia distinção entre a ‘verdade do necessário’ e a ‘verdade do verossímil’. A verdade do necessário pertencia à ciência, à lógica, onde a “verdade do enunciado independe de quem enuncia.” Já a verdade do

verossímil “inclui o sujeito da enunciação, isto é, aquele que diz ter sua própria fala em conformidade com a verdade”. (SODRÉ, 2009, p. 46)

O jornalismo crê, enquanto campo, que a verdade pertence ao enunciado, ao fato, as vozes testemunhais, ao texto, a invés da enunciação, ou seja, no próprio jornalista. Contradizendo essa crença, a prática exige que o discurso do jornalista seja crível para que o público lhe outorgue o reconhecimento de verdade. Então, assim sendo, “a verdade é uma propriedade do enunciado”, resultante do encadeamento do sujeito com o predicado, ou do enunciado com o objeto. “Adequando-se o enunciado à coisa real, obtém-se uma verdade material – e não apenas formal, como na lógica pura”. (SODRÉ, 2009, p. 186)

2.3 Telejornalismo - Realismo na TV

A narrativa telejornalística utiliza o texto multimodal para contar sua história do cotidiano. É um conjunto de som, imagem, legenda, texto escrito, texto falado, enquadramento, entonação das palavras, figuras de linguagens aplicadas aos textos, música, ruídos, em suma, uma combinação de elementos e técnicas para tornar a notícia mais atraente e a comunicação mais eficaz.

Uma infinidade de signos se encontram espalhados na matéria e são percebidos numa mesma tela, num mesmo quadro, abrindo diversas possibilidades de leituras. Cada elemento possui um significado simbólico, que combinado com os demais, cria um ‘novo’ texto, enquanto enquadra, grava, edita. E dessa forma edita fatos e cria acontecimentos, de acordo com Ladeira Mota (2009).

Analisar o texto realístico é observar o modo de representação, vendo o programa televisivo como uma máquina de produção de ilusões do real, porque utiliza técnicas que criam a ilusão de que não estamos vendo TV, mas a realidade.

Esta naturalização da imagem na TV requer que seu texto seja o que Eco (1984) chama de aberto. Por este termo Eco considera que os textos da TV (falas e imagens) não tentam fechar o foco, ou seja, os significados alternativos capazes de serem transmitidos e, portanto, é necessariamente um texto aberto à riqueza e à complexidade de leituras, nunca singulares (LADEIRA MOTA, 2012).

Este conceito de texto aberto é útil porque abarca a própria polissemia do texto que expande os significados. No relato jornalístico, o sentido é mais fechado, mas vê-se um conjunto de imagens que abrem os sentidos. A imagem opera no

telespectador uma entrada para a memória e para o imaginário que apaga, ou amortece o efeito do texto falado.

Para a elaboração de um texto de telejornal, segundo Mota (2009), é preciso contar com as informações para a narrativa verbal, os elementos de imagem gravados e também com outros recursos multi-modais, como *letterings* e o som.

Som é um elemento fundamental na televisão como no cinema. Tanto o som acrescentado na edição, como o que se chama de som ambiente. A função deste som na narrativa é a de estabelecer o 'clima' do acontecimento.

A captação de imagens com sons ambientes permite uma montagem do texto semiótico mais atraente e mais próxima do real, mas é um recurso para ser utilizado com parcimônia, já que na televisão os ruídos vindos dos 'sons da rua' produzem uma espécie de confusão sonora. Nesta montagem, a narrativa verbal deve ficar em primeiro plano sonoro, enquanto os sons ambientes ficam em BG, ou seja, em *background*, como um pano de fundo, com um volume mais baixo.

Todos estes elementos devem ser montados de forma harmônica, definindo que imagens ilustram narrativas verbais, como usar os depoimentos dos personagens, e que trechos das imagens podem ficar apenas com sua sonoridade particular, os 'sobe sons'. Todos estes elementos estão unidos pelo que Barthes chama de *ancoragem*, uma forma de interação na qual o texto indica o enquadramento ou forma de leitura da imagem (BARTHES apud LADEIRA MOTA, 2012).

O enquadramento é outro singular elemento do texto semiótico. Ele pode variar, fornecendo visões múltiplas da realidade. E é fundamental para a compreensão não somente das "variações que ocorrem na vida social, exigindo-nos novos referenciais interpretativos (quadros), mas também para reconhecermos que os acontecimentos narrados pelo jornalismo estão sujeitos a essa mesma dinâmica". (CARVALHO, 2013, p. 2)

De acordo com Carvalho (2013) o enquadramento é uma noção rica para esclarecer os modos como o Jornalismo se relaciona com os atores sociais. O jornalismo ao retratar o acontecimento, faz um recorte no real de acordo com certa angulação, que está influenciada por vários fatores e atores sociais, que podem transformar ou não a notícia em uma narrativa noticiosa. A partir dos "quadros primários" destacados, é que a notícia ganhará relevo, ressaltando o enquadramento dado.

Os veículos de informação têm compromisso com diversos agentes sociais, de acordo com Carvalho (2013). E nisto reside à dificuldade do jornalismo, enquanto campo dotado de uma epistemologia e *ethos* próprios. Compromissado em não ser um ‘produtor de visões superficiais e precárias de mundo’ mas sim em contribuir para que os leitores, telespectadores e ouvintes possam a partir dos ‘fragmentos apresentados pela notícia’ ter ‘uma visão das situações e contradições do mundo que os cercam – vencendo seus próprios obstáculos e dos diversos agentes sociais com quais se envolve. Segundo Carvalho (2013) o jornalismo negocia cotidianamente com os demais atores sociais, inclusive na tentativa de fazer prevalecer pontos de vista.

E essa negociação confere responsabilidade ao campo, já que este tem a função de historiar o acontecimento, mas sem a noção completa dele. Para Sodré (2009) a questão do enquadramento é factual e imprecisa, porque seu objeto é o presente, diferentemente da história, onde o objeto é o passado. A janela da história é ampla, permite correlações que o jornalismo não percebe, pela sua imersão no presente. Enquanto a história “se empenha em correlacionar causal e finalisticamente eventos isolados”, o jornalismo enquadra no “acontecimento, que se apresenta fragmentário, sem o fio da continuidade típico da história” (SODRÉ, 2009, p.49).

E para contar essa história que poderá ficar na História, recorta-se um quadro, escolhe-se o melhor ângulo ou o mais conveniente. Essa opção de seleção privilegia o jornalista do ponto de vista que ele pode ser um agente modificador ou mantenedor do *status quo*. Nem sempre há uma intencionalidade marcada, mas de fato existem elementos que são decisivos nesse momento. Eles trazem muito do aspecto humano e cultural de quem traduz o ocorrido em palavras. E mesmo que exista uma intencionalidade pretendida, ela nem sempre é percebida pelo receptor.

O fato real é único, diferente do jornalístico, mas com diversos ângulos e inúmeras nuances, e uma delas será eleita para ser retratada, exemplificada como referência daquela situação. Essa eleição não é assim tão arbitrária e voluntária, nem tão escolhida. Contudo, cada uma das escolhas induz uma história diferente. “Múltiplos outros cenários permanecem virtuais e nunca serão escritos” (MOUILLAUD, 2002, p. 43)

O enquadramento midiático do fato social, ao mesmo tempo em que exclui certo número de possibilidades, projeta um sentido que organiza as experiências em torno das ocorrências (SODRÉ, 2009, p. 95).

O enquadramento na prática funciona como marcador. Para Muniz Sodré (2009) “a marcação do fato se faz por meio de um enquadramento dependente de uma lógica particular de hierarquização dos problemas ou das situações sociais” (Sodré, 2009, p. 90). Ou das rotinas de produção da notícia, pois a marcação de um fato é determinada pelos critérios de relevância apregoados pelos *news values*, conforme já falamos.

Um exemplo corriqueiramente utilizado para designar enquadramento jornalístico é o de uma partida de futebol. Como capturar cada lance, cada movimento de cada jogador, cada atitude de cada torcedor, cada fala, cada respiração, e cada coisa por todos os ângulos, isso é impossível.

A totalidade não é passível de ser capturada pela vista (seria necessário capturar ao mesmo tempo uma grande quantidade de relações, fugindo de uma multiplicidade de focos). A apreensão de um acontecimento exige que ele seja fragmentado em cenas parciais e, para serem passíveis de leitura, devem ser, cada uma, monossêmicas (partir de um ponto e estar orientada numa direção). (MOUILLAUD, 2002, p. 62).

Mesmo as câmeras de segurança dos estádios não conseguem varrer todos os espaços, sempre restam ângulos cegos. Apreender tudo isso num clique, num close, numa olhada, não é possível e por essa razão a cena é decalcada de uma totalidade e destacada. Só assim, ela é passível de ser apreendida. Contudo, não se deve esquecer que uma imensa maioria de ângulos, falas, gestos, ações que ficaram restritos ao fato não serão narrados e transmitidos, portanto, apesar de terem ocorrido, serão remetidos ao gueto do fato. Assim como se não tivessem ocorrido. No exemplo de uma partida de futebol, os vários lances que ficam de fora são considerados secundários em relação ao tema principal da cobertura, ou seja, o jogo que está sendo filmado e que é o foco da narrativa.

O que confirma a força de ‘verdade’ dada a mídia, mas que deve ser questionada pela sociedade, segundo Sodré (2009). Porque para o “jornalista, tudo o que é provável é verdadeiro”. E ele age, do seu local de fala, como “mediador entre a cena do acontecimento e a sociedade global” (SODRÉ, 2009, p. 48), enquadrando

pedaços da cena e conferindo verdade a eles. E focando no que considera o acontecimento principal na cobertura.

Podemos considerar ainda como enquadramento o enfoque dado ao assunto. A partir de que fala será norteadada a matéria, hierarquizando os argumentos principais e secundários. Separando elementos linguísticos, entonações na fala, que chamam mais atenção para um aspecto do que para outro.

É o texto falado no telejornalismo que identifica lugares, pessoas, e organiza o relato do acontecimento. Muitas vezes, é a linguagem verbal que institui a impressão de ‘verdade’ de uma imagem. Pode-se dizer que uma imagem é verdadeira ou mentirosa não devido ao que representa, mas devido ao que nos é dito ou escrito sobre o que representa.

É por meio desta interação entre texto e imagem que se constrói a notícia do telejornal. Segundo Ladeira Mota (2012), é uma interação que será tanto mais completa se não forçar uma hegemonia do texto sobre a imagem, mas se trabalhar sob a forma de complementaridade. “Ou seja, as imagens são uma fonte de inspiração para a construção verbal. A palavra, por sua vez, confere à imagem uma interpretação. Se o texto verbal, ao organizar a narrativa do acontecimento, produz um sentido dominante para o fato, a imagem, por sua sintaxe narrativa, vai gerar uma maior polissemia, de acordo com Ladeira Mota (2012).

Entretanto se um texto traz inúmeras informações, a imagem também. E se a máxima de que ‘uma imagem vale mais do que mil palavras’ ainda confere algum sentido, Baudrillard (1981) desmascara.

Ele avalia algumas fases da imagem, usadas com frequência no jornalismo. Para ele, a imagem é o reflexo de uma realidade profunda; ela mascara e deforma uma realidade profunda; ela mascara a ausência de realidade profunda; ela não tem relação com qualquer realidade: ela é seu próprio simulacro puro.

No primeiro caso, a imagem é uma *boa* aparência – a representação do domínio do sacramento. No segundo, é uma *má* aparência – do domínio do malefício. No terceiro, finge ser uma aparência – é do domínio do sortilégio. No quarto, já não é de todo do domínio da aparência, mas da simulação. (BAUDRILLARD, 1981, p. 13)

E seria essa última fase a do jornalismo, que atua no descolamento da imagem do seu objeto, já que o objeto inteiro é impossível de ser representado. “A

representação é uma figuração inversa do objeto, uma imagem em baixo relevo, seu negativo” (MOUILLAUD, 1997, p.46).

Já o simulacro é uma representação tão bem-sucedida que parece não ser, a própria coisa. Simulação ou simulacro? O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência, de acordo com Baudrillard (1981). Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem:

Aquele que finge uma doença pode simplesmente meter-se na cama e fazer crer que está doente. Aquele que simula uma doença determina em si próprio alguns dos respectivos sintomas. Logo, fingir ou dissimular, deixam intacto o princípio da realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença do “verdadeiro” e do “falso”, do “real” e do “imaginário” (BAUDRILLARD, 1981. p.10)

A imagem, com todas as suas fases ou faces – uma vez que ninguém vê o movimento de transição (fases) e sim o de permanência (face) – lida com o real de acordo com a manipulação do enquadramento proposto.

A imagem é um importante elemento de simulação para se crie a sensação do real, é mais um recurso da televisão na busca do realismo na TV, mas assim como outros recursos, o jornalismo tem que usar a imagem com moderação. Mouillaud (2002) diz que a imagem “não se parece com o modelo” (2002, p. 53). Na verdade, é o modelo que já “está moldado por convenções que o informam”. Portanto, o modelo já é representação de uma representação. Porque o real é percebido “através do mesmo código de representação que sua imagem”, baseado em informações culturais advindas do mapa mental.

No ensaio *Encoding and Decoding*, Stuart Hall (2009) analisa o texto da TV como um signo complexo, pela profusão de elementos que congrega. E pelo desafio de traduzir um acontecimento tridimensional em planos bidimensionais, mais próximo possível do real. Mas imagem nunca tem como ser totalmente semelhante ao objeto representado.

É a narrativa televisiva que apregoa no seu discurso uma natureza de realidade, por meio da mediação, construída em condições de produção tais que resultam num “efeito de real” da narrativa televisiva. Ou em outros termos, é uma prática discursiva que naturaliza o real. “O discurso da notícia na TV é uma articulação específica da linguagem que encobre práticas de codificação – visuais ou verbais - produzindo efeitos de real, naturalizando os acontecimentos para o leitor,

segundo Ladeira Mota (2012). Como a notícia na TV é duplamente codificada, é preciso observar sempre a relação que existe entre estes dois códigos, o visual e o verbal.

A interação entre estes dois códigos cria o efeito de real da narrativa do telejornal. Se o código linguístico situa o acontecimento, os signos visuais reproduzem melhor as condições de percepção do olhar e, por isso, parecem menos arbitrários ou convencionalizados do que os verbais. São, porém, códigos aprendidos desde cedo e que naturalizam o efeito de articulação entre o referente e a representação. Ou, como esclarece Hall (2009), a análise dos códigos naturalizados revela não a transparência da linguagem, mas a profundidade de uma prática que mascara a própria representação da realidade.

No telejornalismo, em contraste com o texto escrito, onde o leitor pode começar onde quiser e voltar a ler, na TV a compreensão deve ser imediata, assim, o telejornalismo tende à simplificação. No entanto, é preciso perceber a recepção das notícias do telejornalismo como uma atividade cultural de intensa visualidade.

3 TELEJORNALIS

Já vimos sobre a teoria do telejornalismo, agora vamos falar sobre os telejornais alvos da pesquisa. Para tanto comentaremos sobre alguns aspectos que envolvem as rotinas produtivas, o dia-a-dia, o processo de apuração e edição de um telejornal, a comunicação pelo programa iNews, a estrutura física e estrutural das redações, as emissoras e sobre a comunicação pública.

3.1 Rotina e estrutura de um telejornal

Apesar da imprevisibilidade da atuação jornalística, a rotina de um telejornal mantém uma sequência de eventos. Os dois telejornais analisados vão ao ar à noite, e seguem mais ou menos os mesmo roteiros de realização. Os descritos a seguir foram amadurecidos a partir da prática diária e da leitura dos livros ‘Jornal Nacional – modo de fazer’, ‘O texto na TV’ e ‘Narrativas mediáticas’.

3.1.1 Reuniões e produção

Nos dois telejornais o dia começa com uma reunião de manhã cedo com a presença de produtores e alguns chefes para levantar os assuntos da noite anterior e os previstos para o dia. Esta reunião acontece em conjunto com todas as praças, parceiras e afiliadas (no contexto de cada emissora). De acordo com o editor-chefe do Jornal Nacional, na Globo este encontro se chama ‘reunião de caixa’. Ele explica a origem do nome.

Era uma conferência telefônica realizada com um equipamento que permitia que todos se ouvissem. [...] O tal equipamento em que os jornalistas apertavam botões para falar e soltavam botões para ouvir parecia uma caixa de sapatos. O nome vingou. (BONNER, 2009, p. 77)

De onze às treze horas (dependendo da rotina e da emissora) acontece a segunda reunião, que é a de pauta e tem a participação da equipe de produção, em conjunto com as chefias, onde são selecionados os eventos noticiáveis. A reunião é orientada pelos acontecimentos do dia (os factuais) e pelos acontecimentos que valem a pena ser transmitidos (mesmo que frios, compõe um ‘cenário’ de atualidade, mas não do dia).

Emissoras de outras praças (cidades), parceiras e afiliadas podem ou não participar. Mas há contato (telefônico, e-mail, mensagem instantânea etc.) constante, para troca de informações. Ao final da reunião os temas são elencados no espelho²³ provisório, que será alterado diversas vezes no decorrer do dia. Nesta reunião podem surgir eventos já programados para o dia seguinte ou para outro.

Terminada a reunião ocorre um detalhamento mais preciso na divisão de tarefas. A equipe de produção agenda todas as sonoras²⁴, apura informações, escala cinegrafistas e repórteres para cada pauta. Antes de sair para rua o repórter e o editor conversam sobre a melhor abordagem nas entrevistas, sobre o enfoque da matéria, sobre o melhor lugar para gravar a passagem²⁵ e checam as informações.

Ao meio da tarde acontece a reunião de espelho. Nesta reunião participam todos os editores, chefe da produção e os alguns responsáveis pelo fechamento do jornal: pode ser o editor-chefe, o gerente-executivo (as nomenclaturas de chefia são diferentes de empresa para empresa) etc. Este encontro é uma atualização dos assuntos que caíram (não serão exibidos), dos que tiveram bom aproveitamento, dos que viraram mais importantes ao longo do dia do que a previsão inicial, da entrevista que furou e teve que ser substituída, do assunto que será em nota coberta²⁶ porque perdeu importância e do que virou nota seca porque não teve imagem para cobrir etc. É o momento de trocar todas as informações pertinentes sobre tudo que foi feito, pensado e apurado até o momento. Neste momento se traça a previsão dos contornos do jornal deste dia. E a partir dessa reunião o editor-chefe começa a montagem do espelho. Já com mais informações ele pode organizar um espelho mais próximo do que será o espelho final, finalizado minutos antes de o jornal ir ao ar.

3.1.2 Apuração e edição

Saem os profissionais que vão para rua e os que ficam na redação começam a apurar os fatos do dia. Por meio de rádio, TV, blogs, jornais online, impressos,

²³ Espelho é o nome da lista de todos os assuntos aprovados para exibição, batizados com suas respectivas retrancas, com uma estimativa de tempo que será destinado a eles, na ordenação que o editor-chefe julgou mais apropriada. O espelho tem este nome porque 'reflete' uma filosofia editorial, um plano de voo, uma intenção. (BONNER, 2009, p. 82)

²⁴ Trechos de entrevistas selecionados, recortados, para compor a matéria.

²⁵ O repórter fala, geralmente, do local do acontecimento. Recurso usado para passar de um enfoque, de uma informação para outra, por isso passagem.

²⁶ A Nota coberta é composta por uma cabeça do apresentador, seguida de sua narração em off. O áudio do texto é encoberto por imagens.

redes sociais, nas mais variadas fontes, porque “o jornalismo é uma atividade profissional que se alimenta também dela mesma” (BONNER, 2009, p. 69). Muita coisa surge ao longo do dia, que não constava na pauta da manhã. E se for importante pode merecer uma equipe para cobrir, uma entrevista ao vivo, ou uma Nota coberta ou mesmo só uma nota seca²⁷. O editor redige os textos e coloca no *prelim*²⁸ à espera de aprovação. Quando é a produção que apura, ela repassa para o editor.

Repórter e editor se comunicam diversas vezes ao longo da apuração. Conversam sobre tudo, do entrevistado grosso, ao que falou bem. O repórter comenta sobre um determinado trecho da entrevista, sobre as sonoras e imagens feitas, sobre o texto da passagem, sobre a melhor abordagem (porque depois da entrevista pode mudar o enfoque). Juntos verificam se há necessidade de incluir histórico do assunto no VT²⁹ ou arte, caso precisem detalhar uma informação graficamente. É importante o editor pedir ao repórter que escreva o texto com a passagem e lhe envie por e-mail, ou pelo menos leia por telefone. Porque ele confere a concordância, a gramática, o melhor estilo de dizer e passar a informação.

O editor pode modificar parcialmente, trocar a ordem ou pedir outro texto que se encaixe melhor na pauta combinada. Geralmente isso não acontece, porque foi tudo acertado durante o dia. Em suma, o editor sugere alterações e/ou aprova o texto.

Esse momento é uma troca de opiniões entre editor e repórter, e é bom que exista uma 'boa vontade' dos dois lados para que se escreva um texto adequado: de fácil entendimento, com coesão, sem palavras difíceis, pensando se haverá imagens para cobrir o texto, e principalmente, se a história está bem contada. Mas a palavra final é do editor.

Para Vera Íris Paternostro (2006) a televisão se impõe pela informação visual, mas prende a atenção do telespectador pela informação sonora, e por isso um texto para TV além de ser na ordem direta, claro, com frase curtas, bem pontuado, sem rimas, tem que ser um texto para ser lido e compreendido imediatamente. Mas deve ter também

²⁷ Nota seca ou pelada é a informação lida pelo apresentador, sem acompanhamento de imagens.

²⁸ Prelim (preliminar) é o espelho só que em fase de produção.

²⁹ VT (videotape) é o termo ainda usado para uma matéria que geralmente possui diversos recursos como off, entrevista e/ou sonora e, principalmente, a passagem do repórter.

palavras bem escolhidas, frases estruturadas, ritmo, emoção, com estrutura simples, sem rebuscamento, com harmonia, nuances, clareza; um texto inteligente, rico, bonito, informativo, escrito com a cabeça e com o coração. (PATERNOSTRO, 2006, p. 74)

Texto aprovado, é hora do editor pesquisar as imagens de arquivo, caso precise, e pensar na arte, se for necessária.

Já de posse das mídias trazidas da rua, pelo repórter ou *motoboy*³⁰, e do OFF³¹ gravado pelo repórter, o editor começa a ‘montagem’ do VT. Seleciona trechos das sonoras, sobe som³², imagens e vai para ilha de edição. Lá o editor terá auxílio do editor de imagem, que limpa o áudio (às vezes o repórter erra, grava de novo, do meio de uma frase etc.), encaixa as sonoras (o editor traz as marcações do TC, *time code*³³). A partir desse momento faz-se a magia e as imagens vão casando com o texto e vão criando os sentidos da matéria. A jornalista Célia Ladeira Mota (2012) explica que.

A narrativa da TV é uma narrativa híbrida, ou semiótica, onde textos, palavras e imagens contribuem e reforçam um argumento principal [...] Palavras e fotos, imagens em movimento, textos escritos, desenhos, todos produzindo sentidos que nem sempre convergem para uma única representação e significação da realidade. [...] (LADEIRA MOTA, 2012, p. 197-200)

As imagens podem ter vindo da rua (produzidas pela equipe de reportagem, esta é a melhor situação), pescadas do arquivo ou ainda, em casos extremos, da internet ou compartilhadas por outra empresa de comunicação.

VT pronto é hora de colocar a lauda no *iNews*. Os dois jornais estudados orientam suas rotinas por meio do programa de edição de textos e troca de mensagens instantâneas chamado *iNews*

3.1.3 Organizando o telejornal – laudas e espelhos no *iNews*

³⁰ Às vezes o repórter precisa permanecer na cobertura do evento, ou tem outra pauta para realizar, aí então, as mídias já gravadas (com sonoras, passagem e OFF) são enviadas para a emissora, por um motoboy. Tudo para que o editor possa finalizar a matéria sem transtornos de tempo.

³¹ OFF é o texto coberto por imagens.

³² Quando no transcorrer de uma matéria permite-se que entre o áudio do ambiente (externo) da gravação.

³³ Time Code é o código de tempo exato que se quer retirar do tempo total de uma mídia. Por exemplo, uma entrevista de quatro minutos pode estar no meio de uma mídia que já tenha duas horas de gravação, então como saber os exatos 20’ que se quer dessa sonora? Simples, pelo código daquele trecho.

Só entendendo o processo de edição pode-se perceber o quanto ele é 'controlado', mas como existem brechas que favorecem a autoria de editores e repórteres na construção da notícia. No dia-a-dia esse processo de negociação acontece verbalmente ou por intermédio do programa *iNews*. E saber lê-lo possibilita a percepção da organização dos fatos do dia, em níveis de prioridade (de acordo com a ordem em que são exibidos, o formato e o tempo destinado para cada matéria).

Assim que cada editor coloca as laudas no programa o editor-chefe inicia a montagem definitiva do espelho. E essa fase de confecção e apresentação dos acontecimentos dentro do formato e da duração dos noticiários que se

anula os efeitos dos limites provocados pela organização da produção, para 'restituir' à informação o seu aspecto de espelho do que ocorre na realidade externa, independentemente do aparato informativo. (...) se todas as fases precedentes agem no sentido de descontextualizar os acontecimentos no âmbito social, histórico, econômico, político e cultural em que ocorrem e em que são interpretáveis (...), nessa última fase de produção realiza-se uma operação inversa, de recontextualizá-los, porém dentro de um quadro diferente, no formato do noticiário. (WOLF, 2008, p. 259)

Contudo todo esse esquema montado do jornal pode ruir de uma hora para outra. Quando surge algo inesperado pouco antes de começar ou com o jornal no ar, é grande a confusão que causa, porque obriga a produzir matérias, deslocar equipes para o local do ocorrido, organizar entradas 'ao vivo' não previstas, repaginar o jornal, quer dizer, dispor as matérias em outra ordem, seja modificando blocos inteiros ou trocando alguma matéria já paginada de lugar. Derruba diversas matérias e modifica todo o trabalho feito até então. Mortes de grandes personalidades, catástrofes, acontecimentos de grande proporção têm também o efeito de uma explosão dentro da redação.

Contudo repaginar um bloco inteiro, é mais ocorre constantemente do que deveria. Seja porque o VT não ficou pronto a tempo de entrar, seja porque algum assunto caiu e foi substituído ou uma novidade teve que 'cavar' seu espaço no noticiário.

A paginação do jornal depende das notícias do dia e da linha editorial da empresa. A pesquisadora Iluska Coutinho (2012) destaca que no Repórter Brasil

Noite (TV Brasil) a paginação busca agrupar as editorias para promover um melhor entendimento.

Apesar de não ser uma regra, percebe-se claramente um encadeamento do noticiário por relação temática. Conteúdos que tenham uma proximidade no assunto ou que sejam da mesma editoria, geralmente, são agrupados em um mesmo bloco. Esta estrutura pode ter o intuito de tornar os assuntos mais compreensíveis, exibindo um panorama da editoria. Porém, acaba deixando o telejornal cansativo. (COUTINHO, 2012, p. 12)

William Bonner (2009), editor-chefe do Jornal Nacional, descreve assim a paginação do telejornal que apresenta: “apresentar notícias em seu contexto, organizadas numa sequência lógica, que facilite a compreensão pelo maior número possível de pessoas” [...] “ao montar o espelho de cada dia, a prioridade absoluta é para os temas factuais de maior relevância” [...] “as reportagens não factuais apoiam as factuais para dar ao público a oportunidade de refletir mais detidamente sobre problemas importantes” [...] “contemplados com tempo todos os assuntos mais relevantes do dia, é hora de selecionar os temas que acompanharão o noticiário, que darão ritmo agradável, ou um clima equilibrado ao Jornal Nacional.” (BONNER, 2009, p. 104-105)

É confuso repaginar rapidamente e manter o equilíbrio no jornal. Precisa avaliar se: a matéria trocada fará sentido naquele bloco (levando em consideração a que vem antes e a que virá depois dela), se o bloco não ficará longo ou pequeno demais (há um equilíbrio no tempo de cada bloco). Com o jornal no ar terá que trocar o *script* de toda a equipe. Por isso o dia-a-dia nas redações não é nada enfadonho.

O modelo de *iNews* é o que geralmente os editores têm acesso, mas o programa possui muitas outras formas de controle e organização, dependendo do cargo e permissões conferidas. E da necessidade das empresas.

O editor-chefe, por exemplo, tem acesso ao tempo total destinado naquele dia ao jornal na linha ‘encerramento’. Este tempo é conferido, na Globo, pela Central Globo de Programação e, na TV Brasil, pela Gerência de Programação e modifica um pouco de dia para dia. A partir deste tempo é necessário organizar os VT para que caibam no jornal. E a cada matéria aprovada, o programa vai somando os tempos. Quando aparece escrito: buraco de 2:33, é porque ainda tem mais de dois minutos e meio disponível para colocar matérias, mas quando diz: estouro de 1:99,

quer dizer que já ultrapassou o tempo total do jornal e alguma matéria irá cair (deixar de ser exibida no dia).

Depois que todos os editores fecham os VTs e as laudas são aprovadas, então, o editor-chefe finaliza o espelho e transfere todo o conteúdo necessário (laudas com cabeça, notas pé, créditos, deixas, tempo) para o espelho final. Essas informações alimentarão o teleprompter e serão levadas para a bancada, na forma impressa, pelos apresentadores para que possam se orientar na hora da apresentação, caso ocorra alguma falha no equipamento.

3.1.4 Estrutura funcional

Geralmente os telejornais possuem uma estrutura similar. Modificam quantidade e qualidade de equipamentos, de profissionais, mas mantêm a forma de funcionalidade. Para um telejornal ir ao ar ele conta com uma equipe formada por: produtores, repórteres, editores de texto e de imagem, de cinegrafistas e auxiliares, que já sabemos como atuam. Mas ainda temos o gerador de caracteres, é a pessoa que coloca em tempo real, com a matéria no ar os créditos, quer dizer os nomes dos entrevistados e profissão e nome e local dos repórteres. O operador de teleprompter disponibiliza o texto do espelho final numa tela para o apresentador ler. Esta tela tem um espelho invertido que possibilita a leitura, dando a impressão de que o apresentador olha para o telespectador. O coordenador do jornal gerencia o *switcher*, as câmeras, controla o tempo de cada bloco. A editora-executiva e o diretor de TV auxiliam no fechamento do jornal e são os responsáveis pelas modificações de VT, tempos e notas enquanto o jornal está no ar. O apresentador, nos dois casos é também o editor-chefe. Isso sem incluir os técnicos do *switcher*, responsáveis pela imagem exibida, pelo áudio, luz, enquadramento e câmera escolhida para exibição da imagem. O *switcher* é uma sala de controle onde o jornal é cortado e transmitido. O trabalho de todos esses profissionais do *switcher* é orientado pelo *script*³⁴.

Já o apresentador se orienta pelo texto exibido no *teleprompter*. A lauda das matérias, com todas as cabeças, notas pé, créditos, deixas, tempos e mídias é

³⁴ Cada matéria gera uma página, chamada de script, com todas as indicações de exibição: número da página (ordem de entrada no jornal), tipo (VT, nota coberta, nota seca, link, OFF vivo ou display, plasma), origem (praça, afiliada, sede), retranca, repórter, apresentador que chamará a matéria, tempos, créditos, deixas, cabeça. Os scripts são impressos na ordem exata do espelho final e distribuídos para toda a equipe de transmissão (câmeras, apresentadores, diretor de TV, gerador de caracteres, assistente de estúdio, operador de áudio, operador de teleprompter, pessoa que insere o selo virtual, iluminador do cenário etc.)

colocada no prelo da *iNews*, pelos editores. Cabe ao editor-chefe aprovar cada lauda, finalizar e subir o conteúdo para o espelho final. Dele saem às informações que serão lidas no teleprompter, pelo apresentador.

Os nomes das funções são basicamente os citados, mas cada empresa de comunicação pode mudar a nomenclatura e dar uma própria para designar cargos, pode também acrescentar ou retirar uma especificidade de determinada atividade.

Jornal paginado, *scripts* prontos e equipe a postos é hora dos apresentadores se dirigirem para a bancada, porque não demorará a entrar a escalada, que geralmente é pré-gravada, e é onde os assuntos mais relevantes do dia serão apresentados com destaque, como chamariz para que o telespectador sente e assista.

3.1.5 Espaços necessários a uma redação

Além do switcher e das bancadas³⁵, numa redação de telejornal existe as ilhas de edição, espaços de gravação dos OFF's (espaço com proteção acústica e microfone ligado a uma central de captação de áudio, que grava e armazena para utilização posterior), salas de reunião, espaço de decupagem³⁶ do material (a TV Globo já tem as imagens digitais), salas das chefias, sala da arte e do arquivo de mídias.

A bancada é um espaço de enunciação, por isso possui um aparato necessário para imprimir um 'tom' de verdade ao que os apresentadores irão dizer. O erro tem sido incorporado naturalmente ao momento da enunciação, justamente, para que não corte, interrompa o 'clima' e transpareça o menos possível. O aparelho de *teleprompter* possibilita que os apresentadores leiam o texto, mas parecem falar diretamente ao telespectador. Com um jogo de espelhos no equipamento o apresentador 'parece' olhar quem assiste, mas esta estratégia é outra simulação que confere a enunciação caráter de verdade.

³⁵ Espaço reservado no cenário, estúdio de onde o telejornal é apresentado. Local de enunciação.

³⁶ Decupar o material é um processo de retirada do conteúdo bruto os trechos de áudio e imagens que são desejados. A decupagem é o momento de editar mentalmente a matéria, separando os TC (time code) de cada mídia e afinando o texto do repórter de acordo com as imagens que se tem em mãos. Caso falte uma imagem essencial é necessário busca-la, seja no arquivo da empresa, por meio de fotos, na internet ou solicitando a outra emissora.

3.2 Emissoras em foco

Apesar das rotinas semelhantes os dois jornais analisados têm estruturas e linhas editoriais diferentes, que são consideradas desde sugestões de pauta até a conclusão dos VT. Contudo, será que são percebidas pelo público a partir da exibição. Será que transparece a diferença de abordagem de uma rede de televisão comercial e de uma pública? Essas perguntas saltam aos olhos, mas não são alvos da corrente pesquisa. Caberia, futuramente, um estudo de recepção para respondê-las.

3.2.1 Rede Globo

O Jornal Nacional teve sua primeira exibição em 1º de Setembro de 1969. Foi o primeiro programa em rede nacional gerado no Rio e retransmitido para todas as emissoras da rede. O apresentador Hilton Gomes, ao lado de Cid Moreira, abriu a primeira edição do JN anunciando: "O Jornal Nacional, da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o país". E coube a Cid Moreira o encerramento: "É o Brasil ao vivo aí na sua casa. Boa noite". Em 1977 a repórter Glória Maria entra ao vivo, pela primeira vez na história. Mostrando o movimento de saída de carros do Rio de Janeiro, no fim de semana, ela estreia os equipamentos portáteis de geração de imagens. Em 1991 o JN mostra imagens do conflito no Golfo, em tempo real.

Em 2000 o jornal deixa de ser apresentado do estúdio e passa a ser transmitido de dentro da redação. No dia 06 de agosto de 2011 o Grupo Globo divulgou os princípios editoriais da rede³⁷, que regem todos os produtos da empresa. Assim a Rede Globo e diferencia seu conteúdo jornalístico daquele turbilhão de informações de fontes diversas que circula na rede. E renova o contrato de confiança com o espectador. Trata-se de uma forma de tentar reafirmar a qualidade e seriedade do material produzido pela empresa e também de se mostrar transparente, disposta a divulgar seus funcionamentos internos.

Contudo, do ponto de vista da cidadania ou material não menciona nenhuma vez as palavras cidadão, ou cidadania. Mas reforça o que se deva entender por jornalismo

³⁷ Disponível em: < <http://memoriaglobo.globo.com/principios-editoriais/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.htm> >

O jornalismo é aquela atividade que permite um primeiro conhecimento de todos esses fenômenos, os complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o momento e as circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, uma forma de apreensão da realidade. (GRUPO GLOBO, 2011)

O manual norteia questões relativas aos profissionais da emissora:

Os veículos do Grupo Globo expressam, em seus editoriais, uma opinião comum sobre os temas em voga. [...] Essa opinião deve refletir a visão do seu conselho editorial, composto por membros da família Marinho e jornalistas que dirigem as redações. Nenhum outro jornalista do grupo precisa, porém, concordar com tais opiniões, que, em nenhuma hipótese, influenciarão as coberturas dos fatos. Estas, como exposto aqui extensivamente, devem se pautar por critérios de isenção. (GRUPO GLOBO, 2011)

O texto explica ainda quando o repórter deve utilizar o verbo no condicional, prática comum quando o repórter não tem comprovação do que informa. “O condicional só será usado quando a apuração não for suficiente para que o jornalista consolide uma convicção.” (Princípios editoriais do Globo, 2011)

Dois anos depois, já em 31 de agosto de 2013, a emissora declarou ter sido um erro o apoio ao Golpe Militar, por meio de um editorial publicado no site Memória Globo. O texto começa assim: “Desde as manifestações de junho, um coro voltou às ruas: ‘A verdade é dura, a Globo apoiou a ditadura’. De fato, trata-se de uma verdade, e, também de fato, de uma verdade dura”.

No dia 02 de setembro William Bonner repercutiu na bancada do JN, tanto o site como o editorial, que também foi publicado na primeira página do jornal O Globo, do dia 1º de setembro³⁸. A emissora destaca que

Não lamentamos que essa publicação não tenha vindo antes da onda de manifestações, como teria sido possível. Porque as ruas nos deram ainda mais certeza de que a avaliação que se fazia internamente era correta e que o reconhecimento do erro, necessário. [...] O GLOBO, de fato, à época, concordou com a intervenção dos militares, ao lado de outros grandes jornais. [...] Naqueles instantes, justificavam a intervenção dos militares pelo temor de um outro golpe, a ser desfechado pelo presidente João Goulart, com amplo apoio de sindicatos — Jango era criticado por

³⁸ Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>> e em < <https://www.youtube.com/watch?v=9OCvABY2pBg>>

tentar instalar uma “república sindical” — e de alguns segmentos das Forças Armadas. (GRUPO GLOBO, 2013)

O editorial reitera que nem por isso deixou de ser censurado e perseguido e que sempre se posicionou com firmeza contra a perseguição a jornalistas de esquerda. E finaliza assim: “A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma.” (Globo, 2013)

No mesmo dia, que publica o editorial, em 31 de agosto de 2013, a Globo inaugura o portal Memória Globo que traz um botão de ‘erro’. Nesta seção a emissora explica os procedimentos executados na entrada ao vivo de Ernesto Paglia durante a passeata das ‘Diretas Já’, como no debate entre Collor e Lula. Os dois episódios levantaram, durante anos, dúvidas sobre a isenção da empresa na campanha presidencial de 1989 e dúvidas sobre o apoio da empresa a ditadura militar.

Sobre as ‘Diretas Já’ o texto explica que foi feita uma associação com dia do aniversário de São Paulo, na cabeça da matéria lida pelo apresentador Marcos Hummel, no dia da manifestação, mas que a matéria em si, a inclusive na passagem de Paglia, trazia claramente a ideia de que era um ato pelas ‘Diretas Já’. A emissora se explicou assim:

A origem da confusão foi a chamada da matéria, lida pelo apresentador Marcos Hummel, que se referia ao comício da Sé como um dos eventos comemorativos do aniversário da cidade. O locutor leu a chamada: “Festa em São Paulo. A cidade comemorou seus 430 anos com mais de 500 solenidades. A maior foi um comício na Praça da Sé.” De fato, havia relação entre a manifestação e o aniversário da cidade. Os organizadores haviam marcado o evento para o dia 25 de janeiro justamente para facilitar a participação popular. E, se a chamada da matéria parecia não levar em consideração a dimensão política do comício, em seguida, a reportagem de Ernesto Paglia relatou com todas as letras o seu objetivos: pedir eleições diretas para presidente da República. (GRUPO GLOBO, 2013).³⁹

Já no debate da disputa presidencial a Globo foi acusada de ter favorecido Collor na edição apresentada no Jornal Nacional.

A Globo foi acusada de ter favorecido o candidato do PRN tanto na seleção dos momentos como no tempo dado a cada candidato, já que Fernando Collor teve um minuto e meio a mais do que o

³⁹ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/erros/diretas-ja.htm>>

adversário. [...] Os responsáveis pela edição do Jornal Nacional afirmaram, tempos depois, que usaram o mesmo critério de edição de uma partida de futebol, na qual são selecionados os melhores momentos de cada time. Segundo eles, o objetivo era que ficasse claro que o Collor tinha sido o vencedor do debate, pois Lula realmente havia se saído mal. [...] Por isso, hoje, a emissora adota como norma não editar debates políticos; eles devem ser vistos na íntegra e ao vivo. (GRUPO GLOBO, 2013).⁴⁰

A Rede Globo tem capacidade de fazer frente aos novos tempos e uma determinação de continuar no mercado da notícia. Por isso luta pela melhora dos índices de audiência. De acordo com pesquisas do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) em 1980 o Jornal Nacional chegava a ter 70% de audiência, em média. Em 2010, ano eleitoral, o noticiário marcava 29,8 pontos, de média no Ibope, durante o mês de agosto. Já em 2014 essa média oscilou na casa dos 20%. E cada ponto no Ibope equivale a 65 mil domicílios na Grande São Paulo.

A diminuição nos índices de audiência podem ter diversas razões: proliferação de sites de notícias na internet, mais adeptos dos canais a cabo de informação, novas formas de apreensão das notícias (aparelhos móveis), busca por informações e opiniões mais rapidamente (redes sociais), mais jornais nas televisões abertas e a perda de credibilidade que o jornal vem tendo ao longo dos anos.

Por isso a Globo busca redimensionar no mercado seu produto de maior relevância jornalística, sem perder os valores que o fizeram crescer. Porque o Jornal Nacional perdeu muita audiência, mas se mantém com expressiva visibilidade, não tem mais a disparada confiança do público, que tinha em relação aos outros poucos noticiosos, mas ainda mantém uma parcela considerável de telespectadores.

Se a Rede Globo perdeu em audiência ao longo dos anos, cresceu em números. Bonner (2009) revela que a emissora do Jardim Botânico, um bairro nobre do Rio de Janeiro onde é instalada a sede, tem uma capilaridade abrangente de transmissão. Com matriz no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Recife e afiliadas espalhadas pelo Brasil. Em 2009 a estrutura da rede da Globo contava com 121 emissoras e cobria 5.477 municípios. Em todo o Brasil, 600 equipes completas trabalham para o JN diariamente. Tudo isso para colocar o JN no diariamente no ar. Nosso papel, no JN, como deve ser em toda imprensa de qualidade, é registrar diariamente fragmentos daquilo que, um dia, poderás ser um capítulo da História. É um dos aspectos mais bonitos do jornalismo como profissão. (BONNER, 2009, p. 173)

⁴⁰ Disponível em < <http://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula.htm> >

Uma edição normal do JN tem em média 33 minutos (sem contar os intervalos) de duração e apresenta cerca de 25 assuntos, de várias maneiras: VT, NC, NS, link, entrevistas, espalhados em 3 blocos, com matérias factuais e de atualidades.

3.2.2 TV Brasil

Já o Repórter Brasil Noite, da TV Brasil, tem outra história, tempo de transmissão e existe somente há sete anos. Quando começou tinha um formato diferente: três apresentadores chamavam as matérias, um do Rio de Janeiro, outro de São Paulo e outro de Brasília.

Hoje tem a bancada de acordo com os princípios de equidade de gênero, Katiuscia Neri e Guilherme Menezes apresentam o telejornal. Como editor-chefe Menezes também finaliza a edição. O RBN é transmitido de Brasília de segunda a sexta-feira, em sábados alternados com o Rio de Janeiro, quando Luciana Barreto assume a bancada.

Os 52 minutos de duração do jornal (sem comerciais) são divididos em quatro blocos, e cerca de 40 retrancas, entre VTs, notas secas, estúdios e links. Em média exibem 23 reportagens (VTs). O jornal utiliza ainda os formatos de off vivo, plasma, e *stand up*. A paginação depende de quem está fechando o jornal. O editor-chefe costuma colocar o factual no começo, o internacional todo junto, no segundo ou terceiro bloco e cultura e esporte no fim do jornal, mas tentando interligar os temas. As entrevistas de estúdio ficam, geralmente no terceiro bloco. Já outras pessoas misturam um pouco mais, mas sempre seguem a mesma linha de raciocínio. De qualquer forma, o jornal tende a começar com um tema *hard news* ou factual e encerrar mais leve.

O telejornal tem a participação de dois comentaristas regulares (de acordo com as necessidades do dia), o Emir Sader, que fala diretamente de São Paulo e Luís Nassif, do Rio. Emir comenta sobre assuntos internacionais e Luiz Nassif política e economia nacional. O Emir Sader participa, praticamente, todos os dias. Já o Nassif participa sob demanda.

O JRBN tem frequente participação de especialistas em entrevistas no estúdio, majoritariamente ao vivo.

Sempre que surge uma questão de difícil compreensão o telejornal explica para os telespectadores, graficamente por meio da arte. O quadro “Repórter Brasil Explica”, detalha, com uma linguagem simples - seja um assunto, um termo, uma lógica econômica, uma técnica ou qualquer outro item, que seja necessário esmiuçar.

O quadro chamado ‘Outro Olhar’ entrou na programação desde o início do telejornal, mas aparecia de forma esporádica, a partir de novembro de 2013 passou a ser exibido mais frequentemente. Ele foi pensado para ser um canal de participação da sociedade, já que era para exibir conteúdos produzidos por universidades, associações e grupos independentes. A ideia era disponibilizar um espaço dentro do telejornal (até com um tempo maior de exibição, já que neste quadro as matérias têm de 2’30 a 3 minutos de duração, enquanto as demais tem até 2 minutos, em média) para que a sociedade se visse representada e levassem suas produções ao jornal. Mas ocorre, ao inverso, apenas duas funcionárias ‘buscam’ pela internet vídeos que possam se enquadrar com as temáticas do dia e pedem autorização para exibi-los. Uma inversão da proposta inicial. Este quadro vem sendo utilizado para complementar uma matéria, fornecendo uma visão a mais, diferente do enfoque abordado.

O programa tem passagens de bloco com interatividade, ou seja, para entrar o comercial antes, entram falas sobre determinada questão discutida naquele dia em alguma matéria, ou ainda quando se quer apresentar alguns dados de pesquisa, e mesmo sem o apoio do VT as perguntas são feitas, mas na chamada o apresentador informa algum dado da pesquisa, alguma curiosidade sobre o assunto. O povo fala, (perguntas feitas a pessoas na rua) com perguntas feitas de forma direta e no final entra uma resposta do facebook, onde a pergunta fica exposta de tal hora até tal hora e as melhores respostas são escolhidas e exibidas. Com isso cada dia tem uma pergunta

O jornal conta com a contribuição de matérias de outras praças, como Rio, São Paulo e Maranhão, de contratadas e de emissoras que contribuem de forma espontânea.

São 14 contratadas: TV Alagoas (TVE); TV Cultura Amazonas; TVE Bahia; TVUFG de Goiânia (que é uma TV universitária); TVE Espírito Santo; TVU Mato Grosso; TV Brasil Pantanal (TVE Mato Grosso do Sul); TVE RS; TV Aperipê de

Sergipe; TVE Tocantis; TVE Paraná; TV Aldeia no Acre (Fundação Cultura e Comunicação), TV Antares (PI), TVU RN.

E diversas que contribuem de forma espontânea, esporádica ou voluntária. Tais como: TV Brasil Central (TV do governo, localizada em Goiânia, que cobre a região central norte do país); TV UESB (de Vitória da Conquista); Rede Minas (TVE); EFMG (TV Universitária); TV Cultura do Pará; TV UFPB; TV Itararé (Campina Grande/PB); TV Beltrão do Paraná (cobre a região de Francisco Beltrão); CA TVE (de Cascavel/PR); TV Pernambuco (emissora vinculada a Empresa Pública de Comunicação); TVU Recife (TV universitária); TV Caatinga (cobre a região de Petrolina e Juazeiro/BA); TV Feevale (Novo Hamburgo/RS); TVU RR; SC TV UFSC; SC Unisul TV (cobre a região de Tubarão); SC TV Brasil Esperança (Localizada em Itajaí); TV Ceará. Através dessa rede e pelo cabo a TV Brasil está presente em 23 estados. Pelo satélite está à disposição de 65 milhões de espectadores e 95% dos assinantes de TV paga têm acesso à TV Brasil.

Apesar da capilaridade da TV Brasil muitas matérias enviadas não são aproveitadas, seja porque as emissoras parceiras, na maior parte das vezes, enviam material de conteúdo localizado, ou porque eles não têm qualidade de imagem e reportagem. Aliás, a qualidade da imagem da TV Brasil é um dos maiores desafios à fidelização da audiência do telejornal.

Apesar da importante participação das praças no telejornal essa diversidade regional apresentada mascara o princípio da descentralização geográfica das notícias, princípio almejado pela emissora.

Contudo as exibições de muitas dessas matérias implica em um desequilíbrio técnico e estético no que se refere às reportagens veiculadas.

Outra pertinência é a de não transformar um jornal nacional num jornal de colagens de matérias regionais. Manter aspectos locais, como o sotaque e o figurino, é interessante para mostrar de alguma maneira a diversidade brasileira, mas compreendendo que nem tudo que interessa no local é de interesse nacional.

Prioritariamente, os conteúdos provenientes de outras partes do Brasil fazem parte das editorias de cultura ou dizem respeito a algum fato que tenha abrangência nacional. Encontra-se no noticiário da TV Brasil matérias que não são comumente vistas em outros telejornais, como manifestações culturais desconhecidas por grande parte da população brasileira.

Além da tentativa de mostrar ‘Brasis’ diferentes, o RBN procura também dar visibilidade a fatos internacionais, que não se restringem à Europa e aos Estados Unidos. Mais um aspecto que se diferencia dos telejornais comerciais. Países que dificilmente seriam destacados em TVs abertas, ganham espaço no noticiário da TV Brasil, apesar da limitação das imagens e, muitas vezes, da informação da agência de notícia internacional Reuters, contratada da EBC.

Todos os dias acontecem três reuniões. Uma às 11h, é chamada de reunião de pauta, que aprova as pautas do dia, exclusivamente, para o RBN, com a participação da diretora de jornalismo da EBC. A das 15h, é a reunião dos editores, e ‘passa o dia’ (atualiza os acontecimentos do dia) com os editores de texto e define tamanho, abordagem, sugestões de edição do VT. A das 17h é uma predefinição dos VTs que vão ser produzidos para todos os jornais da TV Brasil: RBT (Repórter Brasil Tarde), RDF (Repórter Distrito Federal, no caso de Brasília; em São Paulo é o RSP e no Rio de Janeiro o RRJ) e RBN (Repórter Brasil Noite) do dia seguinte.

Entre apresentação, edição de texto, de imagem, produção, reportagem e *switcher*, são, aproximadamente, 70 pessoas que trabalham diariamente para o jornal da noite, nas praças de Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Maranhão.

Todos esses formatos diferenciados e tentativas de ‘dar voz ao cidadão’ preenchem uma hora diária de jornal e pretendem cumprir com a finalidade da empresa de: “complementar e ampliar a oferta de conteúdos, oferecendo uma programação de natureza informativa, cultural, artística, científica e formadora da cidadania.”⁴¹ (EBC, 2010)

3.2.3 Comunicação pública

Para atender as exigências legais feitas na Constituição Federal de 1988, de complementaridade dos sistemas privado, estatal e público de comunicação, foi criada em 2007, a TV Brasil. Com o desafio de ser a primeira televisão pública nacional, independente e democrática do país.

De um país que associa público ao ‘do governo’. Por isso a TV Pública no Brasil é, muitas vezes, vista como “o canal do governo”, ou seja, algo público, mas que tem dono e apresentaria um conteúdo ‘chapa branca’.

⁴¹ Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/sobreatv>>

Uma visão difícil de romper já que a televisão no Brasil nasceu comercial e a implementação de um canal público tem sido um dos desafios do sistema de radiodifusão brasileiro.

Para Martin-Barbero (2000), a mais clara caracterização de televisão pública é que essa, ao contrário da comercial, interpela mais ao cidadão que ao consumidor. Seu objetivo é contribuir na construção do espaço público enquanto cenário de comunicação e de diálogo entre os diversos atores sociais e as diferentes comunidades culturais. (MÔNICA CRISTINE FORT, 2005, p.100).

Para que a televisão pública faça diferença e se transforme numa referência de entretenimento, de educação e cultura, tem que ter uma firme decisão por trás e uma série de respaldos econômicos, orçamentários ou instrumentais de financiamentos que a habilitem a ser uma realidade. (PAPICH, 2013)⁴²

A TV Brasil nasceu com a vocação de criar uma rede pública de televisão, em conjunto com as demais televisões públicas estaduais.

A TV Brasil tem papel não apenas de lograr a construção de uma referência junto à população, mas de fato coordenar um Sistema Público de Comunicação que viabilize a oferta de canais universitários, comunitários e de acesso público, como nos moldes das experiências realizadas na Alemanha, Canadá e Estados Unidos (VALENTE, 2009, p. 197)

Além de produção própria e transmissão de produções nacionais, buscar a terceirização, com produções de caráter nacional e regional, patrocinadas a partir de projetos e mesmo seleções concursadas de produtos televisivos. A emissora é gerida pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), a qual é responsável por aprovar a programação e os conteúdos. Estes são supervisionados por um Conselho Curador cuja proposta é representar a sociedade brasileira na fiscalização do cumprimento dos objetivos da empresa. O Conselho Curador tem a função, na estrutura da empresa, de representar a sociedade. Vinte e duas pessoas fazem parte. Quinze indicados pela sociedade civil organizada (e submetidos à aprovação pela diretoria a partir de uma lista tríplice), quatro pelo Governo, um pela Câmara, outro pelo Senado, além de um representante dos funcionários da emissora.

⁴² Disponível em: <<http://refletor.tal.tv/ponto-de-vista/os-desafios-da-tv-publica-num-uruguai-em-transformacao>>

O principal entrave da emissora é o financiamento. Ela depende, em parte, do repasse de verbas do governo federal. Em parte porque a EBC vende produtos produzidos ao governo como os *clippings* e a mídia impressa etc.

O primeiro presidente da empresa, o jornalista Eugênio Bucci (2010), reforça a necessidade desta se tornar independente financeiramente:

Seja no plano político (relações com o governo e o Estado), seja no plano econômico (relações com o mercado), a independência é indispensável para a realização de qualquer projeto de radiodifusão pública. (BUCCI, 2010, p.6).

Esta relação com o governo federal alimenta duras críticas, de diversos setores da sociedade. Além de receber repasses do governo e ter este como cliente, a empresa acolhe dois programas, especificamente, estatais. O programa “A voz do Brasil” e o canal NBR são produzidos e veiculados no mesmo espaço da TV Brasil, em Brasília. O canal NBR atua como produtor, distribuidor dos eventos da presidência. E “A voz do Brasil” fornece notícias diárias dos três poderes: executivo, legislativo e judiciário. Essas relações geram dúvidas razoáveis sobre a isenção do canal, quando trata de assuntos pertinentes ao governo. Tanto que a pesquisadora Iluska Coutinho afirma que

Sobre a questão política, a TV Brasil apresenta um tom conciliador, sem críticas severas ao governo, porém, sem assumir uma postura “chapa branca”. O que se percebe é que o telejornal acaba se eximindo da discussão política. Por ser uma emissora pública, espera-se que a política seja um dos temas centrais e que haja problematização das questões sociais, econômicas e políticas – algo não observado no telejornal. (COUTINHO, 2013, p. 16)

Todas essas considerações ganham mais visibilidade no jornalismo, e mais especificamente, no principal telejornal da emissora, o RBN que é o ‘carro-chefe’ do telejornalismo da empresa.

Contudo a empresa apresenta outros desafios, como a questão da programação. Esta se apresenta como essencial para que a TV pública tenha uma boa inserção no setor de radiodifusão.

Se o financiamento e a distribuição são as condições básicas para que tal participação aconteça, a programação é a realização da função geral. [...] Baseada

em referenciais clássicos das TV Públicas, como os programas voltados ao público infantil, o jornalismo aliado a debates e grandes reportagens e as atrações culturais, que apresentam lugares, costumes e arte de maneira mais diversa do que a presente no modelo dominante de programação da televisão brasileira. (VALENTE, 2009, p. 194)

Portanto, para que o conteúdo produzido pela TV Brasil assegure seu objetivo e realize sua finalidade deveria, de acordo com o jornalista Jonas Valente (2009), cobrir intensamente os temas nacionais, dando espaço para participação popular e dos movimentos; propiciar a reflexão sobre os aspectos cidadãos e lutas de classe; dar vazão a diversidade cultural do país; satisfazer as necessidades lúdicas e simbólicas da população e ser crítica quanto à atuação da mídia.

Nota-se a questão da cidadania como definidora no que tange a comunicação pública, tanto focada no cidadão (como público), quanto na programação (como conteúdo).

4 PARTE EMPÍRICA

Até aqui falamos sobre identidade, cidadania, manifestações e telejornais. Levantamos algumas premissas guiadoras para a obtenção da resposta para a pergunta de pesquisa: o Jornal Nacional reforçou os valores de cidadania, a partir das matérias das manifestações: sim ou não? E se o Repórter Brasil Noite, de uma empresa de comunicação pública, reforçou os valores de cidadania, a partir das matérias das manifestações: sim ou não?

Para tanto vamos, então, definir a metodologia, o *corpus* e efetivar a análise das matérias dos dois telejornais, a partir dos quadros de referência.⁴³

4.1 A metodologia da análise da narrativa: os planos de análise

Reunindo informações dispersas sobre *um mesmo tema ou assunto* (que podem estar separadas por intervalos de dias, semanas ou meses no noticiário), o analista junta as pontas, encontra os conectivos e encadeamentos narrativos, os antecedentes e consequentes, recompõe a serialidade, a sequência e a continuidade da intriga, como o leitor faz corriqueiramente. (MOTTA, 2013, p. 97)

A *Análise Crítica da Narrativa*, desenvolvida pelo professor Luiz Gonzaga Motta, será a metodologia adotada nesta dissertação, pois ela permite, segundo Motta (2013), desvendar a maneira como os relatos são organizados e fazem sentido no mundo.

A análise é concebida e interpretada a partir da dissecação criteriosa de uma matéria, de acordo com as interpretações oferecidas pelos três planos de significação, que Motta (2013) chama de *instâncias do discurso narrativo*. O plano de Expressão (da linguagem ou discurso), o plano da Estória (ou do conteúdo, intriga) e o plano da Metanarrativa (dos temas de fundo que revelam os sentidos mais profundos).

A partir da 'leitura' dos três planos os significados criados pelos telejornais virão à tona, revelando os sentidos da narrativa. Não existem uma relação hierárquica, elas ocorrem superpostas umas às outras, nas matérias do dia a dia.

Contudo "a análise da narrativa incide principalmente sobre o plano da estória" (MOTTA, 2013, p. 135) de onde podemos extrair a "sequência das ações, os

⁴³ Ver ANEXOS E a X.

encadeamentos, enredo, intriga, conflito, cenário, personagens, seus papéis e funções etc.” (MOTTA, 2013, p. 135)

Entretanto esse plano não se sustenta. Ele não permite uma leitura mais precisa, sem uma análise da linguagem e sem uma interpretação mais profunda da relação entre elas e a metanarrativa da estória.

No ‘plano de expressão’ acharemos sinais por meio das linguagens. O enunciado narrativo é construído pelo narrador por meio visual, sonoro, verbal, gestual, multimodal.

É a leitura de superfície do texto, geralmente informativa, referencial, mas às vezes com recursos que incitam “mudanças de estado de espírito nos seus interlocutores”, por intermédio, inclusive, de figuras de linguagem⁴⁴ como ironia, hipérbole, metáfora, metonímia, mais apropriadas para a literatura.

A retórica escrita, visual ou sonora é fartamente utilizada como recurso estratégico para imprimir tonalidades, ênfases, destacar certos aspectos, imprimir efeitos dramáticos de sentido. (MOTTA, 2013, p. 136)

Neste plano a linguagem pode utilizar estratégias estilísticas para provocar medo, dor, espanto, riso e com isso o narrador revela sua intencionalidade e estratégias discursivas.

Já o ‘plano da estória’ permite identificar os narradores, o conflito, os personagens e o enredo. Estamos no plano de “conteúdo da estória propriamente dito, ou plano da diegese, da representação ou da significação

é o plano virtual da estória projetada em nossa mente pelos recursos de linguagem utilizados pelo narrador (...) uma realidade referente é evocada pelo texto narrativo através de sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga (enredo ou trama) (...) caracterização das personagens, funcionalidade delas no transcurso da estória, os conflitos principais e secundários, protagonistas e antagonistas. (MOTTA, 2012)

É possível mapear as figuras de linguagem, as identidades sociais dos diferentes grupos presentes. Identificar os narradores e os locais de fala de cada

⁴⁴ Existem três tipos de figura de linguagem: figuras de construção ou de sintaxe (elipse, zeugma, polissíndeto, pleonasma, iteração ou repetição, anáfora, anacoluto, hipérbato, aliteração, silepse ou concordância ideológica), figuras de pensamento (antítese, eufemismo, hipérbole, ironia, apóstrofe, gradação, prosopopeia) e figuras da palavra (metáfora, metonímia).

um. É a esfera onde se apura os conflitos, significados e os sentidos, nas micro e macroestruturas que configuram o ato de contar. Neste plano sobressai o sentido que o autor impregna ao texto.

A recorrente presença de personagens, conflitos e cenários de um assunto nas páginas e telas confere a eles certa unidade e continuidade, e nos, autoriza a unir as partes, recompor o acontecimento-intriga. (MOTTA, 2012, p. 98)

No Plano da Metanarrativa podemos encontrar a estrutura profunda, que evoca imaginários culturais. É o terceiro nível de significação de uma notícia. Ele compreende os conflitos propostos, é o plano da estrutura de fundo, que tanto pode aparecer logo no início do acontecimento como somente depois do epílogo (mas para efeitos de análise este plano deve ser o último a ser estudado, porque de acordo com Motta (2013) “presta-se menos aos passos iniciais”).

Esses conflitos são de ordem moral, ética ou filosófica, ainda que possam apresentar aspectos políticos ou ideológicos. “É o pano de fundo sobre o qual se desenvolvem as estórias que narram fábulas, as categorias mitológicas, matrizes de nossa historiografia, nossa literatura, nossa ciência e o nosso jornalismo” (MOTTA, 2005, p. 38). Próprio para desvendar situações de

fidelidade, fé, confiança no futuro, felicidade, revolução, conspiração, corrupção, exploração, traição, temor à morte, temos a deus, o crime não compensa, o herói, o duplo, erro e castigo, triunfo e recompensa e tantos outros temas, mitos ou motivos. (MOTTA, 2013, p. 138)

A metanarrativa é ativada porque o acontecimento jornalístico é sempre envolvente, apresenta dilemas que solicitam o nosso posicionamento como seres sociais e morais. É por meio da metanarrativa que o Jornalismo, enquanto prática cultural, estabelece relações com outras instituições sociais, e reelabora novos significados para as suas práticas. Motta (2005) lembra que recompor as significações mais profundas das narrativas jornalísticas como metanarrativas é fazer a estória do presente.

Uma chave para se entender a metanarrativa está no conceito de “inscrição”, uma expressão de Paul Ricoeur (1994). Para o autor, textos não são apenas palavras sobre o papel, mas são escritos como discurso, ou como ação de fixação de significados. O que foi dito permanece, e não o dizer. No caso do telejornalismo,

a inscrição se dá também por meio da mídia gravada, seja de uma reportagem, seja do próprio telejornal, transformando-se no arquivo do acontecimento. Assim, temos este processo de inscrição dos eventos ou acontecimentos, fixando sentidos que, para a cultura, são comportamentos, valores, atitudes.

Pelo efeito de recompor os significados profundos das narrativas jornalísticas – ligando os fios dos significados culturais que nos identificam enquanto comunidade histórica – a metanarrativa rearticula os sentidos da nossa vida cotidiana e pública, uma vez que o jornalismo, e em especial o telejornalismo, é este imenso espaço público de circulação dos acontecimentos e dos seus sentidos. Vale afirmar que o jornalismo e sua vertente televisiva, o telejornalismo, é, portanto, uma metanarrativa do nosso presente, cuja trama nos liga à nossa estória e ao nosso passado enquanto povo e nação.

A partir dos três planos ou instâncias narrativas vamos desvendar o que foi ou não inscrito e fixado sobre as Jornadas de Copa a Copa, na memória coletiva dos brasileiros, pelos telejornais.

4.2 Corpus: as duas coberturas

Sete matérias do dia 17 de junho de 2013, três do Jornal Nacional e quatro do Repórter Brasil Noite. Doze matérias sobre a morte do cinegrafista, sendo cinco do RBN e seis do JN. Uma de cada jornal do dia de abertura da Copa do Mundo. Totalizando vinte matérias, dez da Rede Globo e o mesmo da TV Brasil.

A escolha foi baseada em três aspectos: número de pessoas que foram às ruas, expressividade na abordagem dos telejornais e a importância do dia.

O dia 17 de Junho foi o que teve mais pessoas nas ruas e tomou quase 75% do JN e 27% do RBN no dia; já a morte do cinegrafista ocupou quase 70% do tempo total do JN e 24% do RBN. A análise do JN neste dia foi mais extensa porque a apresentação dos fatos evidenciou uma narrativa mais clara, alguns aspectos foram se revelando durante o estudo e estão aqui retratados com mais relevância. Enfim, os protestos na abertura da Copa, ao contrário, não mereceram sequer um VT dos dois jornais. Eles trataram a questão no formato de lapada, portanto, só estão aqui representados por uma matéria de cada telejornal.

Para estruturar a análise dividimos as matérias a partir de quatro pontos- de- vista. Sob o olhar do tempo (se a narração é ‘ao vivo’, em tempo real ou não), das fontes (se são oficiais ou personagens), das imagens e texto (estrutura narrativa visual e textual) e da violência (relação entre os manifestantes, os policiais e os *black blocs*).

4.3 Plano da expressão: Categorias de análise

O primeiro plano a ser analisado será o da expressão, a partir das referências textuais (linguagem visual, sonora, gestual, tempos verbais, advérbios), que nos permitirão a reconstrução da narrativa no tempo cronológico da ação.

Recompor a serialidade é reorganizar o tempo narrativo no relato difuso e confuso do jornalismo, que não produz uma definição dos limites de cada estória. (MOTTA, 2013, p. 97)

Os verbos⁴⁵, advérbios e expressão adverbiais temporais auxiliam nesta serialidade, pois, “estão relacionados sempre com a *continuação* da estória pelo discurso, são fundamentais na sintaxe narrativa jornalística.” (MOTTA, 2013, p. 112-113)

4.3.1 Tempo real (ao vivo) e narração; o fio narrativo

Todas as matérias analisadas do JN do dia 17 de junho⁴⁶ tiveram a participação ao vivo dos repórteres e narrações de estúdio. Os fios narrativos, das intervenções do ao vivo e das narrações, se encaixaram ou se repetiram. Para exemplificar melhor vejamos a cobertura do JN no dia em que um milhão de

⁴⁵ O tempo verbal Pretérito Perfeito do indicativo é o mais utilizado. Ele exprime uma certeza, um fato completamente acabado. Mas, Motta (2013) alerta que a expressão de certeza, é um ardil do discurso referencial, pertence a narrativa, não a natureza do fenômeno. O Presente do indicativo tende para o futuro, e se apresenta preferencialmente na voz passiva. Já os tempos Mais que perfeito, Futuro do Pretérito simples ou composto, Pretérito Imperfeito indicam suspensão de sentido ou sentido inacabado. E as construções verbais: verbo poder + infinitivo de outro verbo comunica uma parte da informação e deixa nas entrelinhas o pressuposto total, “o jornalista mostra a possibilidade de algo ou alguém lograr alguma coisa sobre a qual ele não tem certeza absoluta”. (MOTTA, 2013, p. 114) E essa oscilação entre certeza e dúvida “são efeitos subjetivos do emprego de estratégias discursivas intencionais, conscientes ou inconscientes, de parte do narrador.” (MOTTA, 2013, p. 113)

⁴⁶ VER ANEXO E, F e G

pessoas foram às ruas. Na matéria (BSB) MANIFESTANTES TETO CN, o repórter Vladimir Netto, que entra ao vivo sobrevoando a manifestação, no GloboCop, diz, um texto enorme, assim:

Bom, neste momento centenas de manifestantes continuam ali na cobertura do Congresso, na marquise superior e também na rampa principal, que dá acesso. Mas, é, o clima é de 'muito tranquilo', os manifestantes tão sentados, segurando faixas, cantando músicas de protesto gritando palavras de ordem, ou seja, o protesto é pacífico até o momento e não teve nenhuma grande ocorrência. A atenção maior é realmente perto das entradas, a Polícia Legislativa mobilizou todo o seu efetivo, são 110 policiais da Câmara e do Senado que tão ali protegendo, evitando a entrada de manifestantes no Congresso. Dois deles, temos notícia de que foram presos ao tentar entrar no Congresso sem autorização e também temos a notícia de que um vidro, da primeira vice-presidência da Câmara, foi quebrado, mas até o momento não há, é, ninguém ferido. E do lado de fora a polícia está aumentando, gradativamente, o efetivo, mas não tem nenhuma intenção de tentar retirar à força os manifestantes. A PM disse que por enquanto não usou nenhuma arma não letal, como bala de borracha ou gás lacrimogêneo e que vai tentar negociar com os manifestantes. São cerca de 400 policiais, aqui em torno do Congresso, nesse momento, do Batalhão da Esplanada e também do Batalhão de Choque do Regimento de Polícia Montada e eles falaram que não vão usar a força, vão tentar negociar, conversar com eles e esperar para ver o que eles têm a dizer. E os outros prédios, como bem disse a Poliana, estão sendo guarnecidos como o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal só, para vocês terem uma ideia, no Palácio do Planalto 100 homens da Polícia do Exército estão de prontidão para evitar a tentativa de qualquer tipo de invasão. (NETO, 2013)

Um texto, provavelmente escrito previamente, com informações apuradas em estúdio. Já no VT (SP) 65 MIL TARIFA TRANSPORTE – o repórter César Galvão, do GloboCop, anuncia que

Os manifestantes ocupam agora a ponte Estaiada, é uma ponte que liga alguns bairros da zona sul da cidade, a gente vê que eles se movimentam nos dois sentidos. São 65 mil manifestantes, segundo o Instituto Data Folha. Eles saíram da zona oeste da cidade e foram no Largo da Batata, percorreram alguns quilômetros e vieram para a zona sul. Até este momento, o protesto é pacífico, a Polícia Militar acompanha à distancia apenas o deslocamento desses manifestantes. (GALVÃO, 2013)

Nos dois discursos, assim como na maioria das participações 'ao vivo' dos repórteres, eles: atualizam dados oficiais e descrevem o entorno.

Contudo a participação do repórter ao vivo deve ir além disso, conforme lembra William Bonner (2009)

Além de assegurar uma qualidade e uma precisão maiores, a participação ao vivo se vale de um dos triunfos da TV como meio de comunicação: a instantaneidade. A notícia na hora e no lugar em que acontece. (BONNER, 2009, p. 42)

O olho do repórter tem o efeito de reforçar o poder de testemunho dele e conferir credibilidade às imagens exibidas do local. Com isso, os repórteres podem potencializar o efeito de real, o efeito de trazer o telespectador para o acontecimento.

Para analisar a participação 'ao vivo' dos repórteres veremos duas matérias da TV Brasil, sobre os mesmos assuntos, também do dia 17 de junho. Na matéria (BSB) MANIFESTANTES GRAMADO CN o repórter André Carravilla descreve assim o que acontece

A Polícia Militar estima que duas mil e quinhentas pessoas estejam participando da manifestação, mas os líderes do movimento acreditam que o número é bem maior, pelo menos o dobro, cinco mil pessoas. Nesse momento boa parte *[a câmera sai dele e mostra a rampa e a cúpula da Câmara dos Deputados tomadas pelos manifestantes]* dos manifestantes ocupa o subsolo do Congresso, a chamada Chapelaria, que dá acesso aos principais salões. Por ordem, por questões de segurança as dependências internas da Câmara dos Deputados, como o Salão Nobre e o Comitê de Imprensa tiveram as luzes apagadas, na tentativa de desestimular qualquer tipo de invasão. Um cordão de isolamento formado por policiais militares foi formado na entrada do Congresso Nacional *[a câmera volta a enquadrar o repórter]* para impedir o acesso dos manifestantes. Até o momento dois manifestantes foram detidos, eles têm as mais variadas reivindicações desde mais dinheiro para a saúde e segurança até condenando, estão condenando também, o alto custo dos estádios da Copa de 2014. (CARRAVILLA, 2013)

O mesmo ocorre na matéria (SP) ATO 65 MIL PESSOAS quando a repórter Vanessa Casalino descreve os acontecimentos:

Hoje a manifestação corre com tranquilidade aqui em São Paulo. Eu falo aqui do Largo da Batata, que foi onde o protesto começou. Essa é uma região importante porque aqui é um terminal, um terminal de ônibus e passa por aqui também uma linha de metrô e há uma estação de metrô aqui. Os manifestantes chegaram aqui por volta de cinco horas da tarde *[entram imagens de apoio]* e rapidamente lotaram o largo. Segundo o Instituto data Folha foram mais de 65 mil

peças, o maior número já registrado desde o início das passeatas. Depois da concentração os grupos se dividiram, uma parte dos manifestantes seguiu pela Avenida Faria Lima e outro pela Marginal Pinheiros até a Ponte Estaiada que fica na zona sul de São Paulo. Outra parte seguiu para a Avenida Paulista. E nós já temos informações que outro grupo já está também na Avenida 23 de Maio também seguindo para a zona sul de São Paulo. Hoje a manifestação foi tranquila, nós não tivemos registros de prisões, poucas pichações e não houve cenas de violência. Tudo isso foi possível graças a um acordo, uma reunião que houve hoje pela manhã entre a liderança do movimento e a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo. [sobe som do VT] [Volta 'ao vivo com Casalino'] Neste momento os manifestantes estão espalhados pela cidade, parte deles na Avenida Paulista, na Avenida 23 de Maio e na Ponte Estaiada. Como a nossa repórter Aline Moraes informou a Polícia Militar realmente não agiu com tropa de choque nem atirou balas de borracha, o que a PM fez foi acompanhar a manifestação à distância. (CASALINO, 2013)

Tanto a TV Globo quanto a TV Brasil deram os mesmos dados oficiais e descreveram a movimentação da população fornecendo referências geográficas, que para quem não conhece a região, não explica muita coisa. A participação 'ao vivo' dos repórteres, na maior parte das matérias analisadas, se limitou a seguir o mesmo fio narrativo das intervenções feitas no estúdio. Não fizeram entrevistas com personagens 'ao vivo'. Aliás, nas vinte matérias, somente dez têm a presença de personagens (DEBATE + VT: 10 + NC: 5 + NS: 4)

A partir dos pares de fios narrativos⁴⁷ encontrados nas matérias, vamos comparar as duplas 'ao vivo' e narração.

*Ao vivo: Segurança para conter o conflito /
 Narração: Segurança para conter o conflito;
 Ao vivo: a polícia só agirá se for necessário /
 Narração: Organização do evento;
 Ao vivo: descritivo e orientação geográfica /
 Narração: manifestação pacífica;
 Ao vivo: Reconhecimento do segundo suspeito /
 Narração: confirmação da participação dos dois suspeitos;
 Ao vivo: Descritivo /
 Narração: Manifestação com violência;
 Ao vivo: direito de imprensa /
 Narração: punição dos culpados
 Ao vivo: descritivo com dados oficiais, estratégias de ações policiais para garantir a 'segurança' /
 Narração: a ação violenta da polícia;
 Ao vivo: a polícia cessou os atos de violência mediante acordo com os líderes do Movimento /*

⁴⁷ Ver ANEXO C

*Narração: compromisso dos policiais de conterem a violência nos atos;
 Ao vivo: o conflito está prestes a ser resolvido, a qualquer momento o
 suspeito será preso e a morte de Santiago passo a passo e agressão aos
 jornalistas /
 Narração: informativo.*

Conforme vimos o fio narrativo das entradas ‘ao vivo’ e das narrações não foram muito diferentes. Nem sempre o repórter exerceu seu local de fala como protagonista nas entradas ‘ao vivo’. Ao buscar tornar seu relato crível e com maior grau de fidelidade ao fato, o repórter se limita em descrever o que vê e se basear em dados oficiais. E com isso ele constrói uma narração igual a de outro repórter e não deixa sua impressão dos acontecimentos. O que deveria ser próprio da narração ‘ao vivo’, o olhar atento e profissional de quem está no local e na hora do evento fica a desejar.

Contudo, não convém abusar e introduzir no ‘ao vivo’ recursos de outros formatos, como o que ocorreu no VT (RJ) PROTESTO CONTRA AUMENTO PASSAGEM.

A apresentadora Patrícia Poeta avisa que o repórter Paulo Renato Soares tem “mais informações para gente ao vivo” Só que o repórter não aparece em momento nenhum, só se ouve a voz dele e o barulho do helicóptero, onde se supõe que ele esteja. E ele começa dizendo: “Patrícia a manifestação começou perto da Central do Brasil, a principal estação” [aqui entra na imagem o símbolo de ‘ao vivo’ com BG ou barulho do helicóptero]. E ele continua: “por volta das seis e meia da tarde” e some o símbolo de ‘ao vivo’. E a imagem que estava escura (pois já era noite) clareia e entram imagens feitas durante o dia. Foram menos de dois segundos com o símbolo de ‘ao vivo’.

Só volta a ficar ‘ao vivo’ quando ele diz: “Neste momento o grupo volta a ficar espalhado”, mas o barulho do helicóptero não muda. Este ‘ao vivo’ dura treze segundos. Do total de 58 segundos do ‘ao vivo’ do repórter, somente quinze segundos estiveram sinalizados como tal.

Aparentemente fizeram um LOC VIVO, narração ao vivo com imagens sobrepostas, com AO VIVO. E essa combinação ficou uma estratégia ruim e desnecessária, pois pareceu um truque, ao invés do ‘ao vivo’.

A participação do repórter ‘ao vivo’ carece de determinados cuidados para que seja crível e não acabe sendo mal interpretada.

4.3.2 Fontes oficiais e personagens

Nas matérias analisadas⁴⁸ houve uma predominância de fontes oficiais, nos dois telejornais. Somente um editorial no qual se evidencia o primeiro narrador-empresa, que não participa diretamente do acontecimento. O segundo narrador-jornalista é o mais numeroso, visto que as empresas colocaram vários profissionais na cobertura desses eventos. E depois é seguido pelo terceiro narrador-personagem, entre eles os oficiais, aqueles que ocupam um local de fala insuspeita, que podem fornecer informações confiáveis e que falam por outros, representam grupos e setores. Esses são os preferidos, porque eles conferem credibilidade a informação, no momento em que aparecerem no vídeo.

Contudo abusar de fontes oficiais cria uma circularidade⁴⁹ na informação, visto que as fontes serão sempre as mesmas, com as mesmas informações, em qualquer veículo que trate sobre determinado assunto.

A partir da análise encontramos dois casos: tanto no VT (SP) 65 MIL TARIFA TRANSPORTE quanto no VT (SP) ATO 65 MIL PESSOAS apareceram: Mayara Vivian, representante do MPL e Fernando Grella, secretário de Segurança Pública SP. Já os VTs (RJ) PRISÃO SUSPEITO MORTE SANTIAGO e (RJ) SANTIAGO ROJÃO MORTE CEREBRAL mostraram Jonas Nunes, advogado de Fábio Raposo.

A amostra foi pequena e mesmo assim extraímos três fontes iguais. Isso no universo amplo da informação ocorre mais contundentemente. Contudo, não podemos deixar de considerar a relevância de determinadas sonoras, a impossibilidade de substituí-las. Afinal quem melhor para falar sobre um cliente preso do que seu advogado? Mas convém frisar e constatar a repetição das fontes. E buscar novas alternativas, para evitar a circularidade da informação. Um exemplo pode vir das matérias sobre as manifestações. Era um fenômeno novo, algo ainda em movimento, no próprio acontecimento e o JN ficou envolto com seus próprios

⁴⁸ Ver ANEXOS de E a X e mais o ANEXO C

⁴⁹ Fenômeno conhecido como “circularidade”, no qual toda a mídia trata dos mesmos assuntos. E ocorre ainda uma espécie de “homogeneização”, na qual os assuntos são retratados a partir dos mesmos enfoques. (ALMEIDA; ABEU, 2005, p. 458). As fontes se repetem e, portanto, os enquadramentos e testemunhos também. Isso implica em duas graves consequências: a primeira é que não se oxigena os relatos jornalísticos, que sempre tendem a uma pasteurização da notícia, ou melhor, a uma padronização dela. Pois a notícia não morre, ao contrário, ela se prolifera, mas sem variedade e sem profundidade informativa. Outra terrível consequência, a que se refere Sodré (2009), é que as notícias falsas se propagam com tanta velocidade, que é impossível contê-las. Um exemplo foi a “circulação, no mundo inteiro, de que o Vaticano teria sido vendido ao bilionário Bill Gates” (SODRÉ, 2009, p.42).

narradores. No VT (BSB) MANIFESTANTES TETO CN, no dia de um milhão de pessoas nas ruas e muitas em Brasília, a repórter Poliana foi ao local e não entrevistou ninguém. Nenhuma pessoa, dentre as cinco mil que lá estavam. Já no VT (SP) 65 MIL TARIFA TRANSPORTE escutou os líderes do Movimento, que ali exerciam função de representação, de um movimento que se dizia sem liderança. Mas e o povo? Este não apareceu na tela da Globo, só como figurante do evento, nessas matérias.

Já o RBN ouve, mas não credita. Abre o local de fala, mas não identifica a voz, o rosto, o que diz. Essas ocorrências podem vir de um erro de ordem técnica, muito mais do que uma orientação, mas vale registrar que isso diminui o impacto da participação popular. Porque ao não darmos um nome ao rosto, a fala perde parte do peso testemunhal, não se associa a fala ao local de quem fala.

Essa é questão possível e passível de abordar aqui, a identificação das fontes. O RBN não creditou nenhuma pessoa, no VT (BSB) MANIFESTANTES GRAMADO CN. E o JN falhou no VT (SP) MANIFESTAÇÃO PACÍFICA. Conferir as pessoas nome, sobrenome, profissão ou idade atribui legitimidade à fala. Aquela pessoa estava passando no local ou estudou sobre o assunto, foi vítima, algoz, seja qual for o local de fala que ela se encontre, o telespectador tem direito de saber qual é, e ele só saberá se ela for creditada corretamente.

4.3.3 Texto e imagem

a) Estrutura narrativa do texto:

Para analisarmos as matérias sob o ponto de vista da estrutura narrativa do texto iremos considerar os agentes que praticam e sofrem as ações, os tempos verbais mais empregados e as locuções adverbiais. Com relação ao conteúdo cabe destacar se na cabeça, trecho lido pelos apresentadores para chamar o VT, há uma tendência positiva, negativa ou neutra sobre o assunto. Isso irá, creio, auxiliar para a compreensão da estrutura desta narrativa.

Na maior parte dos casos das matérias sobre manifestações, o sujeito das ações é o manifestante, no JN e no RBN.

No JN ouvimos: “500 protestaram”; “um grupo invadiu”; “manifestantes jogaram água”; “manifestantes voltaram a ocupar”; rua “completamente fechada pelos manifestantes”. E no RBN: “milhares de pessoas promoveram”; “os

manifestantes chegaram”; aqui a PM pratica a ação, mas uma ação passiva: “o que a PM fez foi acompanhar a manifestação à distância” etc. No geral, o predicado das ações, aqueles que sofrem com a ação, geralmente, são os policiais, ou representantes do governo.

Há uma predominância do pretérito perfeito do indicativo e do presente na voz passiva, nas matérias em geral. Mesmo em algumas entradas ‘ao vivo’, aquelas feitas no tempo real, que têm o presente como marca, os repórteres utilizam verbos no pretérito perfeito, porque a partir da fala deles se reconstrói a estória do dia (de vez enquanto sobrepõem imagens anteriores ao ‘vivo’). E às vezes, eles informam sobre uma ação futura, uma reunião, uma convocação, por isso também encontramos verbos conjugados no futuro do presente do modo indicativo.

Para marcar o tempo e ordenar a estória empregam advérbios e expressões adverbiais de tempo: neste momento, até este momento, hoje mais cedo, hoje pela manhã, logo depois, desde cedo, afinal, ontem, breve, cedo, pouco depois, por volta das, desde o início da tarde etc.

Com relação à utilização de termos positivos ou negativos nas cabeças, em relação às manifestações, encontramos equilíbrio.

No JN, a matéria (BSB) MANIFESTANTES TETO CN, foi anunciada assim: “Um grupo invadiu o espelho d’água e a cobertura do Congresso Nacional”. No VT (SP) 65 MIL TARIFA TRANSPORTE: “Em São Paulo 65 mil pessoas, segundo o Instituto Data Folha participam pacificamente de mais um protesto contra a tarifa do transporte público.” Mas no VT (SP) MANIFESTAÇÃO PACÍFICA a cabeça foi neutra, só informativa.

O JN apresentou uma cabeça positiva, considerando a violência como algo negativo neste contexto; uma negativa (invadiu) e uma neutra.

Por sua vez o RBN, um trecho da cabeça da matéria (BSB) MANIFESTANTES GRAMADO CN, introduziu assim o VT: “Eles chamaram o ato de Marcha do Vinagre, para criticar a atuação da polícia de São Paulo que reprimiu manifestantes com violência, na semana passada e prendeu quem portava garrafas de vinagre.” Já o VT (SP) ATO 65 MIL PESSOAS teve uma cabeça neutra. Enquanto o VT (BH) 20 MIL PROTESTAM “Pelo menos nove capitais brasileiras foram palco de protestos hoje. Em Belo Horizonte mais de 20 mil pessoas participaram da manifestação. Na semana passada a Justiça proibiu protestos durante a Copa das Confederações, mas não adiantou”.

Duas cabeças foram positivas e uma neutra. Esta última inclusive denuncia a arbitrariedade da Justiça de proibir manifestações, que são asseguradas pela Constituição Federal⁵⁰, para garantir a segurança, a mobilidade ou mesmo a tranquilidade urbana durante a Copa do Mundo.

Nas matérias sobre a morte do cinegrafista, as ações são praticadas pela polícia ou por manifestantes, nos dois telejornais. E claro, a vítima é o cinegrafista e no bojo, de acordo com a Globo e seu editorial⁵¹, todos os profissionais de imprensa.

Predomina o tempo verbal no Pretérito Perfeito do modo Indicativo, nas matérias sobre o Santiago, nos dois telejornais também.

Com relação à abordagem positiva ou negativa das cabeças, no VT (RJ) MORTE CEREBRAL SANTIAGO Bonner anuncia assim a morte do cinegrafista Santiago Andrade:

O Brasil começou a segunda-feira com uma notícia triste. Logo pela manhã foi constatada a morte cerebral do repórter cinematográfico da TV Bandeirantes, Santiago Andrade. Ele foi ferido na cabeça, por um rojão, na última quinta-feira, durante um protesto no Rio. (GLOBO, 2014)

A matéria se permitiu uma linguagem mais poética, com uso de figuras de linguagem, tais como: “coleccionador de amigos” /”enxergar através da lente”/”Picasso das câmeras”. Tanto os OFFs como as sonoras usam e abusam de adjetivos para qualificar o cinegrafista. Mas é uma matéria com um fio narrativo mais próximo do literário do que do jornalístico, já que apela ao sentimento de perda, tem um tom emocionado de vazio e de tristeza na fala dos amigos.

Já o VT (RJ) PRISÃO SUSPEITO MORTE SANTIAGO tem uma cabeça neutra. Depois vêm duas notas, uma seca e outra coberta. A nota seca (RJ) ENTIDADES JORNALISTAS SANTIAGO lida por Bonner disse que

A Associação dos repórteres fotográficos e cinematográficos exigiu que as autoridades de segurança do Rio investiguem aqueles que defendem, financiam ou prestam assessoria jurídica aos black blocs, chamados pela Associação de ‘grupo de criminosos’. (GLOBO, 2014)

⁵⁰ Art. 5º - XVI - todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente; (CF 1988)

⁵¹ Ver ANEXO quadro 9

Esta mesma nota destaca que a presidente Dilma Rousseff disse “não é admissível que protestos democráticos sejam desvirtuados por quem não tem respeito por vidas humanas.” Já a nota coberta (RJ) (BSB) HOMENAGEM SANTIAGO é neutra. Portanto, uma cabeça e uma nota associam a morte do cinegrafista, diretamente, aos protestos ocorridos naquele período.

O VT (RJ) SANTIAGO ROJÃO MORTE CEREBRAL do RBN também trouxe na cabeça esta associação: “repórter cinematográfico atingido por um rojão, durante um protesto, no centro do Rio de Janeiro teve morte cerebral hoje.” As demais foram informativas sem associar a morte aos protestos.

De forma geral, considerando o conteúdo também dos VTs, os dois telejornais atribuem a morte do cinegrafista à violência das manifestações.

O JN anunciou a lapada sobre as manifestações no Mundial de 2014 assim: “E em algumas capitais, como São Paulo e Rio houve confusão. Mas muitas manifestações transcorreram sem problemas.” Na nota o JN chama de vândalos mascarados, os manifestantes que estão com os rostos cobertos e em atitude de combate.

O RBN continua chamando de manifestantes. O telejornal informou na cabeça da lapada que “em São Paulo houve confronto com a polícia, cinco policiais ficaram feridos, nenhum com gravidade, dois são da TV norte-americana CNN.” A atenção, para episódios envolvendo jornalistas, é flagrante nas emissoras.

Depois da morte do cinegrafista e das manifestações que se sucederam, o tratamento dado, pela imprensa, aos protestos ficou mais rigoroso, por causa da forte agressão aos jornalistas, aos prejuízos com links e equipamentos.

De forma que, se esperava que este fosse apenas o primeiro dia de protestos em todas as grandes capitais do país, assim como havia sido em 2013. Acontece que o feito não se repetiu e aos poucos foi perdendo espaço nos telejornais.

As lapadas dos dois jornais, no dia de abertura da Copa do Mundo, foram demasiadamente parecidas: as duas falaram nos protestos ocorridos em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Do pai que tirou o filho da manifestação. E trouxeram resposta da Defensoria do estado de São Paulo e da Anistia Internacional sobre a violência dos policiais no controle das manifestações ocorridas no estado.

A Globo abordou ainda os protestos ocorridos no Pará, no Rio Grande do Sul e no Distrito Federal.

O tempo verbal de maior frequência utilizado pelos dois noticiários foi o pretérito perfeito e o presente do Indicativo, como de costume.

b) Estrutura narrativa da imagem:

Conforme já vimos o enquadramento, os planos de câmera, os sons (sons ambientes) e os gestos são recursos que criam uma leitura da imagem, nem sempre percebida, mas geralmente apreendida, que conta a estória tanto quanto o texto. A imagem deixa o sentido aberto para que o receptor escolha o lado (de cima, de baixo, esquerdo, direito) a partir de onde enxergará e lerá o quadro, o frame, a cena. A partir dos elementos apresentados o telespectador interpreta o acontecimento. Então, agora, vamos descrever, mais detalhadamente, as imagens transmitidas no dia em que um milhão de pessoas foram às ruas e da morte cerebral do cinegrafista Santiago Andrade.

A maioria das imagens da TV Globo, feitas durante as manifestações de 2013, foi de helicóptero, do alto, mantendo distância dos integrantes da manifestação.

No GloboCop (helicóptero da Globo), a câmera é aberta do alto e oferece uma dimensão mais ampla do acontecimento. Contudo, a imagem feita a noite não favorece, ela fica escura e perde qualidade, no VT (BSB) MANIFESTANTES TETO CN. Neste VT o movimento de câmera PAM (panorâmica) também foi usado na passagem da repórter Poliana Abritta. Pelas imagens aéreas vemos o Eixo Monumental (avenida das Esplanadas, sentido rodoviária-Congresso), onde os manifestantes ocupam três das seis faixas. A quarta faixa foi utilizada pela polícia para circulação das viaturas e para a formação do cordão de isolamento. Já da câmera do chão, a imagem mostra os manifestantes marchando acompanhados de perto pela Polícia Militar. Policiais com cassetetes, capacete e alguns com colete salva-vida. A câmera do GloboCop mostra manifestantes chegando ao Congresso Nacional, a imagem aproxima e corta para a câmera que está no chão. Ele enquadra pessoas dentro do espelho d'água, manifestantes e policiais, poucos manifestantes (um ou dois) jogando água e jovem encapuçado sendo conduzido por um policial. Ouvem-se gritos de vaia e um policial jogando spray, surge uma fumaça. Depois, surgem pessoas correndo e subindo nas cúpulas do Congresso. A parte de cima está toda ocupada com uma faixa onde se entende somente as palavras Brasil e

roubada. A sombra das pessoas reflete na Cúpula da Câmara e ao longe, do Senado. A rampa de acesso está tomada de gente. A cúpula está em close, com destaque. Do helicóptero o repórter fala com seu rosto em primeiro plano. Corta a imagem e vai para o Congresso, mostra as cúpulas e o prédio, até o Palácio do Planalto. Percebe-se a aglomeração de pessoas. A cena está bem escura, a câmera vai aproximando até vermos a movimentação das pessoas na parte de cima e de baixo do Congresso Nacional. Mostra a bandeira do Brasil pregada numa das paredes de vidro. A câmera aproxima e se distancia dos manifestantes lá embaixo.

A maioria das imagens da Globo neste dia foi feita de helicóptero, do alto, mantendo distância dos integrantes da manifestação. Com o movimento de câmera PAM (panorâmica) que vai da manifestação para a repórter. Já do helicóptero, a câmera aberta do alto, dá uma dimensão mais ampla do acontecimento, mas a imagem é escura.

Imagens escuras também mostram uma multidão se deslocando na Ponte Estaiada, que liga alguns bairros da cidade de São Paulo no (SP) 65 MIL TARIFA TRANSPORTE exibido no Jornal Nacional.

Sobe som dos manifestantes: “Se concentrar e subir até a Paulista”, no VT (SP) MANIFESTAÇÃO PACÍFICA. Imagens mostram manifestantes caminhando. Mais sobe som: “Vem para rua vem, contra o aumento”. Imagem de policial com a cartucheira sem arma. Mais sobe som: “Vem para rua vem”. Imagens escuras mostram bandeiras do PSTU. Mais sobe som: “Sem partido, sem partido.”

Já o RBN, sem o auxílio do helicóptero, cobriu as manifestações do chão mesmo. A matéria (BSB) MANIFESTANTES GRAMADO CN mostra a ação policial do sábado, 15/06/2013, ocorrida em Brasília, na abertura da Copa das Confederações. As imagens mostram policiais atirando com ‘espingardas (balas de borracha), imobilizando, arrastando e prendendo manifestantes. Depois, na manifestação do dia do VT, as pessoas aparecem pintadas, segurando cartazes, muitos cartazes e cantando. Alguns cartazes diziam: “Era um país muito engraçado, não tinha escola, só tinha estádio”; “Você aí fardado também está sendo roubado”; “Somos filhos da revolução”; “Verás que um filho teu não foge a luta”; alguns pediam o fim da corrupção; pela saúde e educação. Algumas pessoas vestiam roupas pretas e máscaras brancas, e outros branco, verde e amarelo no corpo e no rosto. Depois que escurece, as imagens mostram confrontos entre policiais e manifestantes e mais pessoas com pano branco no rosto. Ao fundo a cúpula da Câmara, com a projeção

das sombras dos manifestantes, uma bandeira do Brasil e um micro ônibus da polícia.

No VT (SP) ATO 65 MIL PESSOAS do RBN muitos manifestantes aparecem cobrindo as ruas de São Paulo, empunhando cartazes, com apitos, bandeira do Brasil. Alguns vestem roupas pretas. Um ônibus tenta passar na multidão, carros de polícia e policiais acompanham a marcha. Gente com rosto pintado de verde, amarelo e azul. A matéria repete a imagem de uma moça com blusa amarela carregando cartaz. Bandeiras do PSTU. Dizeres de alguns cartazes: “Rebele-se contra o aumento das passagens”; “Cansei! Levantei! E você não vem?”

Em Belo Horizonte jovens gritam palavras de ordem, seguram cartazes e, alguns, apitam na lapada (BH) 20 MIL PROTESTAM. Uma menina está com nariz de palhaço. Um carro da Polícia Militar segue a passeata, policiais fazem cordão de isolamento na área do Mineirão. A imagem mostra que a noite teve corre-corre e princípio de tumulto e depois confronto de manifestantes e policiais. Em Salvador muitas pessoas ocupam as ruas, diz o texto, mas a matéria só mostra três momentos (só deveria ter esses três *takes*). Em Belém pessoas seguram cartazes: “O Pará também acordou”, “A Copa é sua distração em ano de eleição” e a tropa policial assiste a tudo.

O VT (RJ) MORTE CEREBRAL SANTIAGO, da Globo, foi coberto por muitas fotos, e poucos vídeos, do cinegrafista com a família e amigos e dele trabalhando em grandes coberturas. Termina a matéria com uma foto, em close, dele segurando uma câmera.

Já o VT (RJ) PRISÃO SUSPEITO MORTE SANTIAGO, foi mais rico, utilizou imagens da Globo e TV Brasil⁵² na reconstituição da cena. O objetivo era verificar, com auxílio de especialista, quem disparou o rojão que atingiu o cinegrafista. O perito escurece a cor do fundo para destacar o exato momento em que o artefato é aceso. Na matéria acompanhamos a sequência do advogado deixando a delegacia, o antes, durante e depois do momento do disparo do rojão (fotos e vídeo compõe a cena). Ainda vimos a imagem ser enquadrada focada, desfocada de acordo com o que o perito dizia. A pergunta feita pela repórter ao final ‘se a imagem era conclusiva para ele’, já estava respondida por todos, tamanha a coincidência entre texto e imagem.

⁵² O homem acendendo o rojão, disparando e atingindo o cinegrafista são imagens da TV Brasil.

Já a TV Brasil para apresentar este mesmo assunto no VT (RJ) SANTIAGO ROJÃO MORTE CEREBRAL utilizou também imagens da BBC, do momento em que o cinegrafista cai no chão e as pessoas ao redor tentam socorrê-lo. As imagens mostram exatamente o que relatou a repórter Alessandra Lago descreveu: “Santiago de camisa vermelha está ao fundo da imagem, na sequência o artefato é aceso, no canto esquerdo do vídeo o rapaz de calça jeans deixa o objeto no chão. A explosão atinge o profissional.” As imagens foram destacadas e apresentadas de forma bem didática, mas não houve perito para concluir o que as imagens evidenciaram: o artefato estava na mão do rapaz de calça jeans.

Continuando o fio narrativo pelas imagens da TV Globo, a lapada dos protestos, VT LAPADA_PROTESTO GASTOS COPA, em diversas cidades durante a abertura da Copa do Mundo, mostrou em Belém alguns cartazes contra a Copa, contra a Fifa e contra bandeiras de partido político. Em Porto Alegre aparece manifestantes mascarados atirando pedras em bancos e a polícia jogando bomba de efeito moral. Em Brasília mostra policiais e manifestantes se enfrentando. No Rio as imagens mostram muito tumulto, o texto diz: “grupo de vândalos se infiltrou, houve tumulto”. Em Belo Horizonte “vândalos mascarados também invadiram uma passeata”. Aparece imagens da batalha de pedras contra balas de borrachas. E no prédio do Detran um carro da polícia sendo destruído. Mas em São Paulo os protestos foram mais violentos, pelas imagens mostradas. Manifestantes fizeram barricadas no meio da rua e atiraram pedras nos policiais. A polícia respondeu com bombas de gás e prisões. Um policial segura um manifestante enquanto outro policial joga gás de pimenta nos olhos dele. Um pai leva o filho embora mascarado embora. Mostra os jornalistas feridos. E dentro da estação do metrô muita gente e muitos policiais trocando agressões, policiais atirando e corre-corre. Até esvaziarem a estação.

Na lapada da TV Brasil, LAPADA BRASIL_GASTOS COPA VARIAS CIDADES, destaca que em São Paulo houve agressão dos policiais para com os manifestantes, que revidaram. Em Belo Horizonte também houve confusão; os manifestantes viraram um carro da polícia, apedrejaram agências bancárias e atacaram policiais que reagiram com balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo. No Rio de Janeiro um homem foi detido em Copacabana por desacato a um policial. Manifestantes tentaram impedir a saída do ônibus que levava

o preso e houve confusão. Muitos PM e o batalhão de choque acompanharam o protesto. As imagens passam um clima de confronto.

4.4 Plano da estória: Categorias de análise

É no plano da estória que a narrativa se evidencia e acontece, com o desenrolar dos fatos nas cenas, com seus personagens e conflitos. É o plano da estória que fica na mente do receptor, com suas apreensões de conteúdos, enredos e intrigas. De acordo com Motta (2013) “uma realidade referente é evocada pelo texto narrativo através da sequência de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando sua intriga” (MOTTA, 2013, p. 137). Este nível de significação concentra as artimanhas da narrativa, e costuma se revelar concomitantemente com o plano da expressão. Nele o “analista irá investigar a lógica e a sintaxe narrativa, ou até onde elas manifestam intencionalidade do narrador: as unidades nucleares e a funcionalidade delas na estória” (MOTTA, 2013, p. 138)

Veremos, então, as intencionalidades dos telejornais ao narrar sobre a violência ocorrida durante as manifestações. Violência sofrida e provocada por policiais e manifestantes. E falaremos, também, sobre o novo personagem surgido no Brasil nesses protestos: os black blocs.

4.4.1 Os conflitos: Manifestantes e black blocs; black blocs e policiais

Num primeiro momento o Jornal Nacional usa somente o termo manifestante para designar quem está na manifestação. Depois diferencia chamando de ‘manifestantes mascarados’ e manifestantes e só no final de 2013, usa ocasionalmente o termo *black blocs*, mas a preferência é por vândalos ou vândalos mascarados. Na LAPADA_PROTESTO GASTOS COPA o repórter informa que “Em Belo Horizonte, vândalos mascarados também invadiram uma passeata no centro.”

Já o RBN não usa o termo *black blocs*, nem vândalos, se refere a manifestantes, mascarados, encapuzados, com máscaras no rosto etc. Na LAPADA BRASIL_GASTOS COPA VARIAS CIDADES a matéria descreveu assim, em São Paulo: “teve bombas de efeito moral disparadas contra as pessoas e pessoas encapuzadas atiraram pedras e garrafas”.

Contudo, não são questões de semântica. Vamos ao princípio dos protestos.

De início o conflito entre policiais e manifestantes ocorreu por questões de desobstruções de vias públicas, organização do trânsito, segurança dos comerciantes, em suma, pela manutenção da tranquilidade da ordem pública.

Em São Paulo, particularmente, as manifestações começaram com um protesto pelo aumento das passagens concedido pelo governo, que usou seu aparato policial para conter as manifestações. Portanto havia aí disputa de força sobre duas questões centrais: a organização do espaço público e a mobilidade urbana, que hoje em dia tem movimentos atuantes, como o MPL Movimento Passe Livre, no entendimento de que a mobilidade urbana é essencial para a aquisição da cidadania, e que o direito de ir e vir não pode ser restringido por interesses econômicos.

Ao serem contrários ao aumento das passagens os manifestantes paulista foram às ruas, não houve nada de inédito até aí, mas naquele momento a sociedade de forma geral já tinha consciência de uma coisa: a polícia não pode exercer força física contra quem protesta por causa de medidas econômicas. E a polícia não pode extrapolar suas competências em detrimento do direito dos manifestantes.

As cenas de agressão policial contra manifestantes, mostradas pelas duas emissoras além de todos os outros veículos de notícias, calou fundo em diversos segmentos da sociedade, em diversos cantos do país. E esse sentimento foi compartilhado via redes sociais. E algo inédito ocorreu: dos protestos isolados que vinham acontecendo formou-se um só, um grande protesto no dia 17 de junho, que mobilizou mais de um milhão de pessoas, que não foi, com certeza, pelos vinte centavos aumentados nos preços dos coletivos paulistas.

As pautas eram diversas, mas mantinham esses dois vieses: contra a forma como as instituições tradicionais exercem seus papéis na sociedade atualmente (como a imprensa aborda determinados temas e suas imbricações político-econômicas, a lentidão do Judiciário, a falta de respostas governamentais às questões básicas de mobilidade social, saúde, educação e moradia) e contra o poder político partidário, que atua nos Poderes e formula, executa e fiscaliza as leis, que normatizam a vida pública, com critérios que não priorizam melhorias na saúde, na educação e em outras áreas.

O 'surto' coletivo, o basta, ocorreu nas ruas. E foi tão inesperado que a apresentadora Patrícia Poeta estava sozinha na bancada do Jornal Nacional, o que demonstrou que a TV Globo foi pega desprevenida para narrar os acontecimentos

do dia⁵³. E foi tão surpreendente, que até quem participou da manifestação não esperava tamanha adesão e ao ver tanta gente os manifestantes se empolgavam e chamavam quem ainda não estava lá, aos gritos de “vem para rua vem.”

E é esse cenário que precisa ser apreendido, re-acontecido nas rotinas de produção para ser transmitido pelos veículos de comunicação, ao mesmo tempo em que a cena se desenrola. E se o jornalista é o historiador do presente, conforme cunhou Motta (2005), ele mais absorve e registra do que contextualiza os acontecimentos, até pela proximidade com eles. E por isso no afã de contar essa estória as emissoras focaram no evento como um protesto de cidadania, “o gigante acordou, as pessoas cantam o Hino Nacional” e nos conflitos entre policiais e manifestantes.

Já as rixas entre manifestantes e os *black blocs* não tiveram notoriedade nos meios. Muitos manifestantes foram contrários às depredações, a quebra do patrimônio público e particular, muitos bate-bocas ocorreram, mas sem maior gravidade, então, ficaram de fora das informações relevantes do dia. E é justo nesse ponto que se faz a divisão das intencionalidades.

Esses conflitos, no interior das manifestações, revelam em grande parte, as diferenças dos vários grupos, com diferentes níveis de consciência política e tendências, inseridos nas Jornadas de Junho. Participaram desde o manifestante eventual ou que nunca tinha ido a uma passeata, que sentindo um clima festivo de mudança resolveu aderir; até o militante de algum partido ou movimento que viu no ato um meio para alcançar um objetivo político mais amplo; e até mesmo pessoas que viram na multidão um espaço para provocar confusão⁵⁴. O Jornal Nacional quando chamou este último de *black blocs* estabeleceu uma opinião sobre condutas certas e condutas erradas nas manifestações, sem explicar o que cada grupo desses propunha. Separou em dois: manifestante pacífico, que só quer lutar por seus direitos e manifestante vândalo, que só quer confusão. Deixando nas

⁵³ O apresentador-chefe, William Bonner, acompanhava a Seleção Brasileira, na Copa das Confederações. O Brasil iria jogar dali a dois dias, e Bonner estava viajando com a seleção, e no dia 17 se encontrava apresentando o telejornal diretamente do Ceará.

⁵⁴ Lembrando que os *black blocs*, ou bloco negro, não se enquadram aqui. O termo define grupos de ativistas que se caracterizam por usar roupas e máscaras negras cobrindo o rosto, para dificultar o reconhecimento por parte de autoridades policiais. O vestuário cria uma sensação de conjunto e união do grupo. Mas o grupo anarquista tem princípios. Um deles é o questionamento da ‘ordem vigente’, eles também são contrários ao capitalismo e à globalização, por isso promovem ações de dano material a fachadas de empresas multinacionais e bancos. O movimento tem origem na Alemanha, na década de 70 e seguidores em diversos países.

entrelinhas duas leituras possíveis: se você é manifestante rejeite a participação dos vândalos e de que os vândalos estragam a ‘beleza’ da manifestação de cidadania.

Já o Repórter Brasil Noite tentou contextualizar as manifestações e seus atores e convidou um historiador da Universidade de São Paulo para falar sobre o novo fenômeno e todos esses conflitos entranhados, e de difícil percepção. Contudo, explicar um fenômeno assim, ainda em andamento, no tempo limitado da televisão não foi fácil e a entrevista apontou reflexões, mas não ofereceu caminhos e nem vislumbrou soluções.

Com tudo isso, de fato, toda essa heterogeneidade do chão foi parar nas telas da TV de forma simplificada e os conflitos ficaram reduzidos, de forma geral, ao quebra-quebra, ao número de manifestantes, de prisões e de feridos.

4.4.2 Os significados construídos pela imagem

As imagens mostraram pessoas felizes “*caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais braços dados ou não*” parafraseando Geraldo Vandré⁵⁵, e revivendo antigos sonhos, pintadas no rosto de verde e amarelo e envoltas com a bandeira do Brasil. Jovens, crianças, adultos e vovôs, homens, mulheres, heterossexual, homo e transexuais, brasileiros de todas as cores e amores. Trocaram jogos da seleção por manifestação, mas sem deixar de torcer pelo Brasil. Levavam consigo apitos, cartazes e muita vontade de mudar.

Mas as imagens também mostraram jovens jogando pedra em policiais e policiais espirrando pimenta nos olhos de um jovem imobilizado. Grupos virando carros de polícia e, esses mesmos grupos, quebrando links de imprensa. Jovens entrando no camburão e pai tirando filho mascarado da manifestação. As imagens áreas mostraram ruas ocupadas por uma multidão, cabecinhas se deslocando, gente correndo, pessoas apanhando.

Vimos ainda por essas telas, policial mirando a multidão e disparando balas de borracha. Jovens mirando soldados e atirando pedras. Os telejornais mostraram pessoas ocupando espaços proibidos, como a cúpula do Congresso Nacional e o espelho d’água e jovens quebrando vidraças de órgãos públicos.

Empurra-empurra, jatos d’água para apartar confusão, panos com vinagre para aliviar os efeitos do spray de pimenta lançados por policiais. Policiais com

⁵⁵ Música “Pra não dizer que não falei das flores” de Geraldo Vandré (1968)

cassetetes, capacete e alguns com coletes salva-vida. Jornalistas de capacete e colete a prova de balas. Nos cenários quase de guerra ouvimos frases de ordem, choros, berros de desespero, risos e músicas. Vimos sangue e vimos beijos.

Até que o pior aconteceu, uma pessoa foi atingida por um rojão. Vimos o passo a passo, o rojão sendo acendido até ser lançado e alcançar o trabalhador. Soubemos de sua morte, vimos a dor de sua família e amigos. Lamentamos a perda de um cinegrafista experiente, lamentamos que tenha sido atingido no exercício do trabalho, durante uma manifestação por aumento de preço de passagens.

Apesar da Copa do Mundo ser no país do futebol, até às vésperas do Mundial as cidades não estavam enfeitadas, as pessoas não estavam no clima festivo que se esperava. Mas ele chegou e com ele as manifestações diminuíram e as repressões aumentaram e manifestantes foram presos. Já fazia um ano das primeiras idas às ruas. Agora grupos menores, mais combatentes eram combatidos e compelidos a se retirarem aos poucos de cena. As televisões mostraram o recrudescimento da violência policial. O mundo estava de olho no Brasil. E a Anistia Internacional também, tanto que lançou campanhas para que a polícia diminuísse a violência.

Aos poucos as manifestações foram tendo menos adeptos, as televisões dando menos importância, algumas pautas foram atendidas, outras não e a vida foi voltando ao normal. O fato é que nem quando o Brasil levou de 7 a 1 da Alemanha houve protesto.

As imagens vistas, nos dois telejornais, construíram três sentidos. Um do “gigante acordou” que aflora o sentimento de pertencimento de um povo a uma nação. Nação esta cujos cidadãos se sabem amparados por leis, que quando essas não os satisfazem o caminho natural é se juntar aos outros e reclamar, seja por meio de abaixo-assinado, reuniões, plenárias, Justiça ou protestos públicos, manifestações inclusive. Essas pessoas creem na estrutura democrática do país e não temem lutar por direitos. As imagens das pessoas tranquilas, reunidas em grupos familiares, de trabalho e amigos, pintadas e segurando cartazes compõem esse sentido.

Já as imagens do quebra-quebra, dos policiais extrapolando suas funções e sendo até covardes, dos jovens quebrando vidraças e da confusão generalizada que algumas cenas mostraram desenha um sentido de que “manifestação é uma situação perigosa”, se você participar pode correr o risco de: apanhar, se machucar, ser preso, levar gás de pimenta, bala de borracha etc. Portanto, não participem.

E um terceiro sentido provocado pelas imagens é que a “imprensa e os jornalistas não são bem vindos”. Policiais que extrapolam em violência e jovens que revidam são situações antigas, antes da ditadura já víamos imagens assim. Mas caminhões de links quebrados propositalmente, jornalistas constrangidos de exercer a função e feridos, ainda não havíamos visto, antes destas manifestações.

4.4.3 Os narradores e significados que construíram

O primeiro narrador-empresa só apareceu uma vez, no editorial da Rede Globo, lido pelo editor-chefe do jornal William Bonner, no dia da morte cerebral do cinegrafista Santiago Andrade. No texto a Globo reforça que “Sem cidadãos informados não existe democracia”, que a imprensa é fundamental para que a informação circule e que desde as primeiras manifestações existe violência.

Ressaltou o papel fundamental da imprensa em denunciar essa violência e denunciou a hostilização sofrida por jornalistas profissionais. Disse que essa atitude foi “autoritária porque atacou a liberdade de expressão e foi uma atitude suicida porque sem os jornalistas profissionais a Nação não tem como tomar conhecimento amplo das manifestações que promove.” Reafirmou o compromisso de neutralidade dos jornalistas e criticou os atos de violência dos policiais e dos manifestantes. O editorial se solidariza com a família do cinegrafista e cobra a punição dos culpados e finaliza deixando um desafio “que a polícia investigue se por traz da violência existe algo mais do que a pura irracionalidade”.

O texto incisivo afirma que os jornalistas não tomam “posição a favor de lado nenhum” e que são essenciais à democracia. Num universo de quatrocentas e sete palavras o editorial repete oito vezes a palavra violência, sete vezes a palavra jornalista (ou jornalismo) e seis vezes manifestação (manifestações). Ao final do texto prevalece o sentido de que um jornalista morrer numa manifestação é grave demais. É um atentado, quase, à própria democracia.

Já a enunciação dos segundos narradores-jornalistas ocorreu em todas as matérias nos dois telejornais. E delas emergiram diversos significados. Repórter e apresentador, por vezes, se complementaram, mais se equivaleram, mantendo a narrativa da estória. Com relação às manifestações percebeu-se uma oscilação no fio narrativo. As primeiras matérias do Jornal Nacional apresentam um clima pacífico,

onde a polícia está preparada, mas só agirá se for necessário. Já a última, da lapada da Copa do Mundo, o sentido que prevalece é de muita violência nos protestos.

Na sequência o Repórter Brasil Noite vinha denunciando a violência desde antes do dia 17 de Junho. Na matéria deste dia os sentidos criados, a partir das falas dos jornalistas, são descritivos ou sobre a ação violenta da polícia. A partir do acordo firmado entre os representantes dos manifestantes e policiais no outro protesto, o clima foi pacífico. Contudo, na lapada da Copa do Mundo a violência aparece novamente e de forma contundente por parte da polícia e dos manifestantes. E este é o sentido que permanece da fala deles.

A participação dos terceiros narradores-personagens foi valorizada, em certas matérias. Contudo, entre os narradores-personagens, a maioria vem de um local de fala oficial. Nas vinte matérias analisadas vinte e oito pessoas foram ouvidas. Destas, seis são representantes do Movimento Passe Livre, nove são oficiais e treze não ocupam posto de representação que as imputem a valoração de informação oficial, dentre elas duas falas de advogado e uma de perito.

A participação da fala testemunhal, pura e simples, ficou restrita a dez pessoas, uma participação muito pequena e diversa, para extrairmos um significado. A maioria delas se encontra nas matérias sobre a morte do cinegrafista e tem um sentido de perda, de tristeza. As demais sequer foram creditadas.

4.5 O plano da metanarrativa: a busca de direitos e de novas expressões de cidadania

Vamos retomar a afirmação de que as “metanarrativas de fundo afloram a partir da ‘reconfiguração das intrigas’”, de acordo com Motta (2013), para buscar as intrigas nos porões das manifestações.

Apesar de terem eclodido no dia 17 de junho de 2013⁵⁶ os protestos já vinham ocorrendo de maneira mais isolada e esparsa, e os dois telejornais faziam a cobertura como um acontecimento factual. Mas nesse dia mudou tudo. O trânsito e a vida urbana das cidades foram alterados com um milhão de pessoas nas ruas. Isso talvez justifique a ampla cobertura do JN, mas não a do RBN, conforme já dizemos.

⁵⁶ As matérias sobre manifestação ocorridas no dia 17 de Junho de 2013 ocuparam quase 75% do tempo útil, sem comerciais, do Jornal Nacional, enquanto que no Repórter Brasil Noite esta porcentagem cai para 27% do tempo. O JN teve neste dia 34 minutos e vinte segundos de duração e o RBN cinquenta e dois minutos.

Contudo, existem outras questões de pano de fundo que merecem atenção. Uma delas é a eleição de 2014. As manifestações apontavam o espaço público como um grande palco de protestos, e claro, indignações com os governos. Dar visibilidade às manifestações e prolongar o clima de protestos até o ano seguinte seria um golpe na reeleição de Dilma Rousseff à Presidência⁵⁷ da República e de outros políticos que concorriam a governos estaduais.

Embora houvesse o clima de uma manifestação colorida, de afirmação da identidade nacional mostrada pelos telejornais, o que ficou mais notório na matéria do JN foram as ações policiais para conter o protesto enquanto o RBN destacou a violência da polícia frente aos manifestantes. Sutis nuances que fazem toda a diferença.

Ocorre que as manifestações não pararam e não mostrá-las era um tiro no pé, mas como era um fenômeno novo havia uma brecha para apresentá-las num enquadramento adequado e pertinente tanto às linhas editoriais das empresas como com as correspondências populares. E assim foi sendo feito, até porque as manifestações não cessaram e era impossível ignorá-las ou enquadrá-las em discursos políticos partidários, já que havia recusa à participação de políticos, em geral. E o movimento estava conseguindo vitórias em algumas de suas reivindicações. E por isso os telejornais continuavam a cobrir os protestos, mas de forma mais moderada.

Entretanto com a morte do cinegrafista da Rede Bandeirantes, Santiago Andrade, os noticiários voltaram ao tema, com força total. O Jornal Nacional, neste dia, exibiu quinze matérias e um editorial, destes, oito matérias e o editorial foram sobre a morte do cinegrafista, ocupando quase 69% do tempo do telejornal, sem considerar os comerciais. O Repórter Brasil Noite consumiu quase 24% do telejornal.

Vale lembrar que o JN teve neste dia quase 33 minutos de duração e o RBN quase cinquenta e quatro minutos, então, o que vale considerar é a prioridade do assunto frente aos temas do dia e que os dois cobriram a mesma agenda.

Consideremos que os factuais sobre a morte do cinegrafista eram: médicos anunciam a morte cerebral, a polícia pede prisão temporária dos suspeitos, repercussão da nota das entidades representantes dos jornalistas, a homenagem

⁵⁷ A presidente se reelegeu nas eleições de outubro de 2014, no entanto, a abstenção chegou a trinta por cento dos eleitores aptos a votar.

dos colegas, uma nova manifestação contra o aumento das passagens, que estava, no dia, associada à morte de Santiago.

Os dois telejornais deram todos esses assuntos, mas o Jornal Nacional deu ainda um editorial de três minutos e vinte e sete segundos. O JN enxergou nesta questão uma brecha para se posicionar frente à agressão que os jornalistas vinham sofrendo nas manifestações. Já o RBN não adota essa postura, o telejornal só informa, não faz comentários, pois não possui a figura do âncora, nem elabora editoriais.

Entretanto muito além do tempo destinado aos assuntos, do quebra-quebra e das cenas de patriotismo as manifestações engendraram conflitos em seus subterrâneos. O movimento sem líderes, mas que tinha representantes que falavam por ele, gerou insegurança nas autoridades gestoras da Copa do Mundo que decretaram a prisão de vinte e três manifestantes às vésperas da final do Mundial. A alegação parecia uma aberração jurídica, mas foi cumprida. No blog do jornalista Luís Nassif⁵⁸ ela é assim descrita:

gerou escândalo a justificativa apresentada pelo juiz Flávio Itabaiiana e defendida pelo delegado Alessandro Thiers e pelo promotor Luís Otávio Figueira Lopes de que as prisões se destinavam a evitar protestos violentos no dia da final da Copa do Mundo, isto é, punição antecipada a crimes ainda não cometidos e a respeito dos quais nenhuma evidência de planejamento foi sequer apontada.

Entre os vinte e três manifestantes com ordem de prisão, no dia 12 de julho de 2014, por atos violentos em protestos no Rio de Janeiro está a Sininho, Elisa Quadros. Elisa ficou treze dias em uma cela da penitenciária de Bangu, na zona oeste carioca, até ser beneficiada por habeas-corpus. Ela já havia sido acusada de promover reuniões com o objetivo de incendiar o prédio da Câmara Municipal, na ocupação conhecida como Ocupa Câmara, em agosto de 2013. O RBN não mostrou a notícia e o JN⁵⁹ informou na cabeça de um VT de 03:01 assim: “Dezenove pessoas foram presas hoje suspeitas de participar e planejar de atos de vandalismo durante protestos no Rio”. No VT fala que “foram apreendidos materiais usados para fabricação de explosivos, máscaras de gás e aparelhos de choque”. A delegada

⁵⁸ Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/tag/blogs/sininho>>

⁵⁹ Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/dezenove-pessoas-sao-presas-suspeitas-de-participar-de-atos-de-vandalismo-no-rio/3494006/>>

adjunta do caso, Renata Araújo, disse que Sininho é a líder de um movimento que se reúne para praticar atos de vandalismo. E na nota-pé William Bonner conta que “a Anistia Internacional demonstrou preocupação com as prisões na véspera da final da Copa do Mundo por parecer uma forma de intimidação das manifestações. A Anistia pediu as autoridades do Rio que garantam o direito de reunião e manifestação pacífica”.

Em 04 de dezembro do mesmo ano Elisa foi novamente presa porque teria descumprido a medida cautelar imposta pelo habeas corpus ao participar de nova manifestação popular. A estória dela é interessante porque não se comprovou envolvimento dela em nenhuma ação criminal, até então, mas ela já foi presa três vezes e entre uma das restrições impostas pela lei foi a participação em manifestações. E essa foi a causa da última prisão, da qual ela ainda não saiu.

Contudo nessa guerra política-midiática-penal inflada a partir dos protestos nem tudo é intriga e perseguição.

O fato é que ao reforçar a transmissão dos acontecimentos os telejornais os introduziram na memória coletiva (Hallbwachs) dos brasileiros, tornando as manifestações, manifestos livres de busca por direitos. Contudo, quais direitos foram alcançados ou consolidados com essas manifestações? Alguns direitos foram, sim, contemplados.

Por exemplo, pelo menos 15⁶⁰ estados abaixaram o preço nas tarifas dos ônibus. Desde 18 de dezembro de 2014 o município de Maricá⁶¹, no Rio de Janeiro, enfrenta empresários de transportes e implanta ônibus com tarifa zero. Em São Paulo a Polícia Militar anunciou que não iria mais usar balas de borrachas em manifestações. A PEC 37/2011 foi rejeitada pelo Congresso Nacional. A emenda propunha a exclusão do Ministério Público das investigações criminais, deixando-as a cargo das polícias Federal e Estaduais. Os manifestantes entendiam que o Congresso, como forma de proteger os parlamentares em atuais e futuras investigações, queria limitar os instrumentos de investigação da sociedade, reduzindo-o, deixando ao MP apenas a função de acusar. A Lei dos Crimes Hediondos foi ampliada e na alteração incluiu delitos de peculato, concussão, excesso de exação, corrupção passiva e corrupção ativa, além de homicídio simples

⁶⁰ Belo Horizonte, Minas Gerais, Campo Grande, Curitiba, Rio de Janeiro, São Paulo, João Pessoa, Porto Alegre, Aracaju, Goiânia, Manaus, Natal, Cuiabá, Recife e Vitória.

⁶¹ Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/marica-a-cidade-do-passe-livre-4100.html>>

e suas formas qualificadas, como crimes hediondos, além de aumentar as penas. A lei hoje encontra-se na Câmara aguardando votação, após ter sido aprovada em 2013 no Senado Federal. Os manifestantes exigiam sua aprovação para tornar mais rigorosas as penas aplicadas a quem se envolver com corrupção. Outra vitória, agora do projeto da Cura Gay 234/2011, que suspendia a resolução do Conselho Federal de Psicologia de não tratar a homossexualidade como doença, foi retirado de tramitação pelo autor da matéria dep. João Campos (PSDB/GO). E mais conquistas como: a aprovação de 25% dos royalties do petróleo para a saúde; e 75% dos Royalties do Petróleo e do Fundo Social (do montante principal e dos rendimentos) para educação, além da redução do PIS/Cofins nas tarifas de transportes.

Essas vitórias são ínfimas perto do tamanho das reivindicações das manifestações. Contudo, é o começo. O povo redescobriu sua força, enquanto conjunto e mandou um claro recado de que cansou das relações estabelecidas de poder, conforme o entendimento de Manuel Castells (2013):

as relações de poder são constitutivas da sociedade porque aqueles que detêm o poder constroem as instituições segundo seus valores e interesses. O poder é exercido por meio da coerção e/ ou construção de significado na mente das pessoas, mediante mecanismos de manipulação simbólica (CASTELLS, 2013, p. 10).

E esse foi o legado imaginado: menos manipulação e menos coerção. Resta agora saber qual será o legado deixado para as futuras gerações, a partir das novas expressões de cidadania descobertas nas ruas. A questão que fica para a construção de uma cidadania mais ampla de direitos civis, políticos e sociais no Brasil é a de uma profunda reforma na democracia e nos seus aspectos representativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As matérias sobre manifestação veiculadas pelo Jornal Nacional e pelo Repórter Brasil Noite, RBN, foram semelhantes, apesar de que o RBN trouxe mais a participação do povo e de contextualização dos acontecimentos. Aqui, mostramos três dias, mas os debates em estúdio são frequentes no telejornal, além dos dois comentaristas diários e dos recursos utilizados didaticamente ao apresentar uma matéria espinhosa. Contudo, a falta de planejamento e, por vezes, de técnica compromete, em parte, a qualidade do noticiário, inclusive no que parece ser seu propósito primeiro, que é a participação do cidadão. Este aparece sem crédito e sempre a corroborar com o fio narrativo da matéria. Nunca de um local de fala que seja o desviante.

Entretanto o telejornal público, que tem quase oitenta por cento a mais de tempo de veiculação do que comercial, se formos considerar o critério do tempo, deu menos espaço às matérias sobre os protestos e sobre a morte do cinegrafista do que o Jornal Nacional.

Apesar dos mesmos temas terem sido contemplados pelos dois telejornais, pela disponibilidade de tempo e de intento, o RBN poderia ter ido além.

O pressuposto de veicular conteúdo cidadão, que traga em si elementos pertinentes de cidadania e de diversidade não faz com que a empresa, de fato, tenha uma linha editorial que possibilite a percepção deste diferencial no produto final do telejornalismo. Aliás, a empresa ainda não tem uma linha editorial definida, o que faz com que temáticas políticas e econômicas sejam tratadas de forma 'tímida' pelos produtos EBC.

Conforme afirmou Iluska Coutinho (2012) responsável por uma pesquisa sobre a EBC, o telejornal é neutro ao tratar questões políticas, porém o acontecimento das manifestações era um grande movimento de despertar da cidadania.

Ao equilibrar-se na corda bamba a emissora fez bem do mesmo. Ao tomarmos como exemplo o dia 17 de Junho de 2013, a emissora deu voz a pessoas que exercem lideranças e são militantes de suas causas, contudo, pouco ouviu o manifestante eventual, para daí extrair a pluralidade e a diversidade inserida no movimento.

Por isso convém enfatizar a necessidade de que se rompam os vínculos financeiros e de apadrinhamento da instituição com o governo, para que esta possa transitar mais livremente no cenário político. Concordo com o pensamento do jornalista Jonas Valente que apontou, em sua dissertação sobre a criação da EBC, caminhos para que a empresa se estabeleça no patamar a que se propõe, de referência em comunicação pública no Brasil:

Fazer intensa cobertura e debate acerca da agenda dos temas nacionais, dando espaço para o foco no interesse da população e de suas organizações; estimular a reflexão da população e apresentar os aspectos cidadãos do Estado Brasileiro, entendidos como as conquistas das classes dominadas no conjunto deste aparelho; dar vazão, de maneira reflexiva e crítica, à diversidade cultural do país, não apenas reproduzindo as manifestações, mas superando a polarização entre culturas popular e cultura de massa para procurar na primeira os elementos que justificam de fato seu predicado; satisfazer as necessidades lúdicas e simbólicas da população privilegiando a riqueza das produções artísticas em detrimento da reprodução dos padrões homogêneos da Indústria Cultural e dar forte espaço à crítica da mídia, especialmente das políticas de comunicação e da ação dos meios comerciais (VALENTE, 2009, p. 195)

No telejornal RBN da TV Brasil ainda não é assim, mas tem o propósito de sê-lo, o que já é uma parte do caminho. Falta trilhar a parte da implementação dos aparatos técnicos necessários à amplitude do sinal e qualidade de imagem e som, a capacitação dos profissionais em conteúdos de interesse público em comparação com as abordagens dos veículos comerciais, divulgação dos produtos da empresa e de sua marca, além da desvinculação do governo Federal. Medidas que deverão refletir na equipe 'chão de fábrica' e no produto final.

O Jornal Nacional, JN, da Rede Globo não cobriu as manifestações com o foco no cidadão, até porque o foco da emissora, de acordo com o livro Modos de fazer o JN, é com a informação, é mostrar mais e melhor do que aconteceu naquele dia.

Os interesses de cada emissora são bem definidos e diferenciados, o problema é no que se refere às implementações desses valores. A Rede Globo já incorporou os pressupostos a que se destina e os que não. As manifestações interessaram e muito, mas pelo viés de que havia muita gente sem liderança e insatisfeita. E como disse Venício Lima (2013)

a primeira reação foi de condenação pura e simples. As manifestações deveriam ser reprimidas com rigor ainda maior. À medida, no entanto, que o fenômeno se alastrou, a velha mídia alterou radicalmente sua avaliação inicial. Passou então a cobrir em tempo real os acontecimentos, como se fosse apenas uma observadora imparcial, que nada tivesse a ver com os fatos que desencadearam todo o processo. O que começou com veemente condenação transformou-se, da noite para o dia, não só em tentativa de cooptação, mas também de instigar e pautar as manifestações, introduzindo bandeiras aparentemente alheias à motivação original dos manifestantes. (LIMA, 2013, p. 92)

E com este propósito o Jornal Nacional cobriu as manifestações do helicóptero e do chão, sem ouvir uma única pessoa no local do acontecimento, no dia 17 de junho de 2013. Contudo, enfatizando as reivindicações dos manifestantes e o aparato policial que estava a espera de um confronto.

A estória contada pelo telejornal foi atraente e se serviu a construção da cidadania foi no sentido “do gigante acordou”. Contudo, na forma com que abordou a violência dos manifestantes e policiais a emissora contribuiu para desmobilizar os protestos. Assim como o destaque dado na sequência de prisões sofridas pelos manifestantes. Os interesses do Jornal Nacional são plurais e o fazem adotar um posicionamento claro frente a alguns acontecimentos, mas não em outros.

Por exemplo, o telejornal noticiou com destaque a apreensão de artefatos para produção de explosivos e a ordem de prisão de 23 integrantes do movimento que articulava as manifestações, em particular da Elisa Quadros, Sininho, sem dar o mesmo enquadramento ao fato de que ela foi presa depois, conforme já vimos, por participar de uma manifestação. Em contrapartida, o mesmo noticiário saiu em proteção aos jornalistas profissionais, que ficaram no *front* por assim dizer, comparando a cobertura das manifestações com as de guerra, no editorial do dia da morte do cinegrafista Santiago Andrade.

No dia da morte do cinegrafista o fio narrativo que alinhou todas as matérias daquela edição foi bem evidente. A lógica era de que as manifestações já eram um excesso, que estava na hora de acabar com a violência nelas ou com elas. As matérias mostradas no dia sobre este assunto traziam fios narrativos assim: perda, tom de emoção na fala dos amigos, vazão, tristeza; reconhecimento do segundo suspeito de lançar o rojão, participação dos dois suspeitos na morte do cinegrafista, pressão política para apuração do caso, mais emoção na fala dos colegas de trabalho, e uma matéria sobre mais manifestação, onde a narrativa induz que há

violência na manifestação, mas as imagens mostram ao contrário, força um texto que não acha amparo nas imagens.

A morte de um profissional desata o posicionamento da emissora, que cobriu as manifestações 'de fora', mas que neste momento se viu 'dentro' e atingida. Por isso o editorial traz tamanha força na defesa da profissão e do profissional que anda perdendo, frente à população, seu referencial de olhos e ouvidos da sociedade, porque esta sociedade quer outros direitos e uma imprensa que acompanhe as mudanças na prática democrática:

Os movimentos sociais em rede de todo o mundo têm exigido uma nova forma de democracia, não necessariamente identificando seus procedimentos, mas explorando seus princípios em sua própria prática. Os movimentos, assim como a opinião pública em geral, coincidem em denunciar o escárnio a que são submetidos os ideais democráticos na maior parte do mundo (CASTELLS, 2013, p. 176)

Novos tempos, novos atores sociais que exigem novas mídias e diferentes abordagens dos seus feitos. O Jornal Nacional e o Repórter Brasil Noite reforçaram os valores de cidadania, a partir das matérias das manifestações: sim ou não? As manifestações trouxeram conquistas de direitos, promoveram o despertar do povo na rua, povo este que vinha apático desde o *impeachment*. Uma nova consciência começou a despertar, mas nem a emissora comercial, nem a pública reforçaram, em suas matérias, os devidos laços de identidade nacional e de cidadania para que tivessem um papel protagonista nessa história do presente.

É importante ressaltar, no entanto, que a transmissão em tempo real das manifestações de rua, no Brasil, mostrou um enorme avanço no que se refere a uma consciência mais ampla do que é cidadania e do direito a ela, como uma arma de conquista de direitos civis, sociais e políticos. Quando se observa a diferença na cobertura das emissoras de televisão sobre movimentos da população fica claro que, há apenas 30 anos, nada disso era possível. As manifestações sobre as Diretas no início dos anos 1980 não tiveram cobertura de TV ao vivo e poucos *flash* de matérias gravadas.

Numa perspectiva histórica, as coberturas das Jornadas de Junho foram um avanço grande para o acordar da democracia no país. Ao transmitirem os acontecimentos ao vivo as emissoras de televisão, intencionalmente ou não, podem ter criado na consciência coletiva a certeza de que sempre existe o recurso à

manifestação como forma de acelerar as mudanças que visem à diminuição da desigualdade e à garantia de incorporação de mais cidadãos a redes de proteção social.

Como afirma o historiador José Murilo de Carvalho, na nova edição do seu livro *Cidadania no Brasil*, o balanço do percurso da cidadania é positivo porque foram mantidas as práticas democráticas e houve avanço claro no que se refere aos direitos sociais. Para ele, no entanto, é preciso continuar a democratizar a República pela inclusão social. O brasileiro percebe com maior clareza que ser cidadão implica o custo de pagar impostos e que estes é que financiam as obras públicas que o povo cobra nas ruas. E Carvalho conclui que o fortalecimento da república e da democracia fica dependendo, sobretudo, do envolvimento dos cidadãos.

A cidadania se torna um valor-notícia que as emissoras de televisão começam a incorporar e a fortalecer nos seus noticiários. E como disse Stuart Hall (2012), as identidades são construídas dentro e não fora do discurso. No caso das manifestações, a partir das narrativas televisivas e de como elas posicionaram os personagens em relação a determinados valores que são culturais, a narrativa, de certa forma, contribuiu para o fortalecimento da identidade. Isto significa que a cobertura das manifestações produziu uma metanarrativa (uma narrativa implícita, não falada, não visualizada) que reforçou o sentido de ser brasileiro. Motta (2013) lembra que na narrativa, o valorativo penetra no descritivo, a ética se infiltra na estética e a vida se transforma em arte ou narrativa dramática, e a arte se converte em um veículo por meio do qual a realidade se torna manifesta e compreensível. O sentimento de brasilidade parece ter perpassado todas as coberturas de grandes manifestações de rua nas Jornadas de Junho e se incorporado à memória coletiva como um valor de identidade que favorece novas práticas cidadãs. Pode ter sido um bom passo para uma mudança nas práticas políticas e nas políticas públicas do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADGHIRNI, Zélia. Rotinas produtivas do jornalismo em Brasília. In: MOUILLAUD, Maurice. **O jornal – da forma ao sentido**. Brasília: UnB, 2002. 2ed, p. 449-468
- ALMEIDA, Alda; ABREU, João. **A lógica de mercado no discurso jornalístico**. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/viewFile/129/87>>. Acesso em: 1º out. 2009.
- ANISTIA INTERNACIONAL. **Brasil, chega de bola fora**. Disponível em: <<https://anistia.org.br/noticias/brasil-chega-de-bola-fora/>>
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das letras: 2011, 2ed.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. Lisboa: Edições 70, 1984.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BONNER, William. **Jornal Nacional – modo de fazer**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2007.
- CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- CARNEIRO, Henrique Soares. Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David et al. **Occupy – Movimentos de protestos que tomaram as ruas**. São Paulo: BoiTempo: Carta Maior, 2012.
- CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, 18ed.
- CARVALHO, Carlos Alberto. O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo. INTERCOM, 2009, Paraná. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0206-1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2013.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CASTRO, Carmem; GONTIJO, Cynthia; AMABILE, Antônio (Orgs). **Dicionário de Políticas Públicas**. Barbacena: EDUEMG: 2012. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/0016339049620b36a7dac>>. Acesso em: 28 dez. 2014
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

BRASIL, Constituição (1988). Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 jan. 2013.

COUTINHO, Iluska (Org.). **A informação na TV pública**. Florianópolis: Insular, 2013.

_____; MEIRELLES, Allana. **Análise do jornalismo da TV Brasil: Uma avaliação do cumprimento do papel público de uma emissora de televisão**. IV Seminário Internacional Media, Jornalismo e Democracia - Homenagem a Nelson Traquina, Universidade Nova de Lisboa: 2012. Disponível em:
<<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmNxb250cmFxdWluYXxneDo0OWUzZWZhYjVmNzJmOTQx>> Acesso em: 13 out. 2013

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua – espaço de cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco: 1997. 5ed.

DIAS, Darli. Atores Sociais. In: CASTRO, Carmem Lúcia; GONTIJO, Cynthia; AMABILE, Antônio (Orgs). **Dicionário de Políticas Públicas**. Barbacena: EDUEMG: 2012. p. 29-30. Disponível em:
<<http://pt.calameo.com/read/0016339049620b36a7dac>>. Acesso em: 28 dez. 2014

EBC. **Somente a verdade** - manual de Jornalismo da EBC. Brasília, 2013.

ECO, Umberto. **Conceito de texto**. São Paulo: Editora da USP, 1984.

FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana (Org.). **Acontecimentos: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. O jornalismo como um problema de comunicação. In: MOUILLAUD, Maurice. **O jornal – da forma ao sentido**. Brasília: UnB, 2002. 2ed. p. 483-497.

_____. Construção jornalística e dizer social. In: _____. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: UnB, 2012. 3ed.

FORT, Mônica Cristine. **Televisão Educativa: a responsabilidade pública e as preferências do espectador**. São Paulo: Annablume, 2005.

GAZETA DO POVO. **Eles foram às ruas para derrubar o presidente**. Disponível no endereço eletrônico do jornal 'Gazeta do Povo de 19/08/2012:
<<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eles-foram-as-ruas-para-derrubar-o-presidente-37ibojhxqj3sfgfptg605d8we>>

GLOBO, Grupo. **Princípios editoriais do Grupo Globo**. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.pdf>> Acesso em: 07 jun. 2014

_____. **Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro**. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>>. Acesso em: 10 set.2013

GUAZINA, Liziane. **Jornalismo em busca de credibilidade**: a cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz. **Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. Codificação/Decodificação. In: **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 365-381.

HALLIDAY, Michael. **Functional Grammar**. Londres: Edward Arnold, 3a.edição, 1995.

HARTLEY, John. **The Popular Reality**: journalism, modernity and popular culture. Londres: Paperback, 1996.

HARVEY, David et al. **Occupy – Movimentos de protestos que tomaram as ruas**. São Paulo: BoiTempo: Carta Maior, 2012.

INTERVOZES, Coletivo. **Vozes silenciadas**: mídia e protesto – a cobertura das manifestações de Junho de 2013 nos jornais O estado de São Paulo, Folha de São Paulo e O Globo. São Paulo: Coletivo Intervozes, 2014.

KATZ, Elihu. Os acontecimentos mediáticos. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e 'estórias'. Lisboa: Vega, 1993.

KOSTCHO, Ricardo. **Trinta e três anos depois, Justiça reabre caso Fiel Filho**. Disponível em: <<http://ricardokotscho.ig.com.br/2009/09/15/caso-fiel-filho/comment-page-3/>>. Acesso em: 21 set. 2014.

LADEIRA MOTA, Célia; MOTTA, Luiz; CUNHA, Jandyra (Orgs.). **Narrativas Midiáticas**. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. Imagens do Brasil: televisão e memória social. In: VIZEU, Alfredo, PORCELLO, Flávio e COUTINHO, Iluska. **Sessenta anos de Telejornalismo no Brasil**. Florianópolis, Editora Insular, 2010.

_____. **Representações da identidade nacional na notícia da TV**. Tese de doutorado/UnB: 2008. Disponível em: <http://btd.d.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3752> Acesso em: 27 out. 2013.

LIMA, Venício. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: HARVEY, David, MARICATO, Ermínia et. al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 89-94

MARICATO, Ermínia.[et al.] **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2014. 5ed.

_____. **Uma Questão Prévia**: existem teorias da Comunicação? In: Martino (org.). **Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?** São Paulo: Ateliê, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo e Construção Social do Acontecimento**. In: Benetti, Marcia; Fonseca, V. **Jornalismo e Acontecimento**. Florianópolis: Insular, 2010.

MEYROWITZ, Joshua. **Communication Theory Today**. Califórnia: Stanford University Press, 1995.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigação em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2009. 6ed.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Narratologias**: Teoria e análise da narrativa. Brasília: Editora Casa das Musas, 2005

_____. As relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice. **O jornal – da forma ao sentido**. Brasília: UnB, 2002. 2ed. P. 305-320.

PARK, Robert. A notícia como forma de Conhecimento. In: STEINBERG (orgs). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1976. p.168-185.

PASSARELLI, Hugo. **Inflação**: um problema que não pode ser esquecido. “Estadão” E&N Negócios. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios,inflacao-um-problema-que-nao-pode-ser-esquecido,83215e>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

PASTERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV – manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier: 2006.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010. 2ed.

QUÉRÉ, Louis. **A dupla vida do acontecimento**: por um realismo pragmatista. (p. 21-38) In: FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana (Org.). **Acontecimentos: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ROBERTS, Bryan. **A dimensão social da cidadania**. RBCS, São Paulo, nº 33, ano 12, p.11, fev. 1997

RODRIGUES, Adriano. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e ‘estórias’. Lisboa: Veja, 1993.

SADER, Emir. **Crise capitalista e novo cenário no Oriente Médio**. In: HARVEY, David et al. **Occupy – Movimentos de protestos que tomaram as ruas**. São Paulo: BoiTempo: Carta Maior, 2012.

SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**. Eveline Bouteille (trad.) Benvirá: 2012.

SILVA, Tomaz. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz. *Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, Luiz Sergio Duarte da. **A construção de Brasília: Modernidade e periferia**. Goiânia: UFG, 1997.

SILVA, Carlúcia. **Cidadania**. In: CASTRO, Carmem Lúcia; GONTIJO, Cynthia; AMABILE, Antônio (Org.). *Dicionário de Políticas Públicas*. Barbacena: EDUEMG: 2012. p. 70-73. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/0016339049620b36a7dac>>. Acesso em: 28 dez. 2014

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999. 2ed.

WOLF, Mauro. **Teoria das Comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 3ed.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz. **Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

VALENTE, Jonas. **TV Pública no Brasil – a criação da TV Brasil e sua inserção no modo de regulação setorial da televisão brasileira**. Dissertação de mestrado/UnB: 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5468/1/2009_JonasChagasLucioValente.pdf> Acesso em: 20 Nov. 2014

ANEXOS

ANEXO A – MATÉRIAS JORNAL NACIONAL			
TÍTULO	RETRANCA	EXIBI - ÇÃO	ENDEREÇO
Manifestantes invadem o espelho d'água e sobem teto do Congresso Nacional em Brasília	(BSB) MANIFESTANTES TETO CN	17/03/ 2013	http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/manifestantes-invadem-o-espelho-da-gua-e-sobem-teto-do-congresso-nacional-em-brasilia/2640043
Cerca de 65 mil pessoas protestam contra aumento da tarifa do transporte público em SP	(SP) 65 MIL TARIFA TRANSPORTE	17/03/ 2013	http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/cerca-de-65-mil-pessoas-protestam-contr-aumento-da-tarifa-do-transporte-publico-em-sp/2640004/
São Paulo tem manifestação pacífica nesta segunda-feira (17)	(SP) MANIFESTAÇÃO PACÍFICA	17/03/ 2013	http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/sao-paulo-tem-manifestacao-pacifica-nesta-segunda-feira-17/2640011/
Médicos anunciam morte cerebral do cinegrafista Santiago Andrade	(RJ) MORTE CEREBRAL SANTIAGO	10/02/ 2014	http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/medicos-anunciam-morte-cerebral-do-cinegrafista-santiago-andrade/3138814/
Polícia pede prisão temporária do suspeito de acender rojão que matou cinegrafista	(RJ) PRISÃO SUSPEITO MORTE SANTIAGO	10/02/ 2014	http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/policia-pede-prisao-temporaria-do-suspeito-de-acender-rojao-que-matou-cinegrafista/3138823/
Entidades representantes dos jornalistas cobram apuração mais rigorosa sobre caso Santiago	(RJ) ENTIDADES JORNALISTAS SANTIAGO	10/02/ 2014	http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/entidades-representantes-dos-jornalistas-cobram-apuracao-mais-rigorosa-sobre-caso-santiago/3138790/
Cinegrafista é homenageado por colegas em Brasília e no Rio	(RJ) (BSB) HOMENAGEM SANTIAGO	10/02/ 2014	http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/cinegrafista-e-homenageado-por-colegas-em-brasilia-e-no-rio/3138809/
Manifestantes protestam contra aumento das passagens de ônibus no Rio	(RJ) PROTESTO CONTRA AUMENTO PASSAGEM	10/02/ 2014	http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-protestam-contr-aumento-das-passagens-de-onibus-no-rio/3138827/
Editorial da Rede Globo sobre a morte de cinegrafista	EDITORIAL SANTIAGO	10/02/ 2014	http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/editorial-da-rede-globo-sobre-a-morte-de-cinegrafista/3138803/

Manifestantes protestam contra gastos da Copa em várias cidades do Brasil	LAPADA_PROTESTO GASTOS COPA	12/06/2014	http://globov.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/manifestantes-protestam-contra-gastos-da-copa-em-varias-cidades-do-brasil/3414278/

ANEXO B - MATÉRIAS JORNAL REPÓRTER BRASIL NOITE			
TÍTULO	RETRANCA	EXI- BI- ÇÃO	ENDEREÇO
Manifestantes ocupam gramado e cobertura do Congresso	(BSB) MANIFESTANTES GRAMADO CN	17/ 03/ 2013	http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/manifestantes-ocupam-gramado-e-cobertura-do-congresso
Ato reúne pelo menos 65 mil pessoas em SP	(SP) ATO 65 MIL PESSOAS	17/ 03/ 2013	http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/ato-reune-pelo-menos-65-mil-pessoas-em-sp
Vinte mil pessoas participam de protestos em BH	(BH) 20 MIL PROTESTA M	17/ 03/ 2013	http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/vinte-mil-pessoas-participam-de-protestos-em-bh
Repórter Brasil debate motivo dos protestos em todo o país	(DF) DEBATE MOTIVO PROTESTO S	17/ 03/ 2013	http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/reporter-brasil-debate-motivo-dos-protestos-em-todo-o-pais
Repórter cinematográfico atingido por rojão tem morte cerebral	(RJ) SANTIGO ROJÃO MORTE CEREBRAL	10/ 02/ 2014	http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/reporter-cinematografico-atingido-por-rojao-tem-morte-cerebral
Rede Bandeirantes divulga nota de pesar sobre a morte de Santiago Andrade	(DF) REDE BANDEIRAN TES MORTE SANTIAGO	10/ 02/ 2014	http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/rede-bandeirantes-divulga-nota-de-pesar-sobre-a-morte-de-santiago-andrade
Dilma Rousseff se manifesta sobre a morte de cinegrafista	(DF) DILMA MORTE SANTIAGO	10/ 02/ 2014	http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/dilma-rousseff-se-manifesta-sobre-a-morte-de-cinegrafista
Protesto contra aumento de passagens de ônibus para parte do Rio	(RJ) PROTESTO PARA RIO	10/ 02/ 2014	http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/protesto-contr-aumento-de-passagens-de-onibus-para-parte-do-rio
Órgãos de cinegrafista Santiago Andrade serão doados	(RJ) (BSB) ORGÃOS DOADOS SANTIAGO	10/ 02/ 2014	http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/orgaos-de-cinegrafista-santiago-andrade-serao-doados
Manifestantes protestam contra gastos do Mundial em várias cidades-sede -	LAPADA BRASIL_GA STOS COPA VARIAS CIDADES	12/ 06/ 2014	http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/manifestantes-protestam-contr-gastos-do-mundial-em-varias-cidades-sede

ANEXO C – PLANOS NARRATIVOS

PLANOS / RETRANCAS	NARRADOR-EMPRESA	NARRADOR-JORNALISTA	NARRADOR-PERSONAGEM	FIO NARRATIVO ao vivo / narração	COMENTÁRIO
JORNAL NACIONAL					
VT (BSB) MANIFESTANTES TETO CN		Patrícia Poeta, apresentadora; Poliana Abritta, repórter, Vladimir Netto, repórter.		Segurança para conter o conflito / Segurança para conter o conflito	Três narradores- jornalistas (dentro da história, plano intra-diegéticos)
VT (SP) 65 MIL TARIFA TRANSPORTE		Patrícia Poeta, apresentadora; Repórter César Galvão, do GloboCop, Repórter Graziela Azevedo, da porta da Secretaria de Segurança de SP	Quatro narradores- personagens Caio Martins – integrante do MPL Érica de Oliveira – integrante do MPL Mateus Preis - integrante do MPL Mayara Vivian - integrante do MPL E Dois narradores- personagens (oficiais) Fernando Grella – secretário de Segurança Pública /SP Geraldo Alckmin, PSDB – governador de São Paulo	a polícia só agirá se for necessário / Organização do evento	Três narradores- jornalistas (dentro da história, plano intra-diegéticos); seis narradores- personagens E seis narradores- personagens, também dentro da estória
VT (SP) MANIFESTAÇÃO		Patrícia Poeta,	Uma mulher fala	descritivo e	Oito narradores: 5

PLANOS / RETRANCAS	NARRADOR-EMPRESA	NARRADOR-JORNALISTA	NARRADOR-PERSONAGEM	FIO NARRATIVO ao vivo / narração	COMENTÁRIO
PACÍFICA		apresentadora; Repórter Carla Modena Repórter Jean Raupp Repórter Fábio Turci [Carla Modena chamou os dois repórteres] Repórter César Galvão	como se fosse comerciante, mas não é creditada. Um motorista do carro dizendo que se deparou com a manifestação e terá que esperar, não foi creditado. Major Paulo Wilhelm – polícia militar- SP	orientação geográfica / manifestação pacífica	narradores-jornalistas e 3 narradores-personagens
VT (RJ) MORTE CEREBRAL SANTIAGO		William Bonner, apresentador Pedro Bassan, repórter,	Alexandre Tortoriello – repórter da Bandeirantes; José Arnaldo dos Santos – repórter cinematográfico da Bandeirantes; Fábio Barreto – apresentador da Bandeirantes	/ perda, tom de emoção na fala dos amigos, vazio, tristeza.	A matéria teve 5 narradores e mais a participação da filha, por meio dos posts e da fala do repórter.
VT (RJ) PRISÃO SUSPEITO MORTE SANTIAGO		Patrícia Poeta apresentadora; Mônica Teixeira repórter	Jonas Tadeu advogado; Nélson Massini perito da UERJ; Maurício Luciano delegado	Reconhecimento do segundo suspeito / confirmação da participação dos dois suspeitos	Cinco narradores

PLANOS / RETRANCAS	NARRADOR-EMPRESA	NARRADOR-JORNALISTA	NARRADOR-PERSONAGEM	FIO NARRATIVO ao vivo / narração	COMENTÁRIO
NS (RJ) ENTIDADES JORNALISTAS SANTIAGO		Apresentadores William Bonner e Patrícia Poeta		/ pressão política para apuração do caso	É uma Nota Seca Dois narradores-jornalistas
NC (RJ) (BSB) HOMENAGEM SANTIAGO		Apresentadores William Bonner e Patrícia		/ Descritivo	
VT (RJ) PROTESTO CONTRA AUMENTO PASSAGEM		Apresentador Patrícia Poeta Repórter Paulo Renato Soares		Descritivo / Manifestação com violência. Mas nos dois casos as imagens mostram ao contrário do texto.	A matéria teve dois segundos narradores-jornalistas (dentro da história, plano intra-diegéticos)
NS EDITORIAL SANTIAGO	Texto da empresa	Apresentadores William Bonner		direito de imprensa /punição dos culpados	Narrador-empresa (extra-diegético) e um narrador-jornalista (intra-diegético)
NC LAPADA_PROTESTO GASTOS COPA		Reportagem de Renato Biazzini.		/ clima de confusão e violência nos protestos	Começa com Belém (PA), seguido por Porto Alegre (RS), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG) e São Paulo (SP).

PLANOS / RETRANCAS	NARRADOR-EMPRESA	NARRADOR-JORNALISTA	NARRADOR-PERSONAGEM	FIO NARRATIVO ao vivo / narração	COMENTÁRIO
REPÓRTER BRASIL NOITE					
VT (BSB) MANIFESTANTES GRAMADO CN		Apresentador Guilherme Menezes; Repórter Pedro Henrique Antunes; Repórter André Carravilla.	Policial não creditado; Manifestante não creditado; Representante do Movimento; Manifestante não creditado; Manifestante não creditada;	descritivo com dados oficiais, estratégias de ações policiais para garantir a 'segurança' / a ação violenta da polícia	A matéria foi contada por oito narradores: Três segundo narradores- jornalistas, um terceiro narrador- personagem (oficial) e quatro terceiro narradores- personagens (personagens)
VT (SP) ATO 65 MIL PESSOAS		Três segundo narrador- jornalista: Apresentador Guilherme Menezes Repórter Vanessa Casalino Repórter Aline Moraes – São Paulo	E três terceiro narradores- personagens: Maraiza Stanista - publicitária Mayara Vivian – representante movimento Fernando Grella – secretário de Segurança Pública SP	a polícia cessou os atos de violência mediante acordo com os líderes do Movimento./ compromisso dos policiais de conterem a violência nos atos.	Seis narradores.
NC (BH) 20 MIL PROTESTAM		Apresentador e narrador Guilherme		Muita gente na rua protesta, mas pacificamente.	As notas cobertas são escritas por editores. Então, a

PLANOS / RETRANCAS	NARRADOR-EMPRESA	NARRADOR-JORNALISTA	NARRADOR-PERSONAGEM	FIO NARRATIVO ao vivo / narração	COMENTÁRIO
		Menezes e Jornalista que escreveu a nota			matéria tem dois segundo-narradores, já que o apresentador também gravou.
(DF) DEBATE MOTIVO PROTESTOS		Apresentador Guilherme Menezes	Francisco Alembert, prof. História USP	/ contextualização das manifestações	
VT (RJ) SANTIAGO ROJÃO MORTE CEREBRAL		Apresentadores: Guilherme Menezes e Fernanda Isidoro Repórteres: Paulo Garritano e Alessandra Lago.	Jonas Nunes – advogado de Fábio Raposo Fernando Molica – diretor Abraji	o conflito está prestes a ser resolvido, a qualquer momento o suspeito será preso e a morte de Santiago passo a passo e agressão aos jornalistas.	Quatro narradores-jornalistas e dois narradores-personagens
NS (DF) REDE BANDEIRANTES MORTE SANTIAGO		Apresentadores: Guilherme Menezes mais editor que redigiu a nota		/ informativo	Nota seca
VT (DF) DILMA MORTE SANTIAGO		Apresentador Guilherme Menezes Repórter Aline Barcellos – Brasília	Celso Schröder – pres. Federação Nacional dos Jornalistas Daniel Pimentel Slavieiro – pres. Assoc. Bras. De Emissoras de Rádio	/ respeito e segurança aos jornalistas	Dois narradores-jornalistas e dois narradores-personagens oficiais.

PLANOS / RETRANCAS	NARRADOR-EMPRESA	NARRADOR-JORNALISTA	NARRADOR-PERSONAGEM	FIO NARRATIVO ao vivo / narração	COMENTÁRIO
			e TV (ABERT)		
NS (RJ) PROTESTO PARA RIO		Apresentadores: Guilherme Menezes e Fernanda Isidoro.		/ informativo	Nota seca
NC (RJ) (BSB) ORGÃOS DOADOS SANTIAGO		Apresentadores: Guilherme Menezes e Fernanda Isidoro e mais repórter não creditado.		Homenagem	Três segundos narradores-jornalistas.
NC LAPADA BRASIL_GASTOS COPA VARIAS CIDADES		Guilherme Menezes – apresentador Katiúscia Neri – apresentadora Mais o editor que redigiu o texto.		/ violência dos manifestantes e dos policiais	Três narrações no mesmo plano: narrador-jornalista (dentro da estória – intra-diegético) Guilherme Menezes e Katiúscia Neri – apresentadores; Repórter: as NC na TV Brasil são feitas pelos editores de texto, e gravada por algum repórter. Não são assinadas.

ANEXO D - INEWS

No *iNews* existem cinco páginas, espaços obrigatórios para o editor se informar e informar sobre o andamento do VT: a raiz, a da pauta, o *prelim* e a do VT (OFFs e lauda).

RAIZ. É o guia, a estrutura de tudo que tem no *iNews*. Informa como as pastas, programas e pautas estão armazenados.

PAUTAS: Traz informações mais detalhadas do que foi produzido para cada VT, de cada localidade. É normal mostrar um histórico do tema, com fontes de outros jornais, o encaminhamento desejado do VT e o agendamento das entrevistas, coletivas, eventos. Esta parte é alimentada pela Produção e já traz informações de reportagem e cinegrafia.

PRELIM. O preliminar é uma tabela, composto de linhas e colunas.

a) Colunas - Local das informações necessárias ao VT.

Num (Número): o número da linha que está o VT corresponde a ordem em que ele entrará no jornal (local do espelhamento dele).

Selo: se usará selo (é a imagem que fica atrás, no ombro, do apresentador. Jornalisticamente serve para ligar a matéria do dia a temas específicos, e esteticamente enriquece a imagem do cenário).

Cham (Chamada): se o VT fará parte da chamada da escalada⁶²

Retranca: nome simplificado e de referência do VT.

Loc.: qual dos apresentadores irá chamar a matéria

tCAB (tempo da cabeça): o tempo da cabeça (o programa calcula automaticamente),

tVT (tempo do VT): o editor-chefe preenche este campo estipulando um tempo para cada VT, mas esse tempo pode ser alterado, para mais ou para menos, de acordo com a relevância do assunto, outras ocorrências do dia etc. Negociado entre editor e editor-chefe ou responsável pelo fechamento do jornal.

tMAT (tempo total da matéria): o programa soma o tempo do VT com o tempo da cabeça.

⁶² A escalada é realizada na abertura do telejornal quando os apresentadores leem as manchetes das matérias que serão exibidas. A escalada, geralmente, alterna os apresentadores na leitura dos assuntos. E pode ter imagens, sobe som, passagens ou manchetes secas.

Store (Mídia): local ou número da mídia em que o VT foi gravado.

Modi (Modificado): aparece o nome da última pessoa a fazer alguma modificação no VT.

APV (Aprovação): A matéria tem que ser aprovada pelo editor-chefe, gerente-executivo ou quem está fechando o jornal. O nome de quem aprovou aparece dentro do retângulo colorido, enquanto ninguém aprovar fica na cor vermelha; quando for liberado fica verde, e se alguém mexer, depois de aprovado, fica na cor amarela.

Tempo: a hora prevista daquele VT ser exibido.

Edit: nome do editor da matéria.

Rep: nome do repórter.

Tema: Cada jornal tem sua forma de organizar as temáticas diárias, pode ser por editorias, assuntos etc. O tema e a retransmissão possibilitam uma rápida busca daquele determinado VT, posteriormente.

b) Linhas – estrutura do jornal

As faixas de cor cinza separam os blocos (pelos break, intervalos) e informam pela retransmissão quais VTs estão paginados em cada bloco. A primeira traz informações do dia, tempo total do jornal, a hora prevista para entrar no ar e a hora de sair do ar.

A segunda, terceira e quarta faixas (chamadas de break 1, 2 e 3⁶³) dividem o jornal em blocos, que são separados pelos comerciais. Já na linha ‘OFF do dia’ os editores colocam os textos do VT.

A faixa *Stand By* – agrupa os VT que não deverão ser apresentados neste dia, seja porque o tempo do jornal estourou ou porque perderam importância no momento. Essas matérias ficam com a cor azul, e se diz que ‘caíram’, mas dependendo podem ser usados outro dia, ou podem até subir novamente, de acordo com a necessidade de fechamento do jornal. O programa ainda está na fase de produção. Se não entrar mesmo, esse VT será visualizado um pouco abaixo, em ‘Gavetas’.

É hora do editor colocar o texto da matéria para que todos vejam.

PRELIM – OFF do VT

Local indicado para pôr o texto final na íntegra. Este espaço é só uma referência, um ‘rascunho’ da matéria, onde se organizam os OFFs, a passagem e

⁶³ Podem ter mais ou menos dependendo do tamanho do jornal e quantidades de comerciais.

as sonoras na ordem em que aparecem. O programa irá contar o tempo do que estiver na cor preta, o que estiver em vermelho não.

PRELIM – lauda do VT

Mas na lauda o que botar está valendo. A linha da retranca do VT no *prelim* serve para colocar, no lado direito, a cabeça (o texto lido pelo apresentador para chamar a matéria) e a deixa (as três últimas palavras do VT – a deixa orienta a equipe o momento em que a matéria termina). O lado esquerdo é destinado para os dados dos caracteres (nome do cinegrafista, nome e profissão dos entrevistados, nome do repórter e local onde gravou a passagem - tem que colocar os créditos na ordem exata em que as pessoas aparecem no VT). Todas essas informações serão creditadas de acordo com a padronização da emissora.

Depois de finalizar a edição, tem que informar o número da fita (*store*) ou o caminho onde a matéria foi descarregada e o tempo da matéria.

ANEXO E – MANIFESTANTES INVADEM O ESPELHO D'ÁGUA E SOBEM TETO DO CONGRESSO NACIONAL EM BRASÍLIA – JB – 17 DE JUNHO DE 2013

Manifestantes invadem o espelho d'água e sobem teto do Congresso Nacional em Brasília – (03:21)	
Duração JN: 34: 20 de programação ativa (excluindo comerciais) Matérias sobre manifestações: 18: 31 Explicação autoridades sobre a manifestação: 06: 59 Só com as manifestações: 25:30 - quase 75 % do telejornal.	
Cabeça: (Patrícia Poeta) “Cinco mil pessoas protestaram na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Segundo eles, em apoio aos manifestantes de São Paulo e também contra o dinheiro investido na Copa. Um grupo <u>invadiu</u> o espelho d'água e a cobertura do Congresso Nacional”.	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real O repórter Vladimir Netto entra ao vivo.</p> <p>Fio narrativo: segurança para conter o conflito</p>	<p>Narração A matéria teve três narradores-jornalistas (dentro da história, plano intra-diegéticos)</p> <p>Patrícia Poeta, apresentadora; Poliana Abritta, repórter, Vladimir Netto, repórter. Poeta está no estúdio, Abritta está no local do acontecimento e Netto sobrevoa o local das manifestações.</p> <p>Fio narrativo: segurança para conter o conflito</p>
<p>Fontes Oficiais As informações dos repórteres vinham de fonte oficial, número de manifestantes, números de segurança etc. Mas não houve sonora com ninguém, nem personagem, nem oficial.</p>	<p>Personagens Não houve participação de personagens.</p>
<p>Texto Predominância do pretérito perfeito do indicativo e do presente na voz passiva. Exemplos: fechou todas as pistas, jogaram água, entraram, romperam, continuam concentrados, chegam os carros, cantam hino, continuam, sentados, cantando, gritando, está aumentando, estão sendo guarnecidos. Marcação do tempo: neste momento. A ação parte dos manifestantes. Os policiais só reagem.</p>	<p>Imagem Imagens de helicóptero mostram o Eixo Monumental (avenida das Esplanadas, sentido rodoviária-Congresso). Os manifestantes ocupam três das seis faixas. A quarta faixa foi utilizada pela polícia para circulação das viaturas e para a formação do cordão de isolamento. Imagens do chão mostram manifestantes e a marcha deles sendo acompanhada de perto pela Polícia Militar. Volta para imagens de helicóptero mostrando ocupação de todas as pistas. Imagens do chão mostram manifestantes e policiais. Policiais com cassetetes, capacete e alguns com colete salva-vida. Volta para as imagens aéreas que mostram manifestantes chegando ao</p>

	<p>Congresso Nacional, a imagem aproxima e corta para o câmara que está no chão. Ele mostra imagens de pessoas dentro do espelho d'água, manifestantes e policiais, poucos manifestantes (um ou dois) jogando água, jovem encapuçado sendo conduzido por um policial, vistos por traz viaturas e policiais. Ouve-se gritos de uhuhu e um policial jogando spray, fumaça. A imagem foi melhor iluminada nesse trecho. Depois, as imagens são de pessoas correndo e subindo nas cúpulas do Congresso. A parte de cima do Congresso está toda ocupada com uma faixa onde se entende somente as palavras Brasil e roubada. A sombra das pessoas reflete na Cúpula da Câmara e ao longe, do Senado. Imagens da rampa de acesso, cheia de gente, algumas descendo e na parte de cima, próximo a Cúpula também. A cúpula está em close, com destaque. Volta para os manifestantes, um grupo sendo filmado de perto, manifestantes agitando os braços, uma chama. Volta para imagens na parte de baixo, na rampa que dá acesso ao Salão Negro, na parte de cima da Chapelaria. Volta para repórter.</p> <p>Estúdio VIVO - (Patrícia Poeta) A tela está dividida em duas partes. Numa mostra Patrícia Poeta do estúdio, na outra o repórter no helicóptero.</p> <p>VT - Do Helicóptero. Close no repórter. Imagem aberta mostrando toda a região do Congresso, cúpulas e prédio, até o Palácio do Planalto. Percebe aglomeração de pessoas. Imagem bem escura. A imagem aproxima e dá para ver a movimentação das pessoas na parte de cima e de baixo do CN. Mostra a bandeira do Brasil pregada numa das paredes de vidro, parte de baixo, do Congresso. As imagens ficam mostrando a movimentação, aproximando e distanciando a imagem. A maioria das imagens foi feita de helicóptero, do alto, mantendo distância dos integrantes da manifestação. Com plano de câmara PAM (panorâmica) que vai da manifestação para a repórter. Já do helicóptero, a câmara aberta do</p>
--	---

	alto, dá uma dimensão mais ampla do acontecimento, mas a imagem é escura.
<p>Manifestantes e policiais “Quem tentou romper o cordão de isolamento foi reprimido pela polícia com gás de pimenta. Houve confusão. O momento mais tenso foi quando eles romperam a barreira dos policiais e conseguiram subir até as cúpulas do Congresso, mas não entraram no prédio”. Depois o tom foi de protesto pacífico, efetivo mobilizado, 2 manifestantes presos e um vidro quebrado, ninguém ferido, polícia não usou arma não letal, 100 homens de prontidão para evitar invasão.</p>	<p>Policiais, black blocs e manifestantes Não há registro da ação de black blocs nesta matéria.</p>

**ANEXO F – CERCA DE 65 MIL PESSOAS PROTESTAM CONTRA AUMENTO DA
TARIFA DO TRANSPORTE PÚBLICO EM SP – JN – 17 DE JUNHO DE 2013**

Cerca de 65 mil pessoas protestam contra aumento da tarifa do transporte público em SP – (04:16) – abriu o JN	
<p>Duração JN: 34: 20 de programação ativa (excluindo comerciais) Matérias sobre manifestações: 18: 31 Explicação autoridades sobre a manifestação: 06: 59 Só com as manifestações: 25:30 - quase 75 % do telejornal.</p>	
<p>Cabeça: (Patrícia Poeta) “Os manifestantes voltaram a ocupar ruas de várias capitais do Brasil nesta segunda-feira. Em São Paulo 65 mil pessoas, segundo o Instituto Data Folha participam pacificamente de mais um protesto contra a tarifa do transporte público. O repórter César Galvão está no GloboCop e traz as informações ao vivo para gente.” [entra ao vivo César Galvão] Volta estúdio: “E hoje mais cedo autoridades do Estado de São Paulo e integrantes do Movimento Passe Livre, que organiza as manifestações, se reuniram para evitar que houvesse violência policial. Foram anunciadas mudanças nos procedimentos da PM”. [entra VT] Volta estúdio: “A prefeitura de São Paulo convidou representantes do Movimento Passe Livre para participar de uma reunião extraordinária do Conselho da Cidade que vai discutir o transporte público. O encontro será amanhã, às 9 da manhã na sede da prefeitura.”</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real César Galvão não aparece no vídeo, mas é chamado para entrar ao vivo e aparece na tela o símbolo de ‘ao vivo’. Ele diz: “Os manifestantes ocupam agora a ponte Estaiada, é uma ponte que liga alguns bairros da zona sul da cidade, a gente vê que eles se movimentam nos dois sentidos. São 65 mil manifestantes, segundo o Instituto Data Folha. Eles saíram da zona oeste da cidade e foram no Largo da Batata, percorreram alguns quilômetros e vieram para a zona sul. Até este momento, o protesto é pacífico, a Polícia Militar acompanha à distancia apenas o deslocamento desses manifestantes.”</p> <p>Fio narrativo: a polícia só agirá se for necessário.</p>	<p>Narração A matéria teve 3 narradores-jornalistas: Patrícia Poeta, apresentadora; Repórter César Galvão, do GloboCop, Repórter Graziela Azevedo, da porta da Secretaria de Segurança de SP</p> <p>Seis narradores-personagens Caio Martins – integrante do MPL Érica de Oliveira – integrante do MPL Mateus Preis - integrante do MPL Mayara Vivian - integrante do MPL Fernando Grella – secretário de Segurança Pública /SP Geraldo Alckmin, PSDB – governador de São Paulo</p> <p>Fio narrativo: organização do evento</p>
<p>Fontes Oficiais Fernando Grella – secretário de Segurança Pública /SP Geraldo Alckmin, PSDB – governador de São Paulo</p>	<p>Personagens Caio Martins – integrante do MPL Érica de Oliveira – integrante do MPL Mateus Preis - integrante do MPL Mayara Vivian - integrante do MPL</p>
<p>Texto Voltaram, até este momento, ocupam,</p>	<p>Imagem Imagens escuras mostram uma multidão</p>

<p>movimentam, saíram, é pacífico, hoje mais cedo, era, logo depois, desde cedo, esclareceram, não houve, acertaram, vão poder ir.</p> <p>Alckmin elogia os representantes do MPL e a segurança pública.</p> <p>(Grella: “ações de pessoas ou de grupos, ações violentas, criminosas serão objetos de uma atuação pontual da polícia e não de dispersão da manifestação”)</p>	<p>se deslocando na Ponte Estaiada, que liga alguns bairros da cidade,</p>
<p>Manifestantes e policiais [César Galvão] Protesto pacífico, a polícia acompanha a distância apenas o deslocamento dos manifestantes.</p>	<p>Policiais e black blocs Não menciona a presença de black blocs, nem de confronto.</p>

**ANEXO G – MÉDICOS ANUNCIAM MORTE CEREBRAL DO CINEGRAFISTA
SANTIAGO ANDRADE – JN – 10 DE FEVEREIRO DE 2014**

Médicos anunciam morte cerebral do cinegrafista Santiago Andrade (02:29)	
<p>O Jornal neste dia teve 15 matérias e um editorial, destas 8 matérias e o editorial foram sobre a morte do cinegrafista. Tempo do jornal (sem comerciais): 1945 segundos = 32 minutos e 42 segundos Tempo total das matérias sobre o cinegrafista: 1340 segundos = 68,89% do tempo total do JN neste dia. (incluindo o editorial)</p>	
<p>Cabeça: (William Bonner): O Brasil começou a segunda-feira com uma notícia triste. Logo pela manhã foi constatada a morte cerebral do repórter cinematográfico da TV Bandeirantes, Santiago Andrade. Ele foi ferido na cabeça, por um rojão, na última quinta-feira, durante um protesto no Rio.</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real Não</p>	<p>Narração A matéria teve 5 narradores e mais a participação da filha, por meio dos posts e da fala do repórter. William Bonner - apresentador Alexandre Tortoriello – repórter da Bandeirantes José Arnaldo dos Santos – repórter cinematográfico da Bandeirantes Pedro Bassan – Rio de Janeiro Fábio Barreto – apresentador da Bandeirantes</p> <p>Fio narrativo: perda, tom de emoção na fala dos amigos, vazio, tristeza.</p>
<p>Fontes Oficiais Não</p>	<p>Personagens 3 personagens: amigos de Santiago (Tortoriello, dos Santos, Barreto)</p>
<p>Texto “uma das pessoas mais fáceis de se gostar que eu conheci” “colecionador de amigos” “10 anos de câmera na mão” “ele nunca gostou de briga” “era um parceiro” “foi pelo mundo registrando imagens e ajudando aos outros” “os dois prêmios de jornalismo que conquistou foram por reportagens sobre transportes” “a família decidiu doar os órgãos do cinegrafista” “Santiago deixa 3 enteados e uma filha JOR-NA-LIS-TA” (Post da filha na rede social): “quando</p>	<p>Imagem Fotos do cinegrafista com amigos e a câmera. Fotos dele trabalhando Fotos dele com a família Fotos dele em grandes coberturas Termina a matéria uma foto com close dele segurando uma câmera. .</p>

<p>decidi ser jornalista, aos 16 anos, ele quase caiu duro. Disse que era profissão ingrata, de salário baixo e muita ralação. Mas eu expliquei: vou usar seu sobrenome. Ele riu e disse: então pode!” “enxergar através da lente um mundo melhor” “Santiago era um artista de sua profissão. Chamava ele até de Picasso, você é o Picasso das câmeras, porque você não filma, você pinta o que você faz” “Um dia meus futuros filhos saberão quem foi Santiago Andrade, o avô deles. Mas eu, somente eu, saberei o orgulho de ter o nome dele na minha identidade”</p> <p>Predominância do Pretérito Perfeito. Figura de linguagem: “coleccionador de amigos” /”enxergar através da lente”/”Picasso das câmeras”</p>	
<p>Manifestantes e policiais Não</p>	<p>Policiais e black blocs Não</p>

ANEXO H – POLÍCIA PEDE PRISÃO TEMPORÁRIA DO SUSPEITO DE ACENDER ROJÃO QUE MATOU CINEGRAFISTA – JN – 10 DE FEVEREIRO DE 2014

Polícia pede prisão temporária do suspeito de acender rojão que matou cinegrafista – (05:01)	
<p>O Jornal neste dia teve 15 matérias e um editorial, destas 8 matérias e o editorial foram sobre a morte do cinegrafista. Tempo do jornal (sem comerciais): 1945 segundos = 32 minutos e 42 segundos Tempo total das matérias sobre o cinegrafista: 1340 segundos = 68,89% do tempo total do JN neste dia. (incluindo o editorial)</p>	
<p>Cabeça: (Patrícia Poeta): A polícia pediu a prisão temporária do homem suspeito de ter acendido o rojão que matou o cinegrafista Santiago Andrade. Ele foi identificado com a ajuda de Fábio Raposo, que confessou ter participado da ação e já está preso. [sobe som do VT] Volta ao estúdio: A repórter Mônica Teixeira acompanhou a entrevista do delegado que cuida do caso e traz agora, para a gente, as informações ao vivo, Mônica.</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real</p> <p>Repórter ao vivo – atualiza informações “Boa noite Bonner, agora a pouco o delegado Maurício Luciano deu uma entrevista coletiva, aqui na delegacia. Ele confirmou que o homem que aparece de calça jeans e blusa cinza nas imagens já foi mesmo identificado, mas não revelou o nome dele para não atrapalhar as investigações. Esse homem e Fabio Raposo, que já está preso, foram indiciados por homicídio doloso qualificado, pelo uso de artefato explosivo e também pelo crime de explosão. Mesmo já tendo a identificação do homem, a polícia precisava de uma identificação. Por isso essa tarde os policiais foram até a penitenciária onde Fabio Raposo cumpre pena e levaram uma foto do suspeito para que ele pudesse identificá-lo. Apesar do advogado de Fabio Raposo ter dito que ele não poderia identificar o homem de blusa cinza, ao ver a foto levada pelos policiais, Fabio confirmou que era a mesma pessoa que acendeu o rojão. Vamos ver o que disse o delegado. [entra fala do policial] “E uma vez apresentada a foto ao Fabio ele não teve dúvida em reconhecê-lo, portanto, eu posso dizer que nós já temos convicção de quem foi</p>	<p>Narração</p> <p>A matéria tem 5 narradores: Patrícia Poeta - apresentadora Reportagem: Mônica Teixeira Jonas Tadeu – advogado Néelson Massini – perito da UERJ Maurício Luciano – delegado</p>

<p>a pessoa que acendeu o artefato”.</p> <p>Fio narrativo: Reconhecimento do segundo suspeito</p>	<p>Fio narrativo: confirmação da participação dos dois suspeitos</p>
<p>Fontes Oficiais Maurício Luciano – delegado</p>	<p>Personagens Jonas Tadeu – advogado Nélson Massini – perito da UERJ – entrevista sábado ao Jornal Nacional</p>
<p>Texto Ao deixar a delegacia esta tarde; Disse que tinha; Que acendeu o rojão, que atingiu e matou; Eu passei; O advogado Jonas Tadeu disse como conseguiu as informações “O Fabio Raposo não me deu o nome do rapaz, o Fábio Raposo não conhece o nome, não, não tinha o nome dele oficial. O Fabio Raposo conhece ele por codinome. O Fábio Raposo me passou uma pessoa, que eu poderia chegar a ela e esse pessoa me passaria o nome certo e a qualificação.”</p> <p><i>Letter.</i> ontem, Jornal Nacional – sábado.</p> <p>O perito explica que “colocando as imagens analisada ponto a ponto é possível ver o momento em que o pavio é acesso” Fábio e o homem de blusa cinza suada. As duas pessoas estão integradas nesta ação. A repórter pergunta estão juntos? Juntos. Ontem o delegado chegou a dizer que Fábio poderia ajudar a fazer um retrato falado do outro homem. Hoje o advogado disse que isso não seria possível porque todas as vezes que o cliente dele viu o outro homem ele estava usando máscara. Fabio Raposo está na Penitenciária Bandeira Estampa, no Complexo e Bangu, onde cumpre prisão temporária de 30 dias.</p>	<p>Imagem As imagens mostradas e creditadas são da TV Brasil: o homem acendendo o rojão, disparando e atingindo o cinegrafista.</p> <p>A pedido da Globo um perito faz análise da imagem da TV Brasil. Ele escurece a cor do fundo para destacar o exato momento em que o artefato é acesso, segundo o perito.</p> <p>O VT é composto por imagens: do advogado deixando a delegacia, o antes, durante e depois do momento do disparo do rojão (fotos e vídeo compõe a cena), e ainda imagens do perito e da análise dele, enquadrando, foco e desfocando de acordo com a visualização do que o perito diz. A pergunta feita pela repórter ao final ‘se a imagem era conclusiva para ele’, já estava respondida por todos, tamanha coincidência entre texto e imagem.</p>
<p>Manifestantes e policiais Não</p>	<p>Policiais e black blocs Não</p>

ANEXO I – ENTIDADES REPRESENTANTES DOS JORNALISTAS COBRAM APURAÇÃO MAIS RIGOROSA SOBRE CASO SANTIAGO – JN – 10 DE FEVEREIRO DE 2014

Entidades representantes dos jornalistas cobram apuração mais rigorosa sobre caso Santiago (01:02)	
<p>O Jornal neste dia teve 15 matérias e um editorial, destas 8 matérias e o editorial foram sobre a morte do cinegrafista. Tempo do jornal (sem comerciais): 1945 segundos = 32 minutos e 42 segundos Tempo total das matérias sobre o cinegrafista: 1340 segundos = 68,89% do tempo total do JN neste dia. (incluindo o editorial)</p>	
<p>Nota seca (William Bonner): A Federação Nacional dos Jornalistas, a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão e a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo cobraram uma apuração rigorosa do caso e punição para os autores da agressão que vitimou Santiago Andrade. (Patrícia Poeta): Em nota a Associação dos Repórteres fotográficos e cinematográficos exigiu que as autoridades de segurança do Rio investiguem aqueles que defendem, financiam ou prestam assessoria jurídica aos black blocs, chamados pela Associação de 'grupo de criminosos' (William Bonner): A Rede Bandeirantes informou que vai acompanhar passo a passo as investigações e o processo e exigir a condenação do assassino e do grupo do qual ele faz parte. (Patrícia Poeta): A presidente Dilma Rousseff escreveu numa rede social que a morte de Santiago Andrade revolta e entristece. Ela disse que não é admissível que protestos democráticos sejam desvirtuados por quem não tem respeito por vidas humanas. E que determinou que a Polícia Federal apoie as investigações.</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real Não</p>	<p>Narração A nota teve 3 narradores: Apresentadores William Bonner e Patrícia Poeta e quem redigiu Fio narrativo: pressão política para apuração do caso</p>
<p>Fontes Oficiais Não</p>	<p>Personagens Não</p>
<p>Texto Voz ativa Pretérito perfeito</p>	<p>Imagem não .</p>
<p>Manifestantes e policiais Não</p>	<p>Black blocs "investiguem aqueles que defendem, financiam ou prestam assessoria jurídica aos black blocs, chamados pela Associação de 'grupo de criminosos'"</p>

ANEXO J - CINEGRAFISTA É HOMENAGEADO POR COLEGAS EM BRASÍLIA E NO RIO – JN – 10 DE FEVEREIRO DE 2014

Cinegrafista é homenageado por colegas em Brasília e no Rio – 00:32	
<p>O Jornal neste dia teve 15 matérias e um editorial, destas 8 matérias e o editorial foram sobre a morte do cinegrafista. Tempo do jornal (sem comerciais): 1945 segundos = 32 minutos e 42 segundos Tempo total das matérias sobre o cinegrafista: 1340 segundos = 68,89% do tempo total do JN neste dia. (incluindo o editorial)</p>	
<p>Cabeça (William Bonner): O cinegrafista da TV Bandeirantes, Santiago Andrade, foi homenageado hoje em Brasília e no Rio de Janeiro. Nota coberta (William Bonner): Colegas de profissão se reuniram no mesmo lugar onde ele foi atingido pelo rojão, no centro da cidade. Dezenas de cinegrafistas e fotógrafos de várias emissoras e de jornais abriram um círculo na calçada e um a um foram depositando as câmeras no chão. Em Brasília cerca de 20 repórteres cinematográficos, assistentes e fotógrafo também deixaram o equipamento no chão e cruzaram os braços, na rampa do Congresso Nacional.</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real Não</p>	<p>Narração Apresentadores William Bonner e Patrícia</p> <p>Fio narrativo: descritivo, emotivo</p>
<p>Fontes Oficiais Não</p>	<p>Personagens Não</p>
<p>Texto Pretérito perfeito</p>	<p>Imagem .profissionais da imagem, com suas câmeras e máquinas penduradas, aplaudem. O cinegrafista, que filma, desloca a câmera num movimento panorâmico. Depois a imagem é mostrada de cima, num plano de conjunto. Dois carros da PM ao lado de um grupo em círculo. A imagem aproxima e mostra os profissionais colocando seus equipamentos no chão. Corta para Brasília. Com a imagem fechada, em plano médio, um grupo de homens está de braços cruzados olhando seus instrumentos de trabalho logo abaixo. A câmera mostra num ângulo mais aberto, os profissionais, as câmeras e, ao fundo, o Congresso Nacional.</p>
<p>Manifestantes e policiais Não</p>	<p>Policiais e black blocs Não</p>

**ANEXO K – MANIFESTANTES PROTESTAM CONTRA AUMENTO DAS
PASSAGENS DE ÔNIBUS NO RIO – JN – 10 DE FEVEREIRO DE 2014**

Manifestantes protestam contra aumento das passagens de ônibus no Rio (01:17)	
<p>O Jornal neste dia teve 15 matérias e um editorial, destas 8 matérias e o editorial foram sobre a morte do cinegrafista. Tempo do jornal (sem comerciais): 1945 segundos = 32 minutos e 42 segundos Tempo total das matérias sobre o cinegrafista: 1340 segundos = 68,89% do tempo total do JN neste dia. (incluindo o editorial)</p>	
<p>Cabeça (Patrícia Poeta): Uma última notícia, neste momento há um protesto contra [Bonner abaixa a cabeça] o aumento das passagens de ônibus no Rio de Janeiro e infelizmente a violência voltou a se repetir. O repórter Paulo Renato Soares está lá acompanhando e tem mais informações para gente ao vivo. Pode falar Paulo Renato.</p>	
<p>Nota coberta chamada como ‘ao vivo’ (Paulo Renato): Patrícia a manifestação começou perto da Central do Brasil, a principal estação de trem da cidade por volta das seis e meia da tarde. Os manifestantes ocuparam duas das quatro pistas da Avenida Presidente Vargas, do centro e interromperam completamente o trânsito num dos sentidos da via. Houve congestionamento. Eles caminharam até a Assembleia Legislativa do Rio e depois eles vieram até o prédio da Câmara de Vereadores, aqui na Cinelândia, onde se dispersaram. Um homem mascarado foi detido. Ainda pouco, houve correria e confronto com a polícia. Nessas imagens vemos policiais batendo com cacete em um grupo. Agora a pouco a PM revistou várias mochilas. A polícia ocupa as ruas. <i>[só aqui a imagem escurece e parece mesmo noite]</i> Segundo a polícia cerca de 500 pessoas participaram do protesto contra o aumento das passagens de ônibus. Neste momento o grupo está bem espalhado aqui pelas ruas na região da Cinelândia. Este segue pela Avenida Rio Branco, em meio aos carros, e está sendo acompanhado pela polícia de perto. Bonner. Patrícia.</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real Parece que sim.</p> <p>A apresentadora diz que ele tem “mais informações para gente ao vivo” Só que: -o repórter não aparece em momento nenhum, só se ouve a voz e o barulho do helicóptero. - ele começa dizendo (aparentemente de dentro do helicóptero): “Patrícia a manifestação começou perto da Central do Brasil, a principal estação” [aqui entra na imagem o símbolo de ‘ao vivo’ com BG ou barulho do helicóptero]. E ele continua: “por volta das seis e meia da tarde” e some o símbolo de ‘ao vivo’. E a imagem clareia. Foram menos de dois segundo com o símbolo de ‘ao vivo’ Só volta a ficar ‘ao vivo’ quando ele diz: “Neste momento o grupo volta a ficar</p>	<p>Narração A matéria teve dois segundos narradores-jornalistas (dentro da história, plano intra-diegéticos)</p> <p>Apresentador Patrícia Poeta Repórter Paulo Renato Soares</p> <p>Fio narrativo: a narrativa induz a ideia de manifestação com violência, mas as imagens mostram ao contrário.</p>

<p>espalhado”, mas o barulho do helicóptero não muda. Este ‘ao vivo’ dura treze segundo. Do total de 58 segundo do ‘ao vivo’ do repórter somente quinze estiveram sinalizados como tal. Fizeram um LOC VIVO, narração ao vivo com imagens sobrepostas, com AO VIVO, que deixou dúvida sobre se houve ou não ‘AO VIVO’.</p> <p>Fio narrativo: Descritivo (mas sem coincidência com as imagens mostradas)</p>	
<p>Fontes Oficiais Não</p>	<p>Personagens Não</p>
<p>Texto começou, seis e meia da tarde interromperam, ocuparam caminharam, vieram, dispersaram, ainda a pouco houve nessas imagens vemos agora a pouco revistou ocupa, participaram, seguem está sendo</p> <p>Predominância do Pretérito Perfeito, no ao vivo. Marcações de tempo: seis e meia da tarde; Ainda a pouco; Agora a pouco; Neste momento.</p>	<p>Imagem Imagens do alto mostram uma movimentação de pessoas pelas ruas do Rio. Pessoas ocupando duas das quatro pistas da Avenida Presidente Vargas. Podemos ler algumas faixas que dizem: A tarifa vai cair, Não vai ter Copa, Protesto não é crime, Movimento Passe Livre.</p> <p>Nem sempre a imagem completa, endossa o texto. Mesmo quando o repórter diz “nessas imagens vemos” a imagem não mostra nada, não aparece policiais batendo com cassetete em manifestantes. E depois ele continua dizendo que policiais revistaram mochilas, mas como a afirmação anterior não foi visualizada, levanta dúvida sobre a segunda.</p> <p>O JN começa por volta das 21:20, portanto, noite. Não fica nem três segundos escuro e as imagens ficam claras, parece dia. E depois volta a escurecer.</p> <p>.</p>
<p>Manifestantes e policiais “Ainda pouco, houve correria e confronto com a polícia. Nessas imagens vemos policiais batendo com cacete em um grupo. Agora há pouco a PM revistou várias mochilas”.</p>	<p>Policiais e black blocs “Um homem mascarado foi detido”</p>

ANEXO L – EDITORIAL DA REDE GLOBO SOBRE A MORTE DE CINEGRAFISTA – JN – 10 DE FEVEREIRO DE 2014

Editorial da Rede Globo sobre a morte de cinegrafista (03:27)

(William Bonner)

A Rede Globo divulgou hoje o seguinte editorial:

Não é só a imprensa que está de luto, com a morte do nosso colega da TV Bandeirantes, Santiago Andrade, é a sociedade. Jornalistas não são pessoas especiais, não são melhores nem piores do que os outros profissionais. Mas é essencial numa democracia, um jornalismo profissional, que busque sempre a isenção e a correção para informar o cidadão sobre o que está acontecendo. E o cidadão informado de maneira ampla e plural, escolha o caminho que quer seguir. Sem cidadãos informados não existe democracia. Desde as primeiras grandes manifestações de junho, que reuniram milhões de cidadãos pacificamente no Brasil todo, grupos minoritários acrescentaram a elas um ingrediente desastroso da violência.

E a cada nova manifestação, passaram a hostilizar jornalistas profissionais. Foi uma atitude autoritária porque atacou a liberdade de expressão e foi uma atitude suicida porque sem os jornalistas profissionais a Nação não tem como tomar conhecimento amplo das manifestações que promove.

Também a polícia errou, em muitas vezes, em algumas se excedeu de uma forma inaceitável contra os manifestantes em outras simplesmente decidiu se omitir. E em todos esses casos, em todos, a imprensa denunciou: ou o excesso ou a omissão.

A violência é condenável sempre, venha de onde vier. Ela pode atingir um manifestante, um policial, um cidadão que está na rua e não tem nada a ver com a manifestação e pode atingir os jornalistas, que são os olhos e os ouvidos da sociedade. Toda vez que isso acontece a sociedade perde, porque a violência resulta num cerceamento a liberdade de imprensa. Como um jornalista pode colher e divulgar as informações quando se vê entre paus e pedras e rojões de um lado e bombas de efeito moral e balas de borracha do outro?

Os brasileiros têm o direito de se manifestar sem violência, quando quiserem, contra isso ou a favor daquilo. E o jornalismo profissional vai estar lá, sem tomar posição a favor de lado nenhum. Exatamente como nosso colega, Santiago Andrade, estava fazendo naquela quinta-feira passada. Ele não estava ali protestando, nem

combatendo o protesto. Ele estava trabalhando, para que os brasileiros fossem informados da manifestação contra o aumento das passagens de ônibus, e pudessem formar, com suas próprias cabeças, uma opinião sobre o assunto. Mas a violência o feriu de morte aos 49 anos, no auge da experiência, cumprindo o dever profissional.

O que se espera agora é que essa morte absurda leve racionalidade aos que contaminam as manifestações com a violência. A violência tira a vida de pessoas, machuca pessoas inocentes e impede o trabalho jornalístico que é essencial. Nós repetimos: essencial numa democracia.

A Rede Globo se solidariza com a família de Santiago, lamenta sua morte e se junta à todos que exigem que os culpados sejam identificados e exemplarmente punidos. E que a polícia investigue se por trás da violência existe algo mais do que a pura irracionalidade.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	
Texto (tempos verbais e figuras de linguagem) Presente, Infinito e gerúndio e pretérito perfeito, mas predomina o presente.	Narrador-empresa: Globo Narrador-jornalista: William Bonner Fio narrativo: direito de imprensa /punição dos culpados

ANEXO M – LAPADA: MANIFESTANTES PROTESTAM CONTRA GASTOS DA COPA EM VÁRIAS CIDADES DO BRASIL – JN – 12 DE JUNHO DE 2014

LAPADA: Manifestantes protestam contra gastos da Copa em várias cidades do Brasil – 03:20	
OBS: Do tempo total da lapada, 12' foram de cabeça e 47' de nota-pé. Ao todo 59' de narração dos apresentadores.	
<p>Cabeça: (William Bonner): “O dia de abertura do Mundial teve protesto contra os gastos da Copa em várias cidades. E em algumas capitais, como São Paulo e Rio houve confusão. Mas muitas manifestações transcorreram sem problemas. [sobe som do VT] Volta estúdio: [nota-pé] A Anistia Internacional divulgou nota em que acusa a polícia de São Paulo de fazer uso desproporcional de força contra manifestantes. A Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV também fez críticas à polícia de São Paulo com relação à violência contra jornalistas e, da mesma forma, considerou inaceitável a violência dos manifestantes contra a imprensa. A Polícia Militar de São Paulo afirmou que agiu para conter ativistas que pretendiam prejudicar o direito de ir e vir de milhares de pessoas. Já a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo alegou que ao contrário do que afirma a ABERT, os jornalistas foram feridos porque estavam no meio do confronto entre vândalos e a polícia militar. A Polícia Militar de Minas Gerais declarou que apoia o trabalho da imprensa e que o jornalista atingido estava sem capacete.</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real Não</p>	<p>Narração A narração começa com Belém (PA), seguido por Porto Alegre (RS), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG) e São Paulo (SP). Com reportagem de Renato Biazzi (a passagem foi muito curta e não deu tempo de creditar).</p> <p>Fio narrativo: clima de confusão e violência nos protestos</p>
<p>Fontes Oficiais Sem fontes.</p>	<p>Personagens Sem personagens ouvidos.</p>
<p>Texto Belém – cerca de 200 pessoas, segundo a PM, seguiram pacificamente pelas avenidas. Porto Alegre – A manifestação tinha cerca de 300 pessoas, segundo a PM, e começou tranquila quando mascarados atiraram pedras em edifícios públicos e bancos. A polícia usou bombas de efeito moral. Em BSB houve um princípio de tumulto entre manifestantes e a</p>	<p>Imagem Nas imagens de Belém pode-se ver alguns cartazes contra a Copa, contra a Fifa e existem bandeiras de partido político. Em Porto Alegre também há bandeira de partidos. Mostra a imagem de um policial segurando um manifestante enquanto outro policial joga gás de pimenta nos olhos dele. Em São Paulo imagens mostram manifestantes e policias em confronto, sobe som de balas sendo</p>

polícia. Duas pessoas foram presas. No Rio 1000 pessoas, segundo a PM, se reuniram no centro pela manhã. Um grupo de vândalos se infiltrou e houve tumulto. Policiais lançaram spray de pimenta e detiveram quatro pessoas. À tarde em Copacabana cerca de 300 pessoas voltaram a protestar, 3 foram presas e uma ficou ferida.

Em Belo Horizonte, vândalos mascarados também invadiram uma passeata no centro. Tentaram quebrar o relógio da copa e foram cercados pelos PMs. Houve uma batalha de pedras contra balas de borrachas. No prédio do Detran um carro da polícia foi destruído. Entre os feridos estava um repórter cinematográfico da agência Reuters atingido na cabeça por objeto não identificado. Ele está em observação no hospital.

Em São Paulo foram vários os confrontos, todos perto do estádio de abertura da copa. Manifestantes fizeram barricadas no meio da rua e atiraram pedras nos policiais. A polícia respondeu com bombas de gás e prisões. Este pai impediu que o filho mascarado participasse do protesto. Um policial jogou gás de pimenta nos olhos de um manifestante já dominado. Na confusão pelo menos três jornalistas estrangeiros ficaram feridos. Um assistente de câmera, Douglas Barbieri do SBT também teve ferimento leve.

[passagem repórter] “A vigilância dos policiais chegou até dentro de algumas estações do metrô.

A gente está aqui na estação Tatuapé”
[a passagem é cortada.] [sobe som de tiros com balas de borracha] o repórter não volta aparecer, mas continua

“agora manifestantes e policiais entram em confronto, momento de bastante tensão e violência” *[barulho de tiros]* “a estação chegou a ser

disparadas. A confusão permaneceu até que a polícia esvaziou a estação.

<p>fechada para o embarque irritando os passageiros. o tumulto só acabou quando a polícia esvaziou a estação.”</p> <p>Destaques: No Rio a narração chama de vândalos os manifestantes que estão com os rostos cobertos e em atitude de combate. Em Belo Horizonte “vândalos mascarados invadiram uma passeata no centro”, “batalha de pedras contra balas de borracha”, um jornalista da Reuters foi ferido. Em São Paulo “foram vários os confrontos todos perto do estádio de abertura da Copa”, “manifestantes fizeram barricadas e atiraram pedras nos policiais e a polícia respondeu” um pai impediu que o filho mascarado participasse do protesto. Três jornalistas internacionais e um cinegrafista brasileiro ficaram feridos na confusão.</p>	
<p>Manifestantes e policiais Em Brasília também houve confusão entre manifestantes e a polícia. Imagens mostram pessoas com a bandeira do Brasil, policiais jogando spray nas pessoas.</p>	<p>Policiais e black blocs Em Porto Alegre o destaque é para a confusão entre mascarados que atiraram pedras em edifícios e bancos e a polícia.</p>

ANEXO N – SÃO PAULO TEM MANIFESTAÇÃO PACÍFICA NESTA SEGUNDA-FEIRA – JN – 17 DE JUNHO DE 2013

São Paulo tem manifestação pacífica nesta segunda-feira (17) – 03:36	
<p>Duração JN: 34: 20 de programação ativa (excluindo comerciais) Matérias sobre manifestações: 18: 31 Explicação autoridades sobre a manifestação: 06: 59 Só com as manifestações: 25:30 - quase 75 % do telejornal.</p>	
<p>Cabeça: (Patrícia Poeta) E os nossos repórteres acompanharam o início da manifestação de hoje em São Paulo, num dos lugares mais movimentados da cidade. [entra VT com sobe som] Volta estúdio: Vamos ver como está à situação neste momento em São Paulo o repórter Cesar Galvão sobrevoa a região do protesto. Cesar como está à situação por aí. [entra Cesar]</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real</p> <p>César Galvão fala do GloboCop ao vivo: “Bem Patrícia, por enquanto, o protesto apesar de ter muita gente nele é tranquila (<i>sic</i>). A gente vê um dos blocos de manifestantes subindo neste momento a ponte Estaiada, passando sobre o Rio Pinheiros. A esquerda nós vamos ver que muitos manifestantes ainda chegam aqui na região do <i>Brooklin</i>, que é este bairro da zona sul, na Avenida Luís Carlos a gente vê uma outra multidão seguindo aí em direção a ponte. Este grupo passa por debaixo da ponte e segue ela. A ponte está tomada nos dois sentidos. Os manifestantes de São Paulo se dividiram em pelo menos três blocos. No começo da noite um outro bloco tomou a avenida paulista. A gente vai ver imagens agora do momento em que os manifestantes entraram na avenida paulista [...] e neste caminho que fica próximo a TV Globo foram gritando palavras de ordem contra a TV Globo. [em nenhum momento o repórter apareceu na imagem, só a voz dele narrando o que a imagem mostrava lá embaixo, BG ou áudio vazando de helicóptero]</p> <p>Fio narrativo: descritivo e orientação geográfica</p>	<p>Narração</p> <p>A matéria teve 5 narradores-jornalistas:</p> <p>Patrícia Poeta, apresentadora; Repórter Carla Modena Repórter Jean Raupp Repórter Fábio Turci [Carla Modena chamou os dois repórteres] Repórter César Galvão</p>
<p>Fontes Oficiais Major Paulo Wilhelm – polícia militar- SP</p>	<p>Fio narrativo: manifestação pacífica</p> <p>Personagens Uma mulher fala como se fosse comerciante, mas não é creditada.</p>

	Um motorista do carro dizendo que se deparou com a manifestação e terá que esperar, não foi creditado.
<p>Texto [Carla Modena] “com medo de novos confrontos entre manifestantes e policiais parte do comércio fechou as portas”;</p> <p>Foi cercada, evitar depredações; Pouco depois das 4 da tarde, Por volta das 6 horas da tarde; A passeata se dividiu em duas; Por volta das 7 e meia da noite, neste momento.</p>	<p>Imagem Sobe som dos manifestantes: “Se concentrar e subir até a Paulista”. Imagens de cima, do chão mostram manifestantes caminhando. Mais sobe som: “Vem para rua vem, contra o aumento” Imagem de policial com a cartucheira sem arma. Mais sobe som: “Vem para rua vem”. Imagens escuras mostram bandeiras do PSTU Mais sobe som: “Sem partido, sem partido” Ao chamar o GloboCop deixam vaziar bem o áudio do helicóptero.</p>
<p>Manifestantes e policiais [Carla Modena]: Policiais chegaram desarmados para acompanhar a manifestação</p>	<p>Policiais e black blocs Não há referência.</p>

**ANEXO O – MANIFESTANTES OCUPAM GRAMADO E COBERTURA DO
CONGRESSO – RBN – 17 DE JUNHO DE 2013**

Manifestantes ocupam gramado e cobertura do Congresso – (03:51)	
<p>Tempo total do jornal = 52 minutos (sem comerciais) Tempo com matérias sobre manifestações: = 14 minutos = 27% do jornal</p>	
<p>Cabeça: (Guilherme Menezes): Em Brasília os manifestantes ocuparam o gramado e o topo do Congresso Nacional. Eles chamaram o ato de Marcha do Vinagre, para criticar a atuação da polícia de São Paulo que reprimiu manifestantes com violência, na semana passada e prendeu quem portava garrafas de vinagre. O tempero é usado para cortar o efeito do gás lacrimogêneo. [sobe som do VT] (Guilherme Menezes): E os manifestantes continuam no Congresso Nacional. O repórter André Carravilla está no local e tem outras informações. Boa Noite André, qual é a situação aí agora?</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real [Repórter André Carravilla]: Boa noite. A Polícia Militar estima que duas mil e quinhentas pessoas estejam participando da manifestação, mas os líderes do movimento acreditam que o número é bem maior, pelo menos o dobro, cinco mil pessoas. Nesse momento boa parte <i>[a câmera sai dele e mostra a rampa e a cúpula da Câmara dos Deputados tomadas pelos manifestantes]</i> dos manifestantes ocupa o subsolo do Congresso, a chamada Chapelaria, que dá acesso aos principais salões. Por ordem, por questões de segurança as dependências internas da Câmara dos Deputados, como o Salão Nobre e o Comitê de Imprensa tiveram as luzes apagadas, na tentativa de desestimular qualquer tipo de invasão. Um cordão de isolamento formado por policiais militares foi formado na entrada do Congresso Nacional <i>[a câmera volta a enquadrar o repórter]</i> para impedir o acesso dos manifestantes. Até o momento dois manifestantes foram detidos, eles têm as mais variadas</p>	<p>Narração A matéria foi contada por oito narradores: Três segundo narradores-jornalistas, um terceiro narrador-personagem (oficial) e quatro terceiro narradores-personagens (personagens)</p> <p>Apresentador Guilherme Menezes; Repórter Pedro Henrique Antunes; Policia não creditado; Manifestante não creditado; Representante do Movimento; Manifestante não creditado; Manifestante não creditada; Repórter André Carravilla.</p> <p>Fio narrativo: As narrações, a matéria e a cabeça, enfatizaram a ação violenta da polícia enquanto que o 'ao vivo' foi descritivo com dados oficiais.</p>

<p>reivindicações desde mais dinheiro para a saúde e segurança até condenando, estão condenando também, o alto custo dos estádios da Copa de 2014. Guilherme.</p> <p>Fio narrativo: Descreveu o que acontecia a sua volta, destacou as estratégias de ações policiais para garantir a ‘segurança’ e finalizou com algumas ‘reivindicações do protesto. Descritivo, com dados oficiais.</p>	
<p>Fontes Oficiais Delegado ou representante dos policias não creditado</p>	<p>Personagens Manifestantes e representantes do movimento não creditados.</p>
<p>Texto [Repórter] De olho na manifestação de hoje, o governo do DF convocou uma entrevista coletiva para defender a atuação da polícia no protesto realizado no último sábado, na abertura da Copa das Confederações. Afirmou que as agressões e prisões ocorreram apenas quando houve a tentativa de invasão do estádio. [Policia] “A atuação foi perfeita, não teria como ser mais equilibrada. Nós até o último momento conversamos, negociamos, mas um grupo menor queria se valer da massa para poder fazer atos de vandalismo” [Repórter]: Manifestantes negaram a versão da polícia. [Manifestante]: Em momento algum a gente queria entrar, a gente queria mostrar para a população o que a gente reivindicava. [Repórter]: O governo Federal entrou na estória e se reuniu com os representantes dos protestos. Eles denunciaram o que chamaram de perseguição política, por parte do governo do Distrito Federal. [Representante do Movimento]: “O governo tem insistido em abrir inquéritos, em perseguir manifestantes, na sexta-feira a noite buscou líderes do Movimento dos Trabalhadores sem Teto em suas casas para serem detidos, depois da realização de um ato pacífico.”</p>	<p>Imagem Imagens Murilo Azevedo</p> <p>As imagens da TV Brasil foram todas feitas da manifestação, do chão. A primeira parte da matéria mostra a ação policial do último sábado (15/06/2013) ocorrida em Brasília, na abertura da Copa das Confederações. As imagens mostram policiais atirando com ‘espingardas (balas de borracha), imobilizando, arrastando e prendendo manifestantes.</p> <p>Depois, na manifestação do dia, as pessoas aparecem pintadas, segurando cartazes, muitos cartazes e cantando. Alguns cartazes diziam: Era um país muito engraçado, não tinha escola, só tinha estádio; Você aí fardado também está sendo roubado; Somos filhos da revolução; Verás que um filho teu não foge a luta; alguns pediam o fim da corrupção; pela saúde e educação.</p> <p>O clima é mais de protesto, sem violência. Alguns vestem roupas pretas e máscaras brancas, e outros branco, verde e amarelo no corpo e no rosto.</p> <p>Depois que escurece, as imagens mostram confrontos entre policiais e manifestantes e mais pessoas com pano branco no rosto.</p> <p>As personagens não aparecem com nomes ou legendas. No contexto</p>

<p><i>[Repórter]:</i> Do lado de fora, na Esplanada dos Ministérios jovens, pais, filhos, ativistas e cidadãos fizeram um novo ato, que ganhou o nome de Marcha do Vinagre.</p> <p><i>[Manifestante]:</i> Esse movimento surge de uma indignação da juventude brasileira, uma solidariedade muito grande em relação aos manifestantes de São Paulo, mas também uma indignação aos gastos excessivos com a Copa do Mundo, né? Aqui em Brasília a gente tem um estádio bilionário, mas ao mesmo tempo a gente tem pessoas morrendo nas filas dos hospitais, a gente tem uma escola pública de péssima qualidade.</p> <p><i>[Repórter]:</i> A Marcha seguiu até o gramado do Congresso Nacional. Os manifestantes também são contra a proposta de emenda a Constituição que retira o poder de investigação do Ministério Público. E o projeto que prevê a inclusão de manifestações na lei de terrorismo.</p> <p><i>[Manifestante]:</i> porque muitos anos a gente ficou parado, está na hora de mostrar para o país que a gente está acordando, saindo da inércia.</p> <p><i>[Encerramento Antunes]:</i> Depois de três horas os manifestantes conseguiram furar o bloqueio policial e ocuparam o topo do Congresso Nacional e a rampa que dá acesso a ele. Eles exibem faixas de protesto e cantem o hino nacional e palavras de ordem contra políticos e partidos.</p>	<p>entende-se quem são: manifestantes, policiais etc., mas não são devidamente identificadas no vídeo.</p> <p>Imagens das pessoas na parte de cima, na frente da cúpula da Câmara, descendo as rampas do Congresso. Ao fundo a cúpula da Câmara, com a projeção das sombras dos manifestantes, uma bandeira do Brasil e um micro ônibus da polícia.</p> <p>[entra crédito errado de Vanessa Casalino de São Paulo, enquanto fala Antunes de Brasília]</p>
<p>Manifestantes e policiais</p> <p>A primeira parte da matéria destaca confronto entre policiais e manifestantes. A segunda parte da matéria (quando começa nos protestos do dia) mostra provocação de manifestantes, jogando água nos policiais, que revidam..</p>	<p>Policiais e black blocs</p> <p>Não falavam em black blocs</p>

ANEXO P – ATO REÚNE PELO MENOS 65 MIL PESSOAS EM SP – RBN – 17 DE JUNHO DE 2013

Ato reúne pelo menos 65 mil pessoas em SP - (04:09)	
Tempo total do jornal = 52 minutos (sem comerciais) Tempo com matérias sobre manifestações: = 14 minutos = 27% do jornal	
<p>Cabeça: (Guilherme Menezes): Milhares de pessoas promoveram uma segunda feira de protestos em várias cidades do Brasil. Em São Paulo ativistas se manifestaram pela quinta vez contra o aumento da tarifa do transporte público. Este é o maior dos cinco atos organizados desde a semana passada na capital paulista. Vamos falar agora com a repórter Vanessa Casalino que acompanha o protesto no Largo da Batata. Vanessa qual é a situação neste momento? Boa noite.</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real Boa noite Guilherme e Katiuscia, boa noite a todos. Hoje a manifestação corre com tranquilidade aqui em São Paulo. Eu falo aqui do Largo da Batata, que foi onde o protesto começou. Essa é uma região importante porque aqui é um terminal, um terminal de ônibus e passa por aqui também uma linha de metrô e há uma estação de metrô aqui. Os manifestantes chegaram aqui por volta de cinco horas da tarde <i>[entram imagens de apoio]</i> e rapidamente lotaram o largo. Segundo o Instituto data Folha foram mais de 65 mil pessoas, o maior número já registrado desde o início das passeatas. Depois da concentração os grupos se dividiram, uma parte dos manifestantes seguiu pela Avenida Faria Lima e outro pela Marginal Pinheiros até a Ponte Estaiada que fica na zona sul de São Paulo. Outra parte seguiu para a Avenida Paulista. E nós já temos informações que outro grupo já está também na Avenida 23 de Maio também seguindo para a zona sul de São Paulo. Hoje a manifestação foi tranquila, nós não tivemos registros de prisões, poucas</p>	<p>Narração Seis narradores, assim divididos: Três segundo narrador-jornalista: Apresentador Guilherme Menezes Repórter Vanessa Casalino Repórter Aline Moraes – São Paulo E três terceiro narrador-personagem, sendo um oficial: Maraiza Stanista - publicitária Mayara Vivian – representante movimento Fernando Grella – secretário de Segurança Pública SP Fio narrativo: compromisso dos policiais de conter a violência nos atos.</p>

<p>pichações e não houve cenas de violência. Tudo isso foi possível graças a um acordo, uma reunião que houve hoje pela manhã entre a liderança do movimento e a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo.</p> <p>[sobe som do VT]</p> <p>[Volta 'ao vivo com Casalino']</p> <p>Neste momento os manifestantes estão espalhados pela cidade, parte deles na Avenida Paulista, na Avenida 23 de Maio e na Ponte Estaiada. Como a nossa repórter Aline Moraes informou a Polícia Militar realmente não agiu com tropa de choque nem atirou balas de borracha, o que a PM fez foi acompanhar a manifestação à distância. Katuscia e Guilherme.</p> <p>Fio narrativo: a Polícia cessou os atos de violência mediante acordo com os líderes do Movimento.</p>	
<p>Fontes Oficiais Fernando Grella – secretário de Segurança Pública SP</p>	<p>Personagens Maraiza Stanista – publicitária Mayara Vivian – representante movimento</p>
<p>Texto [Repórter]: Antes mesmo do horário marcado o Largo da Batata, em Pinheiros, já reunia muita gente. Entre os manifestantes, pessoas que participavam do protesto pela primeira vez. A publicitária Maraiza, de 49 anos é uma delas. Depois de acompanhar pela internet os outros atos, ela decidiu ir com a filha adolescente a manifestação contra aumento da passagem. [Maraiza Stanista]: Isso aqui não é só por tarifa de ônibus, isso aqui é uma manifestação para mostrar que a gente está vivo e que a gente pode fazer alguma coisa juntos. [Repórter]: Havia jovem com o rosto pintado, carregando flores e fazendo novos cartazes. Grupos</p>	<p>Imagem Imagens: William Sales / Milene Nunnes</p> <p>Imagens altas e do chão. Muitos manifestantes aparecem cobrindo as ruas de São Paulo, empunhando cartazes, com apitos, bandeira do Brasil. Alguns vestem roupas pretas. Um ônibus tenta passar na multidão, carros de polícia e policiais acompanham a marcha. Gente com rosto pintado de verde, amarelo e azul. A matéria repete a imagem de uma moça com blusa amarela carregando cartaz. Bandeiras do PSTU. Dizeres de alguns cartazes: Rebele-se contra o aumento das passagens; Cansei! Levantei! E você não vem?</p>

independentes chegavam a todo o momento e se juntavam a multidão. Alguns manifestantes foram contrários a presença de bandeiras de partidos políticos. *[sobe som: sem partido, sem partido]* Pouco antes das seis da tarde a manifestação já somava cerca de 30 mil pessoas, segundo a Polícia Militar. Os policiais acompanhavam a manifestação, mas mantendo a distância.

[Passagem Aline Moraes] Mais cedo, em reunião na Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, líderes do movimento disseram que só informariam a polícia o trajeto da manifestação minutos antes do início do ato. Mesmo assim a cúpula de segurança se comprometeu a respeitar o trajeto escolhido e a não utilizar balas de borracha. E também ficou acertado que a tropa de choque não acompanhará o protesto, mas ficará de prontidão, caso o Comando da PM decida que será necessário agir.

[Fernando Grella] Ela vai estar a disposição, como sempre esteve, para o ato nós acreditamos que o movimento, que o ato vai ser pacífico que não haverá necessidade do emprego de tropa de choque.

[Repórter Aline]: A universitária Mayara Vivian, uma das líderes do Movimento, disse que o secretário se comprometeu a não repetir o cenário de guerra da última quinta-feira.

[Mayara]: O que agente precisa é revogar tarifa. O nosso objetivo é revogar o aumento.

Tempos verbais e marcações de tempo: corre, falo, começou, chegaram por volta das cinco horas, fora, dividiram, seguiu, seguindo, foi, tivemos, houve, houve hoje pela manhã, neste momento, estão espalhados, informou, agiu, atirou, cessou, antes mesmo do horário marcado, decidiu, chegavam,

<p>juntavam, pouco antes das seis da tarde, acompanhavam, informariam, acompanhará, ficou acertado, ficará vai estar.</p> <p>Existe uma predominância do Pretérito Perfeito, mas como a matéria enfoca uma reunião de acordo para uma ação futura, temos verbos no futuro do presente e do pretérito do indicativo.</p>	
<p>Manifestantes e policiais Acordo de cessar a violência. Ato pacífico após um ato de grande violência policial. Mas, a polícia deixa claro que: a tropa de choque está à disposição, se for necessário ela será usada Nesta matéria não foi.</p>	<p>Policiais e black blocs Não menciona.</p>

ANEXO Q – REPÓRTER BRASIL DEBATE MOTIVO DOS PROTESTOS EM TODO O PAÍS – RBN – 10 DE FEVEREIRO 2014

Repórter Brasil debate motivo dos protestos em todo o país – (04:11)
<p>Tempo Total do telejornal no dia: 3223 segundos = 53,72 minutos Tempo das matérias sobre o cinegrafista: 762 segundos = 12,7 minutos, o que equivale a quase 24% do jornal.</p>
<p>Cabeça: (Guilherme Menezes): E eu converso agora com o professor de História da Universidade de São Paulo, Francisco Alambert. Ele está em São Paulo e vai nos explicar agora, boa noite professor, o que significa tanta gente ao mesmo tempo, em tantas cidades, para fazer um protesto? Qual é a explicação?</p> <p>Narração Apresentador Guilherme Menezes Francisco Alambert – prof. História USP</p> <p>Fio narrativo: contextualização das manifestações</p> <p>Fontes Oficiais Francisco Alambert – prof. História USP (debatedor)</p> <p>Personagens Não</p> <p>Imagem Não</p> <p>Manifestantes e policiais Não</p> <p>Policiais e black blocs Não</p>
CATEGORIAS DE ANÁLISE
<p>Tempo real [O debate é ‘ao vivo’]</p> <p>[Alambert]: No início, por princípio, é sim a questão do transporte urbano e seu preço, que nos é oferecido. Mas certamente é muito mais do que isso. A gente assiste a uma espécie de manifestação de revolta, contra certo terror econômico que, na minha opinião, tomou o Brasil nesses últimos anos. Tudo que vocês mostraram até agora no jornal e tudo que a gente tem visto aponta para isto. Uma manifestação espontânea que diz, por mais que se diga que a economia vai bem, por mais que se diga que o país cresça, eu não vejo isso na minha vida. E minha vida piora. E esse discurso tem pelo menos vinte anos. Eu tenho impressão que nós assistimos a explosão desta contradição,</p>

que os próprios governos democráticos, desses últimos anos, trouxeram. Quer dizer, priorizaram a economia e não a vida social.

[Guilherme] Agora, não há articulação partidária, pelo menos explícita e em larga escala, como se explica então essas pessoas saírem? É uma consciência coletiva que despertou de repente?

[Alambert]: Acho que sim. E essa é certamente a grande novidade. O que diferencia o que estamos vendo nessas últimas semanas, de tudo que aconteceu antes ou mais recentemente desde o movimento das Diretas Já. As pessoas estão auto-organizadas, de maneira caótica inclusive, fragmentadas, organizadas em rede, que a partir de um propósito comum, como foi a questão do transporte urbano, canalizam, na minha opinião, este ressentimento com aquilo, sobretudo o governo do Partido dos Trabalhadores nos últimos anos prometeu trazer e não trouxe, quer dizer, trouxe um desenvolvimento econômico que as pessoas estão gritando nas ruas, que não chegou completamente a elas. Estão protestando também, e sobretudo, contra os governos estaduais e, a questão da Copa do Mundo aparece o tempo inteiro nos discursos. Quanto aos governos estaduais, que também prometem exatamente a mesma coisa, que se emulam ao dizer que crescem e que melhoram e a vida social não encontra eco nesse otimismo.

[Guilherme]: Professor, um aspecto que me parece importante é a atuação da polícia, no caso específico de São Paulo. Até o momento em que havia manifestação e a polícia reprimia, mas sem tanta violência, a manifestação não se espalhou pelo país. Mas, a partir do momento que a manifestação ganhou uma repressão maior é que viu Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Belém, Fortaleza, ou seja, foi a partir daí, não é uma mera coincidência, ou eu estou enganado?

[Alambert]: Não, não é. A atuação do governo paulista é absolutamente exemplar, do clima de revolta que levou as pessoas a tomarem esses atos. O governador de São Paulo, como hoje o governador de Minas Gerais, outro dia o governador do Rio de Janeiro, literalmente, mandou a sua polícia espancar o povo e foi exatamente o que eles fizeram. E agora hoje, esse mesmo governador vai até a televisão pedir desculpa e dizer que não vai mais fazer o que fez. Isso deixa claro **a falência do estado, em relação ao povo**. E eu acho que esse é o motivo maior dessas manifestações.

ANEXO R – REPÓRTER CINEMATOGRAFICO ATINGIDO POR ROJÃO TEM MORTE CEREBRAL – RBN – 10 DE FEVEREIRO 2014

Repórter cinematográfico atingido por rojão tem morte cerebral – (04:18)	
<p>Tempo Total do telejornal no dia: 3223 segundos = 53,72 minutos Tempo das matérias sobre o cinegrafista: 762 segundos = 12,7 minutos, o que equivale a quase 24% do jornal.</p>	
<p>Cabeça: (Guilherme Menezes): O repórter cinematográfico atingido por um rojão, durante um protesto, no centro do Rio de Janeiro teve morte cerebral hoje. (Fernanda Isidoro): Santiago Andrade trabalhava na TV Bandeirantes, a polícia identificou o homem que acendeu o rojão. (Guilherme Menezes): O repórter Paulo Garritano está na delegacia que investiga o caso e tem outras informações. Boa noite Garritano.</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real [Garritano]: Boa noite Guilherme, Fernanda, boa noite a todos. O delegado, a coletiva do delegado Maurício de Almeida terminou agora a pouco e o delegado confirmou que o suspeito de ter acendido o rojão, que atingiu o cinegrafista Santiago Andrade, foi reconhecido. Este homem é o que aparece nas imagens vestindo calça jeans e uma camisa cinza. Foi um trabalho da Divisão de Inteligência que reconheceu o suspeito através de fotos e imagens. Essas fotos e imagens foram levadas hoje a tarde ao presídio de Gericinó, onde está Fábio Raposo, acusado de ter dado o rojão para este outro suspeito. Fábio Raposo reconheceu e disse que esse homem, que a polícia levou as fotos, foi o homem que ele entregou o rojão e que teria acendido o rojão. Ele disse que não é amigo, que conhece essa pessoa das manifestações. A polícia não quis dar muitas informações, em relação a esse suspeito, disse apenas que ele tem mais de dezoito anos de idade, é alto, tem um porte físico forte e participa frequentemente das</p>	<p>Narração Quatro segundo narradores-jornalistas: Apresentador Guilherme Menezes Apresentadora Fernanda Isidoro Repórter Paulo Garritano – Rio de Janeiro Alessandra Lago – Rio de Janeiro</p> <p>E dois terceiro narradores-personagens: Jonas Nunes – advogado de Fábio Raposo Fernando Molica – diretor Abrají</p> <p>Fio narrativo: na fala de Garritano o conflito está prestes a ser resolvido, a qualquer momento o suspeito será preso. Na narração de Lago a morte passo a passo e agressão aos jornalistas.</p>

<p>manifestações. O Tribunal de Justiça, a qualquer momento, pode pedir a prisão temporária desse suspeito, equipes da polícia também já estão nas ruas a procura desse homem, a polícia não quis dar informações para não atrapalhar as investigações. Disse apenas que ele não tem passagem pela polícia e que costuma frequentar as manifestações. Ele vai ser indiciado por homicídio doloso, quando se tem a intenção de matar. O delegado explicou que como ele usou um artefato explosivo e a intenção dele era atingir os policiais militares, ele tinha sim a intenção de matar. A qualquer momento a polícia pode localizar esse sujeito e trazer ele aqui para delegacia. Essas investigações, a conclusão dessa investigação, e chegar até esses dois homens, só foi possível, principalmente, por conta das imagens exclusivas da TV Brasil.</p>	
<p>Fontes Oficiais O delegado não gravou, mas as informações do repórter Garritano vêm da coletiva de imprensa com o delegado, que investiga o caso.</p>	<p>Personagens Jonas Nunes – advogado de Fábio Raposo Fernando Molica – diretor Abraji</p>
<p>Texto <i>[Repórter Alessandra Lago]:</i> Jonas Nunes defende Fabio Raposo, o tatuador que passou o rojão para o homem de calça jeans durante o protesto contra o aumento das passagens, na quinta-feira passada. Os dois aparecem nas imagens exclusivas da TV Brasil. Santiago de camisa vermelha está ao fundo da imagem, na sequência o artefato é aceso, no canto esquerdo do vídeo o rapaz de calça jeans deixa o objeto no chão. A explosão atinge o profissional. O advogado apresentou o nome do segundo homem, que teria detonado o artefato, ao delegado encarregado do caso. Em seguida o delegado saiu, sem falar com os jornalistas. Preso desde domingo Fábio aceitou colaborar com a polícia nas investigações. A defesa pretende</p>	<p>Imagem Luís Araujo / Murilo Azevedo BBC TV Brasil</p> <p>As imagens mostram exatamente o que relatou a repórter Lago: “Santiago de camisa vermelha está ao fundo da imagem, na sequência o artefato é aceso, no canto esquerdo do vídeo o rapaz de calça jeans deixa o objeto no chão. A explosão atinge o profissional.” As imagens estão destacadas e são apresentadas de forma bem didática. Depois mostra, com imagens da BBC, o momento em que o cinegrafista cai no chão e as pessoas ao redor tentam socorrer.</p>

<p>conseguir redução na pena, em troca da delação premiada.</p> <p><i>[Jonas Nunes]</i> O outro acusado, se ele for inteligente, ele se apresenta a Justiça para gozar dos mesmos benefícios e se defender.</p> <p><i>[Repórter Alessandra Lago]</i> Santiago sofreu traumatismo craniano e, de acordo com a Secretaria Municipal de Saúde, a morte cerebral aconteceu na manhã de hoje.</p> <p><i>[Passagem Alessandra Lago]:</i> Em nota a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo diz que é o primeiro caso de morte envolvendo jornalistas atacados durante as manifestações, mas desde junho de 2013 houve 117 casos registrados de agressão, hostilidade e até detenção de profissionais da imprensa. Tanto manifestantes quanto policiais estão envolvidos nos episódios.</p> <p><i>[Fernando Molica]:</i> Quando você impede o jornalista de falar isso é uma forma de censura e a gente lutou muito tempo no país contra a censura, a gente passou por uma ditadura, não só por uma, por várias ditaduras e a gente sabe como é importante que as pessoas tenham o direito de falar e transmitir suas informações, então, esse tipo de atentado além de ser gravíssimo, você acabou de matar um colega, um colega acabou de ser morto, mas você tem um outro aspecto e aí muito comum, nessas manifestações, que é a agressão ao jornalismo.</p>	
<p>Manifestantes e policiais Não.</p>	<p>Policiais e black blocs Não.</p>

**ANEXO S – VINTE MIL PESSOAS PARTICIPAM DE PROTESTOS EM BH – RBN
– 17 DE JUNHO DE 2013**

Vinte mil pessoas participam de protestos em BH – (01:21) LAPADA	
Tempo total do jornal = 52 minutos (sem comerciais) Tempo com matérias sobre manifestações: = 14 minutos = 27% do jornal	
<p>Cabeça: (Guilherme Menezes): Pelo menos nove capitais brasileiras foram palco de protestos hoje. Em Belo Horizonte mais de 20 mil pessoas participaram da manifestação. (Katuscia Neri) Na semana passada a Justiça proibiu protestos durante a Copa das Confederações, mas não adiantou.</p> <p>Nota Coberta: (Guilherme Menezes): Uma multidão encheu as ruas de Belo Horizonte, desde o início da tarde. Um batalhão de choque acompanhou a passeata, o objetivo era chegar ao Mineirão para protestar contra o aumento da tarifa dos ônibus, os gastos nas Copas das Confederações e do Mundo e a proibição de manifestações decretada pelo governo do estado. Houve confrontos entre os manifestantes e a polícia, que usou bombas de gás e balas de borracha. Em Salvador estudantes aderiram ao movimento nacional pelo passe livre e fizeram um protesto pacífico. A polícia acompanhou de perto, mas não houve repressão. O protesto foi pacífico também em Belém, cerca de oito mil pessoas participaram da manifestação. Oitocentos policiais acompanharam de perto. As principais palavras de ordem foram contra atrasos em obras de mobilidade urbana e as deficiências do sistema de saúde.</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
Tempo real Não	Narração Apresentador e narrador Guilherme Menezes Jornalista que escreveu a nota (as notas cobertas são escritas por editores) Então, a matéria tem dois segundo-narradores, já que o apresentador também gravou. Fio narrativo: Muita gente na rua protesta, mas pacificamente.
Fontes Oficiais Não	Personagens Não
Texto Verbos: encheu, acompanhou, era chegar, protestar, usou, aderiram, fizeram, houve, acompanharam, participaram, foram.	Imagem Rede Minas / UFMG TV Gilmar Martins / TVE BA TV Cultura Pará

<p>Predominância de verbos no tempo Pretérito Perfeito. Uma marcação de tempo: desde o início da tarde. De forma a entende que os protestos ocorreram ao mesmo tempo, em diversos locais diferentes.</p>	<p>Em BH, jovens gritam palavras de ordem, seguram cartazes e, alguns, apitam. Uma menina está com nariz de palhaço. Um carro da Polícia Militar segue a passeata, policiais fazem cordão de isolamento na área do Mineirão. A imagem mostra que a noite teve corre-corre e princípio de tumulto e depois confronto de manifestantes e policiais. Em Salvador muitas pessoas ocupam as ruas, mas a matéria só mostra três momentos (3 takes). Em Belém pessoas seguram cartazes: O Pará também acordou, A Copa é sua distração em ano de eleição e tropa policial assiste o ato.</p>
<p>Manifestantes e policiais “Houve confrontos entre os manifestantes e a polícia, que usou bombas de gás e balas de borracha”.</p>	<p>Policiais e black blocs Não usam a expressão black blocs</p>

**ANEXO T – DILMA ROUSSEFF SE MANIFESTA SOBRE A MORTE DE
CINEGRAFISTA – RBN – 10 DE FEVEREIRO 2014**

Dilma Rousseff se manifesta sobre a morte de cinegrafista – (01:44)	
<p>Tempo Total do telejornal no dia: 3223 segundos = 53,72 minutos Tempo das matérias sobre o cinegrafista: 762 segundos = 12,7 minutos, o que equivale a quase 24% do jornal.</p>	
<p>Cabeça: (Guilherme Menezes): E a presidente Dilma Rousseff se manifestou sobre a morte do cinegrafista, ela pediu que a Polícia Federal investigue o caso.</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real Não.</p>	<p>Narração Dois narradores-jornalistas: Apresentador Guilherme Menezes Repórter Aline Barcellos – Brasília</p> <p>Dois narradores-personagens: Celso Schröder – pres. Federação Nacional dos Jornalistas Daniel Pimentel Slavieiro – pres. Assoc. Bras. De Emissoras de Rádio e TV (ABERT)</p> <p>Fio narrativo: respeito e segurança aos jornalistas</p>
<p>Fontes Oficiais Celso Schröder – pres. Fenaj Daniel Pimentel Slavieiro – pres. ABERT</p>	<p>Personagens Não</p>
<p>Texto [Aline Barcellos]: Em seu <i>twitter</i> a presidenta lamentou a morte de Santiago Andrade, disse que o crime revolta e entristece e que não é possível que os protestos democráticos sejam desvirtuados por quem não tem respeito por vidas humanas. Por fim, determinou que a Polícia Federal apoie, no que for necessário, as investigações para a aplicação da punição cabível. No Congresso Nacional o Conselho de Comunicação Social se reuniu para tratar da violência que os profissionais</p>	<p>Imagem Jorge Brum / Marcos Denir</p> <p>Imagens do <i>twitter</i> da presidente. Destacando os trechos citados. Imagens da reunião do Conselho do Congresso Nacional e dos cinegrafistas que lá estavam. Foto de alguns profissionais da imagem que cobrem o Congresso Nacional, de braços cruzados, e com os equipamentos postos ao chão.</p>

<p>de imprensa sofrem em determinadas coberturas. Segundo os conselheiros, frequentemente os jornalistas são alvos de agressões e intimidações. E este cenário piorou depois das manifestações do ano passado.</p> <p><i>[Celso Schröder]:</i> Nós temos que reagir a essa situação e dizer um basta. Nós não aceitamos. Nós queremos as pessoas, que causaram a morte desse nosso companheiro, presas. Sejam que for e sejam quantos forem.</p> <p><i>[Aline Barcellos]:</i> No início da tarde os conselheiros leram uma nota de repúdio a violência que causou a morte do cinegrafista pedindo a apuração da autoria do assassinato.</p> <p><i>[Passagem Aline Barcellos]:</i> Os conselheiros aprovaram um relatório para cobrar a votação de três projetos de lei que tratam da obrigatoriedade de fornecimento de itens de segurança para jornalistas, como capacetes e coletes à prova de bala.</p> <p><i>[Slavieiro]:</i> A nossa maior preocupação é que os profissionais de imprensa possam ter a liberdade e a segurança de continuar a exercer a sua função.</p> <p><i>[Aline Barcellos]:</i> No fim da tarde, cinegrafistas que fazem a cobertura diária dos trabalhos do Congresso Nacional homenagearam o colega morto, depositando os equipamentos no chão.</p> <p>Predominância do presente.</p>	
<p>Manifestantes e policiais Não</p>	<p>Policiais e black blocs Não</p>

**ANEXO U – PROTESTO CONTRA AUMENTO DE PASSAGENS DE ÔNIBUS
PARA PARTE DO RIO – RBN – 10 DE FEVEREIRO 2014**

Protesto contra aumento de passagens de ônibus para parte do Rio – (0:23)	
Tempo Total do telejornal no dia: 3223 segundos = 53,72 minutos Tempo das matérias sobre o cinegrafista: 762 segundos = 12,7 minutos, o que equivale a quase 24% do jornal.	
Nota seca: (Guilherme Menezes): Mais um protesto contra o aumento das passagens de ônibus parou parte do centro do Rio de Janeiro hoje. No início do ato, na Central do Brasil, quem estava com máscara foi revistado e obrigado, pela polícia, a mostrar o rosto. (Fernanda Isidoro): Os manifestantes caminharam por avenidas do centro e queimaram uma catraca. Até o momento não há registros de confusão.	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
Tempo real Não	Narração Os dois apresentadores Fio narrativo: informativo
Fontes Oficiais Não	Personagens Não
Texto Parou, Início do ato, Estava, Foi revistado, Obrigado a mostrar Caminharam Queimaram Até o momento Não há Predominância do Pretérito perfeito, com marcações de tempo.	Imagem Não
Manifestantes e policiais Não	Policiais e black blocs Não

ANEXO V – ÓRGÃOS DE CINEGRAFISTA SANTIAGO ANDRADE SERÃO DOADOS – RBN – 10 DE FEVEREIRO 2014

Órgãos de cinegrafista Santiago Andrade serão doados – (01:35)	
<p>Tempo Total do telejornal no dia: 3223 segundos = 53,72 minutos Tempo das matérias sobre o cinegrafista: 762 segundos = 12,7 minutos, o que equivale a quase 24% do jornal.</p>	
<p>Cabeça: (Fernanda Isidoro): Os órgãos de Santiago Andrade serão doados, a decisão da família lembra o perfil de generosidade do jornalista, que dedicou os últimos vinte anos a profissão. (Guilherme Menezes): O repórter cinematográfico deixou mulher, três enteados, uma filha e muitos amigos.</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real Não</p>	<p>Narração Apresentadores e Repórter. (segundo narrador-jornalista)</p> <p>Fio narrativo: homenagem</p>
<p>Fontes Oficiais Não</p>	<p>Personagens Não</p>
<p>Texto Carioca de Copacabana Santiago Ilídio Andrade tinha 49 anos de idade e vinte de profissão, na TV Bandeirantes ele trabalhava há 10 anos. Repórter cinematográfico cuidadoso, habilidoso e paciente ganhou dois prêmios jornalísticos de mobilidade social. Ele participou da cobertura das enchentes na Região Serrana em 2011. Santiago estava credenciado para a cobertura da Copa do Mundo, que será realizada no Brasil. Como jornalista acompanhou as manifestações, desde quando elas ganharam força, em junho do ano passado. E chegou a fazer um curso no Exército de como trabalhar, em zona de conflito. Santiago deixa mulher, três enteados e uma filha. Bem humorado, gentil e de riso fácil conquistou o afeto de colegas. Nas redes sociais foram muitas as homenagens. O jornalismo está de luto. No facebook a filha de Santiago,</p>	<p>Imagem Internet / Band / Acervo de família Foto Agência Brasil</p> <p>A nota coberta foi ilustrada por fotos de Santiago: ele em Copacabana, dirigindo, filmando, gravando a repórter. Ainda só ele e a câmera, em manifestações, vestido com uniforme do Exército, no dia do casamento. Nas redes sociais: amigos escrevem 'luto' no perfil e criam a página 'estamos de luto'. E destacam trecho do texto que a filha postou em homenagem ao pais. A matéria encerra com uma foto dele no carnaval dando tchau.</p>

<p>que também é jornalista, publicou um texto de despedida. Vanessa concluiu “um dia meus futuros filhos saberão quem foi Santiago Andrade, o avô deles.” No fim da tarde, repórteres, fotógrafos e cinegrafistas fizeram m protesto contra a violência nas manifestações.</p>	
<p>Manifestantes e policiais Não</p>	<p>Policiais e black blocs Não</p>

ANEXO W – MANIFESTANTES PROTESTAM CONTRA GASTOS DO MUNDIAL EM VÁRIAS CIDADES-SEDE - LAPADA BRASIL – RBN – 12 DE JUNHO DE 2014

Manifestantes protestam contra gastos do Mundial em várias cidades-sede - LAPADA BRASIL – (01:40)	
<p>Cabeça: (Guilherme Menezes): Os manifestantes protestaram contra os gastos com o mundial, no primeiro dia dos jogos. Em São Paulo houve confronto com a polícia, cinco policiais ficaram feridos, nenhum com gravidade, dois são da TV norte-americana CNN. [sobe som VT] Volta estúdio (Katiúscia Nero): A Anistia Internacional afirmou que a Polícia Militar de São Paulo fez uso desproporcional da força para reprimir uma manifestação pacífica. Representantes da Defensoria Pública do estado informaram que podem entrar com ação individual na justiça para pedir indenização do estado, caso for comprovado o abuso por parte dos policiais. A Polícia Militar alegou que os soldados apenas combateram o vandalismo.</p>	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
<p>Tempo real É uma nota coberta, totalmente editada sem ao vivo.</p>	<p>Narração Três narrações no mesmo plano: narrador-jornalista (dentro da estória – intra-diegético)</p> <p>Guilherme Menezes – apresentador; Repórter: as notas cobertas na TV Brasil são feitas pelos editores de texto e imagem, e gravada por algum repórter. Por isso não são assinadas. Mas os narradores estão no plano intra-diegético; Katiúscia Neri – apresentadora.</p> <p>Fio narrativo: violência dos manifestantes e dos policiais</p>
<p>Fontes Oficiais As informações vêm de fontes oficiais, mas os agentes não aparecem.</p>	<p>Personagens Sem personagens.</p>
<p>Texto Predominância do pretérito perfeito, com o presente. A manifestação é uma decorrência da demissão de 42 funcionários,</p>	<p>Imagem As imagens mostram cartazes de protestos “abaixo o AI-5 da FIFA” e em apoio aos metroviários com a #lutarnaoecrime, As imagens mostram cartazes de filiações institucionais, repudiadas nas manifestações anteriores. As imagens mostram pessoas batendo na lateral de um ônibus.</p>

	Imagem de uma pessoa filmando as tropas. Duas pessoas foram presas.
Manifestantes e policiais Destaca a agressão dos policiais para com os manifestantes, que revidam (SP). Em Belo Horizonte (MG) também houve confusão; os manifestantes viraram um carro da polícia, apedrejaram agências bancárias e atacaram policiais que reagiram com balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo. No Rio de Janeiro (RJ) um homem foi detido em Copacabana por desacato a um policial. Manifestantes tentaram impedir a saída do ônibus que levava o preso e houve confusão. Muitos PM e o batalhão de choque acompanharam o protesto.	Policiais e black blocs ... “teve bombas de efeito moral disparadas contra as pessoas e pessoas encapuçadas atiraram pedras e garrafas”, em São Paulo.

ANEXO X – REDE BANDEIRANTES DIVULGA NOTA DE PESAR SOBRE A MORTE DE SANTIAGO ANDRADE – RBN – 10 DE FEVEREIRO 2014

Rede Bandeirantes divulga nota de pesar sobre a morte de Santiago Andrade – (0:16)	
Tempo Total do telejornal no dia: 3223 segundos = 53,72 minutos Tempo das matérias sobre o cinegrafista: 762 segundos = 12,7 minutos, o que equivale a quase 24% do jornal.	
Nota seca (Guilherme Menezes): A Rede Bandeirantes divulgou nota oficial para lamentar a morte do cinegrafista Santiago Andrade. A emissora disse que vai acompanhar e exigir, passo a passo as investigações, o processo e a condenação dos responsáveis.	
CATEGORIAS DE ANÁLISE	
Tempo real Não	Narração Guilherme Menezes. Pode ter um ou dois narradores-jornalista (de segundo plano, dentro da estória, intra-diegético) Fio narrativo: informativo
Fontes Oficiais Não	Personagens Não
Texto Pretérito Perfeito e infinitivo	Imagem Não
Manifestantes e policiais Não	Policiais e black blocs Não